

## **Elementos de cirurgia ocular ... / por Joaquim José de Santa Anna.**

### **Contributors**

Santa Anna, Joaquim José de.

### **Publication/Creation**

Lisboa : Simao Thaddeo Ferreira, 1793.

### **Persistent URL**

<https://wellcomecollection.org/works/ax8cb4vj>

### **License and attribution**

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.

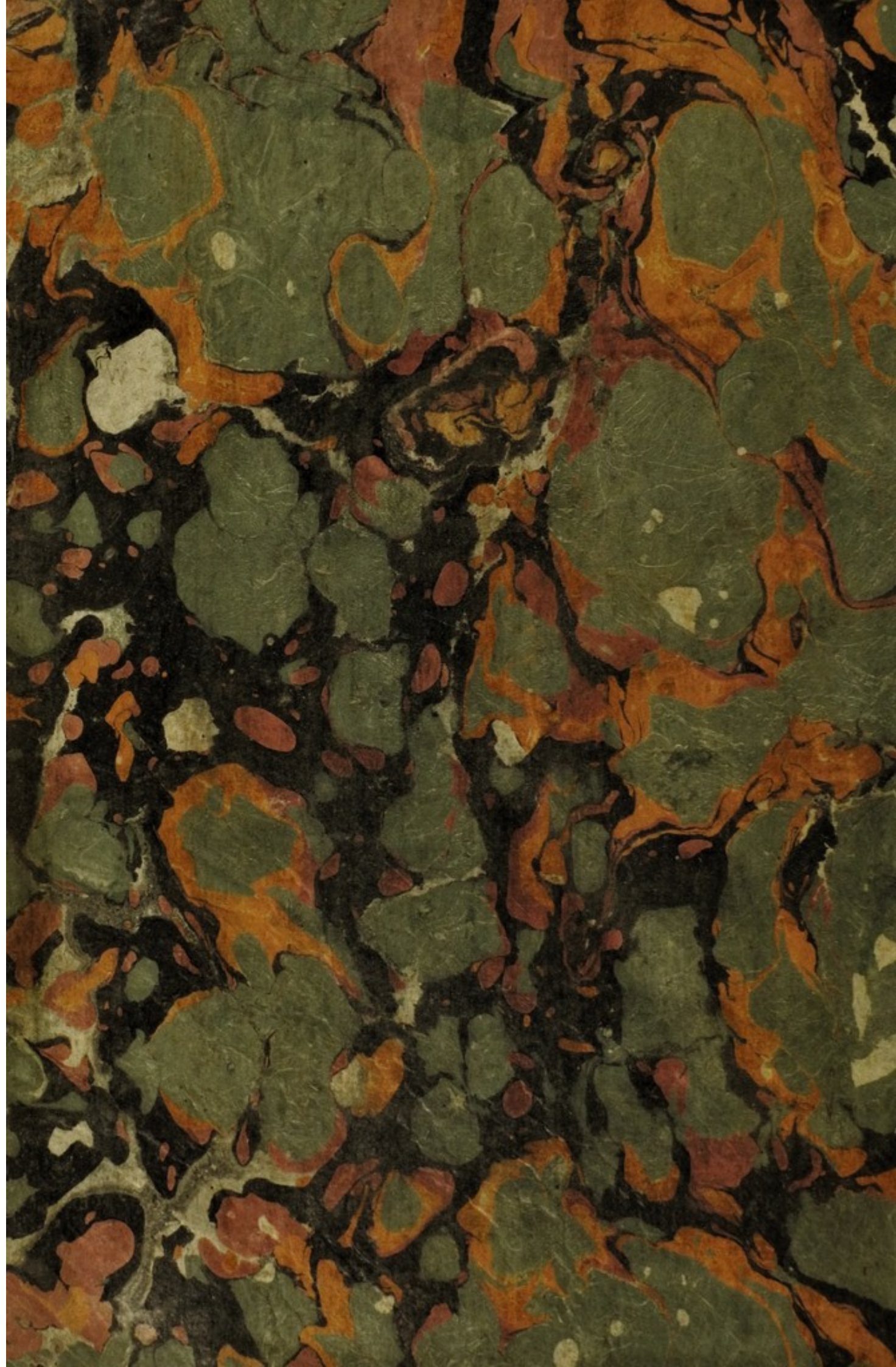
You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.



Wellcome Collection  
183 Euston Road  
London NW1 2BE UK  
T +44 (0)20 7611 8722  
E [library@wellcomecollection.org](mailto:library@wellcomecollection.org)  
<https://wellcomecollection.org>









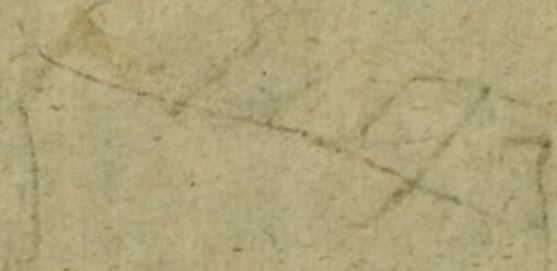




2/21

H. xxix. 6

18





ELEMENTOS  
DE  
CIRURGIA OCULAR

OFFERECIDOS

A SUA ALTEZA REAL

O SENHOR

D. JOÃO  
PRINCIPE DO BRAZIL

POR

JOAQUIM JOSÉ DE SANTA ANNA,

*Lente Oculista do Hospital Real de S. José  
desta Corte.*

---

*Quod munus reipublicae adferre majus, meliusve possumus,  
quam si docemus, atque erudimus juventutem?*

Cicer.

---



LISBOA. M. DCC. LXXXIII.

---

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

---

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre  
o Exame, e Censura dos Livros.*

*[Handwritten signatures and notes at the bottom of the page.]*



ELEMENTOS  
DE  
CIRURGIA OCULAR  
O FERRAMENTOS  
A SUA ALTEZA REAL  
O SENHOR

Foi taxado este Livro em papel a seiscentos réis. Me-  
za 27 de Junho de 1793.

*Com tres Rubricas.*

JOAQUIM JOSÉ DE SANTA ANNA,  
Primeiro Oculista do Hospital-Real de S. João  
desta Corte.

Quod minus respicitur, minus videtur, minus possidet,  
quod si docuit, minus videtur, minus possidet,  
Cicero.



NA OFFICINA DE SIMÃO TAVARES FERREIRA.

Com Licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre  
o Ensino, e Censura dos Livros.

# SENHOR.

**C**OM o mais profundo respeito chego a pôr na Augusta Presença de V. ALTEZA REAL os Elementos de Cirurgia Ocular, que V. ALTEZA REAL me ha concedido a distincta honra de consagrar-lhe. Seja este hum testemunho eterno da minha veneração, e da singular benevolencia, com que V. ALTEZA REAL se digna de patrocinar as Sciencias, e as Artes, por cuja graça beija com profundo respeito a Mão de V. ALTEZA REAL

O mais fiel, e reverente Vassallo

Joaquim José de Santa Anna.



COM o mais profundo respeito chego a  
 por na Augusta Presença de V. ALTEZA  
 REAL os Elementos de Cirurgia Ocular,  
 que V. ALTEZA REAL me ha concedido  
 a distincta honra de consagrar-lhe. Seja este  
 hum testemunho eterno da minha veneração, e  
 da singular benevolencia, com que V. ALTE-  
 ZA REAL se digna de patrocinar as Sciên-  
 cias, e as Artes, por cuja graça seja com  
 profundo respeito a Mão de V. ALTEZA  
 REAL

O mais fiel, e reverente Vassallo

Joaquim José de Santa Anna.



## P R O L O G O.

**O** Desejo de ser de algum modo util á minha Nação , e de cumprir com os preceitos da minha Soberana , me determinão dar á luz hum Tratado elementar , que possa servir de guia aos principiantes no curativo das molestias dos olhos. Eu não me lifongeio de poder alcançar tudo quanto ha de melhor para a sua perfeição , mas ao menos darei satisfação ao meu desejo , se este ensaio der as precisas luzes aos que quizerem aprender , e conduzir com mais segurança o curativo das molestias oculares , que sendo o mais preciso de todos , me vi obrigado a colligir , e formar este Livro , por não haver escrito algum em Portuguez sobre este assumpto.

Tudo quanto pude indagar nos Authores , e a minha pratica me tem mostrado o melhor , sem fazer reserva de algum segredo , faço patente.

Principia esta Obra para receber o applauso de mais completa pela Anatomia , e Fyfica dos olhos , concertada pela ordem de quinze Capítulos ; depois passo ao Tratado das molestias dos mesmos olhos , distribuidas , e ordenadas por suas classes , descrevendo o curativo , que lhe compete a cada huma , e ás suas especies , como tambem as operações , que lhe dizem respeito , com hum sufficiente Formulario dos remedios , que compete a cada huma no uso interno , e externo.

Leitor , huma vez instruido na materia , de que trato , te rogo , corrijas os meus erros , porque sendo assim que os meus estudos , e trabalhos são dirigidos ao bem público da Patria , o amor desta me moverá sem violencia a retratallos. Mas se na parte de que fallo não estás sciente , te peço que antes de censuralla , occupes



## P R O L O G O.

toda a tua attenção em lê-la. Não attendas sómente ao adorno das palavras, porque desde já te confesso acharás a elocução despida de imagens agradaveis, pois só escrevo summariamente para aquelles, a quem me está imposta a obrigação de ensinar, para que mais impressa lhes fique a lição, que lhes dictar; lê, ouve, e observa antes de fallar, e póde fer emendes a paixão de criticar huma obra, que quando outra cousa não tivesse, bastaria fer a unica no nosso idioma.

Não duvido a possas fazer melhor, e mais completa, porém adverte, que eu procurei quanto pude, que esta cobrasse o mesmo nome, indagando na lição dos melhores Authores, o que confirmasse melhor a pratica do nosso Paiz (que eu estabeleço.)

Hum excessivo trabalho em diminuir, e accrescentar, innovando muitas cousas essenciaes, que a experiencia me tem mostrado mais seguras, guarnecendo esta obra com tres Estampas, para fazer mais preceptivel o modo de se executarem as operações pelas figuras, que as representão, e isto porque devo ser no meu Paiz mais fiel, que os estranhos, he bastante motivo para te merecer attenção, além disso a qualidade de primeiro tambem te deve obrigar para desculpares as minhas faltas, e certo nisso fico, tendo o desvanecimento que venha a servir de estímulo, para que o assumpto, de que trato, configa todo o augmento, e sua maior perfeição; e quando sejam extremos os defeitos do meu livro, eu me poderei sempre applicar em sentido hum pouco differente ao dito de Horacio.

- - - *Ergo fungar vice cotis, acutum  
Reddere quæ ferrum valet, exors ipsa secandi.*

Quanto á composição deste Tratado devo distinguir o meu trabalho do dos outros. Consiste o merecimento  
do



do Escriitor na escolha das doutrinas : Logo que haja saber, ha expressão; a boa Filosofia o ensina. Por tanto mal podia o amor da propria gloria sollicitar-me a despendar em novas composições hum breve tempo, que apenas se me concedia para o essencialmente preciso ao meu emprego. Convinha ensinar em vulgar com discernimento o melhor, desterrando o uso das Postillas. Se eu em Portuguez achasse hum corpo elementar completo desta materia, não me devêra demorar em formar outro de novo, e assás merecimento teria na escolha. Esta obra não a havia: seguia-se o mais proximo de a tomar d'alguma outra nação: e ao merecimento da escolha accrescia o trabalho da traducção. Mas não foi só este o que eu houve de tomar; porque não achei Elementos completos, segundo meu entender, e conseguentemente me corria a obrigação de tomar, como tomei, donde quer que as achasse, e do modo que as achasse, as doutrinas, que a verdade, e o público interesse pedião, que ensinasse aos que me eram encarregados. Assim fui obrigado a collegir de varios Authores o que cada hum tinha de melhor. Escolhi pois para base dos Elementos, que devia concertar, a obra, que o célebre Professor José Jacob Plenck publicou em Vienna no anno de 1777, com o titulo: *Doctrina de morbis oculorum*. Mas como nem sempre me pareceo seguir este Author as melhores opiniões, e ás vezes o achei falto em pontos essenciaes, o corriji nas primeiras, e suppri nas segundas, com o que nos outros li, e a minha pratica me tem ensinado. Fiz preceder aos ditos Elementos como hum necessaria preparação, hum Tratado Anatomico, e Fyfico. Tomei-o de hum Author não menos conhecido que o primeiro, Luiz Florent Deshais Gendron. He a primeira parte da obra deste Author, que em París

fa-



sahio no anno de 1770 intitulada : *Traité des Maladies des Yeux*. Aqui forão necessarias hum maior número de emendas , tanto em Anatomia , como em Fyfica. Em fim quanto pude , e julguei necessario para a perfeição do trabalho , que me competia , o executei.

O público pronunciará: seu juizo será recto , e eu não posso deixar de o esperar impacientemente ; e isto para louvar , ou defender a honra da Arte , e da Nação.



T R A T A D O  
D A  
ANATOMIA, E FYSICA  
DOS OLHOS.

---

CAPITULO I.

*Dos Offos , que entrão na composição das Cavidades , que chamamos Orbitas.*

**E** STAS duas cavidades estão situadas nas partes lateraes da raiz do nariz , sua figura he pyramidal , e a base hum pouco oval. Cada Orbita he composta de sete offos , a saber do coronal , Sphenoide , pomette , maxillar , unguis , ethemoide , e palato.

O coronal com a sua parte inferior fórma a maior parte da Orbita : observão-se na sua face externa da parte debaixo , e no meio dois arcos , chamados superciliares , que fazem o sobre-olho de cada Orbita , e tem cada huma hum pequeno buraco , chamado superciliar , ou orbitario superior : as mais das vezes só se acha huma chanfradura , por onde passa hum ramo de nervos do quinto par. Por baixo destes arcos se vem duas cavidades , que formão as partes superiores de cada Orbita. A cavidade de cima do angulo externo he a mais consideravel , e serve para alojar a glandula lacrymal , a outra he mais pequena , está da parte do angulo interno , e prende a



polé Cartilaginosa do musculo grande obliquo do olho. Vem-se mais em a face interna quatro apophysis, duas a cada Orbita chamadas angulares, ou orbitarias, internas, e externas. Na união da parte inferior do Coronal com o ethemoide se observa hum buraco chamado Orbitario interno, que corresponde á orbita, pelo qual passa hum ramo do nervo ophthalmico. A parte inferior deste osso concorre para a formação da Orbita, unindo-se ao Sphenoide, ethemoide, unguis, maxillar, e pomette.

Observão-se no Sphenoide duas apophysis lateraes chamadas Orbitarias, que fórmão huma porção das Orbitas bastantemente grande da parte das temporas, ou fontes, unindo-se com o Coronal, maxillar, e pomette, observa-se mais acima huma fenda chamada orbitaria superior, ou Sphenoidal, o buraco optico, e debaixo a chanfradura maxillar, cuja borda concorre a formar a fenda Sphenomaxillar, ou Orbitaria inferior.

O pomette tem quatro angulos, o primeiro une-se ao Coronal, o segundo ao maxillar, o terceiro ao Sphenoide, e fóрма a parte inferior lateral externa da Orbita; o quarto fóрма o arco zygomatico; acha-se na face externa deste osso hum, e algumas vezes dois pequenos buracos para a passagem de alguns filetes nervosos.

Na parte superior do maxillar se vem duas apophysis. A primeira se chama angulo maxillar, e por alguns apophysis nasal. Ella se une ao Coronal ao ethemoide, e ao unguis, e fóрма o angulo principal da Orbita. Esta apophysis fóрма huma chanfradura á entrada da Orbita, que sendo unida com huma igual do unguis faz a maior parte do ducto nasal. Este concurso do unguis com a chanfradura precedente fóрма huma goteira, ou cavidade profunda quasi perpendicular, larga, e como  
aber-



aberta no alto, mais estreita, e hum pouco recuada em baixo, que faz a parte inferior do ducto lacrymal. A segunda apophysi chamada molar, he da parte externa, e fórma a porção inferior da Orbita, aonde se observa huma pequena cavidade, que serve para prender o pequeno obliquo perto do ducto lacrymal, á face externa deste osso se acha outra cavidade chamada maxillar, na qual se observa hum buraco, a que se dá o nome de maxillar superior, e termina na Orbita: por este buraco sahe hum ramo do maxillar superior.

O unguis assim chamado pela sua figura, e pouca grossura, está situado da parte do angulo principal da Orbita, entre o maxillar, e ethemoide, por de trás da apophysis, que sobe do maxillar, e por diante do ethemoide. A face externa deste osso he hum pouco cavada, no meio d'elle se acha huma espinha, que faz a borda da goteira, a qual estando junta com a porção do maxillar fórma o ducto nasal: a face interna he convexa, e escabrosa, e se applica ao ethemoide: a extremidade superior he estreita, e hum pouco redonda, a inferior he hum tanto mais larga; he cheio em toda a sua extensão de pequenos buracos; e serve de fazer parte da Orbita, e do nariz, e de formar a maior parte do sacco lacrymal.

No ethemoide se observão duas faces lateraes, que chamão ossos planos, por causa da sua figura chata, e muito polida. Estas faces unindo-se ao Coronal, maxillar, Sphenoide, unguis, e palato formão a parte media, e lateral interna da Orbita, sua figura se assemelha a huma superficie, ou quadrado oblongo.

O serimo osso he o palato, sua parte superior toca o Sphenoide, ethemoide, e o maxillar para formar huma pequena porção da Orbita, e a mais inferior. O ajunta-



mento, ou união destes ossos se faz por especies de Sutures, e assim fórmão as Orbitas, o fundo destas he cheio de muitos buracos, e de duas fendas. O primeiro he o buraco optico do Sphenoide, por onde passa o nervo optico, que vai acabar na retina: por este buraco tambem passa hum ramo grosso de arterias, que vem da carotida interna, e vai ter á dura mater. Debaixo deste buraco, e ao lado se vem duas fendas, chamadas Orbitarias, huma he superior, e outra inferior; a superior he menor, e a inferior maior de comprimento de sete, ou oito linhas. Pela superior passão muitos pares de nervos, que vem á Orbita; a saber o terceiro par chamado os motores, o quarto chamado pathetico, e o sexto. Além destes pares de nervos, tambem passa o ramo superior do cordão anterior do quinto par, chamado ramo Ophthalmico.

Observa-se ao lado da Orbita, junto do angulo agudo da fenda sphenoidal, hum pequeno buraco, que dá passagem a huma arteria, que he hum raminho da Carotida interna, que rega o olho, e se distribue a quasi toda a porção da dura mater, que cobre a parte anterior do cerebro.

O buraco superciliar dá passagem a hum filete de nervos, que vem do ramo Ophthalmico. O pequeno buraco, que se acha na união do Coronal com o osso plano, dá passagem a hum ramo do nervo Ophthalmico para se distribuir ás laminas esponjosas do nariz.

Observa-se debaixo da Orbita hum buraco, que entra duas, ou tres linhas pelo maxillar; sua entrada he na parte inferior, e interna da Orbita. Este buraco dá sahida ao primeiro ramo do nervo, que vem do maxillar superior, que he o segundo ramo do cordão anterior do quinto par.



A união da goteira do unguis com a prolongação maxillar chamada angulo do maxillar, fórma huma cavidade, onde está o sacco lacrymal, principio do ducto nasal, e se vai abrir obliquamente de trás das aberturas inferiores do nariz, a que se dá o nome de bozinas. No meio do pomette se vê hum buraco, que vem dar á Orbita, entrando duas linhas pelo osso. Este buraco dá entrada na Orbita aos nervos, que vem da porção dura do nervo auditivo.

A cavidade da Orbita he guarnecida de huma membrana, que he huma producção da dura mater, entra de huma parte pela fenda Orbitaria superior, e de outra pelo buraco Optico, e communica com o perioftio da base do Cranio pela fenda Orbitaria inferior.

## C A P I T U L O II.

*Das partes exteriores do Olho, e primeiro de suas palpebras.*

**A**S partes, que primeiro se offerecem a examinar, são as palpebras. Ellas são formadas da epiderme, da pelle, e da membrana cellular, de musculos, cartilagens, ligamentos, glandulas, e vazos de todo o genero. São duas, postas transversalmente, huma de cima, outra debaixo da parte anterior do globo do olho. Ha duas em cada olho, huma superior, e outra inferior, a superior he a maior, e a mais movel. A união de suas extremidades se chama angulo: angulo maior, ou interno aquelle, que está da parte do nariz; e menor, ou externo, o que está da parte das fontes.

Por cima da palpebra ha huma porção de circulo de pequenos cabellos, mais, ou menos espessos, dis-

pos-



postos de modo, que tem suas raizes da parte do nariz, e suas pontas da parte do angulo menor do olho, são plantados sobre a pelle, que cobre a parte superior do circulo da Orbita, e tem o nome de sobrançelhas. A porção destas, que se acha proxima ao nariz, se chama cabeça das sobrançelhas, e aquellas que vão para o angulo menor, se chamão cauda. Estes cabellos, quando são dispostos de huma maneira exacta, e uniforme, não contribuem pouco ao ornamento da cara em todo o fexo, e impedem o cahir o suor sobre os olhos, que os incommodaria, e servem tambem de diminuir algumas vezes a força da luz, que vem do alto, quando a cabeça está descoberta. Estes cabellos são huns corpos redondos, e longos, que sahem da pelle. A raiz, que se acha debaixo della, se nomea cebola, ou bulbo, he envolvida em huma capsula vasculosa como a raiz das pennas das aves. Os ditos cabellos são cercados de muitas linhas pequenas escuras, que se extendem da raiz até á extremidade, que se diz serem vasos sanguineos. A pelle, sobre que as sobrançelhas estão postas, he mais grossa, e mais levantada, que a das partes vizinhas.

Achão-se sobre a borda de cada palpebra em distancia de tres linhas do angulo interno, muitas ordens de pequenos cabellos, que se chamão pestanas, cuja ordem, e numero são differentes em varias pessoas. São mais longos em a palpebra superior, que na inferior, e no meio mais que nas extremidades. A differença, que ha nas suas figuras, he que a das palpebras superiores tem huma especie de curvo, e suas pontas são voltadas para a testa, e as inferiores para a face. Estes cabellos impedem, que a poeira, e os insectos, que andão no ar, entrem nos olhos.

As



As palpebras, além das partes, que as cercão, não são outra couza mais, que duas prolongações da pelle, tem músculos, tarfos, pontos, ou buracos ciliares, pontos lacrymaes, a caruncula lacrymal, a membrana conjunctiva, a glandula lacrymal, algumas glandulas, e tambem ligamentos particulares, que sustentem os tarfos.

As palpebras tem dois músculos, hum proprio, e outro commun. O proprio levanta a palpebra superior, e o commun serve de levantar huma, e outra. O levantador proprio he hum musculo muito delgado, situado em cima da Orbita, onde tem o seu ponto fixo, e vai terminar por huma larga aponeuroze no tarso da palpebra superior, que por sua contracção descobre o olho.

A palpebra superior he movel no homem, e a inferior immovel, ou ao menos seu movimento he pouco sensível, em as aves ao contrario, a inferior se move, e não a superior.

O musculo commun, chamado orbicular, he composto de fibras carnosas semicirculares, que se estendem ao redor da Orbita, chegando muito além das bordas anteriores desta cavidade, e cobrindo as duas palpebras até ás bordas ciliares. Quasi todas estas fibras tem hum tendão commun bastantemente consideravel, posto transversalmente entre a apophysi nasal do maxillar, e o angulo interno do olho, estes são os ligamentos deste musculo, que servem de ponto fixo. Diminue por grãos ao passo que se avizinha á extremidade interna do tarso, e he, como se observa, mais forte da parte, que se prende ao osso, que da parte do angulo interno: as fibras deste musculo se estendem de alto abaixo até ao angulo externo, onde ellas se encontram, e unem. Este musculo, pela contracção de suas fibras fecha as palpebras.

Os



Os tarfos são cartilagens delgadas , que fórmão a parte principal de cada palpebra. Distinguem-se duas, superior, e inferior: o bordo exterior do tarso superior faz entre as suas duas extremidades huma especie de meio circulo. O bordo exterior do tarso inferior he mais uniforme: hum, e outro tem menos largura nas extremidades, que no meio, e menos ainda para o angulo externo, que para o interno, suas extremidades se ajuntão por pequenos ligamentos, e suas faces internas contém huns pequenos canaes excretorios, que se abrem no bordo das palpebras. Os ligamentos, que se achão nos tarfos, são humas porções membranofas, formadas pelo perioftio da Orbita, e pelo pericraneo, tanto no bordo superior, como no inferior.

Os bordos de cada palpebra formão-se pela união da membrana interna com a pelle, o epiderme, e o bordo do tarso. Cada hum destes bordos, depois de perto de tres linhas do angulo interno até ás extremidades do angulo externo, tem quasi huma meia linha de grossura, que diminue por grãos, chegando-se ao angulo externo, onde não tem mais que hum quarto de linha, suas extremidades da parte do nariz se terminão em pequenas papillas, da união das quaes se fórma o angulo interno das palpebras, as quaes em se tocando fica sempre entre ellas, e o globo do olho hum pequeno canal triangular. O bordo inferior do tarso superior, e o bordo superior do tarso inferior fórmão a parte, a que se chama bordos Ciliares, que estão de tal sorte adaptados aos bordos das palpebras, que quando ellas se fechão, se unem de todas as partes com muita exactidão.

Descobrem-se ao longo do bordo das palpebras, para a membrana interna, ou da parte do olho, certos pon-



pontos, chamados Ciliares, que são os orificios dos vasos excretorios de pequenas glandulas se baceas chamadas ciliares, ou de Meibomius postas em a grossura das cartilagens: estas glandulas não são mais grossas, que a semente de papoula, situadas tres, ou quatro seguidamente sobre huma mesma linha.

Observão-se, revirando a palpebra superior, algumas aberturas sobre a membrana interna, que a guarnece. Em estas aberturas se achão alojadas as glandulas ciliares, que se terminão em huma ordem de pequenos pontos, ou buracos chamados ciliares, que são as extremidades dos canaes excretorios destas glandulas. Estas pequenas glandulas separão da massa do sangue hum humor, que unta, ou humedece os bordos das palpebras, e impede, que o choque continuado de huma com outra não dê occasião a ferir-se a membrana delicada, que reveste a pequena cartilagem, o que lhe daria lugar de se excoriar, ou alterar, não tendo esta providencia. Este humor se baceo he muito doce, e se oppõem á queda das lagrimas sobre as faces, e as determina para o nariz, passando pelos pontos lacrymaes. Quando este humor vem a ser espesso, faz o que chamão remela; algumas vezes por sua quantidade, e má qualidade viscosa, incomoda frequentemente as palpebras, pegando-as huma a outra, sendo origem de varias molestias nos olhos.

Observão-se em cada olho duas glandulas: a primeira, que he mais consideravel, se tem chamado noutro tempo glandula innominada. Hoje he conhecida pelo nome de glandula lacrymal: he esbranquiçada, e hum pouco chata, e separa do sangue alympha lacrymal; está situada lateralmente por cima do globo do olho da parte do pequeno angulo, debaixo da profundidade, que se acha no arco orbitario.



Destinguem-se nesta glandula, que he do numero das conglomeradas, duas partes, huma voltada para a parte superior da orbita, e outra para o angulo externo, está mui adherente á gordura, que cerca os musculos do olho.

Destá glandula partem muitos ductos pequenos, que não se percebem no homem sem muita difficuldade por causa da sua tenuidade, mas achão-se facilmente nos olhos do boi; estes ductos vão sempre parallelos por dentro da tunica interna da palpebra superior, e rompem a tunica de dentro para a borda superior do tarso da palpebra superior, cujo movimento faz sahir continuamente huma serozidade, que lubrifica a parte anterior do olho, facilita os movimentos das palpebras, e conserva a transparencia da Cornea.

O superfluo desta serozidade he recebido por duas aberturas particulares, situadas na borda das extremidades internas de cada palpebra, e rodeadas cada huma de hum pequeno circulo branco, que parece hum appendice cartilaginoso do tarso, e tem o orificio sempre aberto; estão situadas estas aberturas a tres linhas de distancia do angulo maior do olho, de modo, que por pouco, que as palpebras se toquem, ellas o fazem tambem. Estas aberturas chamadas pontos lacrymaes, são os orificios de dois pequenos canaes, hum para a palpebra superior, e outro para a inferior. Estes pequenos canaes se encaminhão para o angulo maior. O que vai da palpebra inferior tem perto de tres linhas, o superior quatro em razão do rodeio, que he obrigado a fazer, para hir dar a hum canal commum, que termina no sacco lacrymal, que he hum receptaculo membranoso, e oblongo, situado em a goteira formada pelo ajuntamento do unguis com o maxillar. A parte superior deste sacco está situada de-



detrás do tendão do musculo orbicular : sua parte inferior responde a hum ducto membranoso chamado lacrymal , que vai acabar por huma especie de funil em a parte inferior das ventas por baixo das laminas inferiores do nariz , e abaixo da abobada do paladar.

Este ducto está fechado em hum canal osseo chamado nasal , aberto no maxillar , e em parte do unguis , e por estes differentes ductos he que a ferozidade lacrymal , separada pela glandula lacrymal , e recebida pelos pontos lacrymaes , passa ao sacco lacrymal , e de lá ao ducto nasal , para sahir depois pelo nariz , ou correr por detrás do paladar ao pharinx , para se misturar com a saliva.

A segunda glandula , que se acha em o olho , he a caruncula lacrymal situada no angulo maior do olho. Serve esta glandula não sómente de dirigir o curso das lagrimas em os pontos lacrymaes , fazendo a este respeito o officio de dique , juntamente com huma prega semilunar formada pela conjunctiva , mas tambem de ter as palpebras levantadas , e de impedir , que em se fechando , se cheguem ao globo. Esta glandula não he corpo carnozo , como indica o nome , mas parece glandula pouco mais ou menos como as que se chamão conglomeradas.

Neste lago estão as duas pequenas aberturas , de que já fallámos , chamadas pontos lacrymaes. São os orificios de dois pequenos canaes , que se unem , e não fórmão mais que hum canal , o qual vai ao sacco lacrymal.

Este sacco na parte inferior he mais estreito , fórma o canal nazal , e prolonga-se em o nariz , onde deposita as lagrimas , que os pontos lacrymaes lançarão no lago , conduzidas pelas goteiras das palpebras.



As palpebras são guarnecidas de huma membrana muito delicada, da qual huma parte cobre sua superficie interna, e a outra a parte anterior do globo do olho, ella se ajunta á tunica albuginea, assim huma mesma membrana dobrada cobre a parte interior das palpebras, e a superficie externa do olho; a que guarnece, ou cobre por diante o globo, se chama conjunctiva do olho, e a outra conjunctiva das palpebras. A das palpebras he muito fina, e adherente a ellas, e cheia de vasos Capillares sanguineos; está traspassada de muitas pequenas aberturas, que são os orificios de pequenos canaes das glandulas ciliares donde corre continuadamente huma ferozidade.

As palpebras além de cobrirem o olho, servem de preservallo das impressões dos corpos exteriores, e por seus movimentos distribuir igualmente a ferozidade lacrymal sobre a Cornea, para conservar sua transparencia. Tambem encaminhão o superfluo desta ferozidade aos pontos lacrymaes, e finalmente servem para modificar a impressão de huma luz excessivamente forte.

### C A P I T U L O III.

#### *Da conjunctiva, e musculos do olho.*

**O** Globo do olho se acha unido ás palpebras pela conjunctiva, chamada por alguns impropriamente membrana albuginea, pois que ella aqui está sómente presa, sem estar adherente neste lugar, mais que pelo tecido celular, que a faz laxa, e como movel, pois que se póde levantar de espaço em espaço, e apartar hum pouco da tunica tendinosa. Isto faz com que nas ophtalmias violentas, esta membrana se estenda tanto, que



que cobre muitas vezes toda a Cornea, he esbranquiçada, e por huma especie de transparencia a tunica tendinosa a faz parecer de todo branca, de forte, que fórma junta com a outra o que se chama branco do olho.

A maior parte dos vasos, de que está semeada em grande quantidade, não contém em seu estado natural, mais que a porção serosa do sangue, e por consequencia não são visiveis se não em as inflammações, e obstrucções desta parte. Póde-se com a ponta do escalpello continuar a separação desta membrana sobre a Cornea transparente, onde se vê a mesma Cornea atravessada de quantidade de vasos varicosos. Isto he o que se manifesta ainda pelos pequenos tumores, que apparecem algumas vezes na união da Cornea com a sclerotica: estes tumores se estendem igualmente sobre as duas membranas. E podem-se separar pela desecção inteiramente em certos casos.

O globo do olho revestido de musculos tem a figura de hum pero, ou pinha, está situado no meio da orbita, envolto em gordura, e fixo nesta situação pela conjunctiva, pelos musculos, e nervo optico.

Está unido á Orbita por seis musculos, quatro rectos, e dois obliquos. Os quatro rectos, assim chamados, por causa da sua situação, se chamão superior, inferior, interno, e externo, e pelo seu uso particular, levantador, abaixador, adductor, e abductor.

Os dois obliquos são obliquo superior, ou grande, e obliquo inferior, ou pequeno. O grande obliquo he tambem chamado trochleador, porque passa por hum pequeno annel cartilaginoso, que faz quasi o effeito de huma polé.

Os musculos rectos estão unidos pelas extremidades



des posteriores ao fundo da Orbita junto do buraco optico ao prolongamento da dura mater, que guarnece esta cavidade por huns tendões curtos, e estreitos, que terminão no meio da maior circumferencia do globo por outras tantas aponeurozes, que se unem umas ás outras, e se adiantão até á sua circumferencia. Estas aponeurozes fórmão a tunica albuginea, ou branco do olho.

O musculo obliquo superior está preso ao fundo da cavidade da orbita por hum tendão delgado, e se adianta entre o recto superior, e o recto interno para a apophysi angular interna do osso frontal: neste lugar se termina por hum tendão delgado, que passa por hum pequeno circulo cartilaginoso, feito em fórma de polé, e vai obliquamente entre o musculo recto inferior, e o globo, e alargando-se, se une á parte posterior lateral do globo, para o abductor, ou musculo recto externo.

O musculo obliquo inferior vem debaixo da Orbita, entre o musculo recto inferior, e o globo do olho, está preso por sua extremidade, hum pouco tendinosa á apophysi nasal do maxillar para a borda da orbita, donde passa obliquamente, e vai transversalmente para trás por baixo do musculo recto inferior, prender-se por hum tendão alguma cousa chato á parte posterior lateral do globo para o tendão do musculo obliquo superior.

O uso dos musculos se acha em parte indicado pelos nomes differentes, que se lhes tem dado. Quando todos trabalham igualmente, e ao mesmo tempo tem o globo n'hum perfeito equilibrio, mas se succede que dois destes musculos os mais vizinhos trabalhem sós, fazem executar ao olho hum movimento obliquo, e se to-



todos os musculos trabalham successivamente, fazem ao globo huma especie de movimento circular.

Servem os musculos obliquos principalmente de contrabalançar a acção dos musculos rectos. Quando o grande trabalha só, faz encaminhar o olho obliquamente para baixo, e estando o pequeno só em contracção, o puxa obliquamente para o alto: mas quando estes musculos trabalham ao mesmo tempo, trazem o globo directamente para fóra, e ao nosso modo de explicar, á flor do rosto.

Se se considera a travacção do obliquo superior com o fundo da Orbita, e que se termina na parte posterior lateral do globo para o musculo recto externo, vê-se que este musculo não poderia naturalmente executar seus movimentos, sem comprimir o olho, e o nervo optico, sobre o qual elle passa. O Author da natureza prevenio este inconveniente, dando a este musculo huma especie de pequena polé, que, como dissemos, está presa a huma pequena depressão do Coronal. Esta polé só serve de mudar a direcção deste musculo, e não de lhe augmentar a força.

Estes movimentos se fazem mais livremente, quando se acha mais gordura na cavidade da Orbita, o corpo do olho está della cercado pela parte posterior, e esta gordura enche os intervallos dos musculos do mesmo olho; ella apoia os vasos, que se encaminhão ao olho, e o faz firme em sua situação, humedece-o, facilita seus movimentos, e o conserva em huma situação conveniente. E por isso se vê, que os velhos, e aquelles, que são esgotados pelas longas molestias, tem os olhos mais encovados, ou mettidos para dentro.



## CAPITULO IV.

*Do globo do olho, e suas partes.*

O Globo do olho he composto de muitas partes, que lhe são proprias, destas humas são mais, ou menos firmes, chamadas tunicas, ou membranas do globo do olho. As outras são mais, ou menos fluidas, e fechadas em capsulas membranosas proprias, ou em os intervallos das outras tunicas. Estes fluidos são conhecidos debaixo do nome de humores do globo do olho. As membranas, que entrão na composição do olho, são doze, e quatro os humores, que concorrem á formação d'elle. A primeira he a conjunctiva, que se une ao globo na cavidade da orbita, e se prende depois á circumferencia da Cornea transparente até o bordo interno de cada palpebra.

A segunda se chama albuginea, he tendinosa, e fórma o branco do olho.

A terceira he a Cornea transparente, que sendo-o como o crystal, se chama vulgarmente o espelho do olho, a qual se póde dividir em varias laminas; não fórma com a esclerotica huma figura perfeitamente redonda, porém sahe hum pouco fóra em fórma arqueada, n'huns mais, n'outros menos; serve esta para poder-mos ver os objectos, que nos ficão a algumdos lados, sem que seja preciso voltar a cabeça. Está adherente á sclerotica por hum modo bem singular, pelo tecido fibroso, que une estas duas membranas, se vê, fazerem ellas no lugar da sua adherencia dois planos inclinados, que em sentido opposto, se applicão hum contra o outro.



A cornea he penetrada de huma infinidade de pequenos buracos , ou orificios quasi imperceptiveis , por meio dos quaes sahe continuadamente hum fluido , que se dissipa logo , o que he muito facil de se perceber , depois da morte , comprimindo o olho.

A quarta he a tunica do humor aquoso , he tão fina , que só se póde distinguir nos olhos do boi , ou do cavallo , e occupa toda a parte concava da Cornea transparente.

A quinta he a uvea , a qual fórma huma especie de separação , que divide as duas camaras do olho. Este nome de uvea lhe he dado por causa da fême-lhança , que tem com o bago de uva. Ella he dividida em duas laminas , anterior , e posterior , a anterior he chamada iris por causa das suas diferentes cores , a posterior está cheia de pregas , e processos ciliares , nella se observa hum buraco negro , e redondo chamado pupilla , por onde passão os raios da luz. Descobrem-se entre as duas laminas desta membrana dois planos de fibras muito delicadas , que parecem carnosos , hum chamado orbicular , que serve de fechar a pupilla , e outro raional , por ter fórma de raios , e serve para a dilatar , esta dilatação se faz na obscuridade , e na paralyfia dos nervos opticos , pelo repouso , e abatimento de suas fibras , e a contracção maior , ou menor , pela luz mais , ou menos viva , pela repleção de suas fibras , ás quaes esta viva luz chama os espiritos segundo a maior , ou menor distancia dos objectos.

A sexta membrana he a choroide assim chamada , pela analogia com a chorion , que serve de envolver o feto no utero , assim como ella de conter as partes principaes da vista. He formada de duas laminas , huma chama-se de Ruisch , por ser quem a descobrio , e



a outra reticular: Entre estas duas laminas, se acha humma especie de humor negro. Esta membrana está adherente á sclerotica por meio de quantidade de pequenos vasos desde a inserção do nervo optico até á sua união com a cornea. A membrana dura, que entre estas duas põe Lecat, pede mais provas.

Do bordo da circunferencia interior da choroide se estende hum grande numero de fibras parallelas, e ligamentosas voltadas para o centro do globo do olho, fortemente unidas á maior circunferencia da membrana capsular do crystallino, e fórmão o ligamento ou fibras ciliares, por alguns chamadas circulo ciliar, que tem perto de linha e meia de extensão. Este circulo está intimamente ligado á membrana do humor vitreo, e fórma muitas aberturas chamadas Ciliares, que se percebem, separando o corpo vitreo deste ligamento.

A sétima membrana he a retina. He formada de hum grande numero de pequenos filetes dispostos em fórma de rede, donde lhe vem seu nome. He de hum tecido muito differente das outras tunicas, branca, molle, como medullar, e muito transparente. He mais grossa, que a choroide, e estende-se desde a inserção do nervo optico até a circunferencia maior do ligamento ciliar. Em toda esta passagem he unida á superficie interna da choroide, e penetrada de muitos vasos sanguineos, vê-se onde ella nasce do nervo optico humma especie de pequeno botão branco, ou medullar.

A oitava membrana he chamada crystallo-anterior, porque cobre anteriormente o crystallino.

A nona he chamada crystallo-posterior, porque envolve posteriormente o crystallino. Esta membrana he tão immediatamente unida ao crystallo anterior, que parece não são estas duas tunicas mais do que humma. A capsu-



psula, que ellas fórmão, e que serve de envolver o crystallino, se chama tambem membrana arachnoide, por ter semelhança com a tea de aranha.

A decima membrana he a vitrea, chamada tambem capsular, a qual he formada de duas laminas, adaptadas huma á outra; a primeira he chamada hyaloide, e a segunda celular; esta membrana serve de conter o humor vitreo.

A decima primeira he a tunica celular, que tem seu nome das cellulas, de que he formada. Estas cellulas estão cheas de hum humor destinado á regeneração do humor vitreo.

A decima segunda he a sclerotica, ou cornea opaca, esta membrana he a maior, e mais grossa de todas as que compõe o globo do olho, e serve de envoltorio commum a todas as partes, que concorrem á formação deste orgão, he entrelaçada de toda a sorte de fibras, e tira sua producção da dura mater. Na parte posterior, onde he penetrada do nervo optico, he muito mais grossa, mas diminue á proporção que se aproxima á Cornea transparente; he penetrada de espaço em espaço, e muito obliquamente por pequenos vasos sanguineos, he tambem atravessada de huma maneira particular por filetes de nervos, que entrão em sua convexidade em alguma distancia do nervo optico.

Estes pequenos nervos depois de a atravessarem, sahindo á parte concava, se perdem na Cornea. Esta membrana tem dois buracos, hum posterior, que dá passagem ao nervo optico, como já se disse, outro anterior, em que se une com a Cornea transparente.

O olho he composto de partes sólidas, e de partes fluidas: as sólidas são as que fórmão o globo, e suas capsulas. As fluidas são chamadas humores, que se



achão situados huns depois dos outros. Dos quatro, que entrão na composição do globo, o primeiro, ou o mais anterior he o aquoso, assim chamado por causa da sua semelhança com a agua, ainda que alguma cousa viscoso, elle occupa, e enche o espaço, que ha entre a Cornea, e a uvea, a cujo espaço se chama Camara anterior, e ao espaço, que ha á face interna desde a uvea, e pupilla até o crystallino, se dá o nome de Camara posterior: este humor se communica por entre estes dois intervallos, ou Camaras, passando de hum para outra pela pupilla, fazendo nadar, ou fluctuar em si o iris. A camara anterior tem de ordinario hum linha de intervallo, e a posterior hum quarto de linha. O humor aquoso he separado do corpo vitreo, e do crystallino, elle passa os conductos excretorios da Cornea, para lubrificar as partes externas do globo, e serve ao mesmo tempo á refracção dos raios da luz.

O segundo humor he o crystallino, assim chamado pela semelhança, que tem com crystal. Este he hum pequeno corpo lenticular, situado em hum pequena cavidade chamada engaste do crystallino, que se acha em a parte anterior do humor vitreo; sua figura he lenticular, tem duas faces, a posterior he mais convexa, que a anterior: he composto de muitas laminas pequenas transparentes, postas humas sobre as outras, pouco mais ou menos, como as pelliculas de hum cebola. Sua consistencia he mediocrementemente firme, mais dura nos homens, que nos meninos. Esta dureza se augmenta á medida, que elles se adiantão em idade, e no meio mais, que nas extremidades. Tambem a côr muda com a idade, porque chegando para idade de oitenta annos, tira para côr amarella semelhante ao alambre fino, e transparente.



O terceiro humor está debaixo da capsula membranosa do crystallino, o qual foi descoberto por Morgagny, e se lhe dá o nome de seu Author. Este humor tem dois usos, o primeiro he de impedir que o crystallino não se deseque, o segundo he de fornecer a sua nutrição. O quarto humor he chamado vitreo, por se assemelhar muito ao vidro fundido; he muito clairo, gelatinoso, está n'hum capsula membranosa, de que já fallámos, e que tem o mesmo nome. Sua consistencia he pouco mais ou menos, como a da clara do ovo, e tudo fôrma hum só corpo, que occupa não só a camara posterior, mas ainda a maior parte do globo do olho.

## CAPITULO V.

*Dos nervos, que se distribuem a todas as partes do globo do olho.*

**O**S nervos são huns cordões brancos, e cylindricos, que partem do cerebro, da medulla oblongada, e da espinhal, e se distribuem a todas as partes do corpo. São formados de pequenos filetes, muito finos, que se não são ocos, são dispostos de fôrma, que por elles corre hum licor muito fino, e subtil, que recebem do cerebro, chamado espirito animal, e por estes dois principios se executa o sentimento, e movimento, pelos quaes o corpo, e alma obrão hum sobre o outro.

Os nervos opticos são os mais consideraveis, que os olhos recebem: chamão-se Opticos, ou visuaes, e tomão sua origem da parte inferior das eminencias do cerebro, chamadas thalamos dos nervos opticos, fôrmao  
hu-



hum pequena curvatura, e se aproximão depois hum ao outro para a parte superior da sella turcica, ou Sphenoidal, depois passão sobre a parte anterior da glandula pituitaria, onde se unem, e tornando-se a separar, se estendem obliquamente para os buracos opticos do Sphenoide, por onde passão, para se irem encerrar cada hum em seu olho pela parte posterior da sclerotica.

A inserção deste nervo em o globo não he diametralmente opposta á pupilla, de forte que a distancia he maior da parte das temporas, ou fontes, e mais pequena da parte do nariz.

O corpo de cada nervo optico he coberto da dura, e pia-mater, a qual se une á sclerotica, sem a produzir. A dura-mater só cobre o nervo optico, e isto até entrar na Orbita; ao contrario a pia-mater se mette em todo o seu transito por diversas pregas em a cavidade dos canaes nervosos, e nestas pregas he fechada a medulla. Esta he a estrutura do nervo optico, o que se póde ver na dissecação, assim como a de todos os mais nervos.

O nervo optico, depois de entrar no olho, de sua substancia nasce a retina, que he hum expansão medullar deste nervo. Ainda que alguns dizem, que o nervo optico sim he coberto da dura, e pia-mater, que lhe servem de bainha. Mas que ellas se unem á sclerotica, sem a produzir: muitos Anatomicos crem com tudo, que a sclerotica não he mais que a continuação da dura-mater, a choroide da pia-mater, e a retina feita da expansão do nervo optico. Os que são de sentimento opposto querem que estas membranas sejam de hum tecido differente da dura, e pia-mater, como a retina o he da parte medullar do nervo optico.



O nervo optico não he só o que se distribue ao globo do olho , pois recebe muitos pequenos nervos particulares, que vem das partes lateraes, e vão ao longo do nervo optico , depois entrão na Orbita , até a inserção do globo. Estes pequenos nervos servem aos movimentos dos olhos , tal he o terceiro par , o quarto , e o quinto com huma porção do sexto , assim como o intercostal , segundo alguns.

O terceiro par he o que se chama motores dos olhos , que vem do bordo anterior da eminencia annular , sahindo do Craneo pela fenda orbitaria superior , e se divide em quatro ramos, hum vai distribuir-se ao musculo levantador do olho , e fornece filetes ao levantador da palpebra. Os outros tres vão ao musculo abai-xador , abductor , e ao pequeno obliquo , além destes ramos este par fornece hum raminho muito curto , que as mais das vezes vem do principio do ramo , que se distribue ao pequeno obliquo , este raminho fórma logo hum pequeno ganglio lenticular , que lança muitos filetes bastantemente finos ao redor do nervo optico , os quaes depois de terem passado a membrana sclerotica , se mettem entre esta membrana , e a choroide até ao iris , e se distribuem em ramificações muito delicadas , que vão terminar ao circulo ciliar , e aos musculos radiosos do iris. Este ganglio fornece ainda outros filetes , que communicão com o ramo nasal , e ophthalmico.

O quinto par he o pathetico , ou trocleador , o qual toma a sua origem da medulla oblongada , detrás das eminencias natas ; e nascendo da parte lateral da expansão medullar , sahe do Craneo pela fenda sphenoidal , e vai perder-se no musculo do olho , chamado grande obliquo , e lança neste caminho pequenos filetes de



de hum, e outro lado, e communica com o primeiro ramo do quinto par, ou nervo ophthalmico.

O quinto par tira sua origem anteriormente das partes lateraes da eminencia annular por muitos filetes, que fórmão dois troncos gróssos hum pouco chatos, ou planos: cada hum destes troncos se divide em tres ramos gróssos, que se distinguem em anterior, medio, e posterior.

O anterior chamado ophthalmico he só o que se distribue aos olhos: elle se adianta para a fenda sphe-noidal, pela qual sahe do Craneo para entrar na Orbi-ta, e divide-se em tres ramos, e algumas vezes em dois. Destes tres ramos hum he superior, que se chama superciliar, ou frontal, outro he interno, chamado nasal, e outro externo chamado lacrymal, ou melhor ainda temporal.

O ramo superior, ou superciliar vai todo ao longo do perioftio da Orbita, e tendo passado pelo buraco superciliar, ou chanfradura, se distribue ao musculo superciliar, ou frontal, e á porção superior do musculo orbicular das palpebras.

O ramo interno, ou nasal, depois de ter communicado por hum, ou dois pequenos filetes com o ganglio lenticular, ou ramificação do nervo do terceiro par, se divide n'outros dois ramos; hum tornando a entrar no Craneo, e passando pelo buraco orbitario interno, torna a sahir de novo pelos buracos da lamina crivosa do ethmoide, para hir ao nariz, á membrana pituitaria, e á caruncula lacrymal.

O ramo externo, ou temporal vai terminar na glandula lacrymal, e fornece pequenos filetes ás partes vizinhas.

O segundo ramo do quinto par, chamado maxil-lar



lar superior, lança tambem hum ramo, que passa pelo canal osseo da parte inferior da Orbita, e tendo sahido pelo buraco orbitario inferior, se distribue a porção vizinha do musculo orbicular das palpebras, e communica com hum ramo da porção dura. Os nervos do sexto par nascem da parte posterior da eminencia annular. Estes nervos são miudos, e delgados, mas hum pouco mais grossos, que os do quarto, que são algumas vezes dobrados, ou fendidos em dois, antes da sua declinação em a dura-mater, vão depois passar pela fenda sphenoidal, e se distribuem ao musculo abductor, ou externo do olho.

A porção dura do sétimo par, ou do nervo auditivo, dá ramos á parte superior, á inferior, e á lateral externa do musculo orbicular, donde hum communica com o nervo superciliar, e o outro com o nervo infra-Orbitario.

O nervo inter-costal, segundo o sentimento dos Authores, tambem fornece espiritos animaes á conjunctiva, ás glandulas do olho, e ás fibras, que dilatão a pupilla.

## C A P I T U L O VI.

### *Das Arterias, e veias do globo do olho.*

**A**S Arterias são huns vasos destinados a receber o sangue do coração, para o distribuir por todas as partes do corpo.

As veias não são mais, que huma continuação das ultimas divisões das arterias. Estes vasos trazem de todas as partes ao coração huma porção de sangue, que tem sido distribuido em estas mesmas partes pelas arterias.

As arterias, que vão ao globo do olho, e ás suas

D

par-



partes contiguas, são os ramos das carotidas externas, e internas.

As arterias carotidas, chegando á altura do Larynx, se dividem em dois ramos, hum chamado externo, e o outro interno. A carotida externa, por meio das arterias angular, temporal, e frontal, dá muitas ramificações aos tegumentos, que cercão o olho, e a todas as porções do musculo orbicular, as quaes ramificações communicão com as que se distribuem á membrana das palpebras, e á caruncula lacrymal.

A mesma carotida externa, no meio do ramo chamado arteria maxillar interna, vindo á Orbita pela fenda orbitaria inferior, ou Spheno-maxillar, dá hum ramo consideravel, que se distribue ao perioftio da Orbita, ao musculo do olho, ao levantador da palpebra, á massa adiposa, ou gordura, á glandula lacrymal, á membrana conjunctiva, tanto á do olho, como á das palpebras, e á caruncula lacrymal. Communica com a carotida interna: dahi parte huma arteria, que vai ás cellulas ethmoidaes do nariz pelo pequeno buraco orbitario interno posterior.

A arteria carotida interna, tendo entrado no Craneo, lança huns pequenos ramos, que acompanhão o nervo optico, e os mais, que paísaõ pela fenda sphenoidal, hum destes pequenos ramos arteriaes se infinua no corpo do nervo optico, e produz sobre a retina pequenas arteriolas, que se vem distintamente sobre as paredes internas desta membrana. As outras se encontrão com as pequenas ramificações da carotida externa (penetrão a espessura da parte posterior da sclerotica, e depois de ter feito hum pouco de caminho mais adiante em esta espessura, a penetrão dentro em quatro, ou cinco lugares, pouco mais, ou menos,



nos, a huma igual distancia entre o nervo optico, e a pupilla.)

Os pequenos ramos arteriaes, tendo passado a sclerotica, em quatro, ou cinco lugares, e passando por outros tantos lugares á lamina externa da choroide, fórmão entre esta lamina, e a interna, os vasos vorticofos, ou turbilhões de Stenon, como tambem as estrellas vasculares da lamina interna da choroide. Tambem se observão pequenos filetes vasculares muito adherentes á membrana vitrea. Estes mesmos pequenos ramos arteriaes antes de formar os turbilhões, quasi todos se encaminhão direitos á circumferencia da uvea, e ás arteriolas, que fórmão em sua grossura huma especie de circulo vascular, donde partem as capillares até á membrana crystallina.

As veias de todas estas partes correspondem pouco mais, ou menos ás arterias. O resto do sangue, depois de feita a nutrição, e secreção, he levado por canaes venofos proporcionados, que se reúnem de huma, e outra parte em a duplicatura da choroide, em pequenos troncos, os quaes se lanção em a sclerotica, e depois de ter recebido muitas veias capillares, a atravessão de dentro para fóra, e vão-se reunir em as jugulares, tanto internas, como externas, e tambem alguns vão aos Sinos Orbitaes, cavernofos, e petrofos.



## CAPITULO VII.

*Dos diversos sentimentos, que ha sobre a subsistencia, e producção do humor aquoso, nutrição do crystallino, e vitreo.*

**D**Ividem-se os sentimentos sobre a producção do humor aquoso. Huns assentão que he filtrado pelas glandulas situadas na uvea, ou no ligamento ciliar, ou n'hum, e n'outro: outros por huma especie de transfudação do humor vitreo, e crystallino: outros em fim, pelos vasos lymphaticos. Todos suppõe que estas arterias descarregão o que contém por huma infinidade de pequenas aberturas situadas ao redor da maior circunferencia da uvea, ou ligamento ciliar, ou em ambas estas partes.

Monfieur Nuck he de differente parecer. Elle diz tem achado vasos lymphaticos, que se terminão na cornea, e fornecem o humor aquoso, aos quaes chama ductos aquosos dos olhos.

He facil de descobrir o erro da maior parte destas opiniões. Primeiramente as pretendidas glandulas situadas na uvea, ou no ligamento ciliar, não tem sido descobertas por algum Anatomico. O sentimento daquelles, que sustentão ser este humor fornecido por huma transfudação do humor crystallino, e vitreo, não he fundado sobre os melhores principios, pois parece que o fluido, que enche as pequenas bexigas de humor vitreo, que se acha entre o crystallino, e a capsula, he inteiramente differente do humor aquoso. A opinião fundada sobre certas injecções, que tem feito ver huma infinidade de vasos muito finos, e curtos, que terminão na parte anterior da circunferencia da uvea, perto do  
bor-



bordo da cornea , e se abrem immediatamente na camara anterior , poderá não ser certa , ainda que pareça a mais provavel , attendendo a que a injeccão de hum licor em as arterias , e veias muito finas deve occaſionar mudanças confideraveis , tanto em ſeu diametro , como em ſua ſituação.

Se os ſentimentos ſão divididos ſobre a producção , e reparação do humor aquoſo , não o ſão menos ſobre a nutrição do cryſtallino. Muitos pertendem que a nutrição do cryſtallino ſeja fornecida por certos vaſos lymphaticos , que depois de terem paſſado pelo ligamento ciliar , entrão no meſmo cryſtallino : e aſſim admittem huma communicação immediata entre o ligamento ciliar , o cryſtallino , e ſua capſula. Outros crem , que he nutrido por huma eſpecie de tranſſudação do humor vitreo. Ha outros , que negão a communicação do cryſtallino com ſua capſula pelo meio dos vaſos , e com tudo aſſegurão , que o fluido vindo dos vaſos , que paſſão pelo ligamento ciliar , ſervem de nutrir o cryſtallino.

Os Authores , que melhor tem penſado , e eſcrito ſobre eſta materia , dizem que não ha a menor communicação entre o cryſtallino , e ſua capſula. A ſegunda opinião não parece menos verofiſimil , conſiderando a differença , que ha entre o fluido , que enche as cellulas do humor vitreo , e o que ſe acha entre o cryſtallino , e ſua capſula. Outros penſão com mais apparencia de verdade , que o cryſtallino he nutrido pelo fluido lymphatico , conduzido a travez do humor vitreo , pela arteria do meſmo nome , que ſe deſcarrega na ſua circunferencia por ſuas extremidades , como tambem na capſula , e que eſte fluido he abſorvido pelo cryſtallino.

Os pareceres ſão igualmente divididos ſobre o que  
rel-



respeita ao humor vitreo. Muitos pensão que elle recebe sua nutrição das arterias lymphaticas continuadas daquellas , que fórmão a lamina vascular da retina , passando por meio da lamina nervosa , e penetrando de todas as partes a capsula do humor vitreo. Outros sustentão que he nutrido pelas arterias lymphaticas , que se estendem do primeiro ramo das arterias da Choroi-de. Alguns querem que isto seja por aquelles , que se estendem pelo segundo , e outros em fim imaginão , que he pelo terceiro.

O superfluo dos fluidos , que não deve servir á nutrição do globo do olho , e partes contiguas , volta pelas veias lymphaticas destinadas a conduzir os diferentes fluidos. O humor aquoso sahe em parte pelos poros da Cornea , e he em parte absorvido pelos vasos situados em o ligamento ciliar , e o resto pelos diferentes vasos lymphaticos.

## C A P I T U L O VIII.

*Dos usos das partes dos olhos , e das que os cercão.*

**A** Orbita , em a qual o olho está fechado , serve de preservallo das injurias exteriores juntamente com as palpebras , cujos bordos estão sempre estendidos pelas cartilagens , que se achão em suas extremidades. Estas cartilagens chamadas tarfos fazem a sua applicação mais exacta , e as palpebras por seus movimentos continuos , e promptos , impedem a passagem de huma luz muito viva em os olhos , e premem , e distribuem regularmente a limpha lacrymal sobre sua superficie.

Esta secreção se faz desta maneira. A glandula lacrymal situada entre a parte superior , e externa do globo



bo do olho, e abobada da Orbita por causa dos movimentos, que o olho faz, he ligeiramente comprimida, as lagrimas descem por muitos pequenos ductos, e o olho he molhado, e assim he que o movimento do olho favorece a sahida das lagrimas, e estas sahindo facilitão o movimento do olho.

Os ductos excretorios da glandula lacrymal estão situados debaixo da palpebra superior. As lagrimas, que correm, primeiro molhão a parte superior, e depois se espalhão sobre todo o globo, mas como o olho he espherico, e a cartilagem das palpebras redonda pelo bordo, que toca o globo do olho, o angulo, que resulta deste contacto, fórma huma goteira a cada palpebra, e estas goteiras conduzem as lagrimas para o angulo maior do olho. As lagrimas podem-se accumular em grande quantidade nestas goteiras, sem que se derramem, porque o bordo exterior das palpebras he untado de hum humor gordo, que se lhe oppõe, chamado remela.

O conhecimento deste mechanismo he devido a Mr. Petit. Elle observou, que quando as palpebras estão fechadas, como seu bordo interno he redondo, não se toção mais, que pelo bordo exterior; tocando-se então a goteira da palpebra superior, e inferior, não fórma mais que huma, que he maior, e apoiada sobre o globo do olho, faz com elle hum canal triangular, pelo qual as lagrimas correm do angulo externo para o interno, em cujo as lagrimas fórmão huma especie de lago, enchendo o espaço, que se acha entre o angulo interno das palpebras, e o globo do olho; porque o angulo interno das palpebras está apartado do globo do olho mais de duas linhas: e esta he a distancia, que faz a dilatação do lago, onde se ajuntão as lagrimas.

Mui-



Muitas cousas favorecem o curso da linpha lacrymal para os pontos lacrymaes; a primeira, os bordos ciliares das palpebras; segunda, a viscosidade da materia, que se separa pelas glandulas ciliares; terceira, a caruncula lacrymal, que faz o officio de dique, e determina este fluido para a parte dos pontos lacrymaes; quarta, os pontos lacrymaes, que estão sempre abertos, e tem os orificios cartilaginofos; porque se elles fossem membranosos, a menor compressão os abalaria, e não estarião sempre na boa ordem, para receberem continuamente as lagrimas á proporção, que ellas se ajuntão: de mais estas aberturas estão naturalmente voltadas para a parte do olho, e se voltão ainda mais, quando fechamos os olhos, de maneira que unindo-se as palpebras, ellas não ficão tapadas. O ponto lacrymal superior, e inferior tocão-se, sem se tapar hum ao outro, porque elles não se tocão mais do que pela porção, que corresponde ao bordo externo das palpebras. A segunda causa da passagem das lagrimas, e que se póde olhar como huma das principaes, he a disposição dos pontos lacrymaes do sacco lacrymal, e do canal, ou ducto nasal, que se abre no nariz; todas estas partes fazem huma mesma continuação de canal, a que por sua figura, e uso se dá o nome de bomba lacrymal. O uso das pestanas he impedir que entre nos olhos algum corpo estranho: as sobrancelhas servem de impedir que entre o fuor em os olhos, e de moderar a impressão de huma luz forte, sobre tudo, quando ella vem da parte superior. A conjunctiva serve de sustentar o globo em sua situação natural. Quanto ao uso dos musculos do olho, elles servem em geral de voltallo para os objectos, que observamos, o que elles fazem com tanta mais facilidade, quanta for a gordura, de que se ache cerca-

do



do o globo do olho ; o que faz os nervos , e todos os vasos , que elle contém , capazes de ceder á menor acção de seus musculos. Os musculos rectos são destinados a voltar o globo para o nariz , ao affastar , levantar , abaixar , e voltar sobre seu eixo , agitando-o conjuncta , ou separadamente. Os musculos obliquos servem de sustentar o globo em suas acções , e de contrabalançar a acção dos musculos rectos. O uso das membranas dos olhos he de servir á estrutura do globo , e de conter os humores , e estes de modificar os raios da luz , de modo que se reunão sobre o órgão immediato da vista.

## C A P I T U L O IX.

### *Da visão , ou da vista.*

**D**E todos os sentidos , que o homem possui , o mais util , e necessario he a vista : e este he o mais fertil em maravilhas. O mechanismo da vista tem alguma cousa de milagroso , que a arte mais perfeita não póde imitar. A vista he sem duvida o sentimento mais espirital. Este órgão póde ser reputado , como o espelho da alma , onde de ordinario se lê o caracter do homem , e se pintão as differentes paixões , que o animão ; porque este órgão todo nervoso , e muito proximo do Cerebro abunda em espiritos , e não póde deixar de exprimir o estado , em que elles se achão.

A vista he hum dos cinco sentidos , pelo qual os differentes movimentos dos raios visuaes são juntos pelos humores dos olhos , e transmittidos sobre o órgão immediato da vista : o meio desta percepção he a luz. Assim entendemos por vista distinctiva a idéa , que con-



cebemos em consequencia das impressões, que elles fazem sobre nossa alma pelo meio da luz.

Observão os Fyficos, que a luz, objecto da vista, he huma materia extremamente subtil, de que he entre outras cousas boa prova a liberdade, com que atravessa o diamante, substancia sobre maneira compacta: e ainda mais a celeridade do seu movimento, que sendo tal que em sete minutos e meio chega do Sol a nós, nenhum movimento causa nos mais pequenos corpos, ainda quando condensada pelos vidros causticos. Este ultimo argumento bem pezado prova invencivelmente a subtileza deste fluido, porque sendo a luz imminantemente elastica, ha de ser a sua maça a maça do corpo, sobre que cahe, como a velocidade, que esse corpo recebe á velocidade, que ella tráz; ora a velocidade, que ella communica, he nenhuma, logo a differença das maças he infinita. (a)

Creou o Author da natureza a luz por nos fazer perceber a grandeza, figura, côr, e situação dos objectos, que estão em huma proporcionada distancia, o que se faz por meio dos raios da luz.

He a luz huma emanção do Sol, que se propaga em linha recta, a não fallar em todo o rigor matematico. Em sua composição entrão sete differentes especies de corpusculos, de cuja heterogencidade, e diversa velocidade provém as sete cores primarias, de que abaixo fal-

---

(a) Não desagradará a alguns Leitores ver este argumento em linguagem algebraica. Assim chamamos a velocidade, que a luz tráz  $V$  a que o corpo recebe  $v$  a maça da luz  $M$ , e a do corpo  $m$ . Temos pelas Leis da Mechanica  $M:m = v:V$ . Ora a velocidade, que o corpo recebe, he como mostrão as experiencias em todo o caso insensivel  $\approx \frac{1}{\infty}$  logo  $M:m = \frac{1}{\infty}:1 = 1:\infty$ . Verão os intelligentes a fecundidade desta formula, a que se reduz a doutrina exposta de Boscovich. *Nota communicada ao Author por hum Amigo.*



fallaremos; com todos os corpos tem affinidade, e por isso com todos se combina mais, ou menos, huns raios mais que outros. Assim he certo, que ainda quando o Sol está ausente do nosso hemispherio, ella se acha na atmosphaera, mas precisa do movimento proprio a causar em nós a sensação da vista. Pelo que he da luz, que na combustão dos corpos apparece, tenho por mais provavel conjectura (entre todas as que até o presente tem apparecido) que he a mesma do Sol, que desprendendo-se dos corpos, e principalmente do oxygenio, juntamente com o fogo, em virtude da mutua, e viva repulção de suas partes se derrama em redor. Em quanto á pequena claridade, que ha de noite, taes são as principaes causas, que della conhecemos:

I. A luz do Sol, que entrando na atmosphaera, refrange.

II. A que passando pelo circulo maximo diffrange.

III. A que passando adiante na atmosphaera nos reflecte dos corpos, que nella se encontrão, e das partes da mesma atmosphaera.

IV. A que reflecte dos planetas.

V. A que emana das estrellas, &c.

Ainda que o movimento da luz em ausencia do Sol, ou de qualquer outro corpo luminoso, não seja sufficiente para nos illuminar, ou para balancear nossos órgãos, se deve entender dos órgãos ordinarios, porque ha olhos, para os quaes não ha noite, ou ao menos privação de luz. A coruja, o gato, a toupeira, vem de noite, seja porque estes animaes tenham o órgão da vista mais fino, que o nosso, ou que suas pupillas sejam susceptiveis de huma extrema dilatação, pela qual seus olhos ajuntão huma grande quantidade desta fraca luz, e esta grande quantidade supra a sua força.



Pertende-se que os homens em certos excessos de bebedice, e em os accessos de febre, ou dos movimentos de cólera, lem sem luz. Briggs conheceo hum homem, que lia ás escuras. Pessoa houve, que via muito claramente á meia noite, estando bem fechadas todas as janellas, como se fosse meio dia.

Mas de ordinario as pessoas, que tem huma tal vista, tem o prejuizo de não ver sem bastante incommodo os objectos, que são muito claros, e de huma côr resplandecente: não podem supportar os raios do Sol, dando sobre as calçadas no tempo do Verão, e os que andão sobre a neve, são obrigados a ter os olhos quasi sempre fechados. Estas qualidades de vistas fracas se fatigão facilmente, e não são para supportar huma longa leitura, sobre tudo á luz artificial, nem podem sustentar huma longa continuação de observações delicadas.

He certo, que o homem, entrando em hum lugar muito escuro, não vê muito tempo, mas vê no fim de algumas semanas. E a razão de não ver na obscuridade he, porque os nossos olhos estão costumados a huma grande luz, este orgão he, como o costumão. Ha toda a razão de pensar, que hum homem costumado a viver em a obscuridade, teria tambem a vista bastante delicada, e fina, para ahi ver distinctamente. E só por falta de nosso orgão he que não vemos em todo o tempo ora mais, ora menos, segundo a luz, que nos cerca, que he sempre alguma.



## CAPITULO X.

*Das direcções, e refrações da Luz.*

A Acção da Luz he como o movimento dos outros corpos conforme a Lei geral da natureza, conserva em quanto póde a primeira determinação. Seus raios se estendem em linhas rectas, em quanto não encontrão algum obstaculo, ou novo meio, que lhe mude a direcção. Os phenomenos, que resultão, são o objecto de huma sciencia, que se chama Optica geral, que comprehende tudo o que pertence á luz, e suas differentes modificações.

O raio da luz sensível não he naturalmente igual em toda a sua longitude; elle fórma huma figura pyramidal, cuja ponta he posta no objecto, e a base se apresenta á superficie do olho, o que se póde ver, recebendo os raios do Sol por hum buraco da janella em huma casa escura. Estes raios formando huma pyramide, tem a ponta no buraco, pelo qual ella entra, e a base na parte opposta. Esta he a causa em parte, porque se vem mal os objectos apartados, attendendo que o plano será menos esclarecido, á medida que elle se affastar mais do ponto radiante.

Esta debilidade da luz he huma consequencia necessaria da divergencia dos raios, que se achão muito raros, ou muito apartados, para que o que entra em a pupilla, se possa fazer sentir sufficientemente a huma certa distancia, mas este gráo de distancia, onde a vista falta, varia, segundo o estado dos olhos; isto he, segundo seu gráo de sensibilidade, ou segundo a natureza, e qualidades do objecto, e a intensidade da luz,



luz, que o faz visível. Este órgão he mais sensível em certas pessoas, e he sujeito a envelhecer, e arruinar-se.

Os Authores, para não embaraçar suas figuras, pintão ordinariamente cada huma destas pyramides por tres linhas, ou raios, que partindo de hum ponto do objecto esclarecido se adiantão para a pupilla, e depois se tornão a unir para não fazer mais que hum só ponto em o fundo dos olhos, semelhante áquelle, que parte do objecto. Estas pyramides são distinguidas em objectivas, e oculares: aquellas, que partem do objecto, se chamão objectivas, e as que cahem sobre o fundo dos olhos para apresentar a imagem do objecto, se nomeão oculares.

He necessario que estes raios se tornem a unir, porque se elles levassem suas bases até o fundo dos olhos, farião largas, e fracas impressões, que não deixarião de se confundir humas com as outras: diferentes pontos de objecto visível se farião sentir juntos sobre huma parte do órgão, e a visão viria a ser deste modo muito confusa. O Author da natureza usou de sabias precauções para impedir este máo effeito: cada hum destes raios, ou pyramides, assim que chega aos olhos, he convertido em huma pyramide opposta pela base á primeira, tendo o seu vertice no fundo dos olhos; isto he, os raios, que atravessão os humores dos mesmos olhos, de divergentes que são, se fazem convergentes: por este meio a visão vem a ser clara, sendo assim que cada impressão he mais forte, quando produzida por todos os raios da pyramide, são reunidos sobre hum pequeno espaço.

A mudança de direcção, que succede á luz, que cahe sobre huma superficie polida, tal como hum espelho, se chama reflexão da luz, porque ella reverbe-  
ra,



ra, reflecte, ou falta de cima desta superficie, como hum pella batendo em cima de hum taboa. A experiencia tem ensinado que a luz reflecte de cima destas superficies polidas com a mesma força, e inclinação, que traz cahindo; isto he, que o angulo da incidencia do raio, e seu angulo de reflexão são iguaes. Esta mudança de direcção he bem sensivel, recebendo a luz sobre hum superficie polida em hum casa obscura por hum buraco feito no postigo da janella.

Os corpos opácos os mais duros, os mais compactos, e aquelles, que são susceptiveis do polido o mais perfeito, e onde a côr se chega mais ao branco, são reconhecidos pelos mais proprios para este effeito. O claro da neve, o brilhante dos metaes, são provas bem certas. Faz a brancura da neve se percebão de vinte cinco, e trinta leguas altas montanhas, que se perdem de vista, logo que ella se derrete.

A mudança da direcção, que succede á luz, que passa de hum meio a outro, não he mais que hum desvio da primeira linha recta. Este desvio da luz se chama refração, que he huma deviação, ou declinação, que seus raios soffrem em certos casos, passando obliquamente de hum meio a outro: este raio apartado assim da sua primeira direcção, parece como quebrado.

Sempre que a luz encontra obliquamente alguma superficie, ou refrange, ou reflecte, segundo he attrahida, ou repellida: quando refrange, se o novo meio he mais denso, ordinariamente chega-se mais para a perpendicular; e se o he menos, se affasta mais della tambem pela maior parte. Acontece algumas vezes que entrando no novo meio, e refrangindo, não chega a fahir delle pela complicação das forças attractivas, e repulsivas.



Pela experiencia se assegura quanto a luz perde de seu recto caminho em cada meio. Por exemplo, em passando do ar para a agua, ella se avizinha hum quarto da sua distancia natural da perpendicular; em o vidro se chega perto de hum terço, ou de seis decimos setimos. Quando a luz sahe destes meios mais, ou menos densos para passar a outro de densidade igual ao primeiro, aparta-se tanto da perpendicular, quanto se chegou ao entrar, e se na entrada se affastou, em sahindo se chega outro tanto, assim perde hum quarto do seu desvio, sahindo da agua, e perto de hum terço, sahindo do vidro. Duas experiencias as mais familiares confirmarão o que se tem dito.

Mette-se hum bastão obliquamente na agua, elle parece curvo, e succede isto, porque os raios d'elle reflectidos em sahindo da agua para o ar quebrão affastando-se da perpendicular.

Tendo lançado huma moeda no fundo de hum vaso, que não seja de materia transparente, cujo rebordo seja hum pouco levantado, e affastando-se pouco a pouco, a perde de vista quem isto observa; enchendo de agua este vaso, a peça de moeda torna a apparecer com mais de huma grande polegada affastada da borda, e se descobrirá inteiramente toda: se no mesmo vaso houver em baixo huma abertura, por onde se possa tirar a agua, que se acha no vaso, a peça desaparecerá á medida que a agua corre; acontece isto, porque os raios, que partem da superficie desta peça, para responderem aos olhos em linha recta, quando o vaso já não tem agua, dão contra o rebordo do mesmo vaso, que os intercepta. Os raios quebrando a superficie da agua, quando o vaso está cheio, vemnos aos olhos, por não terem quem os embarace, mas



mas não assim quando a agua abaixa a certo ponto, e menos quando não ha nenhuma, porque então o meio he o mesmo, e não ha refracção.

Nós vemos pois acima do seu verdadeiro lugar tudo o que percebemos na agua pelos raios obliquos; isto se observa, se atirmos a hum peixe n'hum tanque, pois certamente o erraremos, se fizermos a pontaria aonde elle se nos representa, porque os raios obliquos, que se fórmão na agua, não deixão perceber a altura, e o lugar certo, em que está o dito peixe, e tambem porque a bala, com que se lhe atira, soffrendo huma refracção em sentido contrario ao da luz, se eleva necessariamente acima da direcção, ou pontaria, que se tem intenção de fazer. E isto he o que se chama refracção da luz, que he o fundamento de toda a Dióptrica.

## C A P I T U L O X I.

*Dos raios divergentes, e convergentes, e de como se pintão os objectos.*

**T** Odo o raio, que parte de hum ponto brilhante, ou resplandecente, se separa. Estes raios separados se chamão divergentes. Quando estes raios, que partem de diferentes pontos do mesmo objecto, vão juntar-se, e cruzar-se, se chamão raios convergentes. Aquelle, que cahe perpendicularmente de hum meio n'outro, não soffre alguma refracção, mas continúa segundo a mesma direcção, ainda que o meio seja de huma densidade differente; isto he: todo o raio, que fere perpendicularmente, e a prumo, entra sem se romper, ou quebrar, porque elle não tem mais razão para hir para a parte direita, que para a esquerda.

F

Se



Se a superficie do meio , em o qual entrão os raios , he convexa , como a cornea , e a lente crystallina , então suppondo-se os tres raios parallelos , succede , que o raio do meio cahe perpendicularmente sobre o meio de huma , e outra , e o atravessará sem ser apartado da primeira direcção , e não descreverá mais que huma linha recta , que sendo perpendicular ás bases das pyramides , se diz eixo visual , ou optico. Ao contrario os raios collateraes , cahindo sobre as partes lateraes , e declives , vem a ser obliquos relativamente aos perpendiculares de cada ponto correspondente , assim elles serão quebrados , chegando-se á perpendicular ; quero dizer , estes raios virão a ser convergentes. Porque sendo nas superficies esphericas perpendiculares os raios da esphera , chegar-se para as perpendiculares , he chegar-se para hum mesmo ponto ; o centro da esphera , he convergir. Ora he claro , que nem por todos os raios da luz se chegarem para o centro , se hão de nelle juntar , e na verdade o ponto , onde isto acontece , a que se chama foco , varia por muitos modos , na mesma fórma onde o centro he sempre constante. Eis-aqui agora estes principios applicados á visão.

Nós vemos , que a cornea com o humor aquoso fórma hum corpo transparente de superficie convexa , e de huma densidade maior , que a do ar. Esta parte dos olhos , por causa da sua figura , e do poder refringente , que tem , faz entrar na pupilla os raios , que não entrarião sem isso : huma parte daquelles , que cahião sobre o iris , vem a ser ou menos divergentes , ou parallelos em se refringindo , entra assim huma maior quantidade na pupilla , que faz ver o objecto mais claramente. De mais esta parte dos olhos por causa



sa da elevação, que elles tem, procura á vista huma maior extensão, porque he facil de comprehender, que se a cornea fosse plana, e ficasse toda dentro da orbita, nós não veríamos senão os objectos, que estivessem directamente postos diante dos olhos, e teríamos necessidade de voltar a cabeça a todo o instante para ver os objectos, que estão dos lados; mas sendo, como he, redonda, e elevada, ou sahida para fóra, faz ver distinctamente o que está diante dos olhos, e perceber com menos confusão as outras.

Não tendo a luz sempre o mesmo gráo de força, e sendo mais forte, ou mais fraca, segundo a natureza dos corpos, que nos cercão, era necessario attendendo a delicadeza do orgão, que o Author da natureza dispozesse as cousas de modo, que podessemos medir, segundo a força da luz, a quantidade de raios, que cumpre entrem nos olhos, e isto he o que nós fazemos sem o percebermos, apertando humas vezes a pupilla, e outras dilatando-a. Estes movimentos se fazem por meio de pequenos musculos, de que já disse-mos que o iris he composto: a saber, as fibras circulares para a apertar, e as rectas para a dilatar.

A pupilla se dilata na sombra, na agua, e se aperta em o ar; e estando exposta aos raios da luz muito viva, sem que se perceba que a vontade tenha parte em seus movimentos. Quando a pupilla se dilata, as fibras rectas do iris se encurtão, quando se aperta, as fibras circulares se inchão, donde se segue que este pequeno buraco deve apertar-se mais, ou menos, segundo a luz, que sendo mais, ou menos forte, determina huma maior, ou menor quantidade de espiritos a correr em as fibras para isto destinadas. Advertindo porém que para isto assim succeder he necessario,



que a respiração subsista , porque quando ella vem a faltar , o movimento dos espiritos animaes se reprime , e neste caso a luz vem a ser inutil , porque he evidente , que quando a respiração vem a faltar , a circulação do sangue se restringe , e o movimento dos espiritos deve cessar pouco tempo depois. Quando estes movimentos se não fazem promptamente , nós ressentimos algumas incommodidades , como se observa passando subitamente de hum lugar muito obscuro a outro muito claro , ou ao contrario : a grande claridade no primeiro caso nos offusca , ou turva os olhos ; porque a pupilla está muito dilatada : e no segundo caso estamos algum tempo sem ver os objectos , e não principiamos a distinguillos , senão quando a pupilla se abre mais.

Segue-se destas differentes mudanças da pupilla , que huma luz deve parecer muito maior de noite , que no claro dia , assim como o Sol deve apparecer , quando nasce maior em diametro , que em o alto dia ; hum corpo qualquer ao longe nos deve parecer maior em todo o sentido de manhã , e á noite , que ao meio dia : e durante a nevoa os objectos devem parecer muito maiores , porque á proporção que a luz he mais , ou menos forte , a pupilla se aperta , ou se alarga : quando se aperta a imagem dos objectos , não póde ser de tanta extensão , como quando seu diametro he maior ; bem entendido , que apenas ella se aperta , os objectos se pintão sobre o orgão pelos raios mais vizinhos , e logo que ella se dilata , elles se achão ao contrario mais abertos : quero dizer , que no aperto da pupilla apparecem debaixo d'angulos mais agudos , e quando se dilata apparecem debaixo d'angulos mais abertos.



Os raios da luz achando hum corpo diaphano tal como o cryftallino, devem convergir, e ultimamente unir-se n'algum ponto. Este ponto de reunião se chama o foco da lente, e sahindo do cryftallino para passar em o humor vitreo, que he hum meio menos denso, elles se devem quebrar, apartando-se das perpendiculares, e assim os raios continuando a chegar-se, se tornão a ajuntar para o eixo dos olhos, ao fundo dos quaes vão levar suas impressões. Estas impressões se fazem ás avessas do objecto, isto he, os raios, que vão á direita, se pintão á esquerda, e aquelles, que vem da parte esquerda, se pintão á direita. E só o raio recto segue regularmente o eixo visual, e não se quebra, porque he perpendicular á cornea, e a todo o globo, do que se póde qualquer certificar pelas duas experiencias seguintes.

Se se fecha a porta, e todas as janellas de hum casa, de modo que a luz não possa entrar senão por hum pequeno buraco redondo, feito em hum dos postigos das janellas, e de frente deste buraco em hum distancia proporcionada, se põem hum bocado de papel branco, ou papelão, nelle se verão pintados todos os objectos de fóra com as mais vivas cores, ainda que ás avessas; por exemplo, se he homem com a cabeça para baixo, e se he arvore com as raizes para cima. Quando se querem fazer estas imagens mais vivas, se põem no buraco da janella hum lente, que ajuntando os raios, faz hum imagem mais pequena, e mais perfeita. Esta pintura será muito maior, e menos confusa, quando a pessoa, que a observa, se chegar mais ao buraco, e muito mais pequena, e confusa, quando se affastar.

Para nos convenceremos mais desta transformação, se



se pega em hum olho de boi, delle se tira a sclerotica, e a choroide, de forte que o humor vitreo não seja coberto mais que da retina; põem-se defronte deste olho duas velas accesas, e a pintura, que se observa na retina, he contraria de cima para baixo, e vê-se mais, que a vela da parte direita cahe sobre a parte esquerda do fundo do olho; se estas duas velas são desiguaes, se vê a superior na parte mais alta do mesmo fundo; o que será facil de verificar, removendo successivamente cada vela para as reconhecer. Admira o ver os objectos direitos, ainda que se saiba que elles se representam sempre de cima para baixo em nossos olhos, e he porque se confunde a impressão, que se faz sobre o órgão com o juizo da alma, que a acompanha. Observar, e ver, são duas cousas differentes: distinguindo-se huma da outra, se póde dar razão deste phenomeno.

Olhar para hum objecto, he virar-se para elle, a fim de receber a imagem no fundo do olho, mas ainda que esta imagem se trace com as cores mais vivas, nós não vemos que este objecto represente o que está fóra de nós, sem que a impressão feita sobre o órgão excite em nós a idéa da sua presença, e venhamos assim a julgar da sua grandeza, situação, distancia, côr, movimentos &c. o que prova bem, que a visão não consiste nesta só pintura do objecto; pois que ella se faz igualmente nos olhos de hum morto, como prova a experiencia acima referida; e de mais nós não temos hum instante os olhos abertos em o claro dia, que a luz não pinte huma infinidade de objectos, que com tudo não vemos; porque a alma occupada de outras cousas não dá attenção a tudo o que se passa sobre o órgão da vista, e do mesmo modo succede a respeito dos outros sentidos.



O pequeno quadro, que no fundo do olho se pinta, he hum ajuntamento de pontos cada hum dos quaes he formado por hum pincel de raios, que vem em linha recta do objecto. Reduzindo estes pinceis a raios simples; nós vemos, por exemplo, obſervando huma frecha, além do raio do meio: os das duas extremidades da frecha, que entrando em os olhos ſe cruzão paſſando ſobre o raio do meio, e a frecha he representada no fundo do olho em huma ordem oppoſta áquella, que tinha antes do cruzamento; iſto he, que o raio, que eſtá á direita, he representado á eſquerda; e o que eſtá á eſquerda, ſe representa á direita.

Nós julgamos naturalmente que o objecto da viſão eſtá no fim, ou vertice das pyramides de luz, que no-lo fazem ſentir. Se iſto não he ſempre verdadeiro quanto á eſtimação da diſtancia, he como huma couſa incontestavel, e infallivel relativamente á direcção. E referindo aſſim cada ponto do objecto ao fim do raio, que faz a impreſſão, ſe vê o fim da frecha em cima, e a outra extremidade em baixo, ou o que he o meſmo vê-ſe a frecha direita, ainda que ſe represente voltada de cima para baixo em noſſos olhos; iſto não he obſervação nova, he huma conſeſquencia neceſſaria, de que nós percebemos eſta frecha pelos raios cruzados, e que ſeguimos a inclinação natural, que he referir cada ponto do objecto á extremidade do raio, que o faz viſivel. Chamo-lhe inclinação natural, porque eſte he o nome, que ſe coſtuma dar ás faculdades adquiridas logo nos primeiros tempos da noſſa vida: e tal he com effeito eſta, de que tratámos, que, como todas as outras, ſe não deve julgar innata, porque hoje a temos, nem nos lembrámos de já mais ter della carecido. O tacto, que he o meſtre de todos os ſentidos, he quem



quem dá á vista a faculdade de adquirir-nos todas as idéas, que por ella recebemos, á excepção das de côres. Assim por elle he que nós somos instruidos da verdadeira situação dos corpos. Porque imaginamo-nos destituídos de todos os sentidos, menos do da vista, e que a ella se nos offerece hum objecto. Temos visto, que elle se pintará ás avessas, e assim será visto. Recuperado porém o tacto, nós reconheceríamos, que o objecto se acha em situação inverfa da da sua imagem. E isto he o que na verdade nos acontece na nossa infancia.

Nós vemos os objectos maiores, quando os angulos visuaes, ou opticos, que lhe servem de medida, são mais abertos; porque então estas mesmas dimensões; isto he; sua grandeza, comprimento, e largura, são levados ao fundo dos olhos debaixo de angulos semelhantes, e a imagem, que ahi resulta, occupa hum maior espaço.

Estes angulos vem a ser mais agudos, á medida que o objecto se aparta dos olhos; isto he, que o objecto sendo representado nos olhos huma vez mais pequeno, deve parecer menor. Pois quanto mais o objecto, donde partem os raios, está perto dos olhos, mais o angulo formado por este cruzamento he consideravel. Por exemplo: se observarmos duas pequenas estatuas do mesmo tamanho, huma na distancia de hum pé, e outra na de seis, a estatua posta na distancia de hum pé parecerá quasi seis vezes maior, que a estatua posta na de seis, porque a abertura do angulo visual da primeira estatua, ou a altura de sua imagem, he quasi seis vezes maior, que a abertura do angulo visual da segunda estatua. Quando a imagem he diminuida a hum certo ponto, nós perdemos inteiramente de vista o objecto, ou o vemos confusamente, porque então  
suas



suas differentes partes não se pintão bastantemente separadas humas das outras.

A differença, que ha entre os angulos, que formão os raios dos corpos distantes, e os que fazem os dos corpos vizinhos, dá a razão de muitos phenomenos. Primeiramente corpos muito apartados dos olhos devem parecer hum perto do outro, ainda que haja hum grande espaço entre elles, porque este espaço he representado em os olhos por hum angulo insensível. Segundo, o movimento dos corpos distantes não se deve fazer perceber; porque o espaço, que elles correm sendo representado por hum angulo insensível, não póde ser de nós percebido. Terceiro, duas alas muito longas formadas de quaesquer corpos nos devem parecer mais chegadas na extremidade, que he mais apartada de nós, porque esta extremidade he representada nos olhos por hum angulo muito pequeno: pela mesma razão postos no principio d'huma sala muito comprida deve-nos parecer mais baixo o tecto no fim della: dois edificios, que estão hum junto do outro, parecerão mais chegados em cima, do que em baixo.

## CAPITULO XII.

### *Do orgão immediato da vista.*

**T**Em sido grande a controvérsia entre os Physicos, e Anatomicos sobre o orgão immediato da vista. Entende-se geralmente por este nome aquelle aggregado de nervos, cuja acção produz na alma o que chamamos visão. Dois são os sentimentos, que entre si tem dividido os mais celebres Philosophos. Descartes com o maior numero seguíráo que era a retina: Mariotte



te com os outros defenderão que a choroide. Exporei os argumentos principaes de hums, e outros, para que cada hum siga o que melhor lhe parecer dos dois partidos, que qualquer delles póde leguir-se sem nota de ignorancia, ou menos sciencia.

He experiencia de nós já referida, que tirando na parte posterior a hum olho de boi todas suas tunicas, menos a retina, e ajustando a pupilla a hum buraco feito na janella de huma casa ás escuras, se vem pintados naquella membrana os objectos, que passam por diante. Daqui se tira que o mesmo he em vida, e por tanto, que ella he o orgão immediato da vista. Respondem os contrarios que tal não acontece, pois em vida he a retina perfeitamente diafana, e só depois da morte se observa com semelhança de papel untado de azeite. He singular, e digna de se repetir, e notar a observação de Mr. de Sante-Ives, que afirma, que tirada a retina, e a choroide, o foco dos raios de luz se fazem em certa distancia do lugar da retina pouco mais ou menos, onde se acha a choroide. A ser isto verdade, pode-se dizer que a imagem sim se pinta nesta experiencia sobre a retina, mas menos vivamente do que em vida (quando ella he transparente) hum pouco mais avante sobre a choroide. Destruído este argumento, recorrem a outro, e he, que a retina he constante, e a mesma em todos os animaes, mas não assim a choroide. Responde-se a isto, que esta anatomia comparada não he bem contestada, e que além disso tambem a vista não he a mesma em todos os animaes. Acrescentão que sendo a retina expansão da medulla do nervo optico, o qual he o orgão da sensação, tambem ella o hade ser da vista. A esta razão se oppõem os contrarios, que a medulla do nervo optico he huma



expansão do cerebro, cuja substancia se prova ser insensível, pois que atravessando-o com o escalpelo, não dá sensação, ainda segundo as experiencias dos mesmos contrarios. E que elle não he o órgão da sensação, se vê de que muitos animaes a que (entre outros) MMr. Wood-Ward, e Chiral tirarão o cerebro, conservarão a sensibilidade. Na balêa o cerebro, cerebello, e medulla oblonga são hum licor transparente, como tambem o he o que se acha fazendo as vezes de medulla nos nervos da ciba. Ora, dizem elles, este fluido não he certamente muito proprio para ser órgão da sensação; e por tanto nem o he a medulla dos nervos, ou o cerebro.

Isto o que em favor da retina se costuma allegar, e o que se lhe responde, mas não contentes com isto os que defendem a choroide, observão, que a retina he huma pouca de baba, ou substancia apenas gelatinosa, e por tanto incapaz de ser órgão da sensação. Accresce a isto ser ella hum corpo transparente, e que deixa passar todos, ou quasi todos os raios da luz, ao mesmo tempo que a choroide he huma substancia solida, elastica, opaca, e negra: nella nenhuma luz se perde, nenhuma lhe sobeja, parece ter sido creada para receber a acção da luz, como para sobre ella a produzir, não de outro modo que hum órgão he feito para perceber certos objectos, e estes para delles serem percebidos, sendo cada qual dotado das qualidades, que possão obrar mutuamente hum sobre o outro.

Mr. Mariotte observou (e depois d'elle muitos outros Physicos) que todo o objecto, cuja imagem cahia sobre o lugar da inserção do nervo optico, no fundo do olho, não he visto, e com tudo alli ha retina, mas não choroide: logo se onde falta a choroide, ainda que haja retina, não ha sensibilidade visual, a choroide, e não



a retina he o órgão destas sensações. Diz-se a isto, que a razão de a retina não ser sensível naquelle lugar he, porque nella se acha hum tronco de vasos sanguineos, cujas ramificações se extendem por ella toda. Mas esta resposta, que não estabelece os direitos da retina, como nem destroe os da choroide, não ha sido bem contestada.

He certo que a pupilla se contrahe em consequencia da muita luz, que obra sobre o órgão da vista, seja este qual for, e dilate-se em consequencia da acção de pouca luz sobre o mesmo órgão. Donde se tira por huma legitima conclusão, que entre o órgão da vista, e a pupilla ha huma comunicação de nervos, e por tanto se quizermos averiguar qual he o órgão da vista, não temos mais que observar qual parte do olho tem com a pupilla comunicação nervosa. Todos os Anatomicos a huma voz, sem exceptuar os mais acerrimos partidistas da retina, confessão que não esta, mas sim a choroide tem aquella comunicação, e tal que muitos tempos forão olhadas como huma só membrana, as que hoje são reconhecidas por tres distinctas: a choroide, o iris, e os processos ciliares. Do que tudo parece concluir-se invencivelmente, que a choroide, e não a retina, he o órgão immediato da sensação.

Mas sendo assim, que qualquer dos dous partidos se val de algumas razões fundadas em observações, que não são exemptas de toda a duvida, já por miudas, e difficeis, já por poucas vezes feitas, diremos, que só he digno de censura aquelle, que sem tomar o pezo ás razões, que fazem por huma, e outra parte, não vê nos que são de sentimento contrario, ao seu senão ignorancia, e falta de bom senso.

Nós somos obrigados a confessar, que o partido da cho-



choroide nos parece o mais provavel , já porque tem hum maior numero de provas directas , já porque as razões , que em seu favor se allegão , não são de huma tão difficultosa indagação ; e por tanto são melhor contestadas. Mas nem por isso censuramos de ignorancia , ou menos bom senso , aquelles , que o contrario sentirem , porque nos casos opinativos não he extranho dividirem-se os pareceres , e seguir cada hum o que achar mais provavel , e conforme.

### C A P I T U L O XIII.

#### *Da natureza das côres.*

**A**S côres são , ou modificações , ou partes da luz. São modificações da luz , segundo os Cartesianos , que crem , que as diversas côres dependem do modo , com que a luz he reflectida pela substancia dos corpos. São as partes da luz , segundo os Newtonianos , que pensão que a luz , ou o branco , he hum composto de sete fortes de raios , vermelho , alaranjado , amarello , verde , azul , gredeli , e roxo , e que estes raios , ou globulos , principios das sete cores primitivas , são inalteraveis , e residem verdadeiramente na luz. Que ellas nascem da luz se póde assegurar , fazendo passar estes raios a través de hum prisma. Se depois de ter olhado fixo contra o Sol , se fechão os olhos , ou se entra em hum lugar obscuro , restão as impressões do vermelho , amarello , verde , azul , &c. o que não póde ter outra causa mais que os raios solares , que tem feito impressão sobre o orgão. Nós vemos a luz do Sol introduzida por hum muito pequeno buraco em hum lugar muito sombrio , ou reverberada por hum corpo polido , formar hum



hum ponto muito luminoso: observão-se pequenos flettes de todas as côres: vem-se ainda as mesmas coufas em outros muitos casos, por pouco que se dê attenção: e assim cada côr he inseparavelmente propria de cada huma destas especies de raios: chama-se hum corpo vermelho, quando elle reflecte os raios, ou os globulos vermelhos, e absorve, ou extingue os outros; chama-se azul, quando reflecte só os raios azues, ou os azues em maior numero, que todos os outros, o mesmo se diz das outras côres; em fim o corpo parece branco, quando reflectem todas as sete especies de raios.

Cumpre porém advertir que não só he verde o corpo, que absorve todos os raios, á excepção dos verdes, mas tambem por exemplo, o que reflecte todos, menos os vermelhos, e assim d'outras côres.

Se ao contrario o corpo absorve, e extingue todos os raios, he chamado negro; se deixa passar livremente a maior parte dos raios, he chamado transparente; se só deixa passar alguns, e apaga os outros, se chama corpo opaco.

Hum raio se extingue em hum corpo, quando o penetra, e se quebra em muitos sentidos differentes até que perde em fim seu movimento.

Provém a diafanidade dos corpos da igual destribuição de suas forças elementares, pela qual a luz segue sem alteração seu caminho, sem padecer continuas refrações, e reflexões. Assim esta propriedade não vem só dos poros do corpo se acharem dispostos em linha recta, porque he verdade, que se os poros se não achassem nesta disposição, a luz não passaria, e seria o corpo opaco, mas tambem he certo que não basta ter poros nem o tellos em linha recta para ser diafano. Isto se entende facilmente, se concebermos hum corpo, cujos poros

es-



estejão dispostos do melhor modo, que se possa desejar, mas que tenha huma forte repulsão para a luz, que sobre elle cahe, esta ainda antes de o tocar retrogradará no mesmo plano, ou reflectirá, fazendo o angulo de reflexão igual ao da incidencia, e por tanto nenhuma luz passará a través do corpo; por conseguinte será opaco. (a)

## CAPITULO XIV.

*Como se vê hum objecto simples sendo que sua imagem faz impressão nos dois olhos, e porque se vê algumas vezes dobrado.*

**Q**Uando olhamos hum objecto, cada hum de nossos olhos recebe huma imagem deste objecto. Ha duas imagens, que fazem de huma vez impressão sobre a nossa alma, e com tudo nós não vemos mais que hum objecto. Se acontece que a alma deixe hum dos olhos como em esquecimento desta acção, de fórma que ella se não sirva mais que de hum, ou só dê attenção a huma das duas imagens, a difficuldade será logo tirada. He verdade que isto, que faz a alma, communmente he o modo de ver mais ordinario; dizem alguns philosophos: nós não consideramos attentamente hum objecto mais que do olho, que está de sua parte, ou que está mais proximo a elle, e o outro olho está em huma especie de repouso, até que cansado o primeiro entre elle em seu lugar: O que tem feito crer a muita gente, que ha hum olho mais forte, ou mais vigilante que outro,

---

(a) Veja-se a fim de se esta explicação entender como a de outras propriedades, e phenomenos da luz, de que temos fallado, a carta de Hylario, a Euphyandro Tomo I, dos Opusculos de Phisica, e de Chimica, e ahi mesmo a Theoria da combustão.



tro, e que se carrega constantemente da maior parte da obra. (a)

Ainda que esta especie de visão torta fosse, como elles pertendem, ordinaria, não he universal, como elles mesmos o crem, e por conseguinte não póde dar a solução do phenomeno, de que se trata.

Primeiro, a experiencia confirma ordinariamente, que se vem os objectos com os dois olhos ao mesmo tempo: segundo, que se vê melhor com dois olhos, que com hum só: terceiro, que servindo-se dos dois olhos, se fatiga menos a vista, se julga mais promptamente, e se fitão os olhos mais constantemente n'hum mesmo objecto: quarto, que se vê melhor quando se olha com attenção, e com huma especie de esforço: quinto, que se acontece algumas vezes não se ver o objecto, mais que de hum só olho, porque a attenção he excitada em este olho antes que em o outro, he porque o objecto está da parte deste olho, e he ferido primeiro, ou porque nós temos adquirido hum habito particular de fazer uso deste olho, antes que do outro. Do que tudo se vê, que falsamente se affirma ser necessario olhar como por demais para ver os objectos duplicados, porque huma grande applicação faz que se não veja mais que de hum olho, ou que se não dê attenção mais que á imagem pintada n'hum dos olhos; se tal succede he raramente. Eis-aqui huma solução geral.

Quando nós olhamos para hum objecto com os dois olhos, estes orgãos se voltão para o mesmo objecto, de  
mo-

---

(a) Diz-se que o olho esquerdo seja mais forte. Esta observação não he geral. Ha olhos perfeitamente iguaes, e tambem pelo contrario ás vezes o direito he mais vigoroso. A ser a observação de Botelli (que he a primeira) constante verdade, poder-se-hia suppôr, que o nervo optico esquerdo tem mais, e melhor disposto fluido nervoso.



modo que elle vem collocar-se á extremidade da linha central de cada olho , e o centro de cada imagem se pinta sobre a choroide de cada olho no ponto , que responde ao eixo optico. Assim todas as vezes que as duas imagens cahirem sobre os pontos da choroide , que respondem ao eixo de cada olho , estas imagens se confundirão em huma só imagem : mas quando as duas imagens cahirem fóra destes pontos , não se confundirão , ver-se-hão todas , e o objecto parecerá dobrado.

Esta he a razão , porque os que estão tomados do vinho vêm os objectos dobrados , porque seus olhos se achão como paralyticos , assim como suas pernas , que se fazem como fixas , e immoveis. Elles não dirigem exactamente os eixos visuaes para os objectos , e assim as imagens destes objectos cahem fóra do pólo visual , e produzem por consequencia a visão dobrada.

Dobra-se tambem hum objecto , quando se olha com os dois olhos , comprimindo hum olho com o dedo em qualquer parte do seu globo. A imagem muda do pólo visual , onde estava , vê-se esta separadamente , e parece ao mesmo tempo , que este segundo objecto muda de sitio , e se affasta do primeiro , porque comprimindo o olho de lado , se faz que os raios , que vão a elle , caião obliquamente sobre o mesmo olho , e se quebrem mais atravessando-o. Ora a alma refere sempre a impressão das imagens em linha recta á extremidade do eixo , que toca o orgão , ou o fundo do olho.

A alma refere sempre a impressão das imagens a hum objecto situado em linha recta , porque ella não vê o objecto no lugar , onde elle está. Ella o vê em o mesmo olho , porque nada tem com o objecto , mas só com a imagem , pois de qualquer ponto que a imagem venha , logo que tem atravessado a cornea , e o humor aquo-



fo, e cryftallino, fe quebra por ultimo em o humor vitreo, onde descreve huma linha recta até ao fundo do olho, e affim a alma vê o objecto, como se estivesse sobre o mesmo olho, segundo o eixo visual prolongado quanto for preciso.

Temos dito que hum objecto visto dos dois olhos parece simples, quando as imagens cahem directamente sobre os pontos do eixo optico, que se correspondem em cada olho, e que elle parece dobrado, quando a imagem cahe fóra destes pontos, ou sobre as partes, que não são pontos analogos, ou correspondentes.

Crê-se que o eixo optico he o centro do nervo optico: diz-se que estes dois nervos se cruzão, e que affim a impressão, que cahe sobre elles, sendo levada ao longo de seus filetes, se encontrão em hum só ponto no cruzamento dos ditos filetes, e que ahi se confundem em huma só impressão. Mas nós vimos no capitulo passado, que o centro do nervo optico he inepto para tal função; além disso o cruzamento, de que aqui se falla, he imaginario.

Alguns modernos, que percebêrão estas difficuldades, fixarão o eixo optico sobre o ponto da choroide, ou da pia-mater, que está sobre o bordo interno da inserção do nervo optico, e dizem que estas partes da pia-mater se reúnem diante do concurso destes dois nervos, justamente onde responde o eixo commum, e que as duas impressões se confundem em huma só. He hum facto provado pela anatomia a mais exacta do olho, e pela experiencia de Mr. Mariotte, que o eixo do globo do olho, ou o eixo visual, cahe na porção da choroide, que fica depois do nervo optico para a parte do angulo externo. O pólo optico não he hum ponto, he todo o fundo do olho, que tem o eixo optico por centro,



tro, pois toda a imagem, a cujo centro responde este pólo, faz ver á alma hum objecto unico, ainda que a imagem esteja em cada olho, pela mesma razão que se ouve por dois ouvidos hum som unico, ainda que haja dobrada impressão. Isto não he que as sensações se confundão pela reunião das acções do movimento. Esta confusão he huma chimera nos dois ouvidos, cujos nervos, e órgãos são muito distinctos; a mesma alma he que faz esta reunião por hum juizo, que lhe vêm do habito particular, e da experiencia: ella sabe, que hum objecto unico he aquelle, que occupa hum só, e unico lugar, proporcionado á sua circumferencia, e que hum objecto dobrado he aquelle, que occupa hum dobrado espaço, ou que está em dois lugares distinctos. Assim quando lhe vem huma imagem em cada olho, que ambos se referem em linha recta ao mesmo ponto, ao mesmo lugar, e que são precisamente os mesmos em sua posição, e em sua fórma, por isso que o objecto está em o eixo commum aos dois olhos, e que occupa o mesmo sitio o mesmo pólo optico, e caher sobre as mesmas partes em cada olho; conclue, que he huma sensação vinda do mesmo lugar, e esta dobrada imagem he de hum objecto unico; ella não sente, não vê mais que hum objecto.

Se se tira o olho fóra do eixo commum, a direcção da imagem se muda; e o objecto parece dobrado. Porque sendo cada imagem referida a dois lugares differentes, a alma julga o objecto dobrado.

De tudo o que concluo, que o pólo optico he a região do fundo de cada olho, que he sympathica com sua companheira, o seu centro he chamado eixo optico, ordinariamente o eixo do mesmo globo se dirige, e se reúne ao eixo commum, quando os dois olhos



olhão realmente ambos para hum objecto; todas as vezes que esta reunião se faz, a imagem do objecto, ainda que dobrada, huma em cada olho não faz ver mais que hum objecto, porque as duas imagens são referidas pela alma a hum só, e mesmo lugar; e fóra deste eixo commum, o objecto parece dobrado, porque cada eixo do olho, e por consequencia cada imagem será referida a hum lugar distincto do outro, e assim a imagem do mesmo objecto responde a dois lugares diferentes.

## CAPITULO XV.

*Como se vêm os objectos distinctamente.*

**H**E distincta huma imagem, quando todos os pontos do cone luminoso, que a fórmão, se unem na mesma proporção, que elles tem sobre o proprio objecto, sem que se ajuntem, ou apartem mais, quando com elles se não misturão raios vindos de outros objectos; e quando a luz nem he excessivamente forte, nem demasiadamente fraca: quero dizer, que huma imagem he distincta, quando todos os pontos da luz, e os intervallos das sombras, que a fórmão, são postos huns depois dos outros, como elles o são sobre o mesmo original, de forte que se não ajuntem muitos destes pontos, ou intervallos de sombras a huma parte, nem tenham entre si intervallos, que não ha no original, e quando em fim sua impressão não he disproporcionada á sensibilidade do orgão, porque hum ou outro destes defeitos fazem a imagem confusa.

Para ter huma clara idéa desta justa reunião dos pinceis da luz n'hum certo ponto, he necessario lembrar-se, que cada corpo espalha ao redor de si a luz,  
que



que o vem ferir , desta forte cada pincel de luz , que toca hum ponto do corpo , saltando se alarga sempre de maneira , que este ponto do corpo faz o cume , ou vertice da pyramide , que fórma o pincel reflectido.

Os pontos , em que se pinta a imagem do objecto quando vizinho , não são os mesmos , que quando mais distante. Os raios reflectidos por hum objecto vizinho chegam ao olho mais divergentes , e mais apartados , suas pyramides formão hum angulo mais aberto : elles se devem reunir mais longe além do foco do crystallino ; de modo que se o objecto está muito perto , os raios não se reunirão , e cahirão parallellos no fundo do olho ; esta he a razão , por que se não vê hum objecto muito vizinho da pupilla , ou se vê confusamente. Os raios , que vem de hum objecto apartado , são quasi parallellos , quando chegam ao olho. Ora taes raios pelas leis de refração devem reunir seus pinceis no foco , ou muito junto do foco natural do olho , e por consequencia muito antes que os dos objectos vizinhos.

Accrescentemos , que os raios reflectidos por hum objecto vizinho são lançados de mais perto ; e assim tem tanta mais força , quanto mais vizinho está o objecto , donde são lançados , ou reflectidos , e resistem tanto mais á refração. Os pinceis luminosos se reúnem mais longe.

Ao contrario os raios reflectidos por hum objecto apartado são enfraquecidos , e em o longo caminho , que passam , sua força se perde , se extingue pouco a pouco , como succede a todo o movimento communicado : estes raios cedem mais facilmente ao poder da refração , pois os pinceis dos objectos apartados são mais refrangíveis. Elles devem reunir-se antes , ou mais perto do crystallino , que os pinceis reflectidos dos objectos vizinhos.

Se



Se esta divergencia diminue á medida, que se augmenta a distancia entre o objecto, e o olho; como póde fer ver-se hum mesmo objecto com igual distincção em differentes distancias?

Os Physicos tem dado differentes razões. Huns pretendem, que o globo do olho pela acção dos musculos exteriores de necessidade muda de figura, que se alonga para ver distinctamente os objectos, que estão muito perto d'elle, e que ao contrario se encurta para aquelles, que estão muito apartados. Se as causas são taes, não he necessario procurar outras razões.

Mas considerando de huma parte os limites da visão distincta, e os differentes grãos de divergencia, que elles permitem aos raios incidentes, e de outra os effeitos, que podem causar na luz os humores do olho em virtude de seus poderes refractivos, se acha que não he verosimil, nem ainda possivel, que o globo se alongue, e se encurte tanto, como he necessario supôr, para satisfazer inteiramente a questão, pois que seria preciso para isto que o eixo do olho viesse a fer hum decimo mais longo, que no estado natural. Outros pensão que o crySTALLINO se póde adiantar, ou recolher, pela acção dos ligamentos ciliares. Esta razão seria bastante, se os movimentos, que se suppõem ao crySTALLINO, podessem fazer variar a distancia, que ha entre elle, e o fundo do olho tanto, como pede a differença das em que os objectos se vêm distinctamente. Mas he ainda menos possivel, que isto succeda pelo jogo, que se suppõem ao crySTALLINO, do que pelo prolongado, e recolhido, ou encurtado do globo do olho.

M. Jurin julgou achar a verdadeira causa, suppondo, que a cornea he flexivel, e elastica, capaz por

con-



consequencia de vir a ser mais convexa, se he tirada para traz por sua circumferencia, e de cobrar seu primeiro estado, depois que cessar a acção, que a faz apertar. Elle observou depois, que a uvea he huma membrana musculosa, capaz de se apertar, e que toma sua origem em huma protuberancia circular, que reina ao longo do interior da cornea no lugar, onde ella se ajunta á sclerotica, que o crystallino he clausurado em huma capsula membranosa, e nadando n'huma pouca de agua, que a parte posterior desta capsula he adherente á membrana desligada, que contém o humor vi-treo, e que os ligamentos ciliares, que são huns pequenos musculos, tem huma parte no bordo desta capsula, e a outra no lugar, onde a cornea se ajunta á sclerotica.

Ajudado destas observações M. Jurin, discorre assim: Quando o olho está perfeitamente em descanso, e não faz algum esforço, está em estado de ver distinctamente os pequenos objectos n'huma certa distancia, que he pelo commum dos homens, de quinze a dezeseis pollegadas. Quando nós olhamos para estes objectos de mais perto, crê-se que o grande annel musculoso da uvea se aperta; isto he, que faz a cornea mais convexa, e por tanto será a refracção dos raios maior: este effeito compensa a grande divergencia, que vem da proximidade do objecto. Se olhamos a huma distancia maior, que de quinze, ou dezeseis pollegadas, os ligamentos ciliares contrahindo-se mudão os bordos da capsula, e fazem remontar para elles a agua, que se acha entre esta cobertura, e o corpo do crystallino, que por isso vem a ser menos grosso no meio. Sua convexidade assim diminuida compensa o gráo de divergencia, que falta aos raios, que vem de muito longe.

Ain-



Ainda que esta explicação não seja exacta em todos os seus pontos, com tudo aquelles, que pensão que acontece huma variação de figura em o globo do olho, ao menos para as especies de animaes, que tem este órgão inteiramente flexivel, poderão fazer uão desta engenhosa explicação.

Resta dizer alguns phenomenos da visão: hum carvão redondo accezo nos faz ver hum circulo de fogo, ou quando com huma corda de viola fina se faz ver huma largá, ou muitas ao lado humas das outras.

Estes phenomenos dependem da duração da sensação, que hum objecto excita em os nervos, e da promptidão, com que a sua acção se repete. Porque se a acção de hum objecto sobre hum mamelão nervoso se repetir; antes que sua impressão seja extincta, as impressões serão continuadas, como se o objecto não tivesse cessado de agitar-se. Isto he o que succede no circulo do fogo, que produz hum carvão ardente passando muitas vezes, e rapidamente sobre os mesmos vestigios: suas acções sobre os mamelões nervosos da choroide succedem tão rapidamente, que as impressões, que ali excitão, são contínuas, assim havendo em o olho hum circulo contínuo de impressão de fogo, se vê necessariamente hum circulo do mesmo fogo: assim como as vaquetas de hum tambor, que fazem succeder rapidamente as pancadas neste instrumento humas a outras, fazem o som rápido, e interpolado, que se chama rufo.

A corda de viola alargando-se pela multiplicidade das vibrações, se explica pelo mesmo principio. Hum corpo luminoso, que corre rapidamente hum espaço do Ceo, faz tambem ver huma luz contínua, porque a linha de impressão viva, que ella produz no olho, se  
faz



faz tão promptamente, que todos os pontos da dita linha de impressão subsistem juntos hum certo tempo, por consequencia se tem em o olho huma linha inteira de impressão de luz, e se deve ver huma luz continua, taes são os meteoros, que o vulgo chama estrelas, que cahem.

Succede muitas vezes, que em se esfregando os olhos com algum excesso, ou se se recebe huma pancada, se crê ver raios de luz, ou grossas faíscas de fogo, ainda durante a noite. Não se pódem attribuir estas apparencias senão ao movimento do órgão, ou elle seja feito immediatamente pelo toque do corpo estranho, que o roça, ou toca exteriormente, ou seja que a commoção exterior se communique, e anime a materia da luz, que reside em as menores partes do órgão, e que por este meio as fibras nervosas sejam postas em movimento, como o ferião pela acção de huma luz, que vem de fóra.

Porque causa os objectos são mais pequenos em os dias muito frios, e muito claros, e porque os vemos nós maiores, ou menores, segundo a temperatura do ar, ou segundo a maior, ou menor fraqueza da nossa faude.

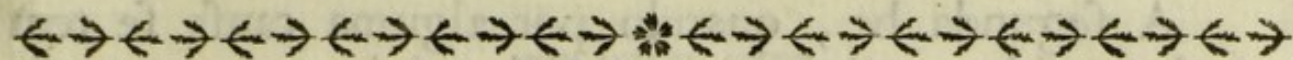
A diminuição da grandeza dos objectos, quando cahe muito gelo, ou neve, he huma consequencia necessaria da natureza dos olhos, e do que temos dito precedentemente.

As imagens pintadas em o olho são tanto mais pequenas, quanto mais pequeno he o diametro do olho, e quanto os humores são mais convexos, se acontecem em certos tempos variações aos olhos, nós veremos os objectos mais pequenos, que antes, isto he o que succede aos olhos, que são atacados do frio, do



gelo, e do brilhante da neve, hum, e outro fazendo huma forte impressão sobre estes órgãos, excitão huma forte contracção, assim como o mesmo gelo forte he capaz de a fazer sobre os metaes mais duros: os olhos assim atacados diminuem em todo o sentido, e sobre tudo segundo seu equador, ou segundo o circular do globo, que acontece pela contracção do iris, e da coroa ciliar; os mesmos humores todos participão desta forte contracção, e neste caso os olhos são menos grossos, e mais convexos, elles recebem hum angulo visual mais pequeno, e huma imagem menor. Conformente ao principio estabelecido, que a figura dos olhos contribue á grandeza das imagens, nós devemos ver os objectos maiores, ou menores, segundo a temperatura do ar, ou segundo que a nossa faude der mais, ou menos elasticidade a nossas fibras, e mais, ou menos volume a nossos humores, e assim em hum tempo quente, humido, coberto, ou ennevoado, em huma faude fraca, e languida, em certas plethoras, estando os olhos então mais relaxados, ou mais dilatados, nós vemos os objectos mais volumosos, e em hum tempo frio, secco, e sereno, e em huma boa disposição dos órgãos, vemos os objectos mais pequenos, porque todas estas causas dão a nossas fibras, e a nossos olhos mais elasticidade, mais contracção, e aos humores menos volume. Donde se póde concluir, que hum objecto muito esclarecido parecerá mais pequeno; e hum objecto pouco esclarecido parecerá maior. A razão he evidente, a luz viva põem em contracção todo o globo do olho, e a fraca o deixa relaxado, e dilatado.





# TRATADO

DAS

## MOLESTIAS DOS OLHOS.

**A**S enfermidades dos olhos se dividem em commuas, e proprias. São commuas aquellas, que apparecendo nos olhos, se podem encontrar do mesmo modo em qualquer parte do nosso corpo; e proprias aquellas, que só se manifestão nelles, e tão particularmente caracterizadas, que absolutamente se differença de outra qualquer enfermidade do nosso corpo. Também se dividem em externas, e internas. Dizem-se externas aquellas enfermidades, que externamente apparecem nas palpebras, e no globo do olho, e internas as que se fórmão no interior destas duas partes, que todas se nomearão pelos seus nomes, e se lhes descreverão os seus curativos.

### *ENFERMIDADES DAS SOBRANCELHAS, PESTANAS, E SUAS ESPECIES.*

As sobrançellas, e pestanas padecem huma enfermidade chamada madarozis, milphozis, ou calvice.

A deformidade da parte, e a grande sensibilidade, com que fica a mais ligeira impressão da luz, são os máos effeitos desta enfermidade. Ha tres especies de madarozis.

A primeira he espontanea, que he symptoma de lepra, e morbo celtico inveterado. Esta se julga incuravel, por haver o acre da materia destruido as capsulas, e as raizes dos cabellos.



A segunda he, quando por alguma causa se tem rapado as sobrancelhas, que passados dois annos, tornão a crescer.

A terceira he por haverem arrancado os cabellos das pestanas por causa de alguma enfermidade, que tornão a nascer mais grossos, e rijos, finda a enfermidade.

### *PETHIRIASIS.*

As sobrancelhas, membrana, e pestanas dos olhos padecem outra enfermidade chamada Pethiriasis, que não he outra cousa mais que a multidão de piolhos, que nellas se crião. Cura-se untando as pestanas affectas com unguento mercurial simples, ou oleo de espica.

### *FERIDAS DAS SOBRANCELHAS.*

Estas feridas algumas vezes causão symptomas graves.

Ha duas especies. A primeira he chamada ferida simples, que he quando só se offendem os tegumentos: se a palpebra superior fica mais dilatada depois da cura da ferida, causa blepharoptosis; e se mais pequena por ficar a cicatriz muito comprimida, causa lagophthalismo. Para evitar estas molestias deve-se pôr todo o cuidado em que as feridas fiquem bem unidas, e consolidadas na cura.

A segunda se chama ferida complicada com lesão do nervo frontal, que sahe do buraco superciliar. Esta lesão causa a Maurosis, que só apparece depois da ferida curada. Veja a *Maurosis por causa da ferida da sobrancelha.*



*TRICHIASIS.*

As pestanas voltadas para dentro do globo do olho fazem a doença chamada *Trichiasis*, que apparece tanto na palpebra superior, como na inferior. A causa desta enfermidade humas vezes he por natureza desde o berço, outras por alguma callosidade, ou cicatriz, que obrigão a que os cabellos sigão errada direcção. Os effeitos desta enfermidade são, huma continuada molestia, e irritação das membranas conjunctiva, e cornea, de que se segue dôr viva, inflammação do olho, ulcera, leucoma, opacidade da cornea, e algumas vezes cegueira. Chama-se total, quando todos os cabellos nascem voltados para dentro do olho, e parcial, quando só alguns cabellos mais, ou menos unidos, nascem com as pontas viradas para dentro do olho, ou dos olhos.

Para a cura radical desta enfermidade ha quem aconselhe arrancar, ou tirar os ditos cabellos pouco e pouco, com huma tenaz propria, enchendo suas cavidades com remedios escaroticos, e por fim usando da agulha em braza para cauterizar cada huma de suas capfulas, (não produzindo effeito os escaroticos) Estes remedios são muito violentos, e por isso não os posso aconselhar; e quanto aos cabellos arrancados, de que só tenho feito algum uso, tambem se não tira consequencia util, antes se seguem damnos. Porque entrando as ditas pestanas a crescer, em quanto curtas offendem mais o globo, causando maiores inflammações, e fazendo mais cronica a molestia. Do que só tenho tirado fruto, he do uso dos encerados anglicanos, cortando huma tira de figura da palpebra, e pondo-a de forte que as pestanas fiquem voltadas para cima da palpebra,

pe-



pegadas com o dito encerado, (depois de humedecido) o que se faz puchando para cima a palpebra, e mettendo por baixo das pestanas o encerado se volta, e pega em cima della juntamente com as ditas pestanas, onde se conservão o tempo que for preciso; e despegando de alguma parte de forte que os cabellos se soltem da prisão, se repete do mesmo modo, e se attende á causa do centro com os remedios, que pedir a indicação.

### *DISTRICHIASIS.*

Quando ha duas ordens de cabellos nas pestanas, huma voltada para fóra, e outra para dentro, que offenda o globo do olho, esta enfermidade se chama Ditrichiasis; por causa proxima della se dá o vicio das palpebras, ou sua má configuração, produzindo no mesmo lugar duas ordens de raizes, cujos effeitos são os mesmos, e ainda que rara esta molestia tem o mesmo curativo, que aponto na antecedente.

### *ANCHYLOBLEPHARO.*

Esta enfermidade das palpebras he huma concreção em suas membranas, a qual póde ser total, ou parcial. Ha tres especies.

Na primeira apparece pegada a membrana das palpebras, desde o angulo externo, até ao meio da commissura. A cura desta enfermidade he a divisão das palpebras, a qual se executa por meio de hum apropriado instrumento redondo na ponta.

A segunda póde proceder de huma grande inflamação, queimadura (ou erosão) dos labios das palpebras; quando he total a união em qualquer destas es-

pe-



pecies, deve principiar a separação com a ponta aguda do instrumento cortante, e depois concluir a operação com instrumento de cabeça redonda, continuando até a commiffura das mesmas palpebras, lavando depois este ferimento com o necessário vinho tépido.

A terceira especie he aquella, que faz huma apparente união das palpebras, e seus labios, e dos cabellos das pestanas, por causa de alguma espessa materia, ou resudação das glandulas meibomianas, que no tempo do sono, ou por occasião deste, tendo os olhos fechados por muito tempo, se achão pegados, a qual he symptoma de xasse, ou remela dos olhos, e de bexigas. Cura-se a concreção humedecendo as palpebras com leite tépido, ou agua, e depois a enfermidade patente com o que se julgar mais proprio ao estado, em que se achar.

### *SYMBLEPHARO.*

He a união, ou concreção das palpebras com o globo do olho, o que succede mais vezes á superior. As causas desta união pódem fer o vicio de má conformação, particularmente se ellas estiverão fechadas por muito tempo. Esta enfermidade póde fer total, que he quando toda a palpebra se acha pegada ás membranas conjunctiva, e cornea, sendo de muito tempo he incuravel, e sendo de pouco admite a cura da parcial.

A parcial he quando só huma pequena porção da palpebra se pegou com a membrana conjunctiva, se for com alguma parte da cornea ferá peor, porque as divisões destas partes sempre deixão depois opacidade na cornea, que tira a vista. A cura da parcial consiste em dividir a união, ou concreção com o globo, esta divisão carece de muito geito, de mão fixa, e de muito conhecimento.



nhecimento da parte. Faz-se esta separação abrindo as palpebras por meio de instrumento, continuando depois a dissecção da concreção, que se achar, feita esta se deve conservar o olho aberto, movendo muitas vezes o globo, untando com cremor de leite, ou com hum linimento de manteiga, e tutia, para evitar que se não torne a unir.

### *BLEPHAROPHTHALMIA.*

He nome, que se dá á inflammação das palpebras, a qual procede de causa externa, ou interna; sendo de causa externa, como pancada, que contunde, se banha com agua fria repetidas vezes, para emendar a recepção da parte; sendo por picada de insecto o mesmo banho de agua fria, e hum cozimento de hervas cephalicas em vinho N.º XXXII. Sendo por ferimento pertence á ordem geral das feridas, e segundo o seu estado póde carecer de evacuação de sangue, e o tratamento interno, que lhe competir, assim como a que for por causa interna, ainda que esta deve ser mais attendida com os proprios, e benignos purgantes, e externamente com os dirivativos, que mais indicados forem, e como pedir a presença do caso.

### *EDEMA DAS PALPEBRAS.*

He huma tumescencia indolente sem mudança de côr, de consistencia molle, que comprimindo-a com o dedo se lhe imprime cova, que se manifesta por algum tempo. A causa proxima desta enfermidade he a congestão do líquido aquoso, feita na tunica cellular das mesmas palpebras. Este morbo he como symptoma de outra enfermidade, procede talvez de alguns remedios, que



que se applicação sobre as mesmas palpebras, assim como as cataplasmas emollientes, cuja applicação faz edematizas as ditas palpebras. A cura desta enfermidade se consegue com os roborantes externos, como o collirio N.º I. e outros semelhantes, o que tambem compete ao edema, que vem por symptoma de anasarca, e clorosis, e no idiopatico, que procede de causa inherente ás mesmas palpebras.

### *EMPHYSEMA DAS PALPEBRAS.*

He huma intumescencia por causa do ar, quando este se infinua na membrana cellular das mesmas palpebras. Cura-se com banhos, e fomentos aromaticos N.º XXXII.

### *ECCHYMOMA DAS PALPEBRAS.*

He huma intumescencia lívida causada por effusão de sangue na membrana cellular das palpebras. Ha duas differenças.

A primeira procede de contusão dos olhos, e palpebras. Cura-se, banhado a miudo com o remedio N.º XXXVIII.

A segunda de contusão da testa, e não apparece no primeiro dia, mas sim no terceiro, ou quarto por causa do sangue, que cahe na membrana cellular. Cura-se sangrando, quando o caso he maior, e banhando a parte com infusão de hervas cefalicas em vinho N.º XXXII., e o tratamento interno, que bem lhe competir.



*ATHEROMA DAS PALPEBRAS.*

He hum tumor cystico, que contém materia crassa, de ordinario só apparece na palpebra superior, e para o angulo externo, não tendo feito alguma adherencia com o tarso, he movivel sem dor, nem mudança de côr, e de varios tamanhos. A cura no seu principio deve ser a resolução, que se póde tentar com o linimento saponaceo N.º XXXIII.; porém sendo antigo, e volumoso, só a amputação póde ser de remedio, o que se executará, amparando a cabeça, e a parte tumefacta, e ferindo-o horizontalmente na parte mais alta, depois se separa o tumor da membrana cellular, e se extrahe, ou pelo menos se lhe corta a maior parte do mesmo tumor, porque o resto depois de huma suppuração mais, ou menos dilatada se consumirá, e cicatrizará a ferida, pois não he sempre necessario extrahir a parte mais infima do tumor.

*SARCOMA DAS PALPEBRAS.*

He huma excrescencia carnosa, que sobre ellas apparece, ha duas especies: huma de pé delgado, e pendente da palpebra, semelhante ao fructo, a qual se cura por huma ligadura no pé. A segunda he, a que apparece com huma superficie chata, pegada á palpebra. Cura-se, separando-a toda por meio de incisão (senão ceder ás fumentações com o linimento saponaceo) N.º XXXIII.



*SCIRRHO DAS PALPEBRAS.*

He hum como tubérculo duro, que de ordinario vem á superior: ha duas especies, hum benigno, que he movivel, indolente, e da mesma côr da cutis. Cura-se com o uso interno do extracto de cicuta, e externamente sobre a parte emplastro de cicuta misto com pós de herva belladonna, que he huma especie de herba moura: o outro he maligno, tem a côr de chumbo, ou escuro. Na sua cura póde ter uso a cicuta, e não aproveitando, a separação se faz necessaria, antes que recaia em cancro.

*CANCRO DAS PALPEBRAS.*

He hum tubérculo, ou chaga maligna de acrimonia cancrosa, que de ordinario apparece na palpebra superior.

As especies desta horrivel enfermidade pela maior parte são mortaes. A cura, quando em alguns casos a possa admittir, se poderá fazer radical, ou paliativa. A radical consiste na separação do tumor, não havendo contra-indicante. A paliativa se faz com os remedios especificos, assim como a cicuta, belladonna, clematites, ou trepadeira, fumo de uvas de cão, de genciana, e outras muitas, que para este fim se tem descrito, applicados em fórmula de cozimento, de cataplasma. Para o uso interno o remedio N.º XVIII.

*CARBUNCULO DAS PALPEBRAS.*

He hum tumor inflammatorio, que nellas apparece,



ce , o qual em poucos dias se faz gangrenoso. Esta enfermidade provém de miasmas particulares. Sua cura se deve tentar pelo uso da quina internamente com vinagre alcanforado , e o remedio N.º XIX. Externamente ao tumor applicando-lhe unguento de estoraque , e alcanfor , ou huma cataplasma anticetica , em que entre a quina , e melhor a do N.º XXXV. attendendo a plethora dos humores com as competentes evacuações.

### *HORDEOLUM.*

He hum tubérculo inflammatorio semelhante a hum pequeno forunculo , que vem aos labios das palpebras. A causa proxima desta enfermidade he a inflamação da glandula meibomiana , causa remota he o demaziado uso de acres espirituosos , transpiração supprimida , deposição de algum virus , sua terminação a mais ordinaria he a suppuração , o que a natureza faz muitas vezes sem alguma ajuda da arte , e outras vezes pede o soccorro de algum emplastro de aquilão menor , ou cataplasma emolliente : feita a maturação , se comprime entre os dedos ; e ficando alguma dureza , se repete o mesmo remedio , até se extinguir totalmente ; e quando repita , se concluirá que ha vicio nos humores , que serão corrigidos , e evacuados com remedios proprios ás suas qualidades.

### *CHALAZION.*

He hum tumor , que nasce nas palpebras em seus labios , movivel , e da mesma côr da cutis , differe do hordeolo por sua transparencia , e dureza , e tem o mesmo tratamento , ou pede o mesmo curativo.



*HYDATIS DAS PALPEBRAS.*

He hum visicula algum tanto luzidia , que contém agua , e que de ordinario nasce em as extremidades das palpebras. A causa proxima desta enfermidade he a elevação da cutis , por causa de humor seroso. A cura ferá a incisão da visicula , cicatrizando a parte , e lavando-a com alguma agua vitriolada , ou de extracto de saturno.

*MILHO DAS PALPEBRAS.*

He esta enfermidade hum pequeno tubérculo al-bicante , e duro , semelhante no tamanho a hum grão de milho. A causa proxima he a materia atheromatosa , que se ajunta debaixo da cutis. Cura-se , ferindo a cutis com lanceta , e obrigando a sahida á materia pela cizura , com alguma compressão , lavando , e animando a parte com partes iguaes de agua rosada , de flor de sabugo , e agua-ardente.

*AMORA DAS PALPEBRAS.*

He hum tubérculo vermelho escuro , molle , indolente , semelhante ao fructo da amoreira , que de ordinario só apparece na palpebra superior , e sempre he de nascença. Póde admittir o curativo dos morbos da cutis , aquelle que melhor parecer , segundo o estado , em que se achar , lavando a parte com o remedio N.º XVII.



*VERRUGAS DAS PALPEBRAS.*

He huma prominencia, que nasce no corpo, e labios das palpebras. São incommodas principalmente as antigas, que algumas vezes se fazem muito grandes, que degenerão em blepharoptosis, e em perfeita disposição de cancro. As mais frequentes espécies desta enfermidade são tres.

Primeira, as verrugas de pé, as quaes se tirão por meio da ligadura, ou amputação.

A segunda he, a que apparece na cutis sem pé antes com base larga na origem. Cura-se, incindindo-a com agua mercurial N.º XXXIV., ou manteiga de antimonio, tocando-a repetidas vezes até a consumir.

A terceira he, a que apparece de côr lívida, dorida, e cheia de vasos varicosos, a que se dá o nome de cancroza. Sua cura he a mesma, que a do cancro das palpebras.

*TRACHOMA.*

Esta enfermidade he huma aspereza na superficie interna das palpebras. Produz grande ophthalmia, e cruel dôr, todas as vezes que se pestaneja, do mesmo modo que na Trichiasi. Há tres espécies desta molestia.

A primeira he fabulosa, ou aryosa, que apparece em os que caminão por estradas de arêas soltas em tempos ventosos. Evita-se esta molestia caminhando com ante-olhos de vidro. Cura-se a que já existe, lavando os olhos com agua mineral, mais, ou menos branda.

A segunda he carbunculosa, a qual provém de humas pequenas excrescencias carnosas, que nascem na superficie interna das palpebras. Cura-se, cortando com ti-

zou-



zoura a excrescencia. Tambem se lhe dá o nome de amóra das palpebras interna, outros lhe chamão a esta pequena excrescencia Pladarotis.

A' terceira especie se dá o nome de Sycozis, ou palpebra figoia, porque a superficie interna das palpebras á maneira de figo se manifesta granulosa. Cura-se, diminuindo a plethora dos humores, corrigindo as suas qualidades, para o que deve ter uso o etiope mineral com algum solutivo, e externamente tccar a parte com a pomada ocular N.º XXX.

### *BLEPHAROPTOZIS.*

He huma relaxação da palpebra superior, que põem o doente na impossibilidade de abrir os olhos. Os efeitos desta enfermidade ainda depois de curada, he deixar o doente em desagradavel estrabismo: Ha oito especies deste morbo.

A primeira he poratonia, ou relaxação do musculo levantador da palpebra superior, chama-se tambem ptofis, ou descachimento da palpebra superior, e por alguns atonia das palpebras. As causas desta enfermidade são a debilidade universal de todo o corpo; quietação do movimento das palpebras por muito tempo, por causa de ligadura feita nos olhos, ou uso frequente de cataplasmas emollientes sobre as palpebras. Cura-se, dando ao doente internamente quina com valeriana, e ferro, e externamente lavando a parte com agua fria, ou vinho aromatico, ou o collirio N.º I.

A segunda he por paralyfia do musculo levantador das palpebras. De ordinario apparece a maurozis, e paralyfia da face do mesmo lado, da lingua, e queixos, ou certamente he symptoma da poplexia total,  
ou



ou parcial: Algumas vezes procede da supressão dos menstrosos, das hemorroidas, ou da contusão das sobranceiras. A cura se deve tentar internamente com remedios antiparalyticos, para curar o morbo primario, em cuja classe entre a arnica. Externamente se applicuem emborçações de agua fria; ou vinho aromatico canforado, fomentem-se as sobranceiras com licor anodino mineral, e tintura de alambre, ou oleo de funcho.

A terceira he espasmodica, ou por contracção do musculo orbicular das palpebras. Esta especie de enfermidade de repente apparece, e do mesmo modo se retira: he propria de hypocondriacos, hystericos, e verminosos. Algumas vezes tambem procede de saburra do estomago. Cura-se purgando, e applicando depois remedios nervinos, ou anti-pasmodicos.

A quarta he por pezo de tumor sobre as palpebras, o atheroma, lipoma, e o scirrho da palpebra superior causão esta especie de enfermidade. Cura-se abrindo o tumor.

A quinta he por intumescencia de toda a palpebra superior. A inflammation, o edema, emphysema, ecchymoma das palpebras produzem esta enfermidade. Cura-se, purgando o doente com os remedios geraes, ou particulares, como bem pedir o estado, e complicação dos humores, e mais, ou menos repetidos; e externamente applicando fomentações discutientes, para o que serve o collirio N.º I.

A sexta he por prolongação da cutis das palpebras. Esta enfermidade humas vezes he defeito de nascença; outras vezes se segue a alguma ferida transversal das palpebras mal curada, e muitas se ignora a causa.

Distingue-se esta enfermidade da atonia do musculo



culo levantador, em que levantando com as pontas dos dedos a cutis da palpebra logo se contrahe, na atonia porém ainda que se levante a cutis, o musculo sempre fica relaxado, ou estendido. A cura paleativa he levantar a palpebra por meio de algum emplastro, que pegue bem, posta huma ponta na palpebra, e a outra na testa. A cura radical consiste em levantar a cutis da palpebra dobrando-a transversalmente, e assim se corte transversalmente, unindo bem os labios da incisão, se ponha em cima emplastro adhesivo até se conseguir a cura.

A fetima he por causa da ferida do musculo levantador das palpebras, cortado transversalmente. Cura-se cosendo a ferida com costura falsa, ou verdadeira.

A oitava he periodica, que he a que torna a apparecer em tempo certo. Cura-se tomando purgantes até encher a indicação, e depois os amargos, em que entre a quina, ou o remedio N.º XIX.

### *LAGOPHTHALMUS.*

Esta enfermidade he o não poder totalmente fechar as palpebras, que chamão por isso olho de lebre. O effeito desta enfermidade he obscurecer-se a cornea paulatinamente pela defecação, que nella causa a introduccão do pó. As especies desta enfermidade são dez.

A primeira he espasmodica, ou por causa de espasmo do musculo levantador, a qual apparece nas queixas hystericas, hypocondriacas, verminosas, convulsivas, e algumas vezes nas febres agudas. Cura-se tirando internamente o morbo primario, applicando depois remedios antispasmodicos, e na parte os remedios emollientes, e anodynos.



A segunda he por paralyfia do musculo orbicular das palpebras, que he o antagonista do levantador. Como o orbicular não exerce a sua acção, o levantador fica sempre contrahido. Cura-se com remedios antiparalyticos, e com algum uso da arnica.

A terceira especie he por atonia do musculo orbicular das palpebras. Esta enfermidade apparece nos velhos: nos que não dormem por enfermidade, nos inanimados, e muito debilitados por grandes abstinencias, ou por outra qualquer causa. A cura interna he dar remedios, que corroborem, e nutirão. A externa fomentar os olhos com oleo de funcho, ou vinho, em que se ferva marcella, e flor de meliloto applicado sem calor, ou o collirio N.º I.

A quarta he por causa de golpe longitudinal nas palpebras, em que se dividio o musculo orbicular. Esta divisão do musculo, que tiver origem de golpe, ou de coloboma. *Vide coloboma.* Cura-se cicatrizando a ferida do mesmo modo que nas das palpebras.

A quinta he huma distensão das palpebras causada pela exophthalmia, de que tambem se póde seguir a grande encanthis, ou doença do lagrimal. Cura-se extinguindo o morbo originario com remedios proprios, segundo a indicação, que se tirar.

A sexta he por causa de tumor entre a orbita, e o musculo levantador da palpebra, o qual tumor por sua compressão he a causa da irritação do musculo. Reconhece-se o tumor pelo tacto, e abrindo-se, quando convém, com a sua cura cede esta especie de enfermidade.

A setima he por contracção do musculo levantador das palpebras. Esta enfermidade he frequente nas crianças, que pelo máo costume de as pôrem no berço deita-



tadas de costas com o rosto para a claridade, que vejam a luz olhando de todo o modo, faz que o musculo levantador cahe em contracção, e forme a molestia, de que se trata. A cura pede que a criança esteja situada contra a luz, e que se lhe ponha hum emplastro, que pegue bem, huma ponta na palpebra superior, e outra pegada na barba, ou face, disposto por tal modo, que obrigue a descer a palpebra, a qual cura durará algumas semanas.

A oitava he por causa de cicatriz, que ficou de ferida, chaga, ou queimadura nas palpebras, pestanas, ou face, de que resulta grande contracção na cutis das mesmas palpebras. Se os emplastros emollientes, e fomentos da mesma natureza não bastarem para a cura desta enfermidade, proceda-se na operação do modo seguinte. Primeiramente se fará huma incisão na palpebra transversalmente, naquella lugar onde ella faz dobra, ou vinco: depois com algum emplastro, que pegue bem, se segurarão o labio superior da ferida da palpebra para a testa, e a inferior para a face, e quanto for necessario: se o primeiro golpe superficial não for bastante, para que a palpebra fique na sua competente grandeza, logo se lhe dê segundo golpe na mesma palpebra transversalmente, pegando a parte inferior para a face com o emplastro acima dito. Situada assim a ferida, e formando larga cicatriz, virá a palpebra a ficar com a sua competente grandeza.

A nona especie he por ser curta a palpebra desde o berço. Esta pequenez costuma ser só na cutis das palpebras, e não no musculo levantador. A cura deve ser procurando distender a cutis por meio de cataplasmas, unguentos emollientes, ou com algum emplastro, que pegue bem, como o anglicano, posto com a mes-



ma ordem ; e se não obstante estas diligencias se não conseguir a distensão da cutis da palpebra , se procederá á mesma operação , que fica dita.

A decima he a que algumas vezes se manifesta pela cutis das palpebras , (não toda) mas junto da commissura interna , ou externa ser demaziadamente curta. Diz-se parcial , e nasce ordinariamente por algum humor vicioso , ou pequena cicatriz. Sua cura será a incisão , não em toda a palpebra , mas tão sómente na parte contrahida.

### ECTROPIO.

He esta enfermidade a volta , que de ordinario faz a palpebra inferior de dentro para fóra , virada de tal modo , que á vista se representa como huma posta de carne vermelha. Esta enfermidade de ordinario só apparece na palpebra inferior , quasi nunca na superior , e tambem rarissimas vezes em ambos os olhos. Vê-se nos effeitos desta molestia huma feia deformidade , e quando o fungo rubro sobre-exceder , ou se estender , haverá contínua fluxão de lagrimas , fardice no globo do olho , e não poucas vezes inflamação , e finalmente o fungo , ou carne vermelha se fará callosa. A causa proxima he a pequena , e muito curta cutis das palpebras. As especies desta enfermidade são oito.

A primeira he por intumescencia da membrana interna das palpebras , que se manifesta nos que padecem molestias escrofilozas , venereas , catharozas , e ophthalmias humidas. Cura-se tomando internamente remedios especificos , segundo o mal laborante. Externamente se applicuem á parte remedios adstringentes , mais , ou menos brandos , assim como agua fria , ou vitriolada , ou a luminoza. Não bastando , se devem applicar remedios  
caus-



causticos, assim como solução de pedra infernal N.º XXII., ou manteiga de antimonio, untando ou tocando a tumescencia com ella por meio de hum pincel. Não bastando, se deve escarificar a intumescencia, e no dia seguinte applicar-lhe qualquer unguento digerente com pós de Joannes, para que se extinga por meio da suppuração. Se qualquer, ou todos estes remedios não fizerem effeito, se applicará o ultimo, que he levantar transversalmente a cutis da membrana tumefacta, pegando-lhe com a pinça, e com o bystori separar transversalmente, pondo logo entre a palpebra, e o globo do olho hum chumaço molhado em agua mineral, para evitar que estas partes não tornem a unir-se. A's palpebras, e á face tambem se applique o mesmo chumaço por alguns dias: a pomada N.º XXXI he de muita utilidade nesta molestia.

A segunda especie he por causa de cicatriz na palpebra inferior, ou na face. Esta especie de enfermidade apparece depois de haver ferida, chaga, ou queimadura em qualquer das ditas partes. Se a cicatriz he tenue, se procurará amollecêr, fomentando a cutis da palpebra com unguento de altea, e por meio de emplastro de achilão se unão as palpebras. Se porém estas diligencias não aproveitarem, se faça incisão no interior da membrana.

A terceira he por causa de pequena cutis da superficie externa da palpebra por nascimento. Nesta enfermidade pela sobredita causa a membrana interna das palpebras se observa longa, e túmida; a qual se com remedios adstringentes se não poder contrahir, será remedio cortar transversalmente parte da dita membrana. Tambem se deve tentar a incisão na cutis externa, e dividir os labios da ferida por meio de algum emplastro adhesivo, ou outro semelhante.



A quarta he por causa de ulcera , ou ferida da commiffura interna das palpebras. Acontece esta ferida junto do musculo orbicular , e se volta a membrana interna. Esta especie de ectropio se póde dizer parcial. O mesmo se observa , se ha mutilação , ou golpe no meio da palpebra inferior. Curada que seja a ferida , chaga , ou mutilação da parte , se cura esta especie de enfermidade com os remedios citados nas outras.

A quinta he por atonia do musculo orbicular das palpebras , enfermidade frequente nos velhos , ou na antiga ophthalmia humida muito tempo continuada. Cura-se tomando internamente remedios roborantes , como quina , valeriana &c. externamente se applique hum cozimento feito com marcella , e meliloto quasi frio ; tambem poderá servir agua fria ; advertindo que esta cura nos velhos com difficuldade se consegue.

A sexta he por Atheroma na interna superficie das palpebras , a qual pelo tacto se conhece. Cura-se , separando o tumor por meio de operação , que tem pouco que explicar.

A setima he por causa de exophthalmia , ou entantide , que comprime a palpebra inferior para a parte de fóra , e para baixo. Cura-se , extinguindo o morbo dominante.

A oitava he por sarcoma da interna superficie da palpebra , o que muitas vezes nasce de ulceras desta membrana. Pede a cura , que se corte o sarcoma , e se deseqe a ulcera , com o collirio cicatrizante N.º III. , ou IV.

### ENTROPIO.

He huma volta das palpebras , em que os labios com os cabellos se virão para dentro do olho. Ha tres es-



especies. A primeira especie desta enfermidade he por contracção da interna membrana das palpebras, a qual torna esta membrana muito pequena, e vira os labios das palpebras. A sua cura he como na Trichiasis com o emplastro anglicano, para se evitar a ophthalmia, ou se corte transversalmente a cutis externa das palpebras, ou se rasgue alguma porção da mesma cutis transversalmente, curando depois a ferida por meio de algum emplastro &c.

A segunda he por cicatriz da membrana interna das palpebras, que fica depois de curada a ulcera. Cura-se com o primeiro methodo.

A terceira he por tumor das palpebras, o qual obriga a voltar para dentro os labios das palpebras com os cabellos. Cura-se extirpando o tumor.

### *PSOROPHTHALMIA.*

He esta enfermidade a sarna das palpebras, e dos seus labios em redondo. A causa proxima desta molestia he a varia disposição da materia acre para as glandulas das palpebras. As especies desta enfermidade são duas.

A primeira he crustosa, as quaes crustas, seão secas, ou humidas, se formão nos labios das palpebras. Cura-se applicando externamente á parte banho de leite canforado, e internamente, dando remedios purgantes, e purificantes.

A segunda he, a que manifesta humas muito pequenas empolas, semelhantes aos herpes miliares, a que se póde dar o mesmo nome. Cura-se com o uso externo de agua mineral canforada, ou agua sulphurea N.º XVII, ou mineral N.º XXIII.



*RUBOR DAS MARGENS DAS PALPEBRAS.*

Esta enfermidade se manifesta por hum vermelhidão, e intumescencia das margens das palpebras.

A causa proxima he a inflamação chronica, que vem ás membranas das palpebras. As especies desta enfermidade são quatro.

A primeira se manifesta por hum rubor acrimonioso com quasi toda a qualidade de humor acre, principalmente com o cancroso. A cura pede remedios internos especificos, e externamente agua mineral, ou agua commua mais, ou menos fria, ou com tintura de flor de malva.

A segunda he por causa de reméla. Nesta especie os labios das palpebras se manifestão muito intumescidos, e cheios de hum muco materioso: a limpeza suave, e os lavatorios das aguas anodinas, e dissolventes, he o remedio externo; e internamente, evacuando a causa com especificos, tendo lugar a opiata N.º XIII.

A terceira he hum rubor symptomatico, o qual he acompanhado de hordeolo, de blepharotalmia, e outras enfermidades das palpebras. Cura-se extinguindo o morbo primario.

A quarta se diz por vermelhidão, que provém de atonia das palpebras; se o uso de banhos de agua fria não remediar esta enfermidade, passará por incuravel, mas deve tambem fazer uso do collirio N.º I. por ser muito proprio neste caso, ou o do N.º XXXVIII.

*TYLOZIS.*

Esta enfermidade he hum crassice, ou dureza callosa nas extremidades das palpebras. A causa proxima he



he o enfarte, ou estagnação de humor espesso, e glutinoso nas glandulas, e cellulas das extremidades das palpebras. As especies desta enfermidade são duas.

A primeira se chama callosa, que procede da secura, ou espessura das extremidades das palpebras. Cura-se usando externamente cataplasmas de farinha de linhaça, folhas de cicuta, alcanfor, e leite, feita S. A. e tomando internamente pímulas compostas com mercúrio doce, extracto de cicuta, e alcanfor, ou as pímulas N.º VII.

A segunda provém de dureza das glandulas meibomianas, em quasi toda a extremidade das palpebras. Esta enfermidade algumas vezes anda junta com vicio escrofoloso, ou venereo. Cura-se internamente, e na parte, com os mesmos remedios da primeira especie.

### *FERIDA DAS PALPEBRAS.*

Esta se diz a divisão, ou golpe recentemente feito nas palpebras, em que apparece sangue. As especies desta enfermidade são quatro. A primeira he huma ferida não penetrante, ou simples, que só corte longitudinal, ou transversalmente a cutis das palpebras.

Cura-se esta ferida depois de desalterada, unindo-a por meio de emplastro Inglez, ou algum, que pegue bem, evitando que nella haja suppuração.

A segunda se diz penetrante, e se cura do mesmo modo, porém deve haver maior cuidado na igualdade, e união dos seus labios, e na boa situação: passando a suppurar, se tratará segundo a ordem geral das feridas suppuradas.

A terceira he quando alguma parte da palpebra se separa. Cura-se com o methodo, que lhe competir segundo a mesma ordem.



E a quarta he, quando os ligamentos internos das palpebras são feridos, do qual ferimento provém o Ectropio. Cura-se applicando-lhe o mesmo emplastro unitive Inglez, ou outro, que faça o mesmo effeito.

### *FISTULA DAS PALPEBRAS.*

He esta enfermidade huma estreita, e sinuosa chaga das palpebras. Ha duas especies.

A primeira se diz simples, a qual se manifesta na substancia das palpebras. Cura-se, como a fistula lacrymal, ou outra qualquer.

A segunda especie se diz fistula das palpebras, que penetra até o sacco lacrimal, que de ordinario provém de intumescencia purulenta, e rotura do sacco, e da palpebra inferior. A cura radical desta enfermidade pede que se abra a intumescencia, e que se cure o morbo predominante, a fim de que a fistula espontaneamente se cure.

### *COLOBOMA.*

Esta enfermidade he huma abertura secca na extremidade das palpebras, que as assemelha ao beigo de lebre. Causa esta molestia deformidade da parte, e huma especie de Ectropio parcial. Provém, ou da má formação da parte, ou de ter havido golpe nas extremidades das palpebras. Cura-se, cortando a callozidade da extremidade das palpebras, procurando unir a ferida por meio de ponto verdadeiro, ou falso, como melhor pedir o caso.

### *NICTITAÇÃO*

He hum involuntario, e contínuo pestanejar das pal-



palpebras , abrindo , e fechando sem cessar. A causa proxima desta enfermidade he verdadeiramente a convulsão das palpebras. Ha cinco especies.

A primeira especie desta molestia , que procede do máo costume , se cura evitando com reflexão este defeito , e tapando , ou fechando os olhos alternadamente.

A segunda he por causa de introduccão de corpo estranho dentro nos olhos. Cura-se , tirando o tal corpo estranho , o que se faz com emborcações de agua tépida por meio de seringa propria , ou soprando o interior das palpebras , ou atando na ponta de huma tenta subtil huma pequena porção de esponja para com ella procurar , e trazer o dito corpo estranho.

A terceira he por causa da saburra , ou lombrigas nas primeiras vias. Cura-se com o interno uso de purgantes antiverminosos , e mercuriaes.

A quarta se diz symptomatica , a qual he symptoma de outro morbo convulsivo. Remedea-se , curando o morbo primario.

A quinta he , a que muitas vezes se observa por causa de medo , ou temor aos que estão para se lhe fazer a operação da cataracta , o que incommoda bem o operante. Cura-se persuadindo o doente , e dilatando o tempo da operação.

### *SPASMO DAS PALPEBRAS.*

He esta enfermidade huma involuntaria , e permanente contracção. Conhece-se esta molestia pela força , com que se contraem as palpebras , que apenas com trabalho se podem abrir com os dedos. As especies desta molestia são cinco.



A primeira tem por causa a saburra das primeiras vias. Cura-se usando internamente purgantes, ou remedios antiverminosos, o que melhor se decide á vista do caso.

A segunda he por introduccão de corpo estranho dentro nos olhos. Cura-se, tirando o dito corpo intruso.

A terceira he por espasmo symptomatico, que procede de outra enfermidade. Cura-se com o interno uso de remedios antipasmódicos, extinguindo o morbo primario com especificos apropriados.

A quarta he por causa de ophthalmia, em a qual os olhos se manifestão inflammados, e pela impressão dos toques da luz, as palpebras se contraem tão estreitamente, que apenas, e com trabalho se podem abrir com os dedos. Cura-se extinguindo a ophthalmia com especificos internos, e locais á parte, como em seu lugar se dirá.

A quinta se diz spasmo por causa de operação da cataracta, a qual muitas vezes impede a operação, especialmente, a que se faz por extracção, o que eu já encontrei, e se observa nos sujeitos tímidos, e colericos. Antes da operação será bom dar ao sujeito azeite com opio.

### *PRURIDO, OU COMICHÃO DAS PALPEBRAS.*

He huma sensação, que obriga á pessoa, que a padece, a coçar as palpebras. O lugar, onde de ordinario apparece esta enfermidade, he na commissura interna das mesmas palpebras. As especies desta enfermidade são quatro.

A primeira he por embaraço de transpiração, que  
nas



nas horas de manhã accommette aos catharrofos, e rheumaticos. Cura-se adoçando os humores, e evacuando-os.

A segunda he por causa de principio de hordeolo. Cura-se com o uso de agua Vegeto mais, ou menos branda.

A terceira he por augmento de succos acres, os quaes se manifestão no segundo dia, principalmente nos bebados. Cura-se com remedios purgantes appropriados, ou o do N.º XIII.

A quarta he, quando as palpebras são atacadas de herpes. Cura-se extinguindo-os com remedios convenientes, para o interno o do N.º XVII., ou foro falçado, e para o externo o do N.º XVII. Cada hum destes numeros, ainda que iguaes, tem classe competente.

### *ENFERMIDADES DA ACÇÃO LACRYMAL.*

#### *SCHEROMA.*

He esta enfermidade huma seccura dos olhos por causa da falta de humor lacrymal. Os effeitos da falta deste humor são, o fazerem-se os olhos aridos, pulverulentos, obscuros, fórdidos: máo pronostico em enfermidade aguda. As especies desta enfermidade são quatro.

A primeira he, a que apparece nas febres complicadas com denso humor flogistico. Cura-se com o uso interno de remedios diluentes antiflogisticos, e externamente com applicação de humectantes.

A segunda he por debilidade, a qual se observa depois de largas evacuações, e nos moribundos. A cura nos debilitados ferá o uso de nutrientes.

A terceira he por inflamação, a qual he symptoma de



de ophthalmia secca. Cura-se extinguindo a dita ophthalmia, vendo o que se diz no seu Cap.

A quarta he por causa do pó, que se introduz nos caminhantes, que passando por clima ardente, ou suportando ventos quentes, lhe absorvem toda a humidade necessaria. Cura-se humedecendo os olhos com humectantes, como póde ser hum cozimento de flor de malvas com pevides de marmélo, ou com leite tépido com igual parte do dito cozimento de flor de malva.

### *EPIPHORA.*

He esta enfermidade huma grande abundancia de humor seroso, ou aquoso, que apparece nos olhos. A origem deste humor não só he a glandula lacrymal, mas tambem os póros da cornea, e conjunctiva, huma, e outra superficie interna das palpebras, as glandulas meibomianas, e a caruncula lacrymal. A causa proxima desta molestia he a demaziada secreção do humor lacrymal, ou o embaraço da sua recepção. As especies desta são quatro.

A primeira especie desta enfermidade por demaziada secreção he por causa de estímulo pegado ao olho, que póde ser o cahir-lhe alguma arêa, ou introduzir-se-lhe algum fumo acre, ou vapor, e cheiro picante, como tambem por Trichiazi. A cura pede se extraha o corpo estranho.

A segunda especie he inflammatoria, a qual he symptoma de ophthalmia húmida. Cura-se extinguindo a inflamação, vendo o Cap. proprio della.

A terceira he acrimoniosa, que provém de deposição de humor acrimonioso, como do rheumatico, arthitico, gotoso, venereo, colerico, escorbutico, vario-



loso &c. ou tambem por embaraço da transpiração. Parece que a acrimonia de qualquer destes humores irrita os orgãos da secreção lacrymal, e por isso he mais copiosa a fluxão do humor, que escorea a substancia das palpebras, e as faces por onde toca. Cura-se procurando dirivar o humor acre da parte, por meio de remedios purgantes, diureticos, diaforeticos, para que tambem são lembrados os visicatorios, sedenhos, fonticulos (se a causa se faz rebelde) e remedios antiacrimoniosos internamente, e á parte externa se applique leite açafreado, agua vegeto, mais, ou menos branda, o que se faz com a mistura de agua commua, mucilagem de pevides de marmélo, ou de trigo tirada em agua rosada, ou outras semelhantes, com que a diversa natureza melhor se der.

A quarta especie he por laxidão dos póros da cornea, da conjunctiva, e das glandulas lacrymaes. Esta enfermidade se conhece, vendo-se a cornea sempre húmida, sem se observar vermelhidão, nem dôr. Cura-se com o interno uso de quina com valeriana. Externamente applicando agua a mais fria, collirio vitriolado, e canforado, ou o do N.º II.

A epiphora por impedimento de recepção do humor lacrymal, ou por embaraço de sua passagem comprehende oito especies.

A primeira he por concreção dos orificios, ou canaes lacrymaes, que póde ser originada por causa de queimadura, ou antecedente exulceração, a qual se conhece procurando, e vendo diligentemente os pontos, ou orificios lacrimaes. A cura necessita de que os orificios concretos se dilatam por meio de hum estillete, ou se abra o sacco lacrymal.

A segunda he por obstrucção do ducto nasal, a qual



qual tem por companheira algumas vezes a hydropisia lacrymal. A sua cura pede desobstruir o ducto nasal.

Entre os methodos, que se apontão para o curativo da Epiphora, e fistula lacrymal, não he menos attendivel o que expõem Blizard, por effeito do azogue, introduzido nos pontos lacrymaes por hum instrumento, que o mesmo Author ideou, que cada hum poderá ver, sendo-lhe preciso.

A terceira he por polypo no ducto nasal, que o comprime. Cura-se extrahindo-o, usando na parte de remedios consolidantes em fórma de cozimento.

A quarta he por compressão do sacco lacrymal, causada por Anchylope, ou Topho no sacco lacrymal. Cura-se extrahindo o tumor.

A quinta, que he por falta da caruncula lacrymal, he incuravel.

A sexta he por vicio das palpebras, o qual afasta o orificio lacrymal da devida situação do sacco lacrymal, o que acontece na encanthis, e etropio, entropio, lagophthalmo, e intumescencia da margem das palpebras. Cura-se extinguindo os ditos morbos.

A setima he por paralyfia dos orificios lacrymaes. Esta enfermidade se cura com o uso de remedios roborantes, e antiparalyticos.

A oitava he por erosão, que destroe mais, ou menos as fibras musculares dos orificios, que lhe faz perder a acção de attrahir. Cura-se extinguindo a erosão dos orificios com remedios mucilaginosos, e temperantes, ou tintura de flor de malva.

### *LIPPITUDE.*

He huma filtração de humor com figura de mate-



teria, que apparece na superficie das palpebras. A causa proxima desta molestia he a deposição acrimoniosa do corpo das palpebras para as glandulas meibomianas. O effeito desta enfermidade he fazer vermelhas, e entumescidas as margens das palpebras, e ao dormir pegar-se huma com outra por causa do humor, que contém. Muitas vezes desta enfermidade procede a ophthalmia, e Fístula lacrymal, e não poucas vezes o Ectropio. Ha cinco especies.

A primeira especie desta molestia, he a que se diz lippitude de crianças, por ser nellas muito familiar, principalmente havendo supressão de sarna, ou tinha na cabeça, (vulgo o zagre) a qual com o decurso do tempo por si se extingue.

A segunda he chamada de adultos, que he rebelde no seu curativo, mas a dos velhos, e bebados observa-se quasi incuravel. A cura desta enfermidade pede repetidos purgantes, vesicatorios, sedenhos, ou fontes; externamente se póde applicar á parte solução de pedra divina, e o collyrio N.º V., ou a Pomada ophthalmica N.º XXXI.

A terceira he venerea, que apparece por causa da supressão de gonorrhéa, ou fluxo branco, e ainda nas crianças geradas de Pais gallicados. O curativo interno, quando ha esta causa he conhecido de todos, pois só o uso de mercurio bem regulado lhe compete; e sendo applicado pelo centro poderão ter uso as composições das Pirolas do N.º III., IV., V., VI., e VII. o que melhor decide a presença do caso. Externamente a Pomada ophthalmica N.º XXXI.

A quarta he chamada Scrofulosa, que apparece nas pessoas que tem este virus. Cura-se com o interno uso de Quina, com cicuta, ethiope mineral, antimo-

N

nio,



nio, e são prejudiciaes a estes enfermos os fortes purgantes.

A quinta apparece nos que padecem escorbuto, de que cobra o nome. Cura-se, usando internamente de remedios antiescorbuticos, e externamente solução de pedra divina, ou sal de chumbo, ou só o collyrio N.º V.

### *HYDROPSIA LACRYMAL.*

He esta enfermidade huma entumescencia do sacco lacrymal, que comprimido com os dedos se vê sahir pelos orificios lacrymaes, ou pelo ducto nasal, ou por huma, e outra parte lagrymas puras, ou algumas vezes misturadas com humas fibras brancas. A causa proxima desta enfermidade he a laxidão do sacco lacrymal, ou obstrucção do ducto nasal. Ha duas especies.

A primeira especie he por laxação do sacco lacrymal. Conhece-se esta molestia, porque facilmente se póde exprimir o ajuntamento dos lagrymaes pelo ducto nasal. Cura-se com injeccões de collyrio roborante de vitriolo, e espirito de vinho canforado, agua frigidissima, e applicações de chumaços, que comprimão o sacco lacrymal.

A segunda especie he por obstrucção do ducto nasal, a qual póde ser de muitos modos, e pede particular distincção. Estas distincções, e modos se reduzem a quatro.

A primeira se diz obstrucção mucosa. Cura-se com applicação do collyrio detergente N.º XI., ou infusão de veronica, agua selterana, solução de sal ammoniaco, ou de vitriolo, que se devem lançar no orificio inferior do interno canto do olho por seringa. (*Estamp. II. Fig. VII.*)



A segunda obstrucção he por contracção do esfinter do ducto nasal. Conhece-se esta segunda especie porque fazendo as lagrimas força podem correr pelo nariz. Algumas vezes succede curar-se com applicação de injeccões, e cataplasmas emollientes.

A terceira he por crespatura do ducto nasal. Esta não se póde conhecer sem se ferir o sacco lacrymal. A cura pede que se usem injeccões emollientes. Se porém esta obstrução não ceder, faça-se incisão no sacco lacrymal, e se introduza no ducto nasal por algumas semanas huma corda, ou fio preparado com cera, e extracto de saturno, ou hum estilete de chumbo; aberto o ducto nasal se consolide a ferida externa.

A quarta he por causa de Polypo nasal. Cura-se tirando o dito Polypo, e por qualquer dos modos, que melhor pedir o caso.

### *ANCHYLOPS.*

Esta enfermidade he hum tumor no interno canto do olho, que tem nascimento fóra do sacco lacrymal. Ha oito especies.

A primeira especie desta molestia he inflammatoria, que se conhece pela vermelhidão, e calor do interno canto do olho. Cura-se banhando com agua vigeto mais, ou menos branda, e tomando purgantes, e estes applicados ás circumstancias do doente, e qualidade do humor que dominar.

A segunda he suppuratoria, a qual fórma hum abscesso no canto interno do olho. Tem origem esta enfermidade do longo tempo de inflammação, ou de metastasis purulenta. A cura pede que o tumor se abrande por meio de algum emplastro gommoso, ou cataplas-



ma emolliente, e que depois se abra, e trate como tal.

A terceira he scirrhusa, a qual he hum tubérculo duro, que ataca o angulo interno do olho: esta muitas vezes degenera em carcinoma. A sua cura pede o uso de cicuta, ou simples desobstruentes, que melhor se ajustarem ás circumstancias do enfermo.

A quarta he cystica. Esta enfermidade he atheromatica, ou tumor indolente da mesma cor da cutis, liso, e movivel, que nasce no interno canto do olho. A cura pede que se resolva por meio de remedios espirituosos ou oleosos saponaceos, como póde ser o linimento N.º XXXIII. porém fazendo-se difficullosa a resolução se deve separar por meio de operação, que he facillima, e por isso não carece de maior explicação.

A quinta he sorosa, que se fórma no interno canto do olho; e quando se não resolve se abre, pondo na parte emplastro da madre tecla.

A sexta he tophosa, ou exostotica, que se observa como hum calo no angulo maior do olho, do qual a causa pela maior parte sempre he venerea. Cura-se com o uso interno de mercurio, e cozimento de lenhos, que se poderá escolher nas differentes fórmas, que vão receitadas nesta obra. E externamente com emplastro, ou unguento mercurial.

A setima se diz lacrymal, que he huma entumescencia do sacco lacrymal, por causa da retenção de lagrymas. Segue a ordem da Hydropisia lacrymal, o que se verá no seu proprio Cap.

A oitava he por causa de fistula lacrymal, que fórma huma entumescencia no mesmo sacco pela demóra de mucos em fórma de materia, e pede o mesmo curativo da fistula lacrymal.



## EGYLOPS.

Esta enfermidade he huma chaga no interno canto do olho, que tem feu assento fóra do sacco lacrymal. As causas são contusão do angulo interno do olho, ferida, inflamação, deposição de materia acre, principalmente a das bexigas, e fistula do lacrymal. As especies, em que se póde dividir são cinco.

A primeira he huma simples chaga materiosa no interno canto do olho, que não offende o sacco lacrymal. Cura-se com o uso de agua vulneraria, ou o collyrio N.º XI., e os remedios internos, que bem lhe competir, o que só ensina o estado, e circumstancias dos enfermos.

A segunda he cancroza, que provém da anchylope scirrhusa. Deve-se curar, como cancro. *Veja cancro das Palpebras.*

A terceira he venerea, que he huma chaga no angulo interno do olho. Cura-se dando internamente remedios mercuriaes da composição N.º III, ou N.º V., e usando na parte de balfamo mercurial N.º XXXVI.

A quarta he cariosa, que he huma chaga com caria nos ossos, que compõem o canto interno do olho, humas vezes com fistula lacrymal, outras sem ella. Cura-se atacando a causa interna, e externa com remedios anticariosos, que nos casos das carias lembra a cirurgia geral.

A quinta he por causa da fistula lacrymal, a qual he huma chaga no interno canto do olho, formada pela rotura ou incisão do sacco lacrymal, o que se póde ver no Capitulo da fistula lacrymal.



*FISTULA LACRYMAL.*

Esta enfermidade he hum depósito de humor materioso nos orificios lacrymaes. Conhece-se porque se vê hum pequeno tumor no angulo interno do olho, que comprimido lança pelos orificios lacrymaes, pelo ducto nasal, ou por huma, e outra parte hum muco materioso. A causa proxima, he a excreção do dito muco materioso pelas glandulas do sacco lacrymal, sem que nelle se perceba, nem haja chaga. Rarissimas vezes ha chaga, e se apparece, ella he o effeito, e não a causa desta fluxão materiosa. Muitas vezes se tem observado haver fluxão do muco materioso de varias partes sem presença de chaga. Na gonorrhea, e no fluxo branco muitas vezes no primeiro, ou segundo dia da infecção de repente apparece huma fluxão de muco materioso, isto antes que a inflammação existente podesse formar chaga por falta de tempo. No defluxo muitas vezes se vê sahir pelos ductos olfatorios, hum muco materioso sem haver chaga. No fluxo branco das hemorrhoidas acontece o mesmo. Na dor de pedra muitas vezes sahe com a ourina grande cópia de muco materioso. Na tifica espuria, lança o doente cada dia grande cópia de muco materioso, e nem por isso se tem achado nas disseccções anatomicas chaga, nem nos bofes, nem na bexiga (quando a tifica he incipiente.)

As causas remotas da fistula lacrymal são a deposição de qualquer succo acrimonioso nas grandulas do sacco lacrymal, assim como se observa, nos que tem bexigas, farampo, escrofulas venereas; inflammação do sacco lacrymal; repetidas vezes estagnação do humor lacrymal no sacco por obstrucção do ducto nasal, pancada, ou contusão do sacco lacrymal.

De-



Divide-se a fistula lacrymal em simples , e complicada , que todas se reduzem a seis especies.

A simples he aquella , em que não ha obstrucção do ducto nasal , o que se conhece pela facilidade com que se póde espremer , e sahir o muco materioso , tanto pelo orificio lacrymal , como pelo ducto nasal.

A cura pede collyrios detergentes como podem fer o cozimento de marcéla , mililoto , e da herva veronica , feito em vinho , a solução de pedra divina N.º V. de pedra infernal N.º XXII. agua vitriolada canforada , que segundo a qualidade do doente , e estado da parte qualquer destes remedios poderão ter lugar , fazendo absorver qualquer delles pelos orificios lacrymaes , o que se deve praticar do modo seguinte.

Tome-se huma penna de escrever , corte-se por si-  
ma , e por baixo de sorte que fique hum como canudo ,  
deitado o doente de costas metta-se o tal canudo por hu-  
ma ponta dentro no collyrio , e com o dedo pollegar , ou  
mostrador tape bem o canudo pela parte superior (antes  
de o tirar de dentro do collyrio) tire fóra o canudo do  
dito collyrio , e abrindo as palpebras , deixe cahir den-  
tro do canto do olho algumas poucas pingas , o que se  
conseguirá , hindo affastando o dedo da abertura supe-  
rior do canudo , concluido assim , e fechadas as palpe-  
bras com os dedos faça mover o líquido lançado , agi-  
tando o globo para que seja absorvido pelo orificio la-  
crymal : tambem se póde usar de hum pincel de fios ,  
ou de huma pequena porção de esponja que caiba en-  
tre os dedos pollex , e index molhada no collyrio , e es-  
premendo a pingos se vai deitando do mesmo modo ,  
que com o canudo da penna. Ou se lancem estes colly-  
rios dentro no sacco lacrymal pelo orificio inferior por  
meio de seringa (*Estampa II. Figura VII.*) do modo se-  
guinte.

Com



Com os dedos da mão esquerda se volte a palpebra inferior para fóra, e para a parte do canto externo do olho, e tomando a seringa com a mão direita levando-a ao alto fique em linha muito pouco obliqua, quasi perpendicular, se introduza no orificio inferior do lacrymal, depois posta a seringa em linha obliqua, sem necessidade de força, a canula da seringa se introduz dentro no sacco lacrymal, e neste estado comprimida a seringa faça-se introduzir o líquido, o qual não seja em larga quantidade, para que não obrigue o sacco lacrymal a huma grande distensão: a injeccção se repita passadas poucas horas, e algumas vezes em cada dia: advertindo, que a injeccção deve ser só de algumas pingas, pois na fistula lacrymal inflammada, a injeccção irritando prejudica; a compressão com os chumaços graduados, embebidos no collyrio N.º I., ou o do N.º XXXVIII., depois de extincta a inflammação tem lugar nesta especie.

A segunda especie de fistula lacrymal he a que apparece com inflammação do sacco lacrymal, que se conhece pela fluxão do muco materioso, pela vermelhidão, pelo calor, e dôr no canto interno do olho, e sacco lacrymal. Esta inflammação costuma apparecer tres, ou quatro vezes no anno, a qual facilmente se cura com remedios antiflogísticos; porém quando ella vem todos os mezes, ou todas as semanas, e resiste constantemente aos remedios antiflogísticos, neste caso se deve curar applicando banho á parte de agua vigeto, ou o collyrio N.º I. Não usando de injeccções no orificio lacrymal, durante o estado inflammatorio, sangrando, e purgando quando for tempo, e com remedios proprios do virus, que dominar, e depois usar dos antiflogísticos. Se o toque for tão forte que precise dos derivatorios se



podem applicar o caustico na nuca, e o fedenho: (se a rebeldia da molestia o pedir) tambem são lembradas as andorinhas abertas sobre as temporas, e usando dos remedios purificantes do sangue, como são os antiescorbuticos (quando o virus for escorbutico) os anticelticos, quando o virus for seftitico, ou galico, os saponaceos, antiputridos, antiescrofulosos tirados dos vegetaes, e mineraes, que todos são tambem antiflogisticos, além de outros, que não vão nomeados em particular, por não ser preciso, pois são bem conhecidos de todos.

Quanto ao fedenho, se abrirá na orelha no lugar onde as mulheres trazem os brincos, da parte que padecer a molestia, ou de ambas se a fistula atacar os dois angulos internos dos olhos, o que se faz com o truvisco, tirando huma porção da bainha, que guarnece suas astes, enfiando-a em huma agulha de sufficiente grandeza, e tambem o seu fundo, passando-a do mesmo modo, que se faz em outra qualquer parte com a tira de panno, fazendo-a mudar, e renovar, quando for preciso.

A terceira especie he complicada com obstrucção do ducto nasal: esta se conhece, quando comprimindo a fistula, o succo materioso do sacco não sahe pelo nariz. A cura pede tirar a obstrucção; e poderá ter lugar, usar do azougue pelo instrumento de Blisard, apontado na Epiphora, se ella he sómente glutinosa, bastaráo injecções detergentes: porém se for sólida, assim como a contracção cronica do esphinter, ou corrugação do ducto nasal, então se proceda a operação na fórma seguinte.

Deve preceder antes o preparar-se o doente, purgando-o, e sangrando-o, segundo o que pedir a indicação: a dieta, que deve acompanhar todo o curativo, se-



Ja antíflogística, advertindo, que o tempo proprio de fazer esta operação será, quando se veja o sacco lacrymal elevado por conter muita materia, a qual por expressão não se póde extrahir, devendo logo fazer-se, primeiro para que o sacco não rompa por algum outro lugar, e segundo para que a demóra não seja causa de que a materia ulcére todo o sacco, e o destrua, formando caria na fossa lacrymal. A intumescencia, que fizer pela noite o sacco lacrymal, no dia da operação pela manhã não se esprema, para que se veja bem o lugar, em que a incisão se deve fazer. Antes de entrar na operação se deve pôr prompto hum canivete recto, ou semicurvo para a incisão do sacco.

Situado o doente, que deve ser sentado em huma cadeira voltado para a luz, de traz delle deve estar outra cadeira, onde esteja sentado hum ajudante, que lhe segure a cabeça, e o Professor esteja em pé diante do doente; logo pegando no canivete fira o sacco lacrymal, principiando a incisão semicircular, junto da commissura das palpebras por baixo do cordão do musculo orbicular, seguindo a margem da orbita interiormente; feito isto se encha modicamente o golpe com huma pequena plancheta de fios, e se cubra com hum parche de emplastro anglicano do feitio de meia lua.

Ao dia seguinte tirados os appositos, se examinará o estado da ulcera. Se o sacco está simplesmente aberto, sem que tenha sido destruido, he regular, que o conducto lacrymal esteja em sua integridade, porém elevado, ou inchado, ou talvez inflammado; deve-se estabelecer huma boa suppuração, para que destrua todo o infarte, e logo depois se procurará conservar, e restabelecer seu diametro por meio de injeções desecantes, com attenção a não estimular sua entrada com o extremo da



da feringa; propõem-se também para este fim a introdução das velinhas, que se fazem de cordas de viola de varias grossuras, do comprimento de dedo, sendo suas pontas mais delgadas, e polidas, ou estilletes de chumbo, ou passando hum pequeno sedenho até o nariz, para formar o ducto.

Passando as lagrymas com liberdade, se cicatriza a ulcera do sacco, finalizando a cura com qualquer simples emplastro, ou com o uso de injeções, que bem pedir o estado da parte.

Os symptomas, que algumas vezes sobrevem a esta operação, são tres.

Primeiro. Hemorrhagia de sangue, procedida do ferimento da arteria angular, quando se rompe o sacco lacrymal, a qual se remedeia facilmente com fios secos, ou agarico ralado.

Segundo. Epiphora, que algumas vezes fica depois da operação causada, ou por laxação do sacco lacrymal, ou por concreção dos orificios, ou canal lacrymal, e por isso antes de cicatrizar a ferida do sacco lacrymal, sempre o Professor deve examinar, ou pelos estilletes (*Figura X. da Estamp. II.*) ou por meio de injeção (se os canaes lacrymaes se achão abertos) porque se estiverem concretos, os deve primeiro abrir com o estillete, se porém a ferida estiver cicatrizada, e os ductos se acharem concretos, deve-se fazer no sacco lacrymal nova incisão, e perfuração como no principio.

Se a Epiphora procede por laxação do sacco lacrymal. Curar-se-há, como se disse da hydropisia do sacco lacrymal, o que se póde ver no seu lugar.

O terceiro symptoma he a callosidade da ferida, que póde ser causada pelos corpos estranhos, que se introduzirão na cavidade para a dilatação della. Este sym-



ptoma pede que o orificio calloso se toque algumas vezes com hum pingo de manteiga de antimonio, ou solução de pedra infernal N.º XXII. ou ferindo com a ponta do canivete os labios callosos em circulo, ou se ponha em cima por tempo de huma hora hum pequeno parche de massa vizicante, para que assim extrahida a callosidade, se cure a ferida, como se fosse recente.

A quarta especie de fistula lacrymal, he a que apparece complicada com rotura do sacco lacrymal. Se o muco materioso desta enfermidade por causa da sua viscosidade obstruir os orificios lacrymaes, e ducto nasal, filtrando-se pelas glandulas no fundo do sacco lacrymal, dá causa a que o dito sacco com a cutis, que o cobre, se rompa para a parte de fóra. Esta rotura acontece, ou no meio do sacco lacrymal, ou em outro sitio, como debaixo da palpebra inferior. Se a rotura he feita no meio do sacco lacrymal, pela maior parte costuma ser pequena, e por isso se deve abrir mais, para que se possão por ella introduzir os remedios já apontados em a cura do ducto nasal. A rotura pois em lugar improprio pede que se faça operação em o sacco lacrymal, de outro modo, nem a rotura illegitima, nem a fistula lacrymal se podem curar.

A quinta especie de fistula lacrymal he a que apparece complicada com caria da fossa lacrymal. Esta especie raras vezes apparece, e quando succede he por se deixar de fazer a incisão do sacco lacrymal. As carias, que acontecem aos ossos desta parte, se manifestão pela producção de carne fungosa no sacco, e canal nasal, acompanhada de máo cheiro na fistula, e nariz. Estas se curão tomando internamente quina com assafetida, e no uso externo, ou com o canivete, ou  
com



com solução caustica faturada de pedra infernal se extrahe a carne fungosa, e depois se lhe applique essencia de euforbio, de almecega, ou de myrrha, para evitar o progresso da caria. Finalmente se o ducto nasal está tão extincto, que o estillete de tres quinas o não possa abrir, para dar passagem ás cordas, neste caso se faça nova abertura com agulha mais grossa, com as mesmas quinas em o fundo do nariz, pelo osso lacrymal, e membrana interna do mesmo nariz. A fluxão de sangue pelo nariz, e a entrada, e sahida do ar pela ferida da fistula, quando se comprime o nariz, são os signaes de estar furado o osso lacrymal. Esta abertura no mesmo instante se encha de fios, e ligue com atadura, deixando-a assim por tres dias. Depois tirada a atadura, se lhe introduza corda mais grossa, ou em lugar desta, vela saturnina, ou estillete de chumbo, como se disse acima, sendo qualquer das cousas de maior grossura, para que fique maior abertura, conservando esta cura por tres, ou quatro semanas, banhando a dita abertura, para que se seque a carne com agua fria, ou cozimento das plantas adstringentes, feito em vinho, ou com agua vigeto feita do novo extracto N.º XXIII.: ultimamente tirados os corpos, que se introduzirão se faça consolidar a ferida externa do sacco.

A sexta especie da fistula lacrymal he a que se acha complicada com acrimonia, a qual provém de virus venereo, escrofuloso, bexigoso, cancroso, ou semelhante.

A cura pede não só o curativo geral do morbo, que domina, mas tambem especificos remedios á parte.



## ENCHANTIS.

Esta enfermidade he huma excrescencia, ou intumescencia da caruncula lacrymal. Cauſando deformidade na parte; fluxão de lagrymas, e algumas vezes ectropio. Ha tres especies.

A primeira ſe diz benigna, ou excrescencia indolente, molle, vermelha, granulosa á maneira do fructo da Amoreira. Cura-se com os remedios locaes, e primeiro com o uſo de extracto de ſaturno N.º XXIII. Segundo por meio de ligadura na raiz. Terceiro por ſeparação da porção ſuperflua, por meio de instrumento cortante. Quarta pelo uſo de causticos.

A ſegunda especie ſe diz maligna, que he huma excrescencia aguda, côr de chumbo, dura, e deſigual, a qual degenera em cancro, que como tal deve ſer tratada.

A terceira he por inflammação da caruncula lacrymal. Esta ſe conhece pela tumefacção vermelha, quente, dolente, que repentinamente apparece. Augmenta-se esta especie algumas vezes até hum grande volume, o qual aberto, ou roto por ſi meſmo lança materia, e repentinamente ſe abaixa. A cura pede no ſeu principio tentar a reſolução por meio de agua vigeto, ou outra ſemelhante, ſe com effeito esta ſenão conſegue, ſe lhe applicuem cataplaſmas emollientes, depois ſe abra o tumor, curando-o como tal.

## RHYAS.

Esta enfermidade he a falta, ou diminuição da caruncula lacrymal. A cauſa proxima, ou he defeito de  
naſ-



nascença, golpe, ou erosão de algum humor acre. Este mal he incuravel, degenera em Epiphora, nunca remediavel, por estar o lago lacrymal sempre aberto.

### PERIBROZIS.

He esta enfermidade huma erosão, ou ulcera nas commissuras das palpebras, a qual se encontra frequentemente. Há duas especies.

A primeira he por acrimonia das lagrymas, assim como se observa na Epiphora acrimoniosa. A cura pede que se extinga a Epiphora, e depois se use da solução da pedra divina.

A segunda he por causa de Egylope, que alguma vez se propaga até as commissuras. Deve curar-se desvanecendo, ou extinguindo o morbo primario, como se aponta no Capitulo do Egylope.

### LEMOSITAS.

Esta enfermidade he huma fardice materiosa pegada no interno canto do olho: ha duas especies.

A primeira he vulgar, porque he frequente nos que acabão de dormir, nos caminantes, por causa do pó dos caminhos, e alguns doentes de outras enfermidades. Curão-se lavando os olhos às vezes precisas com agua tépida.

A segunda cobra o nome de constante, a qual permanece por muito tempo, e traz origem da Chace, ou remela da caruncula lacrymal. Cura-se como a remela das palpebras. *Veja Rubor das margens das Palpebras. A segunda especie.*



*LAGRYMA SANGUINEA.*

Esta enfermidade he huma espontanea refudação de sangue dos olhos. A causa proxima he a dilatação das anastemoses, ou extremidade das arterias. Tem mostrado a experiencia, que muitas mulheres faltando-lhe o sangue mensal a ser evacuado todos os mezes, lhe sahia pelos olhos. A cura pede sangrar, e restituir a evacuação do menstuo pelo seu proprio lugar.

*ENFERMIDADES DA MEMBRANA CONJUNCTIVA.**OPHTHALMIA.*

He esta enfermidade huma inflamação da membrana conjunctiva, ou de todo o globo do olho, que se conhece pela vermelhidão, calôr, dôr, e tenção do olho. A causa proxima desta molestia he a dilatação, e movimento dos vasos oculares na parte inflammada, por causa do estímulo inflammatorio, que molesta o olho immediatamente, ou por communicação. A causa, que dispõe para esta queixa, he, ou debilidade do olho, ou muita sensibilidade delle. Ha muitas differenças de ophthalmias, que pedem divisão, e denominação segundo o lugar da inflamação, seu gráo, duração, complicação, e causa; segundo o lugar divide-se a ophthalmia em externa, que se manifesta na conjunctiva, e algumas vezes na mesma cornea. Em interna, que se declara na choroide, uvea, ou iris. Em angular, que só occupa o interno, ou externo canto do olho. Segundo o gráo de força, divide-se em leve dita taraxis, a qual he huma pequena perturbação, e inflamação por cau-



causa externa, como acontece por pó, fumo, ou Sol, e em gravíssima dita Chemosis, que he huma inflamação dos olhos em gráo ultimo, segundo a duração divide-se a ophthalmia em aguda, que he a que se acompanha de febre, e não dura muito tempo. Em chronica, que he sem febre, e costuma durar mezes, e ás vezes annos. Em periodica, a qual torna em dia, ou tempo determinado. Segundo a complicação divide-se em complicada, quando apparece junta com outra enfermidade de olhos; em symptomatica, quando vem depois de outro morbo ocular; húmida, quando com ella apparece huma vehemente fluxão de humor seroso, ou purulento; e secca, quando existe sem a dita fluxão de humor seroso. Finalmente divide-se a ophthalmia segundo as causas. Em ophthalmia violenta, quando a causa he externa. Em consensual, quando a causa está no abdomen, ou outro lugar. Em Idiopathica, quando a causa está nos mesmos olhos. Em acrimoniosa, quando provém de transporte de humor acre, como do humor catharral, celtico, gonorrhaico, cancroso, scrophuloso, bexigoso, escorbutico, rheumatico &c. dos quaes se podem formar as especies seguintes de ophthalmias, que se reduzem a vinte e tres.

Primeira, a que se diz Taraxis, que he huma pequena inflamação de hum, ou de ambos os olhos, em a qual a vermelhidão he esbranquiçada, e com pequena dôr, e póde proceder por causa leve, como por vapôr acre, nascimento de dentes, leitura excessiva, calma intensa, introduccão de corpo estranho, *vulgo* argueiro, tempestade húmida, vento secco, ou frio. A cura desta enfermidade pede o uso de remedios repellentes, como he agua fria, ou agua rosada com algumas gotas de extracto de saturno, e não bastando,



o collyrio N.º I. ; fazendo-se necessaria sangria, e purga, se a inflammação se augmenta, se fará no seu respectivo tempo.

A segunda he chamada Chemosis, que he huma violentissima inflammação do olho, em a qual a túnica conjunctiva delle se faz vermelha, e de tal fórma intumescida, e elevada sobre a cornea, que fica esta como fumida. As palpebras juntamente se inflammão, a cornea se turba, e faz vermelha, ha dôr vehemente principalmente nas sobranceiras, experimentando o doente de noite febre, e falta de sono, sensação palpitante na cabeça, obfcurecendo-se a vista totalmente nos primeiros dias do augmento. O exito desta molestia raras vezes termina em resolução, mas sim frequentemente em suppuração, a qual ou rompe o globo do olho, ou deixa nelle algum cruel morbo, como opacidade na cornea, staphyloma, varices na conjunctiva, ulcera na cornea, fistula lacrymal, pterygio &c. Cura-se fazendo sangrar logo os enfermos, e ainda que se póde sangrar no pé, e braço, se deve preferir a sangria do pé, e jugulares. O interno se tratará com os remedios antiphlogisticos nitrados, fazendo uso dos vegetaes, que forem particulares á causa do humor, que dominar, usando das mezinhas refrigerantes, emollientes, fazendo-as mais, ou menos purgantes, quando for preciso; havendo dores, se toma internamente ao recolher huma porção de emulsão commua opiada, e se applicação á parte os anodinos brandamente resolutivos, como póde ser o chá de flor de malva, e sabugo, a cataplasma de peros feita em cosimento aromatico bem saturado tem lugar nesta molestia. Os purgantes fortes, e repetidos dados segundo os temperamentos, e forças do doente tem todo o lugar nesta molestia. Os

caus-



causticos só tem lugar nas complicações serofas. Se todos estes remedios de nada aproveitarem, se faça escarificação com a ponta da lanceta na intumescencia da tunica conjunctiva, e com o beneficio desta descarga se podem evitar outros danos, que pelo commum acontecem. Resolvida que seja a inflammation, se podem applicar os differentes remedios, que neste ramo de curativo tem lembrado varios Professores em fórma de collyrio, fomentações, ou vapôr, sejam como resolutivos, se ainda a necessidade o pedir, ou como animantes, e confortantes, em cuja escolha podem entrar o do N.º I., VIII., XII., XIII., XIV., e XV, e quando a quantidade de humor seroso seja a complicação, que embarace o curativo, fazendo cronica a molestia, se póde tambem depois do caustico applicar hum sedenho na nuca, e isto porque alguns o lembrão, ainda que sem fructo, como se tem observado na pratica, e será de maior utilidade na orelha com o truvisco, como fica apontado na fistula lacrymal.

A terceira especie he chamada fleumonosa, ou fleumão do olho, a qual he huma inflammation da choroide, iris, e uvea. Conhece-se pela modica vermelhidão da albuginea, porém o iris apparece vermelho, e a pupilla tão constricta, que o doente absolutamente não póde ver. A summa intolerancia da presenca da luz, a dôr, e palpitação intoleravel na cavidade do olho, e na cabeça algumas vezes lanção fóra do seu lugar o globo do olho. Acompanha tambem esta enfermidade vehemente febre, vigilia nocturna, e delirio, principalmente nas pessoas de pouca idade, e de fibra sensivel. Não poucas vezes o fleumão do olho se converte em Chemosis, e a Chemosis em fleumão, e neste caso todas as ophthalmias são agudissimas, e perigosissimas.



simas, porque frequentemente terminão em Hypopio, o qual rompe o olho, e se segue cegueira irremediavel. Algumas vezes a interna inflamação do olho deixa Sinezefis, Sinechia, Cataracta, Amaurosis, Amblyopia, ferida, ou abertura do iris, ainda que ella se discuta. A cura pede o mesmo tratamento que na Chemosis.

A quarta especie se chama aguda, a qual he vulgar, e vem acompanhada de febre, porém em poucos dias, ou algumas semanas termina: alguma cousa he mais vehemente esta ophthalmia do que a que se diz Taraxis, e excepto o humor flogistico, não traz consigo alguma particular acrimonia. A cura geral pede sangria, e uso interno de remedios antiflogisticos, e purgantes; externamente agua commua, mais, ou menos quebrada do frio, ou alguma das aguas ophthalmicas com algumas gotas do extracto de saturno do N.º XXIII. ou o collyrio N.º XIX.

A quinta especie he chamada cronica, ou habitual por ser antiga, e existir muitos tempos: he muito vermelha, pela maior parte chega a ser indolente. Procede da laxidão dos vasos. A esta classe se ajunta tambem a ophthalmia indolente, em a qual o olho se acha muito vermelho sem alguma dôr, como algumas vezes se observa. O mesmo affirmão Richter, Janin, Gendron, e outros. A cura desta quinta especie pede remedios roborantes externos, para o que poderá servir o do N.º XVIII., internamente póde tomar o doente quina com valeriana, tambem na parte se póde usar de agua, mais, ou menos fria, ou vitriolada, e de clara de ovo mista com pedra hume em pó, que fique em forma de linimento, untando as palpebras sem chegar ás pestanas para se não pegarem, ou do linimento N.º XXVII, ou XXVIII.



A sexta especie de ophthalmia he a que se chama secca , em a qual se não observa fluxão de lagrymas , nem tumor nas palpebras , mas sim vermelhidão , accommettidas as mesmas palpebras de comichão , e amanehecendo pegadas. A causa desta enfermidade he acrimonia dos humores , da qual lhe provém o ser rebelde a cura. Pede o seu curativo sangrias , e purgantes repetidos , caldos diureticos , que purifiquem o sangue , foro de leite , aguas acidas , banhos de agua tépida , collyrio de leite açafroado ; tendo todo o lugar o collyrio N.º I. como constantemente mostra a experiencia , os collyrios inviscantes feitos com algumas das aguas , ou cosimentos das plantas ophthalmicas com goma de marmelo são lembrados.

A setima ophthalmia he a húmida , que he huma enfermidade habitual com intumescencia junto á mais sólida substancia das palpebras , e copiosa fluxão de lagrimas , ou complicada com lippitude. A causa he a acrimonia dos humores , que a faz rebelde , escoriando os olhos , palpebras , e faces. A sua cura pede sangrias , mais , ou menos repetidas , segundo a pleçtorá que houver , diluentes , e adoçantes á qualidade que dominar , e purgantes repetidos : se esta molestia for muito agravante , se podem applicar os vesicatorios na nuca , e espaldas , e ainda sedenho na orelha com o truvisco , como fica apontado na fistula lacrymal. No principio não se devem tocar os olhos com remedios irritantes , tendo só lugar os embetantes feitos com pevides , ou goma de marmelo em algumas das aguas ophthalmicas , ou sómente agua tépida , e o collyrio N.º I. E para o fim se ajuntará algum grão de vitriolo , ou o collyrio N.º II.

A oitava especie de ophthalmia se diz violenta , a qual provém , ou por pancada no olho , ou por intro-



troducção de algum grão de arêa , mosquito , ou por causa de ferimento , assim como se observa depois da operação da cataracta. Cura-se sangrando o doente , internamente remedios diluentes , e a parte se banhará com a infusão de hervas cefalicas feita em vinho , ou agua , ou feita assim como se aponta no N.º XXXII. ou o do N.º XXXVIII. , ou a infusão com flores de fabugo , marcella , mililoto , e rosas.

A nona especie se chama ophthalmica consensual , que provém de saburra das primeiras vias , conhece-se esta enfermidade pelos sinaes , que na boca se declaram da saburra acida , podre , biliosa , ou verminosa , a qual he frequente nas crianças , e muitas vezes he indolente , tendo por companheira algumas vezes a febre. Cura-se com o uso de saes digestivos , purgantes , e remedios antiverminosos (se proceder de lombrigas.) A esta classe pertence tambem aquella , que provém por causa de nascimento de dentes , dôr de cabeça , obstrucção de viscera , e semelhantes causas remotas dos olhos. Cura-se , tirando o morbo primario.

A decima ophthalmia he encephalica , que procede de offensa de cerebro , conhece-se pelos sinaes da inflammação do mesmo cerebro. Esta ophthalmia he de máo prognostico , porque , se junto ao sétimo dia depois da contusão do cerebro apparecer frenesi , febre aguda , indica inflammação do cerebro , suppuração , gangrena , e finalmente morte. Cura-se extinguindo o frenesi.

A undecima ophthalmia he a que tem por causa a plethora , que provém por congestão de sangue nos olhos , e tem os mesmos sinaes , que o havello na cabeça. Procede de supressão de mezes , e das hemorroidas , da frequencia , ou abuso de beber líquidos espi-



pirituosos, da força de vomitar, ou de tossir, da dificuldade de depôr por dureza as fezes, e da de parir. Cura-se, sangrando, diluindo, purgando, conduzindo as excreções detidas ao seu exito natural. Externamente he bom remedio applicar á parte banhos de agua fria, e o collyrio N.º I.

A duodecima especie de ophthalmia he a catarhal, a qual traz sua origem de embaraço de transpiração, principalmente ao levantar da cama, e succede por dormir junto de huma parede húmida.

Esta especie de ophthalmia, assim como o catarrho, dura alguns dias, e feita a cocção do humor catarhal, se configura pelos vasos mínimos, sahe pelos olhos, e se extingue a ophthalmia. A cura desta molestia pede extinguir o humor catarhal com remedios internos especificos, e externamente se póde applicar á parte leite açafroado.

A decima terceira ophthalmia he a que provém da suppressão da gonorrhéa gallica, em a qual a materia virulenta por transporção vai accommetter o tecido cellular da membrana conjunctiva, ou albuginea.

### SINAE S.

Dois, ou tres dias depois da suppressão da gonorrhéa apparece abundantissima reméla, ou fluxão de humor amarello, esbranquiçado, purulento, semelhante á materia gonorrhaica, sahindo em tanta cópia, como de antes sahia pela uretra, com vermelhidão nos olhos, a qual vermelhidão se não acha diminuida pela manhã, como succede na ophthalmia venerea, e pela maior parte, ou quasi sempre se converte em pessima Chemo-fis, com a qual obfcurece a cornea, e se intumescce tanto



to a membrana conjunctiva, que a cornea se mostra quasi abatida. Pronóstico. Esta ophthalmia com difficulda-  
de se resolve, e de ordinario termina em suppuração  
no interior dos olhos, com opacidade da cornea, a que  
se segue cegueira incuravel. A cura sempre faz lembrar  
os remedios do costume, que são sangrias, remedios  
anodinos, e descucientes aos olhos, visicatorios, pur-  
gantes repetidos, que attendão á qualidade, para o  
qual fim se fará eleição nos que leva esta obra no seu  
formulario, e para o uso interno commum se póde  
usar da tizana ocular N.º XVII, o uso interno do mer-  
curio gomoso, tomado na dose de hum escropulo até  
trinta grãos por dia tem todo o lugar, banho mer-  
curial aos olhos composto de huma onça de mercurio go-  
moso, e hum quartilho de leite posto tudo a dar hu-  
mas leves fervuras, e lançado em pequeno vaso de vi-  
dro, cada meia hora se banhe o olho, estando primeiro  
tépido, advertindo que o olho, ou olhos se hão de met-  
ter na boca do vidro, que contém o leite mercurial  
quente, e voltando o fundo para cima, ha de ficar o  
olho todo banhado por algum espaço de tempo; outros  
muitos remedios lembrão varios Authores, de que cada  
hum poderá usar, ainda que infructifera a sua applica-  
ção neste caso, como elles mesmos apontão, e eu por  
experiencia tambem o digo.

A decima quarta especie de ophthalmia he a vene-  
rea, que traz sua origem de acrimonia venerea diffundida  
por todo o corpo. Differe esta especie da ophthalmia  
gonorrhaica, em que esta venerea pelas manhãs está di-  
minuta, e nunca degenera em Chemosis. Cura-se, usan-  
do internamente de mercurio gomoso, ou das mesmas  
pímulas apontadas nesta obra, que cada hum poderá es-  
colher, segundo o estado do doente, applicando exter-  
na-



namente ao olho banho mercurial, de agua morna, ou com alguma tinctura de flor de malva, e fabugo.

A decima quinta ophthalmia he a cancroza, que he huma leve vermelhidão de olhos, e labios das palpebras, que acompanha os cancos ulcerados, manifestos em qualquer parte do corpo. A cura desta especie consiste em curar-se o virus cancrozo com remedios especificos, como pedir o estado do doente, para o uso diario interno o remedio N.º XVIII.; purgando quando for preciso com a opiata N.º XIII. o xá de flor de malva, e agua morna he o remedio topico, além de outros.

A decima sexta especie de ophthalmia he a escrophulosa, a qual he familiar ás crianças escrophulosas. Cura-se usando internamente quina, antimonio, conserva de cicuta, etiope mineral, sabão de veneza, genciana &c. Externamente se lhe póde applicar como collyrio, cozimento de quina com pedra hume, depois com vesicatorio, ou sedenho se faça huma chaga artificial. Sangrias, e purgantes fortes são prejudiciaes aos escrophulosos.

A decima setima especie de ophthalmia he exanthematica, a qual procede de metástazi, ou transporção da materia exanthematica de algum morbo, isto he, de bexigas, ou sarampo, que se deposita nos olhos. Conhece-se pela presença, ou precedencia do morbo exanthematico do sarampo, sarna, herpes, tinha da cabeça. A cura pede remedios revellentes internos, como pedir a indicação; os externos são sedenho, fontes, e causticos, como se aconselha; e ainda que o uso destes revellentes externos não favoreça a experiencia a sua utilidade, a mesma aconselha o sedenho na orelha com o truvisco; *Vêja a fistula lacrymal para a sua applicação.*



A decima oitava ophthalmia he a variolosa, a qual costuma apparecer algumas semanas depois da secça das bexigas, principalmente se o doente não tem sido bem purgado, ou muito repentinamente se expozer a hum ar frio: esta ophthalmia he húmida, acre, e muito pertinaz: algumas vezes dura annos, e muitas degenera em manchas, e staphyloma da cornea. A cura pede purgantes a miudo, antimonias, mercurias, provocar chagas artificiaes, e banhos.

A decima nona ophthalmia he rheumatica, e arthritica, a qual manifesta nos olhos não só huma pequena vermelhidão, mas dôr intensa, e acre, e fluxão lacrymal. O tratamento he o mesmo, que da precedente.

A vigesima especie de ophthalmia he onanistica, a qual procede de frequentes polluições: Cura-se applicando aos olhos agua fria, ou com alguma mistura de agua vigeto, e ao corpo todo banhos de agua quasi fria, internamente se lhe applicuem roborantes, como he a quina valeriana, ferro &c.

A vigesima primeira ophthalmia chamão complicada, a qual he huma inflammation dos olhos causada de outro morbo ocular, como da trichiasi, trachoma, ulcera, ou fistula da cornea, synechia, lagophtalmo, ectropio, carbunculo da albuginea, pustula da cornea, hordeolo das palpebras, corpo estranho introduzido nos olhos, vulgo argueiro, ferida do olho &c. Cura-se extinguindo o morbo primario, que a causa; para o que veja os morbos apontados nos seus respectivos lugares.

A vigesima segunda especie de ophthalmia he a epidemica. A ophthalmia catarrhal por causa de constipação, e a ophthalmia outonal por corrupção de bille, não poucas vezes se observão epidemicas. A cura deve ser como a da catarrhal, e das enfermidades gastricas.



A vigesima terceira ophthalmia he a periodica, a qual apparece em certos tempos, assim como as feções; humas vezes traz vermelhidão dos olhos, outras não. Cura-se com o uso de purgantes; e por ultimo com o de quina. Além de todas estas especies de ophthalmia, se lembra huma com o nome de quotidiana, o que cada hum poderá ver nos diversos Authores, que escreverão desta materia.

### OPHTHALMODYNIA.

He esta enfermidade huma grande dôr nos olhos, sem apparecer nelles grande vermelhidão, esta dôr he de varios modos, pois, ou he com comichão, ardor, ou com compressão, ou como que nos olhos se acha espalhada huma pouca de arêa. As especies desta enfermidade são oito.

A primeira he, a que se chama rheumatica, que he huma dor nos olhos com levissima, ou quasi nenhuma vermelhidão nelles, a qual por ser rheumatica feroza, não produz vermelhidão. A cura pede purgantes antiflogísticos, brandos diaforeticos, e visicatorios. Os collyrios húmidos nas enfermidades oculares, que procedem de causa rheumatica, e arthritica, não aproveitão.

A segunda especie de ophthalmodynia he a periodica, que he huma dôr de olhos sem vermelhidão, que em certas estações de tempo torna a apparecer, a qual vem acompanhada de febre, sede, fluxão de lagrymas, as ourinas intensamente vermelhas, e algumas vezes côr de tijolo. Cura-se como as febres intermittentes, dando purgantes no principio, e depois quina, ou infusão de flor de arnica.

A terceira especie he, a que se chama espasmodica,



ca, que he huma dôr como de compressão no globo do olho, que provém do espasmo dos musculos do globo, a qual se observa nas pessoas hystericas, e hyponcondriacas, e tambem nas que acabão de chorar. A cura do costume he o uso de remedios nervinos, antispasmodicos; e o tempo, que tambem cura certas molestias.

A quarta especie de ophthalmodynia procede de interna inflamação dos olhos, em a qual apparece dôr, e sensação, como se o globo fosse obrigado a saltar fóra do seu lugar. Veja fleumão do olho.

A quinta especie de ophthalmodynia he chamada hydrophthalmica, a qual apparece depois de dôr de testa, perturbação da vista, dilatação da pupilla, e elevação do globo do olho. Cura-se com o uso de sangrias, purgas, e vesicatorios. *Veja hydrophthalmia.*

A sexta especie de ophthalmodynia he nomeada arenosa, que he huma dôr com comichão, e juntamente picadas, como se dentro nos olhos se tivesse espalhado huma pouca de arêa, a qual sensação acompanha as ophthalmias incipientes, a arêa introduzida nos olhos, e o nascimento do hordeolo. A cura pede lavar os olhos com agua quasi fria, ou com algumas gotas de extracto de saturno.

A setima ophthalmodynia he symptomatica, porque he produzida de outras enfermidades oculares, assim como de ophthalmia, hordeolo &c. A cura pede extinguir o morbo primario, o que fica dito em diversos lugares.

A oitava ophthalmodynia he a cancroza, que provém de deposição de humor cancroso para os olhos. *Veja carcinoma dos olhos.*



*VARICES DA CONJUNCTIVA.*

He esta enfermidade huma grossura, ou dilatação de vêas na membrana conjunctiva, a que os Gregos chamavão *Cirsophthalmia*. A causa proxima he a laxação destas vêas. As especies são duas.

A primeira he simples, a qual muitas vezes fica depois das ophthalmias. Cura-se usando por collyrio aguas vitrioladas, ou a agua do N.º VIII.

A segunda especie se diz complicada com pterygio. A cura desta especie pede que as varices, que correm do canto do olho para a raiz do pterygio, ou pelle nervosa do mesmo canto, por meio de lanceta, ou agulha ocular, se dividão transversalmente, e com solução forte de vitriolo se enxugue a fluxão. Da varicosidade cancroza. *Veja carcinoma do globo.*

*ECCHYMOSIS DA CONJUNCTIVA.*

He esta enfermidade huma effusão de sangue nas cellulas da membrana conjunctiva. Humas vezes só se observa alguma macula, nodoa livida, ou vermelha no branco do olho, outras vezes toda, ou metade da membrana conjunctiva, apparece roxa por causa de sangue extravazado. Ha duas especies desta enfermidade.

A primeira se diz *Ecchymosis violenta*, que procede de golpe, ou ferida nos olhos. Esta especie as mais das vezes he complicada com inflammação, e se trata segundo o seu estado.

A segunda especie de *Ecchymosis* he espontanea, a qual, sem ter havido contusão nos olhos, apparece por causa de vomito, tosse, ou riso. Esta especie de ordi-



nario nem traz inflammação, nem annuncia perigo. Huma e outra se cura usando por collyrio o vinho, em que se houver tirado a infusão de plantas cefalicas, ou o collyrio N.º XXXII, e tambem o do N.º XXXVIII.

### *PUSTULA DA CONJUNCTIVA.*

He esta enfermidade huma vesicula cheia de materia, que as mais das vezes se observa na conjunctiva, junto ás extremidades da cornea, e da qual se distendem huma quantidade de vasos vermelhos. Ha duas especies desta enfermidade.

A primeira se dá o nome de pustula vulgar, que procede de ophthalmia angular. Cura-se tirada a inflammação com infusão de flor de sabugo canforada, e depois applicar solução de pedra divina, ou o collyrio N.º V.

A segunda especie de pustula he acrimoniosa, que apparece aos gallicados, bexigofos, e outros possuidos de humores acrimoniosos. Cura-se com os costumados remedios do uso externo, applicando especificos internamente.

### *PHLYCTENA.*

Esta enfermidade he huma vesicula cheia de agua. Ha duas especies.

A primeira he indolente, a qual he semelhante ao hydatido, isto he, á borbulha, ou empola cheia de agua. A cura pede abrir por incisão, e deseccar a parte com o uso de agua vitriolada.

A segunda especie de Phlyctena se chama ardente, a qual tem vermelhos os labios, e doridos: procede de diversas acrimonias do sangue, e não poucas vezes de-



degenera em pessima chaga na conjunctiva. A cura pede extinguir a inflamação com collyrios desecantes, e póde ter lugar o do N.º VIII. , e o uso interno de remedios especificos.

### PAPULA.

He esta enfermidade hum tubérculo duro , que nasce na membrana conjunctiva do olho , algumas vezes a causa parece ser a renutrição de alguma glandula subcutanea na conjunctiva , de que ella he dotada, e a maior parte dos pequenos abscessos da conjunctiva não são causados mais do que pela repleção dos filtros das glandulas desta túnica , e pela introducção de partes heterogeneas, ou pela depravação da lymphá, que faz o stase, a acremonia, e abundancia da materia purulenta , alterando , ou destruindo o corpo glanduloso &c. A cura pede applicação de remedios resolutivos interna, e externamente ; tambem póde ser tocada a parte com o linimento N.º XXIX.

### CARUNCULA.

He esta enfermidade huma empola molle , e vermelha da conjunctiva , semelhante a huma pequena excrescencia de carne (a que se dá o nome de Epanestema) da pinguecula , que he amarela , differe esta por ser vermelha. A causa parece ser huma transsudação de humor lymphatico , coagulado em tubérculo. As especies desta molestia são duas.

A primeira he simples , sem outro algum morbo. Cura-se com o uso de solução vitriolada.

A segunda especie he complicada , por ser acompanhada-



nhada de ulcera, e outras enfermidades. Cura-se como a primeira, ou com solução de pedra divina, ou o collyrio N.º V.

### *CARBUNCULO DOS OLHOS.*

He esta enfermidade hum tubérculo na albuginea, ou na mesma cornea; a principio muito vermelho, e ardente, que depois se converte em huma crosta gangrenosa. A causa proxima he o humor acre carbunculofo, que as mais das vezes ameaça esfacelo do olho, cegueira, e muitas vezes por ultimo a morte. A cura pede se applique ao olho collyrio mucilaginoso, e alcanforado, feito com a goma de marmelo, e tambem póde ter ufo agua vigeto, e internamente tomar vinagre com alcanfor, e quina, e os mais remedios apontados no carbunculo das palpebras.

### *CHAGA DA CONJUNCTIVA.*

Esta enfermidade he huma solução purulenta na conjunctiva, ha tres especies desta molestia.

A primeira he huma chaga simples, que procede de alguma causa externa, ou antecedente inflamação. Cura-se com o ufo externo de collyrio N.º III., ou IV., ou solução de pedra divina N.º V.

A segunda especie se dá o nome de chaga venerea, a qual muitas vezes fica depois da inflamação gonorrhaica, ou pustula venerea da conjunctiva. Cura-se com a applicação externa de solução branda de solimão, misto com mel rosado, tratando o interno á proporção da causa com alguma das composições de pímulas, que vão receitadas nesta obra.



A terceira especie de chaga he , a que tem por causa o virus escropholoso, que algumas vezes fica depois de longo tempo de inflamação escropholosa. Cura-se usando internamente quina com conserva de cicuta, e os mais remedios anti-escropholosos, e externamente cozimento de quina com pedra hume.

### DOENÇA DE OLHOS POR INTRODUÇÃO DE CORPO ESTRANHO.

A introdução de qualquer corpo estranho, como arêa, argueiro, insecto, limagem de ferro &c. excitão nos olhos incessante niçtitação das palpebras, *vulgo* pestanejar, huma fluxão de lagrimas, e huma inflamação dos olhos. Ha duas especies desta enfermidade.

A primeira he o corpo estranho mettido entre o globo, e as palpebras, este se deve tirar, lavando o olho com agua tépida, e não sahindo, se atará na ponta de huma delgada tenta huma pequena porção de esponja molhada em agua mucilaginosã, que se faz com pevide de marmelo em cozimento de flor de malva, e procurando por entre as palpebras, e globo do olho o dito corpo estranho, tambem se póde introduzir este cozimento, ou agua dentro das palpebras por seringa, e quando o corpo estranho for páo, ou ferro, que por estar pegado ás membranas não possa sair, se conduzirá para fóra com a colher ocular, ou com pinça, se estiver cravado, lembra-se tambem as sementes de crista gali, ou de linho mettidas dentro das palpebras, que com a sua mucilagem facilitão a sahida do corpo estranho.

A segunda especie he, quando o dito corpo estranho se acha cravado na cornea, ou na conjunctiva. Os meios, que se apontão para a extracção destes corpos



pos cravados, são o pegar-lhe com huma pinça propria, e tiralla, ou dilatar o lugar, em que está o dito corpo estranho com a ponta da agulha ocular, e depois de extrahido se porá hum apposito em cima das palpebras molhado em vinho aromatico N.º XXXVIII. sem o espirito.

### *ENFERMIDADES DA CORNEA, E PRIMEIRO DA SUA OBSCURAÇÃO.*

Esta enfermidade he huma perfeita, ou imperfeita opacidade de toda a cornea. Conhece-se pelo perdimento da côr natural da mesma cornea, pela falta total de vista, que o doente experimenta. A causa proxima he, ou effusão de humor entre as tûnicas da cornea, ou estagnação de humores serofos nos seus vasos transparentes, ou concreção de vasos, e fibras, de que a cornea se compõem. As causas remotas são inflammação da cornea, calôr de fogo, deposição de humores, sendo os effeitos destes mais agravantes, quando forem dos venereos, escropholosos, escorbuticos, ou bexigofos; abatimento da cornea; levantada coagulação; assim como produz o vitriolo quando se funde: Os effeitos são amblyopia, ou pouca vista, se a cornea está sómente obscura, e cegueira, se ella está totalmente opaca. A obscuração da cornea divide-se geralmente em imperfeita, ou nubosa, quando toda a cornea está turva, e obscura, á maneira de nuvem, ou fumo, e o doente experimenta a vista fraca, esta especie he curavel; e perfeita, ou opaca, quando toda a cornea se observa amarella, ou côr de greda, e o doente nada vê, esta especie he incuravel, principalmente se o mal for antigo, porém se a opacidade por este, ou qualquer lugar



gar se mostrar azulada, ou nubosa, nesse lugar se applicuem os remedios, para que ao menos esse fique transparente. As especies da obscuração da cornea são oito.

A primeira he por inflamação da cornea. Cura-se como a ophthalmia cronica, sangrando se houver plethora rubra, e forças, que o peção, purgando os humores pela ordem geral, e particular, repetindo-os mais, ou menos, segundo a indicação, sendo este o meio mais seguro, para aliviar, e muitas vezes curar as molestias cronicas dos olhos; e a pratica assim o faz ver; e á parte externamente collyrios vitriolados brandos feitos com as aguas, ou cozimentos das plantas ophthalmicas, que melhor se derem com a natureza da molestia, e do doente, e os collyrios seccos N.º XXIV., XXV., ou os do N.º XX. depois de extincta a inflamação.

A segunda he chamada obscuração vulgar, que apparece sem causa especifica. A causa pede o uso interno de remedios resolutivos, assim como o extracto de cicuta, de pulsatilla negra misturando alguns purgantes, e calamelanos, ou fazendo tomar em pímulas o extracto com calamelanos como do N.º VII., attendendo ás forças, e idade com as quantidades, e purgando com o sal mirabel interpoladamente. No uso externo são uteis os collyrios abstergentes, e poderão ter lugar os pós de borax, mercurio doce, pedra hume queimada, vitriolo branco, e opio, de cada cousa poucos grãos se misturem com o necessario açucar cande; o sal volatil de ponta de viado, ou algum dos collyrios acima lembrados. Ainda que o uso destes pós, ou collyrios seccos vai bastantemente explicado no lugar, onde vão receitados, não será estranho repetillo neste lugar para maior perfeição.

Toma-se na pá de hum palito huma porção maior,



ou menor, tendo a cabeça deitada em hum traveceiro, abertas as palpebras, se volta o dito palito com os pós em cima da cornea, fechando depois as palpebras, e mandando mover o globo do olho, pois por meio destas diligencias, e de outras, muitas vezes se consegue o que se intenta.

A terceira especie de obscuração he a que tem origem da inflammação venerea, humas vezes sendo presente esta causa, e outras sem que ella se declare, mas só por deposição de miasma venereo na cornea costuma apparecer esta especie, como algumas vezes se observa nas crianças geradas de Pais venereos, *vulgo* gallicados. São incuraveis estas obscurações venereas nas idades pequenas, ainda que algumas se tem vencido banhando os olhos com leite mercurial, e outros remedios. A cura da obscuração venerea, pelo que respeita aos adultos, pede o uso interno de mercurio gomoso, ou as pímulas N.º V., e N.º XVI. e repetidos purgantes, quando estas não fação sufficiente evacuação.

A quarta especie de obscuração he, a que tem por causa o virus scrophuloso, a qual se observa nas crianças, que padecem este mal. A cura pede o uso interno de quina, cicuta, etiope mineral; externamente cozimento de quina em alguma agua ophthalmica com sabão de Veneza.

A quinta especie de obscuração he a variolosa, a qual algumas semanas depois de extintas as bexigas, costuma apparecer na cornea com ophthalmia, ou sem ella, e não poucas vezes degenera em staphyloma da cornea. A cura pede o uso interno de repetidos purgantes, e de quina, e externamente se uzem qualquer dos remedios, que se tem lembrado nas precedentes.

A sexta especie de obscuração provém de rhytidosis,



sis, ou contracção da cornea. Cura-se desvanecida a contracção, ou abatimento da cornea. *Veja Rhytidosis.*

A sétima especie de obscuração he por staphyloma. Cura-se com o uso externo de manteiga de antimónio. *Veja Staphyloma.*

A oitava especie de obscuração se chama complicada, porque vem acompanhada de chemosis, staphyloma, ulcera, e outras enfermidades. A cura pede extinção do morbo primario, e depois especial curativo da obscuração como acima fica explicado.

### *ALBUGO DA CORNEA, VULGO BELIDA.*

He esta enfermidade huma opacidade em certo lugar da cornea transparente.

As causas são as mesmas, que na obscuração da mesma cornea. As especies são cinco.

A primeira se chama albugo semipellucido, ou nephelio, que he hum albugo meio transparente, que apparece na cornea, imitando a nuvem, nevoa, ou fumo: procede da estagnação de humor crasso nos vasos transparentes da cornea. Cura-se como a obscuração vulgar.

A segunda especie se diz macula, ou nevoa opaca, leucoma, a qual he huma nevoa totalmente opaca de côr branca, ou amarella: procede de humor espesso espalhado entre as membranas, ou túnica da cornea. Cura-se com os remedios, que ficão lembrados na obscuração completa.

A terceira especie se diz nevoa margaritacea, ou paralampsis, na membrana, que representa o pardo dos olhos. He esta enfermidade huma nevoa opacissima, côr de greda, ou azul esbranquiçado, de figura de huma  
pi-



perola, dura, e elevada á maneira de hum tubérculo branco, a qual apenas alguma vez se póde curar; e ainda que se conheça a difficuldade do seu curativo, convirá tocar-se a superficie do tubérculo na parte mais superior com a pedra infernal, ou manteiga de antimónio, ou com solução de cantharidas, ou de oiro pymento, além de outras applicações, que se achão lembradas, de que cada hum poderá fazer uso, se a caso o pedir a molestia, e o doente quizer, porque como estes remedios são activos, carece de prudencia, e da vontade do enfermo.

A quarta especie se chama albugo arcuato, ou gerontozon, que em todo, ou em parte rodea a modo de arco as margens da cornea. O meio da cornea fica transparente, e daqui nasce parecer o disco da cornea muito pequeno. He esta enfermidade familiar nos velhos, e por isso he chamada arco de velhos. Parece provém esta enfermidade da concreção dos vasos transparentes em os ditos velhos. He morbo incuravel.

A quinta especie se diz cicatriz, ou oule, que he hum albugo, que succede de ferida, ou ulcera da cornea, por concreção dos vasos transparentes. As feridas da cornea feitas com instrumento agudo não deixão cicatriz visivel, como se observa depois da extracção da cataracta (não havendo grande inflammação.) Só os instrumentos obtusos, e feridas da cornea, em que houver grande suppuração, deixão cicatrizes visiveis, que rara vez se consegue extinguir-se.

### PTERYGIO.

He esta enfermidade huma excrescencia membranacea, que a modo de aza aberta se augmenta va-  
ga-



garofamente do interno canto do olho pela membrana albuginea, e cornea para a parte da pupilla. A causa proxima parece ser a extensão, ou prolongação das fibras, e vasos da caruncula lacrymal, ou membrana semilunar. As causas remotas são as inflammções habituaes destas partes, as relaxações, e deposições de humores acres. As especies de pterygios são quatro.

O primeiro se chama Pterygio tenue, ou unha, que he huma excrescencia ou pellicula transparente, côr de cinza, indolente, da caruncula lacrymal, ou membrana semilunar. Cura-se com remedios farmaceuticos, ou chirurgicos; os farmaceuticos são, solução faturada de vitriolo, de pedra divina, de pedra infernal, manteiga de antimonio, pedra hume queimada mixta com açúcar. Os chirurgicos são, os que separam de hum, ou mais golpes toda a excrescencia, como são a tizoura, ou canivete ocular, o que se faz deste modo. Depois de situar a cabeça do doente, e segura por hum ajudante, se levanta o pterygio, pegando-lhe com huma delicada tenaz, ou pinça, se vai separando pouco a pouco com a tizoura, ou canivete, como fizer melhor commodo. Os pterygios, que sómente estão pegados por filamentos, facilmente se separam, e difficulosamente os que por toda a parte estão adherentes á túnica cornea, e se não podem levantar.

A segunda especie se diz Pterygio crasso, ou panno, differe do tenue, ou unha pela grossura, pela côr vermelha, e ajuntamento de vasos vermelhos sobre o branco do olho, estendidos á maneira de molhos sobre a mesma cornea. Cura-se cortando os vasos nutrientes, que correm do interno canto do olho para o pterygio, e com isto algumas vezes o pterygio apodrece, em segundo lugar são louvados os usuaes medicamentos cauf-



ticos, em terceiro lugar cortar o panno, ou crassice do pterygio até á caruncula.

A terceira especie se diz pterygio maligno, que he hum como panno, ou crassice de diversas côres, dorido, varicoso, procedido de acrimonia cancrosa. Cura-se curando o cancro, o que raras vezes succede.

A quarta especie se diz pterygio pingue, ou gordurento, que he hum pequeno corpo semelhante ao toucinho, ou gordura, molle, sem dôr, de côr amarellada, que de ordinario nasce da albuginea no externo angulo do olho, e raras vezes sobe até á cornea, mas as mais das vezes assim presiste por toda a vida sem subir á cornea, a cura pede golpe, ou separação, e solidar a parte com o collyrio N.º IV.

### STAPHYLOMA.

He esta enfermidade hum morbo da cornea, o qual eleva esta membrana a hum crassice, e opacidade preter-natural da sua substancia. A causa proxima desta enfermidade he o ajuntamento de humores crassos entre as túnicas da cornea, que atacando a sua superficie interna, e externa, a obriga a inchar, ou sahir fóra; tem tambem o nome de hernia. As causas remotas são habitual inflammation da cornea, forte contusão, porém mais frequentemente apparece depois das bexigas por causa da deposição do humor dellas. As especies desta enfermidade são sete.

A primeira se chama staphyloma total, o qual occupa toda a cornea. Esta especie he frequentissima, eleva-se a cornea escurecida sobre o globo do olho, e augmentando obriga a palpebra inferior a voltar-se de modo, que ella se deita sobre a face, causando prurido,



e escoriação, de que se segue, que o globo do olho exposto aos toques do ar, manchado de fordices, irritado dos cabellos da palpebra inferior, padece muitas, e fortes dores, faz-se vermelho, e se cerca de pequenas papillas. A cura do Staphyloma no seu principio algumas vezes se consegue felizmente com o uso de collyrio de agua fria, ou vitriolada, chá de flor de malva, espirito de ponta de viado, sangue de pombo, ou vapores de agua, e leite; porém o Staphyloma antigo só com o uso de manteiga de antimonio se póde resolver, e se applica tocando o Staphyloma com hum pequeno pincel de fios, humedecido com a dita manteiga, e adoçando os estímulos com leite tépido. No primeiro caso do Staphyloma, em que convém a resolução, e he applicado o sangue de pombo, se fará uso do modo seguinte; situado o doente de costas, abertas as palpebras se fere debaixo da aza o dito pombo, recebendo o sangue em hum colher do uso do chá, tendo-a primeiro aquecido em agua quente, e lançando-o na parte enferma, lavando depois as concreções deste sangue com o cozimento de marcella, e flor de sabugo, repetindo o uso destes remedios ás vezes precisas.

A segunda especie se chama Staphyloma racemoso. He esta enfermidade cercada de prominencias carnosas pela maior parte semelhantes, ou maiores do que a cabeça de hum alfinete. Cura-se do mesmo modo que o Staphyloma simples.

A terceira especie se diz Staphyloma parcial, o qual occupa sómente alguma parte da cornea. He opaco, e de algum modo semelhante a hum pequeno bago de uva branca. Cura-se, como o Staphyloma total.

A quarta especie de Staphyloma se diz sclerotico, que he tumor azulado, semelhante a hum pequeno ba-



go de uva, endurecido, elevado em certo lugar por entre a albuginea. A cura tambem pede o uso de manteiga de antimonio.

A quinta especie se diz Staphyloma pellucido, em o qual a cornea não está muito grossa, mas sim destendida, e algum tanto transparente. A esta enfermidade dão alguns o nome de Ceratocele, ou hernia da cornea. Esta molestia he principio de hydrophthalmia, pelo que pede a mesma cura, que se póde ver no seu capitulo.

A sexta especie de Staphyloma chamão complicado, o qual apparece complicado com ophthalmia, ou ulceração do olho, com synechia, ectropio, caruncula, ou outro morbo ocular. Desvanecidas as complicações, se satisfaz a cura do Staphyloma, como pedir o seu estado.

A setima especie se diz Staphyloma do iris. *Veja Ptofis do iris.*

### ONYX, OU UNHA.

Esta enfermidade he hum abscesso, ou collecção de materia entre as tunicas da cornea. A figura, e côr, que algumas vezes mostra esta molestia, obrigou a dar-se-lhe o nome de unha. Os signaes são hum ponto branco vulgarmente chamado belida, elevado, movel, e molle, por este signal se differença do Leucoma, que he duro. As especies desta molestia são duas.

A primeira he a que se diz abscesso superficial, procedido de inflamação, o qual não he perigoso, e se extingue com a inflamação, applicando collyrios antiflogísticos, ou o do N.º X.

A segunda se diz abscesso profundo, o qual profunda, e se pega entre as tunicas da cornea: humas vezes rompe para a parte de dentro, e produz o hypopio, outras vezes abre para a parte de fóra, e deixa hu-



huma fistula na cornea, outras vezes secca-se a materia, e temos Leucoma. A cura pede resolver o abscesso, o que se póde tentar com applicação de solução de borax, ou tincal com açúcar, e se senão conseguir resolução, se abra o abscesso com agulha ocular, e depois de aberto se deve curar, como chaga da cornea.

### HELCOMA.

He esta molestia huma chaga na interna, ou externa superficie da cornea. As causas destas ulceras são antecedente inflammação, ferida, contusão, deposição de humor das bexigas, do fessitico, escrofuloso, acrimonia das lagrymas, trichiasis, pterygio degenerado, pustula, ou empolla da cornea. Conhece-se esta enfermidade, quando se observa a superficie da cornea cavada, e purulenta.

### *VARIADADES DESTA MOLESTIA, OU SUAS ESPECIES, QUE SE REDUZEM A SINCO.*

A primeira he, a que se chama chaga, ou ulcera superficial, ou leve escoriação, que occupa toda a cornea, outras vezes sómente as margens della, causando brancura na cornea, e vermelhidão na conjunctiva. Cura-se com o uso de solução de pedra divina, ou de vitríolo branco; tambem he util a solução de clara de ovo com algumas gotas de agua verde, untando com ella a cornea por meio de delicado pincel, e melhor o collyrio N.º III., IV., V., como ensinará a pratica, ou o do N.º XXXIX.

Os antigos oculistas derão varios nomes a ulcera da cornea, com que carregarão a memoria sem alguma uti-



lidade. Differão, que a Helcydrion, ou bostella, era huma ulcera superficial; que o coiloma era huma chaga, ou ulcera concava: que o Encauma, ou Epicauma, ou Queimadura, era huma chaga, ou ulcera fardida, e ardente; que o Argema, ou Catarata era huma chaga, ou ulcera das margens, o que cada hum poderá ver nos diversos Authores, que escrevêrão desta materia.

A segunda especie se diz chaga, ou ulcera fardida, a qual he crustosa, ou semelhante a toucinho. A cura desta enfermidade se fará com a solução de borax, ou tincal, e os collyrios N.º III., IV., e V., que dão toda a satisfação no curativo desta molestia, e tambem a póde dar o uso do remedio N.º XXXIX.

A terceira especie se diz chaga, ou ulcera fungosa, em a qual se observa huma excrescencia ao modo de papillas carnosas, semelhantes a pequenas cabeças de alfinetes. Cura-se, cortando a papilla fungosa, ou tocando-a com pedra infernal, como querem alguns; os purgantes mercuriaes interpolados devem ter todo o uso, attendidas as forças, idade, e complicações.

A quarta especie se chama chaga, ou ulcera venerica, a qual pede o uso interno de remedios mercuriaes, receitados nas diversas composições de pímulas, que leva esta obra; e externamente se applicará solução tenue de solimão com mel rosado.

A quinta especie se diz chaga, ou ulcera escrofulosa, a qual apparece nos escrofulosos. Pede a cura uso interno de remedios anti-escrofulosos, como o do N.º XIV., e externamente a applicação de cozimento de quina em agua rosada.



*FISTULA DA CORNEA.*

He esta enfermidade huma chaga , ou ulcera na cornea cheia de feios materiosos. Estas fistulas apparecem entre as tunicas da cornea para a parte de cima, ou para a debaixo , e transversal , ou rectamente para a parte de dentro , ou tortuosa. As especies destas molestias são duas.

A primeira se diz fistula não penetrante , a qual não passa á interna superficie da cornea. Conhece-se vendo-se o canalzinho esbranquiçado , a cornea obscurecida , mas não abatida. Cura-se com os remedios usuaes externos , que se apontarão , dilatando a fistula com instrumento proprio ( sendo preciso ) dando ao doente internamente remedios especificos , que destruão a causa do humor , que dominar.

A segunda se chama fistula penetrante , que penetra huma , e outra superficie da cornea. Conhece-se por meio da tenta , descobrindo hum buraco , ou orificio penetrante na cornea , pela fluxão do humor aquoso , pela obscuração , corrugação , e abatimento da cornea , e perpetua vermelhidão do olho. Durando as fistulas penetrantes muito tempo , por causa do abatimento da cornea , e irritação do iris , apparece a myosis , ou demasiada contracção , e aperto da pupilla , inflamação , e concreção do iris com a cornea. A cura deve primeiro tentar-se , purificando , e farando a fistula com a solução de vitriolo , ou de azebar , ou de borax com açúcar , depois tocar a orificio da fistula com solução de cantharidas , ou de manteiga de antimonio , ou dilatando-a , como já fica dito.



## FERIDA DA CORNEA.

He esta enfermidade hum golpe, ou picada na cornea, que faz que o humor aquoso se extravaze, e a cornea se abata. Este differente modo de ferimento da cornea, se póde dividir em ferida rasgada, feita com instrumento cortante, a qual facilmente se cura dentro de pouco tempo, sem deixar cicatriz visivel (se fechadas as palpebras se ligão os olhos. Em ferida de picada, em a qual o olho se abate, mas a ferida no tempo de vinte e quatro horas fica sã, pelo que estas curas muitas vezes são tidas por milagrosas. (Em ferida por contusão, a qual vem á suppuração. Cura-se tarde, e deixa cicatriz visivel. Em ferida rasgada, ou rotura do olho, esta póde provir por causa de contusão externa, ou de hypopyo, ou de hydrophthalmia, de que póde acontecer a extravasão de todos os humores, a que se segue irremediavelmente cegueira: Em ferida complicada com sahida do iris, ou do humor vitreo. Estas cousas impedem a consolidação das feridas, o que se póde ver na molestia *Ptoſis do iris*, e *sahida do humor vitreo*.

## RUTIDOZIS.

He esta enfermidade huma corrugação, e abatimento da cornea. A causa proxima he a falta de humor aquoso. As especies são quatro.

Primeira, a que se diz Rutidozis por causa de ferida, ou picada penetrante na cornea. Cura-se, fechando o olho, e pondo-lhe hum apposito molhado em vinho fervido com rosas, marcella, e flor de sabugo, attendendo a qualquer accidente com os costumados remedios.



A segunda he por causa de fistula penetrante na cornea. A cura paliativa pede applicação de pelliculas sobre a fistula, para que o humor aquoso não sahia continuamente. A cura radical pede, que se cure a fistula; *veja o seu proprio capitulo.*

A terceira se diz Rutidozis por falta de humor aquoso, a qual se observa por causa de velhice, de febres, de grande, e continuada evacuação, e de grande seccura do ar. Cura-se, tomando internamente remedios cardiacos nutrientes, e usando externamente de humetantes.

A quarta se chama cadaverica, em a qual o humor aquoso exhalando-se pela cornea, e não se filtrando outro de novo, se observa a cornea como nos cadaveres obscura, descahida, ou desmaiada, o que he hum certissimo signal de morte.

### PUSTULAS DA CORNEA.

He esta enfermidade huma vesicula cheia de materia, que se observa na externa superficie da cornea. As especies são duas.

Primeira, a que se diz Pustula por inflammção da cornea, a qual algumas vezes vem á suppuração, e deixa maculas na cornea. Cura-se com agua vitriolada, ou saturnina, tendo o primeiro lugar a do N.º V.

A segunda se diz Pustula por deposição de humor acre na cornea, como se observa algumas vezes com o humor das bexigas. Cura-se internamente com repetidos purgantes, externamente com collyrios desecantes. *Veja ophthalmia variolosa.*



*PHLYCTENAS DA CORNEA.*

Esta enfermidade são humas vesiculas cheias de agua, que apparecem na externa superficie da cornea. As especies desta molestia são duas.

Primeira he , a que se diz Phlyctenas simples , a qual não mostra vermelhidão , nem faz sentimento nos labios , e facilmente se cura sem deixar ulcera. A cura pede incisão na vesicula , e uso de collyrios desecantes , e poderá ter lugar o do N.º VIII. , ou algum dos outros , que vão receitados , que bem se julgar proprio.

A segunda especie chamão acrimoniosa , a qual traz dôr , ardor , e inflamação dos labios. A cura pede o interno uso de purgantes , tendo lugar o do N.º XIII. , e externamente applicação de collyrios desecantes , e calmantes , como o do N.º I. , VI. , e VII. A Phlyctena simples se póde tambem chamar Hydraxis da cornea , e a acrimoniosa se póde dizer Pterygia da cornea.

*CARUNCULAS DA CORNEA.*

São humas pequenas papillas molles , e vermelhas , que apparecem na externa superficie da cornea. A causa proxima he a transsudação , e concreção em papillas do humor lymphatico. As especies desta enfermidade são duas.

A primeira he , a que se diz carunculas simples , que nascem sem outro morbo. Cura-se com o externo uso de manteiga de antimonio , fazendo-a branda com a mistura de chá de flor de malva.

A segunda especie se diz caruncula complicada , a qual



qual algumas vezes se observa cercando staphylomas, e ulceras. Cura-se como a primeira especie, advertindo, que a sensibilidade dos órgãos oculares nos diferentes fugeitos, e complicações, faz mudar o methodo, e conhecer, que o estabelecimento das regras que se propõem para qualquer curativo, nem sempre são seguras, o que melhor ensina a pratica, e por isso se adverte haja toda a cautela com o uso dos remedios activos nos olhos.

### MORBOS DO GLOBO OCULAR.

#### ATROPHIA DO GLOBO.

He esta enfermidade hum apodrecimento, ou diminuição de volume do globo do olho. A causa proxima he a rarefacção dos humores do globo, por falta de quantidade necessaria. As especies são cinco.

Primeira, a que se diz Atrophia por causa de perdimento de alguma porção de humor vitreo, assim como acontece no ferimento dos olhos, e na extracção da cataracta. Esta especie cura-se com o tempo.

A segunda especie se diz Atrophia purulenta, ou extenuação do globo, em a qual o humor vitreo por confusão purulenta de humores se consome, e absorve. Esta especie he incuravel.

A terceira se diz Atrophia acrimoniosa, a qual se origina de se haver seccado a tinha, ou qualquer outro morbo cutaneo, para que são lembrados os fonticulos, e sedanho na nuca applicados a tempo.

A quarta se diz Atrophia do succo pingue orbital. Nesta especie os olhos são retrahidos nas orbitas, de tal maneira que apparecem as cavidades. Algumas ve-



zes se cura esta enfermidade com irritações, e fricções dos globos.

A quinta he por evacuação dos humores dos olhos. Se por incisão no olho, ou por natural rompimento de hypopyo, todos os humores do fundo do globo se extravasarem, então todo o globo se contrahirá, e reduzirá a huma pequena molecula carnosa, que necessitará applicar ao doente hum olho artificial.

### EXOPHTHALMIA.

He esta enfermidade huma tão grande intumescencia do globo ocular, que não permite, que as palpebras se toquem nos labios. As especies desta molestia são sete.

A primeira he a que se diz Exophthalmia inflammatoria, a qual procede de huma forte inflamação dos olhos. *Vêja Chemosis.*

A segunda se diz purulenta, a qual nasce de ajuntamento de materias dentro do globo do olho. *Vêja Hypopium.*

A terceira se diz sanguinea, a qual provém de congestão de sangue em os olhos, pelo que nos afogados, nas paridas, na contusão dos olhos, na suppresão dos menstros, e algumas vezes na acção de fazer grandes forças se fazem vermelhos os olhos, e se elevão fóra das suas orbitas. A cura pede sangrar, de pé, e jugulares, sendo preciso, e purgantes a tempo conveniente, localmente á parte se devem applicar remedios brandamente resolutivos, como o do N.º I. ou o do N.º XXI.

A quarta se diz Exophthalmica metastatica, a qual se gera do ajuntamento de alguma materia morbosa, af-



assim como da febril, da Lactea, da Seflitica, ou venerea, da escrofulosa &c. Cura-se como a Chemosis, mas juntamente se applicuem os remedios proprios á causa que dominar.

A quinta se chama cancroza, a qual he huma degeneração do olho em fungo cancrozo, que muitas vezes excede á orbita o tamanho de hum punho. *Veja Carcinoma do olho.* Só se cura extirpando o globo.

A sexta se diz Exophthalmia hydropica, a qual provém do ajuntamento de grande cópia de humor aquoso. *Veja Hydrophthalmia.*

A setima se diz staphylomatica, na qual muitas vezes cresce o staphyloma tanto, que os labios das palpebras se não podem tocar. *Veja Staphyloma.*

### OPHTHALMOPTOSIS.

He esta enfermidade huma dislocação, ou sahida do globo sobre a face, sobre os cantos, ou para cima, apenas mudada sua grandeza. As especies desta molestia são quatro.

A primeira he, a que se diz Ophthalmoptosis violenta, a qual provém por contusão, ou grande ferida do olho. Repentinamente descahe o globo do olho para a face, ou para o canto, e por causa da distensão, e prolongação do nervo optico, com o mesmo repente fica cego o doente. Pede a cura emendar a distensão, repondo o globo logo no seu lugar, e com banhos antistogisticos, juntamente roborantes se fomenta, tendo lugar o do N.º I., ou agua fria. Com o que muitas vezes succede, não só restituir-se a integridade do olho, mas tambem maravilhosamente a mesma vista perdida.

A segunda especie se diz por tumor na parte in-



terna da orbita ; manifesta-se esta enfermidade todas as vezes que houver exostosis, tophos, abcessos, lipoma, atheroma, hygroma, ou scirrho dentro na orbita, ou coagulação do succo pingue orbital, para a parte superior, para a inferior, ou para os cantos do globo do olho. Na cura desta enfermidade se os remedios mercuriaes, ou outros resolutivos não extinguirem estes tumores, se devem abrir, ou separar da orbita.

A terceira especie se diz paralytica, a qual provém de paralyfia dos musculos rectos, e por essa causa os obliquos do globo adquirem maior força da natural. A cura pede o uso de remedios antiparalyticos, como a infusão de flores de arnica, e outros.

A quarta especie se chama staphylomatica. Algumas vezes abate a palpebra inferior para a face. A cura pede o externo uso de manteiga de antimonio. *Vêja Staphyloma.*

### CARCINOMA DO GLOBO DO OLHO.

Apparece esta enfermidade, quando o globo do olho degenera em cancro. A causa proxima he o deposito do virus canceroso nas tunicas do olho. As especies desta enfermidade são duas.

Primeira he, a que se chama carcinoma vulgar, o qual principia por dôr em o olho são, depois apparecem varicosos os vasos da albuginea infartados de hum sangue negro, que parecem quasi carnosos, e a vista falta. Finalmente apparece dôr fortissima, e todo o globo se faz scirrhoso, e mui semelhante a huma carne dura, e vermelha.

A segunda especie se diz carcinoma fungoso. Esta especie principia por tubérculo fungoso da cornea, ou da



da albuginea , a qual pouco a pouco se distende a tomar toda a superficie do olho , e o globo do mesmo olho degenera em hum grande , e dorido fungo. A cura no principio dos carcinomas se deve tentar primeiro , applicando todos os remedios anticancrofos , como fica dito na cura do cancro das palpebras , segundo fazendo ligadura ao pequeno carcinoma , com a qual algumas vezes succede poder-se tirar. Se finalmente estas diligencias não bastarem , faça-se a extirpação do globo.

### *EXTIRPAÇÃO DO OLHO CANCROSO.*

Indicação : quando o carcinoma occupa a maior parte do globo , necessita da operação. Contra indicação : se o carcinoma for já inveterado , ou originado por causa interna , ou se os ossos da orbita já estiverem cariadados , então será a operação inutil.

### *INSTRUMENTOS PARA ESTA OPERAÇÃO.*

Hum canivete recto ; outro hum pouco curvo no seu comprimento , huma tizoura com as pontas rombas , e do mesmo modo curva , semelhante á de Daviel , huma agulha curva com fio encerado.

### *APOSITOS PARA A CURA.*

Deve ter prompto muita quantidade de pennas pequenas , e penugem , na sua falta cotão , hum pouco de panno delgado e velho , huma atadura competente , e do proprio uso da parte , agarico ralado , e espirito de ponta de viado retificado.



*LUGAR, QUE DEVE OCCUPAR O DOENTE PARA SE LHE FAZER A OPERAÇÃO.*

Deve sentar-se em huma cadeira mais alta, com a cara para a luz, de traz, ou da parte posterior deve estar hum ajudante, que lhe segure a cabeça, e o Professor deve estar diante do doente, e pegando no canivete recto, corte a commissura externa das palpebras, tanto como a quarta parte de huma pollegada, logo o ajudante levante bem a palpebra superior, e o Professor com o mesmo canivete vá separando a membrana conjunctiva, que liga o globo á palpebra superior, cortando junto á margem superior da orbita, logo abatendo bem a palpebra inferior, vá cortando a conjunctiva junto á borda inferior da orbita, de modo que tambem o globo fique separado da palpebra inferior, como já tinha ficado da superior: depois pegando na agulha curva com hum fio encerado, passe o globo pela parte anterior, para que, pegando nas duas pontas do fio se possa por ellas extrahir o globo para fóra da orbita, com a membrana adiposa, e musculos, separando-o da orbita por meio de hum canivete, ou tizoura curva: finalmente acabe de separar o globo, cortando o nervo optico com os mesmos instrumentos. Depois averigue o Professor com o dedo se ha, ou não na orbita algumas partes estranhas endurecidas para as separar: e ultimamente encha bem a cavidade da orbita das pennas, que já estão promptas, pondo em cima o pano fino por modo de chumaço, e ligue com atadura como he costume; he cura que deve ficar por tres dias. Finalmente promovida a suppuração com o uso de balsamo Arceo, ou o abstressivo. N.º XXXX., e extinta



Esta a figura, e substancia carnosa, e succo orbital, se finalize a cura, ficando a parte com tão boa configuração, que commodamente se possa introduzir na cavidade hum globo artificial. *Veja Hypopio, e a applicação do globo arteficial.*

### TETANO DO OLHO.

He esta enfermidade huma constante, e espasmodica contracção dos musculos, que movem o globo. Conhece-se esta molestia pela quietação do mesmo globo. As especies são duas.

Primeira, a que se diz Tetano por ferida do olho. Logo que o canivete, ou agulha fere o globo na operação da Cataracta, este fica immovel no mesmo instante, por vir espasmo aos musculos do globo; mas este em poucos minutos se remitte sem remedio.

A segunda especie se diz Tetano symptomatico, ou immobilidade do olho. Esta enfermidade apparece em algumas febres, e morbos espasmodicos. Cura-se com o uso interno de remedios antispasmodicos, tirado, ou curado o morbo primario, que se fará segundo a indicação que se tirar.

### NYSTAGMO.

He esta enfermidade huma convulsão, ou involuntario movimento do globo ocular. Conhece-se esta molestia pelo incessante movimento do globo de hum para outro canto, ou com outra direcção. Algumas vezes se acompanha esta molestia de outra enfermidade chamada hippus. As especies são cinco.

A primeira he a que se diz Nystagmo por causa de temor. Esta agitação apparece, quando ao doente se quer fazer a operação da Cataracta. Extingue-se demo-  
ran-



rando a operação , e persuadindo o doente a não a temer.

A segunda especie he por causa de algum corpo estranho, que se houver introduzido no olho. Cura-se tirando o corpo Ecterogenio.

A terceira especie se diz Catarrhofo, que acompanha as enfermidades deste nome. A cura he extinguir a gravidade da complicação.

A quarta especie he por causa de saburra das primeiras vias, como se observa nas crianças, que padecem de lombrigas, e pelos sinaes da saburra se conhece. A cura he o uso interno dos antiverminosos, e remedios purgantes mercuriaes, que se poderão escolher nas diversas composições, que vão receitadas nesta obra.

A quinta especie se diz symptomatico, o qual algumas vezes apparece nos morbos convulsivos, hystericos, e pilepticos, e nas mulheres peçadas. Cura-se com o uso de remedios antispasmodicos, extinguindo o morbo primario.

### *FERIDA DA SCLEROTICA.*

He esta enfermidade a incisão, ou picada na albuginea, e sclerotica do olho. As especies desta molestia são tres.

Primeira he, a que se diz ferida rasgada, a qual logo que he dada sahe o humor vitreo, mas fechando as palpebras, pondo-lhe chumaço, e ligadura a hum, e outro olho, em poucos dias se consegue a união do golpe.

A segunda especie de ferida, he por causa de picada como acontece na operação da Cataracta por rebatimento. Nesta ferida raras vezes sahe o humor vitreo, e mais facilmente he curada.



A terceira especie de ferida he a que se complica com extracção de humor vitreo. A cura he a consolidação desta ferida. *Veja Prolapso do humor vitreo.*

### FALTA DE OLHO.

Esta enfermidade he a falta de hum, ou de ambos os olhos nas suas orbitas. Ha duas especies.

Primeira he por defeito de nascimento, neste caso segundo o que manifestão os observadores, ordinariamente faltão ambos os olhos nas suas orbitas.

A segunda especie se diz defeito adventicio, o qual apparece recebendo no olho algum golpe depois de nascido, ou por destruição causada nelle por arma de fogo, ou hypopio: e nestes casos he o homem despojado de hum, e outras vezes de ambos os olhos. Este defeito remedeia-se introduzindo nas cavidades olhos artificiaes. *Veja a applicação do olho postico.*

### OLHOS SUPRANUMERARIOS.

He esta enfermidade hum excessivo número de olhos. Tem havido homens, que nascêrão com tres, ou quatro olhos. Tambem he prodigiosa pelo sitio, em que nascem, pois alguma vez vem com elles no peito, outras nos hombros. Ha observações de hum, e outro vicio.

### ENFERMIDADES DO IRIS.

#### MYDRIASIS.

A muita dilatação da pupilla dá o nome a esta  
V en-



enfermidade de Mydriazis, a qual he com lesão de vista, ou sem ella. Conhece-se esta molestia observando-se a pupilla, que passando da escuridão a huma viva claridade, conserva o mesmo diametro. As especies são oito.

Primeira he, a que se diz Mydriazis amaurotica, porque se acompanha da deamaurozis. Rarissimas vezes se cura, sem que se extingua a complicação.

A segunda se diz Hydrocephalica, a qual traz origem de hydropisia do cerebro. Esta enfermidade he como o morbo, de que procede, de ordinario incuravel.

A terceira se diz verminosa, que provém da faburra verminosa das primeiras vias. Cura-se com o interno uso de remedios purgantes mercuriaes.

A quarta se diz Mydriazis por causa de synechia, ou concreção da uvea com a capsula da lente. *Veja synechia.*

A quinta se diz paralytica, ou por paralyfia das fibras orbiculares do iris. Esta enfermidade apparece em os paralyticos, e nos que fazem grande uso de remedios narcoticos. Cura-se com Arnica, e Valeriana, ou outros remedios antiparalyticos.

A sexta se chama espasmodica, ou por espasmo das fibras rectas do iris. Algumas vezes apparece esta enfermidade nos que padecem morbos espasmodicos, e hystericos. A cura pede remedios nervinos, e antispasmodicos.

A setima he por atonia do iris. A frequentissima causa desta enfermidade he a grande Cataracta, pois na extracção della se distende muito a pupilla; dilatação que termina alguns dias depois da operação, se a pupilla fica muito tempo dilatada, já mais muda. Cura-se procurando o aperto da pupilla, fazendo olhar o doente



te attentamente para pequenos corpos resplandecentes, e distantes. A cura paliativa desta especie pede, que o doente de dia, ou em lugar illuminado veja por meio de huma folha de papel negro, em que esteja hum buraco bastantemente grande.

A oitava especie se diz Mydriazis natural, esta especie se observa na occasião do somno, de entrar em lugar escuro, e de attentamente observar objectos proximos.

### MYOSIS.

He esta enfermidade huma demaziada contracção, ou aperto da pupilla. Conhece-se esta molestia pelo pequeno diametro da mesma pupilla ser menor que o natural, e assim permanecer entrando em lugar escuro. Causa a hemeralopia vista fraca, e outras enfermidades. As especies são sete.

Primeira a que se diz Myosis espasmodica, a qual he o espasmo das fibras orbiculares do iris; algumas vezes se observa apparecer esta molestia nos que padecem morbos hystericos, hypochondriacos, e espasmodicos. A cura pede uso de remedios antispasmodicos, fazendo uso da Arnica, evacuando a causa interna com a opiata N.º XIII.

A segunda especie se diz Myosis paralytica, a qual he huma paralyfia das fibras rectas do iris. Algumas vezes póde acontecer apparecer esta molestia nos que padecem enfermidades paralyticas. A cura será o uso de remedios antiparalyticos.

A terceira especie se diz inflammatoria, a qual provém de inflammação do iris, ou uvea, como se vê na ophthalmia interna, no hypopio, na ferida do olho. A cura pede sangria, e uso de remedios antiphlogisticos. *Veja Ophthalmia interna.*



A quarta especie se diz Myosis por costume de contracção da pupilla. A esta classe pertence a Myosis por causa da luz, ou uso de ver objectos miudissimos, ou muito distantes, ou por muito tempo. Esta especie de enfermidade he propria de Escrivães, Leitores, Artifices de obras delicadas, dos que usão de microscopios, e outros. Daqui se manifesta a razão, porque o ler á luz com bandeira, que a faz reverberar para o papel, com o decurso do tempo induz á enfermidade dita Myosis. Deve preferir-se para o uso de ler á luz a simples bandeira verde, ou alenterna com bandeira fechada. A cura desta enfermidade pede abstinencia de ver os objectos perfixamente muito tempo, ou fugir da occasião de os ver, assistir em lugar escuro, e ver objectos verdes.

A quinta se diz Myosis por falta do humor aquoso, como se observa na Rhytidosis. Cura-se restituindo o humor aquoso. *Vêja Rhytidosis.*

A sexta se diz Myosis nativa, a qual nasce com o homem, e pede incisão transversal do iris. *Vêja Synizesis.*

A setima se diz Myosis natural, que he a restricção, ou aperto da pupilla, feito por muita luz, ou visão dos objectos distantes. Estes apertos da pupilla durão pouco tempo, e com muita brevidade por si se desvanecem.

### SYNIZESIS.

He esta enfermidade hum total aperto, ou restricção da pupilla: Conhece-se pelo perdimento, ou desaparecimento da pupilla, pelo que os miseraveis doentes desta molestia nada podem distinguir, senão a luz da escuridade, e vem tanto como os sãos com as palpebras fechadas. As especies desta enfermidade são cinco.



A primeira he , a que se diz Synizesis nativa , que he desde o nascimento. Este erro da natureza , de não vir a pupilla furada , ou aberta , rarissimas vezes se encontra. A cura pede que se faça huma pupilla artificial , a qual consiste em fazer huma incisão transversal na cornea , e se segura por meio de huma pinça propria , e logo com instrumento tambem proprio , pouco agudo na ponta se abrirá o lugar medio do iris , uvea , ou choroide , dando duas incisões em fórma de cruz , se precisas forem , para ficar o buraco , ou pupilla mais regular , de que ha de sair algum sangue , que se lhe dará livre passagem antes de fechar o alçapão , que fórma a separação da cornea , depois se lhe põem o seu apposito , e ligadura propria , segundo a ordem na operação da Cataracta &c.

A segunda especie de Synizesis he accidental , ou concreção da pupilla , a qual procede de antecedente inflamação , ou ulceração da uvea , ou do iris , ou por falta dos humores aquoso , ou vitreo. Esta especie acontece mui frequentemente , depois da operação da Cataracta por abatimento , circumstancia , em que se necessita de nova incisão da pupilla.

A terceira especie he por causa de se affastar o iris da cornea. Por qualquer causa , que esta separação se faça , o effeito sempre he certo , e he que a pupilla contrahe o seu natural diametro ; porque as fibras longitudinaes , separadas do circulo da cornea , não podem resistir ás fibras orbiculares , pelo que a pupilla se contrahe em parte , ou totalmente. Cura. Se o doente póde ver pela pupilla artificial , não he necessaria nova operação para outra pupilla.

A quarta he complicada , ou que apparece com a Maurosis , Cataracta , Synechia , ou qualquer outro morbo



bo ocular. A Maurosis conhece-se , quando o doente não póde distinguir a luz das trévas : o que nós podemos fazer não só com a pupilla fechda , mas ainda com as palpebras. A cura desta especie pede extinguir o morbo , com que vem complicada.

A quinta especie se diz espuria , a qual he hum entupimento da pupilla por causa de concreção de muco , ou materia purulenta , ou grumo de sangue. Se os remedios não poderem resolver os corpos , que atacam a pupilla , pede a cura , que se fira a cornea , para se extrahirem por meio da colher , ou pinça propria. (*Estamp. II. Fig. V.*)

### SYNECHIA.

He esta enfermidade huma concreção do iris com a cornea , ou com a capsula da lente crystallina. A causa proxima desta molestia he o contacto , e inflamação destas partes. As causas remotas são a distensão da cornea , queda do iris , intumescencia da Cataracta , hypopio , e defeito da natureza. As especies desta enfermidade são seis.

A primeira he , a que se diz Synechia anterior total , ou concreção do iris com a cornea. Conhece-se esta especie pela observação , pois se faz ver a pupilla dilatada , apertada , ou concreta , e depois disto com varias lesões na vista. A cura radical da Synechia total pede , que com a tenta , e canivete se separe o iris da cornea ; porém esta separação na concreção antiga , em a qual já a cornea com o iris tem constituido individualmente hum só corpo , he temeraria , e perigosissima. Na nova , recente , ou moderna concreção , pede fazer-se a operação do modo seguinte. Prudente , e  
acau-



acauteladamente se faça huma incisão na parte inferior da cornea, e a que baste para entrar a ponta da tenta (que deve ser chata, e polida) na parte interna da cornea, e feita a necessari a diligencia, tente a separação; se esta facilmente se não poder fazer, logo se absteinha da operação.

A segunda se diz Synechia anterior parcial, a qual he quando sómente alguma parte do iris está concreta com a cornea: esta concreção se tem observado em hum, ou muitos lugares, de que resulta ver-se a pupilla diversamente desfigurada, e o seu movimento inconstante. A cura pede, que se introduza na cornea, meia linha antes da esclerotica, hum pequeno canivete cataractario (o qual na sua maior largura deve ter linha e meia, e nas costas deve ser sem corte) chegado ao ponto da união do iris, na camara anterior do olho; isto feito com o canivete, que haverá introduzido pela parte inferior da união das tunicas, dando para cima com as costas, procure a desunião das tunicas. Assim muitas vezes se consegue, que a parte unida se separe, e espontaneamente salte para a parte da pupilla, mas tambem póde haver quem se não sujeite a semelhante operação por ser arriscada.

A terceira especie se diz anterior composta, a qual he, quando não só todo o iris, mas tambem a extensão da capsula da lente se chega tanto á cornea, que toda a camara anterior, e posterior se abate; temerario será intentar dividir semelhante união.

A quarta especie se diz Synechia posterior total, ou concreção de toda a uvea com os processos ciliares, e capsula da lente crystallina. Não he curavel.

A quinta especie se diz posterior parcial, esta he quando só alguma parte da uvea está adherente á capsula



la da lente, póde fer em dois, tres, ou mais lugares. A cura pede, que feita a incisão na cornea por meio de bisturi algum tanto curvo na ponta, se separe a uvea da capsula da lente. Tem a mesma difficuldade.

A sexta especie se diz complicada com a Maurosis, Cataracta, Mydriasis, Myosis, Sinezesis. Estas complicações pedem que além da separação do iris, se faça uso de remedios apropriados a cada especie, tendo lugar a Arnica, e Valeriana, e como evacuante a Opiata N.º XIII.

### *PTOSIS DO IRIS.*

He esta enfermidade huma sahida do iris por alguma ferida, ou chaga da cornea. Todos os Authores antigos chamarão áptosis do iris Staphyloma. Conhece-se por causa de hum tubérculo negricante, que se eleva fazendo varias figuras na cornea, e conforme a quantidade da distensão assim cobra diversos nomes; chama-se Myocephalo, quando a distensão he em tanta quantidade, que no tamanho, côr, e figura representa a cabeça de huma mosca, quando a dita distensão do iris he hum pouco maior, e quasi semelhante a hum granito de bago de uva, Staphyloma; se a distensão he de tal maneira, que sahe fóra das palpebras, Melon, quando a prominencia he calosa, e dura, e que representa a cabeça de hum prego, Helon, ou belida; termo vulgar desta enfermidade. As especies das Ptoxis do iris são duas.

Primeira he, a que se diz recente por ferida dada na cornea, como acontece depois da extracção da Cataracta. Pede a cura desta enfermidade, que o iris se reponha por meio de pequena colher, introduzida pela ferida, ou por meio de apropriada esfregação com



o dedo, fechadas as palpebras, ou tocando-a com solução de pedra hume. Por dilatação da ferida, sem lesão do iris não se póde fazer a dita reposição.

A segunda especie se diz Ptoſis inveterada, na qual eſtá prezo, e adherente á ferida, e em razão do contacto do ar, calloſo, e duro. Em taes circumſtancias não póde o iris ſer reſtituido ao ſeu lugar com os dedos. A cura pede que ſe toque o tubérculo e levado, cada dois, ou tres dias, com a manteiga de antimonio. A compreſſão, e ligadura no iris diſtenſo de nada aproveitão neste caſo.

### *FERIDA DO IRIS.*

Eſta enfermidade he a maior abertura do iris por cauſa de instrumento. As especies ſão duas.

Primeira, a que ſe diz ferida tranſverſal, que acontece algumas vezes na operação da Cataracta, a qual nunca cicatriza, antes fica huma pupilla preternatural.

A segunda especie ſe diz ferida longitudinal. Eſta por meio da arte, aſſim como ſuccede na operação da total contracção, e concreção da pupilla dita Sinezefis, ou por acaſo feita, dentro de quatorze dias fórma cicatriz.

### *DEFORMIDADE DA PUPILLA.*

He eſta enfermidade a mudança do perimetro redondo da pupilla em outra figura, que não ſeja circular.

A primeira, que ſempre he de nascimento, e incuravel, mas não impede a viſta, he a figura oval da pupilla.

Segunda, ſer mais larga em baixo, frequente ſympto-



toma, que se costuma seguir da extracção da Cataracta, por causa da violenta extensão da pupilla, que dentro de poucos dias se extingue.

Terceira, a que succede por causa da rotura, ou golpe da pupilla, o que póde acontecer depois da extracção da Cataracta, ferida, e inflammações do iris, he tambem incuravel, mas não impede a vista.

### *PUPILLA PRETERNATURAL.*

He esta enfermidade hum buraco, ou fenda, que se vê no iris além da pupilla natural. As especies desta molestia são duas.

Primeira he por ferida transversal no iris. Cura-se, como temos dito nas feridas do iris.

A segunda especie se diz pupilla não natural, por separação do iris da cornea, humas vezes se aparta a margem do iris em hum, outras vezes em muitos lugares do circulo da cornea. Estas pupillas, chamadas marginaes, apparecem por causa de pancada na cabeça, contusão do olho, hypopyo, e inflammação do iris. Algumas vezes sem causa antecedente, nem symptoma subsequente, mais do que por Synezesis da pupilla, ou Myosis, o iris deixa a cornea em hum, ou muitos lugares, sem o doente o saber, nem o sentir. Estas separações de pupilla são incuraveis.

### *HYPPOS.*

He esta enfermidade huma contínua, e alternada repetição de dilatação, e constricção da pupilla. A causa proxima desta molestia he huma alternada convulsão das fibras orbiculares, e radiaes. Procede das mesmas cau-



causas, e cura-se do mesmo modo, que a convulsão do globo do olho. *Veja-se Nystagmo.*

### IMMOBILIDADE DA PUPILLA.

He esta huma enfermidade, em a qual a pupilla nem se contrahe á luz, nem se dilata no escuro, conservando sempre o mesmo diametro. A causa proxima parece ser a paralyfia das fibras orbiculares, e radiaes. As especies desta enfermidade são tres.

Primeira he, a que se diz immobildade amaurotica, por vir acompanhada da mesma molestia. Algumas vezes se remedeia com o uso de arnica, e outros remedios antiparalyticos, e purgantes, depois de alguns vomitivos.

A segunda especie se diz immobildade por morbo da pupilla, como de Synechia, Myosis, Synizesis; remedeia-se, curando o morbo, que he causa da immobildade.

A terceira especie se diz Idiopathica. As causas desta especie de ordinario se ignorão. Deve tentar-se a cura por infusão de arnica, purgantes, extracto de pulsatilla negra, licor anodyno mineral, esfregação da sobancelha, electricidade.

### MORBOS DO HUMOR AQUOSO. HYDROPH- THALMIA.

He esta enfermidade huma intumescencia do globo ocular, por causa de ajuntamento de grande cópia de humor aquoso, ou vitreo. *Veja Hydropesia do olho.* A causa proxima he o demaziado accrescimo do humor aquoso na camara do olho, ou nas cellulas do humor



vitreo. As causas remotas pela maior parte ignorão-se. O exito desta molestia quasi sempre he funesto, deixando os doentes cegos. As especies são tres.

Primeira, a que se diz *Hydrophthalmia* por incremento do humor aquoso. Os signaes são o exorbitante, e successivo augmento do globo do olho, a cornea mais elevada do costumado, o iris mais profundo, a pupilla immovel, a vista a principio fraca, e que pouco a pouco se perde de todo, *Ophthalmodynia*, que vai augmentando, a enxaqueca, e o não dormir. A cura pede no principio da enfermidade sangria, purgantes mercuriaes, e poderão ter uso algumas das composições como as do N.º I., XI, e XII., extracto de *pulsatilla* negra, e por ultimo vesicatorios, sedenhos, e fontes, escolhendo destes o que estiver mais bem indicado, e applicando externamente á parte banhos descucientes, como no *hypopyo*. Se estas diligencias não bastarem, faça incisão na cornea, como na extracção da *Cataracta*, segundo o que se diz na mesma operação.

A segunda especie se diz *Hydrophthalmia* por incremento do humor vitreo. Conhece-se esta molestia pelo natural, e exorbitante augmento do globo, e dureza, a cornea apenas mais elevada, o iris convexo, e mais chegado para a cornea, a pupilla dilatada, principio de *Ophthalmodynia*, que pouco e pouco se augmenta, strabismo, falta de vista, e dôr de enxaqueca. Na cura se deve praticar o mesmo, que se disse na primeira especie; senão ceder aos remedios indicados, faça incisão na cornea, tire a lente *crystallina*, e alguma porção do humor vitreo.

A terceira especie se diz *Hydrophthalmia* composta, em a qual os humores aquoso, e vitreo juntamente abundão. Cura-se, como se disse na segunda especie. Se



a enfermidade por este methodo não ceder, faça-se extirpação do olho, para que não passe a molestia para o olho são.

### *HYPOPYO.*

He esta enfermidade huma collecção, ou ajuntamento da materia no humor aquoso do olho. A habitação desta materia he na anterior, ou posterior camara do olho, ou em huma, e outra juntamente. A causa proxima he antecedente inflammação do iris, ou da uvea, abscesso, ou chega da cornea, ou deposição da materia purulenta nas camaras dos olhos. Conhece-se o hypopyo observando o olho, que se vê líquido, branco, e movel, meia, ou toda a camara cheia, o iris meio, ou todo escondido, e a vista parte, ou toda perdida.

A materia derramada, que produz esta enfermidade, muitas vezes desapparece, já tornando a ser absorvida, já sahindo pelos póros da cornea; outras vezes se accumula nas camaras do olho, onde vai comendo a pouco e pouco a substancia da cornea, que em fim rebenta com effusão dos humores, ou fórma sobre ella huma crusta, a que chamão Cataracta pulurenta, ou tapa a pupilla, e embaraça assim de qualquer modo a vista. *Vejá Synizesis spuria.* As especies do Hypopyo são cinco.

Primeira he, a que se diz inflammatorio, o qual provém de antecedente inflammação interna do olho. He terrivel especie de molestia, porque raras vezes se vai, sem deixar no olho alguma outra enfermidade. Pede a cura dissipação da materia, sangrando o doente, se a indicação o pedir, temperando, e purgando, e na parte banhando a miudo com chá de flor de mal-



va, ou do remedio N.º X., e se não encher a indicação, se toque com espirito de ponta de viado, ou de vinho canforado; mas se a materia voluntariamente se não expulsa, faça-se incisão na cornea, para poder sahir. Esta incisão deve fazer-se como na extracção da Cataracta. A ferida conserve-se aberta por alguns dias, para que a materia possa sahir pouco a pouco, ou gotta, a gotta vagarosamente, pois que sua grossa consistencia a não deixa sahir junta. Desta operação, em geral, pouco bem resulta á vista do doente; e se os humores padecem dissolução, sendo todos evacuados, se perderá a figura do globo.

A segunda especie se chama Hypopyo metastatico, o qual repentinamente, e antes da inflammação apparece no olho, mas nelle se vê vermelhidão, e no pulso febre. Esta especie mais facilmente, que a primeira, se dissipa com os apontados remedios nella, sahindo pelos póros da cornea a materia.

A terceira especie de Hypopyo se diz periodico, o qual apparece algumas vezes em tempos certos. Pede a cura desta enfermidade purgantes revellentes, e uso de quina.

A quarta especie se diz venereo, o qual apparece, quando ha suppressão de gonorrhea. Cura-se como a chemosis gonorrhica.

A quinta especie se diz complicado com destruição de todos os humores, e internas membranas, a qual converte todas as partes em materia. Esta enfermidade pede que se rasgue a cornea, que se evacuem os humores, e que se applique á orbita hum olho artificial.

### O OLHO ARTIFICIAL.

He hum lamina de vidro, ou oiro, a qual tem  
pin-



pintada a figura do olho: Este se applica entre as palpebras para occultar a desformidade, que causa no fugeito a destruição do olho natural.

### INDICAÇÃO.

Se o globo do olho por causa de carcinoma está cortado, e destruido, ou por destruição feita por arma de fogo, se os humores quasi todos sahirão pela ferida da cornea, ou sclerotica, se a cornea está totalmente opáca, e sem figura, como no inveterado Staphyloma, se o globo por causa de hypopyo, ou de hydrophthalia, deve evacuar-se.

### CONTRA-INDICAÇÃO.

Estando presente inflammação, ou chaga corrupta não se deve tentar imposição do olho artificial, mas sim primeiro se extinga a inflammação, e cure a chaga.

### CONDIÇÃO DO OLHO ARTIFICIAL.

A materia destes olhos artificiaes he ou vidro, ou oiro, seja de huma, ou outra materia, deve ser esmaltado, ou cuberto de esmalte, e pintado. A figura do olho artificial deve corresponder na grandeza, convexidade, e côr natural do iris á do outro olho são. Os olhos de vidro são mais baratos, mas mais facilmente se quebrão, não são tão resplandecentes, e fortes, nem facilmente se podem com a lima amoldar á orbita, quando não ajustão, como he necessario. Os olhos de ouro são de maior preço; porém não se quebrão, a pintura he resplandecente, e podem-se amoldar á orbita tudo, o que for necessario por meio da lima, e tambem poderá servir o latão amarelo.



## APPLICAÇÃO DO OLHO ARTIFICIAL.

Levante a palpebra superior , e debaixo desta introduza o mais que puder fer o olho artificial , humedecido com goma de pevide de marmello , depois puxe a palpebra inferior algum tanto para a parte de fóra , e acabe de introduzir o olho artificial pela parte debaixo , de modo que fique dentro da cavidade da orbita no lugar natural , e firme. Se ficar por encher alguma pequena porção da orbita , se deve occupar com a necessaria cera branda , para que unida com a mais porção do globo esteja firme , pelo que sempre o olho artificial será immovel.

## HYPOEMA.

He esta enfermidade huma effusão de sangue nas cameras do olho. Conhece-se , observando o olho , em as cameras , do qual apparece hum humor vermelho. Se o sangue extravasado he muito opaco , traz juntamente cegueira. As especies desta molestia são duas.

Primeira he a que se diz Hypoema violento , o qual se observa por causa da contusão do olho , ou picada do iris , como algumas vezes acontece na operação da Cataracta por abatimento. A cura pede sangrias , uso de remedios revulsorios , e banhos discucientes N.º I. Se porém os globos fanguineos , que obstruem a pupilla , de modo algum se poderem resolver , se faça incisão na cornea , e se tirem os globos de sangue coagulado. *Veja Synizesis spuria.*

A segunda especie se diz Hypoema espontaneo , a qual traz origem de vehemente tosse , vomito , ou força de parir. Cura-se , como se disse na primeira especie.

HY-



## HYPOGALA.

He esta enfermidade huma collecção , ou ajuntamento de leite , ou outro humor branco nas cameras do olho. Conhece-se esta molestia, observando nas cameras do olho hum líquido branco , e movel. As especies são duas.

Primeira he a que se diz Hypogala por deposito de leite , como se observa algumas vezes nas recém-paridas. A cura pede remedios revulsivos, e banhos discutientes ; como o collyrio N.º I. ou o do N.º XIII.

A segunda especie he por causa de rebatimento de Cataracta branca , quando ferida pela agulha a capsula da lente , se extravasa o humor branco , e deixa da mesma côr o humor aquoso. A cura he a mesma da primeira especie , e algumas vezes sem uso de remedios por si mesmo fará.

## TURVAÇÃO DO HUMOR AQUOSO.

He esta enfermidade huma falta de transparencia do humor aquoso , deixando-se ver o olho turvo. As especies desta molestia são tres.

Primeira he , a que se diz turvação mucosa , que procede da mucosidade do humor aquoso. Cura-se usando de banhos discutientes á parte , como o collyrio N.º I , ou N.º XIII. em que se vir melhor effeito.

A segunda especie he por causa de fistula na cornea , ou chaga na interna superficie da mesma cornea , da qual cahe huma , ou mais gotas de materia no humor aquoso , que o turva. Cura-se , tirando a fistula.  
*Vejá Fistula da cornea.*



A terceira especie de turvação he por se haver diluido a lente crytallina no humor aquoso, o que se observa algumas vezes, algum tempo depois da operação da Cataracta por abatimento, ou quando de Cataracta caseosa houver ficado depois da extracção alguma particula. A cura deve fazer-se na fórma do costume, usando de remedios revellentes, e banhos discucientes. Se a turvação se não extinguir com os remedios, o humor aquoso turvo se extrahirá pela incisão, que se deve fazer na cornea, com as condições ditas na operação da Cataracta.

### *EFFLUVIO DO HUMOR AQUOSO.*

He esta enfermidade o perdimento, ou extravazação do humor aquoso por causa de ferida, ou fistula da cornea. As especies desta molestia são duas.

Primeira he a que se diz extravazação por ferida da cornea, este perdimento de humor depois da operação da Cataracta, dura dois ou tres dias, depois delles cessa por causa da união do golpe; se esta fahida do humor aquoso durar mais de tres dias, he final de que a ferida da cornea não está consolidada, por causa de distensão do iris, ou da extravazação do humor vitreo. A cura pede que se cicatrize a ferida, para que o humor aquoso se restitua. Se porém o descahimento, ou frouxidão impedir a cicatriz. *Vejá Prolapso do iris, e do humor vitreo.*

A segunda especie he por causa de fistula na cornea. Pegando-se huma pellicula á fistula impede a fluxão paliativamente, mas a cura radical pede que se cure a fistula. *Vejá Fistula da cornea.*



## ENFERMIDADES DA LENTE CRYSTALLINA.

## CATARACTA.

He esta enfermidade huma cegueira, que provém da opacidade, ou alteração da lente crySTALLINA, ou da sua capsula, ou do humor de Morgagni, partes em que esta molestia se fórma. Os Antigos chamavão á Cataracta suffusão, hypochyma, e hypochyfis. Muitas são as divisões de Cataractas, que se devem conhecer, a respeito do lugar, da consistencia, da côr, da grandeza, da maturação, do tempo que tem, da complicação, e do nascimento. A respeito do lugar, que tem opacidade, se divide a Cataracta em crySTALLINA (se a mesma lente crySTALLINA he opaca.) Esta especie de Cataracta he frequentissima. Em capsular, a que outros chamão membranosa, se a lamina anterior, ou posterior, ou ambas se fazem opacas. Em crySTALLINA capsular, se a lente crySTALLINA, e a sua capsula juntamente se fazem opacas. Não se dá antes da operação final certo de Cataracta crySTALLINA, capsular, ou capsular-crySTALLINA. Em parcial se a capsula, ou lente, não toda a circumferencia, mas só metade, ou hum quarto, ou só a margem, ou sómente hum ponto se acha opaco, de que procede não completa cegueira, mas sim, mais, ou menos vista. *Veja Hemeralopia, e Nyctalopia.*

Em espuria, a qual he materia, que á maneira de membrana está pegada na anterior superficie da lente crySTALLINA, e procede do antecedente hypopyo. *Veja Hypopyo.*

Fallando da consistencia, divide-se a Cataracta em dura, que he quando a lente crySTALLINA tem consis-



cia fólida. A lente neste estado de ordinario he menor que o natural, raras vezes maior. Rarissimas vezes passa a consistencia de pedra.

A segunda divisão da Cataracta he em molle, a que alguns chamão cascosa, o que succede quando a lente crystallina tem a brandura do queijo, e he friavel.

A terceira divisão he influida, ou lactea, o que acontece, se a lente crystallina se observa mudada em hum humor branco, semelhante ao creme de leite, ou a materia (pus.)

Quarta fluido concreta, que he quando o ambito da lente crystallina representa leite, ou queijo, e o meio da mesma lente está duro, o que póde pertencer a Cataracta, do humor de Morgagni opaco com opacidade da lente, ou sem ella.

Quinta cystica, que he quando toda a capsula da lente, depois da extracção da Cataracta, fica vazia de fluido, opaca, ou transparente, e a semelhança da hydatide, que espontaneamente sahe do olho.

A respeito da côr divide-se a Cataracta assim: Primeira Grisea, que representa a côr de perola: Segunda branca côr de leite, esta ás vezes he molle, tambem se lhe chama prateada, quando he d'huma côr brilhante. A terceira he verde mar, que he rarissima. Quarta variegada, pelas muitas cores: quinta Striada ou Estrellada, por mostrar fibras dispostas em fórma de estrella: sexta amarella, que não he vulgar: septima negra. Distingue-se esta da Amaurosis: primeiro, em não ser de hum negro puro, mas esbranquiçado: segundo, não ver o que olha para o doente pintada nos seus olhos a sua imagem: terceiro, distinguir a luz das trévas, o que não succede na Amaurosis, mas sim na Cataracta negra, menos quando esta vem complicada com aquella.

Nun-



Nunca da côr se póde inferir qual seja a consistencia da Cataracta, e muitas vezes depois de extrahida a Cataracta, se mostra differente que antes.

Pelo que respeita á grandeza he a Cataracta grande, ou pequena, segundo he maior, ou menor, que o tamanho natural da lente.

Em quanto á maturação, he madura, ou perfeita, quando a lente está igual, e inteiramente opaca; e o doente tão sómente distingue a luz das trevas; aliás se chama imperfeita.

Muitas vezes acontece não madurarem nunca, outras dentro em poucas semanas se consumão.

Relativamente ao tempo, que tem, ou he recente, ou inveterada. Nesta classe parece se deve pôr a que sobrevém depois do rebatimento, tornando a subir a lente; depois da extracção não acontece isto, porque a lente huma vez tirada a tempo competente, deixa destruidas as adherencias da sua capsula, não apparecendo depois ponto algum, a que se possa chamar Cataracta, excepto quando a extracção se faz antes de tempo, porque então a substancia gomosa, que cerca a Cataracta, não se achando bem espessa, e unida á lente, deixa alguns restos, ou talvez alguma porção de humor vitreo, sahe das suas capsulas, e assim não se limpando bem o estranho, formada a união da cornea, apparece algum destes corpos fazendo huma Cataracta secundaria, e por isso he condemnada toda a extracção de Cataracta, que não seja madura, ou antiga. As mais antigas são as mais felices.

Em ordem á complicação eis-aqui as suas especies: complicada com Amaurosis; complicada com Synchysis; com Glaucoma; com pupilla apertada; com adhesão da lente crystallina á uvea, ou ao humor vitreo, ou a propria capsula.

Ref-



Respeito ao nascimento se diz local, quando provém de vicio da lente, e universal, quando tem por causa o máo vicio de todo o corpo, como acrimonia escrophulosa, venerea, escorbutica &c. chama-se connata, quando he de nascimento, e hereditaria, quando vem de disposição dos Pais. De que provenha o obscurecer-se o crystallino não he facil mostralo, mas he certo que em lhe faltando hum licor doce, e capaz de lhe fornecer alimento, se seguirá Cataracta, para a qual, ou ha disposição hereditaria, ou debilidade dos vasos da lente crystallina: mas immediatamente provém da obstrucção, e enfarte dos vasos, e cellulas, que fórmão a lente crystallina, ou a sua capsula, o que causa hum humor opaco, que raramente torna dura a lente, mas a faz da consistencia de queijo pela maior parte. As causas remotas são: Inflammção não resolvida da lente, ou da sua capsula. Deposição arthritica, catharral, venerea, escrophulosa, escorbutica, herpetica, gotosa, febril, ou tambem de ulceras desecadas, demasiado uso de licores espirituosos; vapores de agoa forte que coagulão a limpha da lente crystallina, commoção, ou contusão da cabeça, pancada no olho, com que parece que os vasos da lente se desordenão, e enfraquecem, ferida no mesmo, uso continuado de ver objectos muito miudos, especialmente se elles são brilhantes; e em geral os corpos, que o são muito, causão o mesmo effeito: humor hereditario, velhice, combustão do olho, por que o calor torna opaca a lente, como se observa nos olhos de peixe cozidos; e em fim a communicação de hum olho para o outro, pois se tem observado, que em hum olho padecendo Cataracta, o outro passados alguns annos a vem a padecer tambem.

Os sinaes das Cataractas são diversos, segundo são de



de diferentes suas especies. Os da Cataracta dura são: pupilla apertada, e que apenas se move, e a Cataracta muito distante da uvea: os da molle, e da fluida são pupilla mui dilatada, e vagarosa em se fechar ao toque da luz, mas he preciso, que não concorram outros sinais, que denotem Amaurosis, em que tambem se acha o que acabamos de notar; huma Cataracta tamanha, que por mais que se dilate a pupilla, apenas se lhe podem ver as margens, e em fim estar a Cataracta muito chegada á uvea; mas advirta-se que este sinal só he decisivo, quando não ha nenhum outro, que denote Cataracta unida á uvea.

Os sinais da Cataracta, assim grande como pequena, são os mesmos que os da molle, e dura.

Os sinais da Cataracta pegada com a uvea, são os seguintes: Se ha opacidade proxima á pupilla: se não conserva sensibilidade nenhuma ás impressões da luz: se a pupilla, ou só se move em direcção obliqua, ou está perfeitamente immovel, ou finalmente se move pouco, e não igualmente para todas as partes.

O sinal da lente concreta com o humor vitreo, he quando no abatimento da Cataracta, retirada a agulha torna a subir ao lugar onde estava, e do mesmo modo na extracção, quando esta logo não sahe, o que por outras causas já apontadas póde com tudo igualmente acontecer.

O da Cataracta pegada com a propria capsula he, se rasgada esta, e dilatada a pupilla, a lente opaca não sahe, nem por si, nem comprimindo-se o olho.

Os sinais da Cataracta complicada com gota serena, são estar a pupilla dilatada, e immovel, não distinguir a luz das trevas, e ter a isto precedido ver com frequencia raios de luz, mas he necessario que não  
con-



concorrão outros finaes , que denotem Cataracta adherente , ou grande em demazia.

Pelo que toca ao tempo ha nisto muita variedade. Ordinariamente obstruem-se gradualmente o CrySTALLINO, o humor de Morgagni , e a membrana arachnoides. Mas n'huns se passa isto muito em breve, n'outros mais de espaço ; já aconteceo perder-se deste modo a vista em seis dias. A enfermidade começa por sentirem os doentes passar humas como moscas, ou têas de aranha por diante dos olhos , que ainda conservão toda sua transparencia, mas em pouco a perdem, ficando a pupilla em vez de negra, e resplandecente, coberta como de hum véo branco, que embaraça a luz, e fórma a Cataracta.

### DIAGNOSTICO.

Conhece-se a Cataracta no seu principio, se a vista do doente he como ennevoada , ou á semelhança de fumo, e a natural côr negra resplandecente da pupilla algum tanto embranquece. Finalmente o perfeito accommettimento de cegueira confirmada, com a côr opaca, e branca, ou cinzenta da pupilla, indica a presença da Cataracta.

### PRONOSTICO.

A Cataracta he huma enfermidade chronica, que torna o enfermo disforme , e privado do melhor dos sentidos por toda a vida, e que passa a accommetter o outro olho em poucos annos , se a tempo se lhe não extrahir a do doente, que por este modo não poucas vezes se tem precavido a Cataracta do outro olho ; ainda



da que eu tratei huma pessoa desta corte, que formando-se-lhe huma Cataracta no olho direito em poucos dias, vive ha nove annos sem se lhe formar, nem apparecer principio de outra no olho esquerdo, com o uso dos remedios fundentes internos, e sem dirivatorio algum externo, pois que de nada servem neste caso, e muito menos o caustico, porque longe de derreter a Cataracta a confirma em pouco tempo, como já observei, por se não seguir o meu voto.

### C U R A.

Por tres modos se póde tentar a cura das Cataractas.

Primeiro, pelo uso de remedios internos, fundentes mercuriaes.

Segundo, por extracção.

Terceiro, por abatimento, que antigamente se propunha em primeiro lugar, e presentemente pouco seguido, ainda que póde haver algum caso, que se prefira o abatimento em segundo lugar.

O uso de remedios internos nas Cataractas incipientes he louvado, de que se tem tirado consequencia, como eu já observei. Nas confirmadas rarissimas vezes se consegue resolução da opacidade; os extractos de aconito de pulsatilla negra, de meimendro branco, combinados com mercurio doce, e gúmo de milepedes, são do uso interno nesta molestia. Do uso de remedios externos, que alguns apontão, e outros reprovão, como são o vapor de espirito de sal ammoniaco, e outros semelhantes, causticos, sedenhos, e fontes, se não tira consequencia alguma, a experiencia assim o faz ver, e o authoriza o voto dos melhores Praticos. Nas



Cataractas incipientes, que tem por causa a acrimonia de algum particular humor, são mais uteis os remedios; pelo que na Cataracta venerea deve tentar-se o uso do mercurio, na escrophulosa o da quina com cicuta, na arthritica o de extrato de aconito com antimónio. Raros são os exemplos de que a Cataracta por si mesma se desfça, e extingua, o que mais vezes se observa nas Cataractas secundarias.

### *INDICAÇÃO, E CONTRA INDICAÇÃO.*

Toda a Cataracta se póde extrahir, porém se houver amaurosis, glaucoma, ou Synchronis, a extracção, ou ainda rebatimento, serão sem proveito. Quando o doente for sujeito a alguma especie de opthalmia, a tosse violenta, acções virtiginosas, como tambem ás outras molestias habituaes, e cronicas, he a operação inutil. Quanto mais antigas forem as Cataractas, tanto mais feliz será a execução das suas operações, sendo acompanhadas de bons finaes, e será mais facil de fazer qualquer das operações nos sujeitos, que tiverem os globos dos olhos mais sahidos á superficie do rosto, e pelo contrario naquelles, que tiverem as fossas orbitas pequenas, e os globos mettidos muito dentro. Quando o enfermo não distinguir a luz das trévas, se deve examinar esta complicação, porque muitas vezes não he por se ajuntar a amaurosis, mas sim por estar a Cataracta adherente á uvea, e não deixar passar os raios luminosos, ao que se deve attender, para fazer, ou não a operação.



*TEMPO PARA A OPERAÇÃO.*

Em todo o tempo do anno se póde fazer a operação da Cataracta, porém são preferidos por todos os de Primavera, e Outono. Deve escolher-se o dia, que ha de ser claro, e não nublado, nem ventoso, o lugar da casa deve ser reparado com vidraças.

*PREPARAÇÃO QUE O DOENTE DEVE TER, E MODO DE SE EXECUTAR A OPERAÇÃO.*

Alguns dizem que antes da operação se purgue com o necessario sal amargo, e fique continuando dieta antiflogistica, e o dia antes do da operação se faça sangrar. He voto de alguns, outros com Mr. Pellier, Pratico moderno, que esta preparação não he util, porque movidos os humores pelo excesso destes remedios se encaminhão á cizura do olho, e augmentão as inflammções, que em consequencia da operação sempre apparecem, fazendo por esta causa, não só morosa a cura, mas muitas vezes infructuosa a operação pelo perdimento da vista.

Quando se trata desta operação, se trata tambem de hum sujeito, que seja bem humorado, devendo só competir-lhe a dieta, e o sangrar-se depois da operação, para precaver o costumado symptoma; esta pratica tenho eu sempre seguido sem má consequencia.

Porém havendo alguma razão, pela qual se julgue que o doente deve ser purgado, se fará deixando socegar os humores por alguns dias antes da operação.

Tendo preparado os instrumentos para a operação, que será hum bisturi dito Cataractario, pinças proprias,



hum para pegar na porção da cornea transparente (sendo preciso) outra para tirar a Cataracta, ou alguma porção della, ou espessura de humor, que muitas vezes acompanha a mesma Cataracta, o que póde ser com colher, que tambem deve estar prompta, e do mesmo modo hum Echmomo, (*V. Est. II. Fig. I.*) hum quistotomo de Lafaye, pannos de linho fino, velhos, e macios, dobrados em fórma triangular, cotão, ou fios muito finos, e huma atadura de largura de dois dedos, e de comprimento de tres, ou quatro varas, enrolada pelas duas pontas ao meio, se porá tudo por sua ordem em huma bandeja, para ser administrado por hum ajudante, quando se lhe pedir. Situado o doente, que deve ser sentado em huma cadeira baixa, de tal modo virado para a proxima janella, que a luz lhe dê no olho da operação lateralmente, o Cirurgião operante em outra cadeira mais alta, que fique bem defronte do doente, com tanto que a cabeça do mesmo doente não passe dos peitos do Professor, ficando as pernas do dito doente por baixo das suas, e neste sitio segurando-lhe tambem as mãos: de traz da cadeira, e costas do doente estará outra cadeira, em que se ha de assentar o ajudante da operação, o que tambem póde ser de pé; e sendo a Cataracta no olho direito, se cobrirá o esquerdo com hum apposito, e ligadura, e o ajudante com a mão direita levantará a palpebra superior, e com a esquerda pegará na mandibula inferior da mesma parte, e apertará a cabeça do doente contra o seu peito, para que fique segura, e firme. O operante segurará o globo com os dedos index, e pollex da mão direita, fazendo apoio com o do meio no angulo interno, (*Veja-se no fim o §. 1. das reflexões*) e não podendo segurar-se por este modo o globo, se servirá do

Ech-



Echmommo , e logo com a mão esquerda pegará no bisturi maior letra A , ou menor letra B (de que se poderá fazer eleição) *Fig. II.* apoiando em cima da apophize zigomatica o dedo minimo , e annular , e com o do meio , index , e pollex segurará o bisturi do mesmo modo , que se faz na penna para escrever ; e tendo a mão , ou dedo minimo bem fixo no apoio (*Veja Estampa I.*) introduzirá o bisturi do angulo externo para o interno , de modo que corresponda bem ao meio circulo , e á meia linha de distancia da cornea opaca , tanto de huma , como de outra parte , cortando a cornea transparente em figura igual até á sua parte inferior , com attenção sempre á dita meia linha de distancia da opaca , fazendo assim a figura de meia lua. Ordinariamente o diametro da cornea transparente he de cinco linhas , e hum terço (do pé de Rei de Paris) e o da pupilla de linha e meia. Devendo-se principiar a metter a ponta do bisturi meia linha para dentro do circulo da cornea transparente , e continuando a operação fahirá a ponta do bisturi meia linha antes de chegar ao dito circulo da cornea transparente , como se mostra (na *Estamp. II. Fig. VIII.*) Esta figura tambem mostra o corte lunar. Advirta-se porém , que a parte superior do bisturi , que fórma huma linha recta , deve ficar horizontalmente passando pelo diametro do circulo da cornea transparente. Quando o dito bisturi penetrar a camara anterior do olho , seja de modo que a sua ponta não toque a membrana chroide , uvea , ou iris. Feita a incisão , he obrigado a fahir o humor aquoso , e as mais das vezes o crystallino , ou Cataracta ; no caso porém de não fahir , se levantará a porção da membrana dividida , com a pinça propria , que serve para esta acção *Fig. III.* ; e segura pela parte superior por hum  
aju-



ajudante se introduz pela pupilla o quistotomo *Fig. IV.* carregando no estillete, que nelle vai embainhado, o que se faz com o dedo pollex a fim de dividir a membrana crystallina, ou arachnoides; depois de feita esta diligencia, sahe o crystallino: e havendo alguma porção de humor concreto, que algumas vezes acompaña a Cataracta, se tirará com outra pinça propria *Fig. V.* ou com a colher tambem propria para esta diligencia *Fig. VI.* e tirada a pinça, que segura a porção da membrana, se deixa cahir esta, limpando de algum humor o globo com huma esponja macia, e fina, humedecida em agua rosada, depois se põem em boa ordem o cotão, ou fios por cima das palpebras, que deve ser huma leve cobertura preenchendo mais o angulo interno do olho, por cima destes, o apposito de panno triangular, que firma na sobranceira, e a ponta do triangulo cahe na face, ou maçã do rosto, segue-se a ligadura, que se principiará pondo a parte media na testa, e voltando os dois globos hum pela parte lateral esquerda da cabeça, e outro pela direita até á parte posterior, onde se cruzão, e tornando á testa se trocão os globos, o da direita para a esquerda, e o da esquerda para a direita, formando por este modo a letra X; e voltando cada hum por baixo de cada huma das orelhas, vão á parte posterior, donde tornão a voltar á anterior, e seguindo a mesma direcção, vão terceira vez á parte posterior, cruzando as suas pontas, e pregando cada huma dellas, onde acabar, dando por este modo só duas voltas de atadura por cima dos olhos, pois não devem ser mais, nem menos; depois se conduz o doente á cama, fazendo-o deitar de costas, ficando a cabeça alguma cousa alta, logo se sangrará de pé, e se lhe recomendará toda a quietação, evitando



toda a causa, que o possa obrigar a fallar, tossir, ou afoar, para o que não tomará tabaco (se for costumado a elle) tomará qualquer tizana antiflogistica, limonada, ou foro, e qualquer das coufas de manhã, e tarde; e á noite ao recolher tomará huma porção de Emmulção commua, com meia onça de xarope de papoilas (se ouver vigílias): no dia seguinte se renovará o aparelho com muita cautela, sem que o doente abra as palpebras lavando-as por cima com hum pincel de fios macios molhados em agua rosada, ou de flor de sabugo com alguma agua ardente, proseguindo esta cura até o oitavo dia, repetindo a sangria em quantidade, e numero, que pedirem as forças do doente, e symptomas. O lugar da casa, ou leito, em que estiver o doente, deve ser guarnecido de cobertores verdes, ou pardos, e com muito pouca luz. No oitavo dia se tira o aparelho, limpando os labios das palpebras de alguma humidade, e se abrirão, ou mandarão abrir ao doente muito devagar, e com alguma luz pela parte posterior do doente, natural, ou artificial, para se observarem os olhos, (se em ambos se fez a operação) e tendo as cicatrizes formadas, e sem maior inflammation, se proseguirá a cura do mesmo modo, alliviando os appositos, e atadura, deixando-o sentar na cama o espaço de duas horas, e tornando-se a deitar com muito vagar, e cautela: no seguinte dia poderá estar mais huma hora, e se lhe dará huma pequena sopa no caldo, ou se engrossará com alguns grãos de arrôz, ou cevada de França, augmentando esta qualidade de alimento, e tempo de estar sentado até ao decimio dia, em o qual se farão distinguir ao doente alguns objectos (depois que os olhos forem bem limpos) fazendo estes experimentos com toda a cautela possível, tendo as costas contra a luz,



luz, e pondo hum bocado de tafetá verde na testa, que passe alguma couza abaixo dos olhos, a que se póde chamar avental, ou tapa luz dos olhos, esta cautela he de summa precisão, e sem ella se porão os olhos no risco de se inflammarem, e talvez perderem: se o doente ainda não poder supportar tanta luz, se deixará passar mais alguns dias, não fazendo averiguação alguma, sem que os olhos tenham a devida força: a este tempo já o doente póde estar levantado, e com alguma mais luz na casa, e sempre com as costas para a parte donde ella vem, e olhando para os pés. Quando não ha symptoma grave, o tempo ordinario de sahir o doente, he de hum mez, pouco mais ou menos, isto se entende com os que são operados dos dois olhos, porque os que são só de hum podem sahir mais cedo, com a cautela do avental. Em fim este tratamento deve variar segundo as circumstancias, o que deve regular o Operante, dirigindo a condução do doente de modo, que segure a utilidade da operação, que a experiencia mostra frustrar-se não só pelos symptomas, mas por desordem do doente, como tenho observado algumas vezes.

Esta operação no globo natural com o instrumento mettido se mostra na mesma (*Estampa II. Fig. IX.*)

*SYMPTOMAS QUE ALGUMAS VEZES APARECEM DEPOIS DA OPERAÇÃO, QUE SE REDUZEM AO N.º DE 17.*

Primeiro, defunião dos labios da ferida da cornea, communmente ao terceiro dia depois da operação costuma consolidar a ferida da cornea; se porém no quarto, ou quinto dia a ferida ainda se não acha unida, póde ser a causa a má disposição dos humores do doente, ou  
por



por se entalar alguma porção do iris nos labios da ferida, ou por effusão de humor vitreo.

Segundo, Cicatriz visível, e esta só apparece, se a tal ferida entra em grande suppuração, que não a havendo communmente he imperceptivel.

Terceiro, Ophthalmia, que algumas vezes apparece ao oitavo dia depois da extracção da Cataracta. *Veja o tratamento no capitulo da Ophthalmia.*

Quarto, Effusão do humor aquoso depois do terceiro dia da operação, tempo em que devia cessar. Se assim se obliervar, he final de que o iris, ou humor vitreo estão encalhados na ferida, para isso servem os collyrios resolutivos como o do N.º XVIII.

Quinto, Fluxão do humor vitreo, que algumas horas depois da operação apparece, por causa de espasmo dos musculos do globo. *Veja Prolapso do humor vitreo.*

Sexto, Descachimento, ou descenso do iris. Algumas horas, dia, ou dias depois da operação, apparece este acontecimento, por causa de tetano do globo. Deve repôr-se o iris applicando solução de pedra lume. *Veja Ptosis do iris.*

Setimo, Deformidade da pupilla, he symptoma, que muitas vezes se segue á extracção da Cataracta, quando ella he muito grande.

Oitavo, Pupilla fundida, que apparece por causa do golpe transversalmente no iris ao tempo da operação. Não se cura já mais.

Nono, Myosis, Synizesis, e Synechia, que sobrevém por causa de inflammação do iris, ou uvea. *Veja estas enfermidades debaixo dos seus titulos nos respectivos lugares.*

Decimo, A cornea obscurecida, que procede de inflammação della, a qual extincta, termina a dita escuridade.



Decimo primeiro, Turvação do humor vitreo, que alguma vez acontece por haver ficado alguma particula da Cataracta casiosa, diluida no humor aquoso, enfermidade, que se extingue passadas algumas semanas.

Decimo segundo, O Hypopyo, que he effeito de inflammção interna. *Veja Hypopyo.*

Decimo terceiro, Blepharophthalmia, que procede de contusão da palpebra, feita pelo que a segura ao tempo da operação, ou por relaxação de remedio cataplasmico, que antecedentemente se tinha applicado. Cura-se facilmente. *Veja-se o seu proprio capitulo.*

Decimo quarto, Convulsão dos musculos do olho. Esta póde ter origem, ou na debilidade do animo para soffrer a operação, ou na recepção instantanea de muita luz, e muitas vezes faz sahir o iris, ou o humor vitreo pela ferida da cornea. Póde ter lugar a cataplasma de peros com açafração, e alcanfor. No uso interno os remedios opiados.

Decimo quinto, Amblyopia. Esta tem origem na falta da lente. Pede o uso de oculos convexos de ambas as partes.

Decimo sexto, Corrupção, ou consumpção do olho. Esta provém algumas vezes da fluxão dos humores. *Veja corrupção, ou tifica do olho.*

Decimo setimo, Trichiasis, provém, quando na acção do curativo algumas vezes succede, que alguns cabellos das pestanas se revirão para dentro, e com o seu toque inflammão o globo. Cura-se pondo o encerrado anglicano, se estes não quizerem tornar á sua natural situação.



*OPERAÇÕES ESPECIAES DA CATARACTA, QUE SE RELUZEM A OITO.*

Primeira, a da Cataracta Láctea. Esta Cataracta não se póde tirar com a capsula inteira, pelo que depois da fluxão do humor lácteo se corte com a ponta da agulha, ou do quistotomo a capsula da lente.

Segunda, a da Cataracta casiosa. Tirados os fragmentos da Cataracta, se pratique o mesmo com a capsula, que se disse da Cataracta láctea.

Terceira, a da Cataracta concreta com a uvea. Use-se do estilete com ponta curva, e introduzindo-o entre a uvea, e a lente, se procure conseguir a separação.

Quarta, a da Cataracta concreta com a propria capsula. Em tal caso use da agulha Richteriana para conseguir a separação, e extracção, ou lhe pegue com a pinça. (*Fig. V. Estamp. II.*) que com toda a segurança faz esta operação.

Quinta, a da Cataracta elastica, ou concreta com o humor vitreo. Procure separar a capsula do humor por meio da dita agulha, se não o poder conseguir, rompa a capsula, e extraha só a lente com a dita pinça.

Sexta, a da Cataracta capsular anterior, ou posterior. Esta especie de Cataracta pede principalmente separar a capsula do humor vitreo. Se porém se não poder conseguir, o resto da capsula opaca se corte com repetidos golpes.

Setima, a da Cataracta secundaria, que apparece hum, ou dous dias depois da operação por extracção, por causa de inflammação da capsula remanescente. Neste caso applicados fomentos antiflogísticos, dentro de



poucos dias cessa; mas se esta inflammacão com o uso destes remedios não cede logo nos primeiros dias, se poderá passar a remedios mais efficazes, como sangria, collyrio aromatico espirituoso N. I.º para se pôr externamente hum apposito molhado; visicatorio na nuca; purgantes antiflogísticos com algum sal de glauher, ou solúvel. Se porém da inflammacão resultar obscurecimento crónico da capsula remanescente, se applicaráo resolutivos fortes, que se apontão na cura da Cataracta; não aproveitando esses, faça nova operacão destruindo a lamina opaca.

Oitava, a da Cataracta adherente á pupilla. Se a pupilla já antes da operacão tinha o defeito de estar apertada, e immovel, e cortada a cornea, e bem escurificado o aposento ella senão dilata; o Professor neste caso demorando-se algum espaço de tempo, observe, se ella ainda assim senão dilata, neste termo anime-se a rasgar a pupilla (se com a colher, e tenta de roda, ella não der de si).

*Os infortunios, que podem sobrevir na occasião da extracção da Cataracta, se podem reduzir ao N.º de XII.*

O primeiro, he quando a incisão se faz entre as laminas da cornea. Se o bisturi se introduzir obliquamente, acontece correr apressadamente entre as laminas da cornea. Neste caso retire o bisturi, e o torne a applicar mais perpendicularmente.

Segundo, ferida da cornea muito pequena. Se se não rasgar a cornea pelo meio, a lente crystallina ficará detida entre os labios da ferida, quando for ao sahir, o que obriga a dilatar os angulos com a tesoura recta, mas ha sempre o inconveniente de contusão, e de má cicatriz.

Ter-



Terceiro, o descachimento da cornea ao tempo da incisão. Isto acontece, quando o humor aquoso se extravaza, já por causa de incisão da cornea antes de tempo competente, já por má figura do instrumento, que a divide, e por isso o de que eu faço uso, e com que me tenho dado sempre bem, he o que aconselho por melhor Fig. II. , ou tambem por causa de mover o doente o globo, ou deixar o Ajudante cahir a palpebra superior, ao tempo de tirar o instrumento depois da incisão, ou finalmente se na occasião da incisão se aperta muito o globo do olho. Em tal caso facilmente se offende o iris, motivo porque se deve abster da operação totalmente.

Quarto, lesão do iris. Esta se conhece pela effusão de sangue, que apparece.

Quinto, o descachimento do iris, que na occasião da operação acontece, por motivo da compressão externa do globo, ou por causa de tetano. Deve repôr-se na sua situação natural. *Veja Ptoſis do iris.*

Sexto, a sahida do humor vitreo, que acontece ou por causa da compressão externa do globo, ou por tetano dos musculos do mesmo globo; sahindo humna mediocre quantidade, não causa prejuizo, antes a vista fica mais clara naquelle, a que o humor vitreo se extravaza. *Veja Prolapſo, ou evacuação do humor vitreo.* Tape-se o olho, e commetta-se á natureza a recuperação da falta.

Setimo, extracção da lente cryſtallina antes de tempo. Acontece alguma vez que aberta a cornea o cryſtallino logo falta, ou por espasmo dos musculos do globo, ou por causa da compressão do mesmo globo. Deve neste caso temer-se que saia juntamente o iris, e o humor vitreo, para o que se deve alliviar logo a compressão.



Oitavo, o espirrar o doente. He pessimo acontecimento, se apparece depois da rotura da cornea, quando se faz a operação, porque costuma ser causa de sahir do globo do olho sangue, o iris, e todo o humor vitreo. Neste caso o Professor, pondo logo hum panno dobrado sobre o olho, o ampare com a mão situando o doente.

Nono, complicação com amaurosis, se o Professor, extrahida a lente, observar a pupilla negra, e pura, e isto não obstante o doente nada poder ver, he certo final de amaurosis, em cujo caso a operação he sem fructo.

Decimo, complicação com Synchysis, ou dissolução do humor vitreo. Se tirada a lente crySTALLINA, logo sahe o humor vitreo delgado, fica o doente cego.

Undecimo, complicação com Glaucoma, ou opacidade do humor vitreo. Se tirada a lente se eleva o humor vitreo turvo, o doente fica cego.

Duodecimo, complicação com pupilla apertada. Se antes da incisão da cornea a pupilla se acha dilatada, e depois della feita se contrahe, ou aperta muito, se faz impossivel a extracção da lente, e ainda o ferir a capsula com o quistotomo. Neste caso se fechão as janelas, que fique o aposento bem obscuro esperando por algum tempo que a pupilla se dilate, para se poder fin-  
dar a operação.

A operação por abatimento se faz, depois de situado o doente, como se disse na extracção, mettendo a agulha da parte do pequeno angulo em a cornea opaca, distante linha e meia da transparente, conduzindo-a até a parte posterior da pupilla, a fim de rebater o crySTALLINO, ficando este situado na parte inferior do humor vitreo. Quando se mette a agulha, se conduz á parte  
su-



superior da Cataracta , ou crystallino alterado , e depois de feita a compressão , se demora esta por algum espaço , até que tome assento a Cataracta na parte inferior da camara posterior. Este methodo tem muitos inconvenientes reconhecidos de todos os prácticos ; primeiramente era preciso , que o crystallino tivesse adquirido huma grande consistencia , para que a agulha o rebatesse , sem que se dividisse em muitas peças ( o que succede , quando a não tem ) e ainda estando na dita consistencia póde subir com facilidade ao mesmo sitio , como se tem observado ; de mais a agulha póde ferir o iris , e causar huma pequena effusão de sangue , que basta para perder a operação ; e porque a Cataracta póde sair pela pupilla para a camara anterior , e causar maior prejuizo , e a dita agulha tambem póde destruir as capsulas do humor vitreo , de que póde resultar inflammation , e outros muitos damnos. Assim o persuade Mr. Daviel , reprovando o abatimento , e com elles M<sup>rs</sup>. Palluci , Lafaya , Poyet , Guerin , Sharpe , Pamarde , Beranger , Jean Janin , Pellier , e outros , seguindo a extracção como mais segura.

### *PROLAPSO DA LENTE CRYSTALLINA.*

He a sahida della da sua capsula para a anterior camara do olho. As especies desta molestia são duas.

Primeira , sahida da lente sem ferida da cornea. Causa proxima he a rotura da capsula da lente. Esta muitas vezes acontece na depressão da Cataracta , na pancada da cabeça , no salto de lugar alto , na ferida do olho , na compressão do globo.

Conhece-se a sahida da lente crystallina , examinando o olho , e achando a lente reluzente , ou opaca.



## EFFEITOS.

O crystallino na anterior camara do olho, humas vezes causa dor, inflamação do olho, aperto da pupilla, perturbação da vista, outras vezes não excita symptoma algum, mais do que o embaraço de ver. A cura pede incisão na cornea, como se requer na extracção da Cataracta.

Segunda, descahimento, ou sahida da lente com ferida na cornea, que apparece; havendo voluntariamente ferido a cornea para a operação da extracção da Cataracta, ou involuntariamente, quando a mesma cornea he ferida por algum acontecimento, principalmente de haver mettido algum dedo pelo olho, ou algum instrumento, ou espasmo dos musculos do globo.

## ENFERMIDADES DO HUMOR VITREO.

## GLAUCOMA.

He esta molestia huma opacidade de humor vitreo: conhece-se esta enfermidade pela cegueira do doente, e pela visão do circulo opaco, ou mais obscuro, que se observa pela parte posterior, e lateraes da lente crystallina.

A causa proxima he a deposição do humor opaco nas cellulas do humor vitreo. He enfermidade rarissima, difficultosamente conhecida, e sempre incuravel. As suas especies são tres.

Primeira, Glaucoma opaca, com a qual o humor vitreo (assim como na Cataracta molle) he turvo. No principio desta enfermidade póde-se applicar externa-

men.



mente o vapor do espirito de sal ammoniaco, e melhor o collyrio N.º XVI. Internamente usar de extracto de herva pulsatilia negra; do de cicuta, meimendro branco aconito com milepedes, mercurio doce, e infusão da planta Arnica.

Esta enfermidade sendo antiga, he incuravel.

Segunda, Glaucoma terrea, com a qual o humor vitreo degenera em huma concreção terrea, como dizem os Authores.

Terceira, Glaucoma purulenta, a qual he a mudança do humor vitreo em huma substancia purulenta, ou semelhante a pus. He molestia incuravel, e não extirpando o olho, passa para o outro.

### SYNCHYSIS.

He a solução do humor vitreo em hum como corpo aquoso. A causa desta dissolução póde ser pela applicação do espirito volatil de ponta de viado. Esta enfermidade quasi sempre he acompanhada de amaurosis, e algumas vezes se acha complicada com Cataracta. Conhece-se pela total cegueira, em a qual o negro da pupilla se observa bastantemente amarello, e tanto, que por ella toda a interna superficie do olho, e a côr dos seus vasos se podem ver. A cura he impossivel, porque não ha remedio, que possa restituir o humor vitreo á sua natural consisteneia.

### EXTRAVASACÃO, OU SAHIDA DO HUMOR VITREO.

He esta enfermidade a passagem do humor vitreo pela ferida da cornea, ou Sclerotica.



## EFFEITOS.

A pequena evacuação deste humor não póde causar algum damno, pois que a natureza dentro de poucas semanas recupera essa pequena falta; porém se se extravasou a maior parte do humor vitreo, logo o globo se abate, a pupilla se fecha, e o doente fica cego. As especies são duas.

Primeira, extravasação por causa de compressão do globo. Symptoma, que muitas vezes póde acontecer na extracção da Cataracta, quando o Professor, ou seu ajudante ao tempo de ferir a cornea imprudentemente com os dedos apertar o globo.

Segunda, he por causa de espasmo dos musculos do olho. Este espasmo apparece humas vezes no mesmo instante, em que se fere a cornea na extracção da lente, mas as mais das vezes no primeiro, segundo, ou terceiro dia depois da operação. Da causa deste espasmo *Veja Tetano, ou paralyfia do globo.* A cura pede que logo se dê ao doente inteiramente opio com oleo de amendoas doces, e externamente ligar o olho por tempo de nove dias, deixando ficar o extravasado na mesma ferida, não o reprimindo, nem separando, porque a natureza vagarosamente unindo a ferida por effeito de sua virtude, vai separando a porção extravasada.

## ENFERMIDADES DA VISÃO PHOTOPHOBIA.

He huma intolerancia de muita luz, de tal modo que o olho ainda se molesta muito, recebendo huma pequena quantidade della. Taes doentes pestenejando costumão defender os olhos da muita luz. A causa pro-



proxima he a demasiada sensibilidade da retina. Ha cinco especies.

A primeira, he inflammatoria, a qual he symptoma de Ophthalmia, especialmente interna. Cura-se tirando a inflamação com os remedios apontados no seu capitulo.

A segunda, he por mydriasis, ou dilatação da pupilla do olho, e dilatada, ou destendida admite demasiada quantidade de raios, e por consequencia lhe he intoleravel a luz. A cura paliativa pede que se faça sombra aos olhos com feda verde. A cura radical pede extinguir a mydriasis, fazendo o que se diz no seu capitulo.

A terceira, he por costume de não ver luz, como acontece aos que estão encarcerados por muito tempo em legredos, estes apparecendo á luz, não a podem soffrir por muito tempo, e a introdução dos primeiros raios de luz parece como hum relampago, que o olho não póde supportar. Deve-se hir costumando por poucos o olho á luz, e usar de lenço, ou purificador de feda verde, ou semelhante.

Quarta, se diz nervea, que tem origem na demasiada sensibilidade dos nervos. Esta enfermidade he symptoma de hydrophobia, e de muitas outras enfermidades agudas do systema nervoso. Cura-se usando de remedios roborantes.

A quinta, he por causa de muita luz, assim como o olhar directamente para o Sol, que he couza intoleravel: evitada a causa, não haverá o effeito.

### *A M A U R O S I S.*

He huma cegueira, em que se observa a pupilla



negra, dilatada, e immovel, a que tambem se chama gota serena; tambem se dá amaurosis com a pupilla apertada, movel, pallida, ou pellucida até á retina. Esta enfermidade raramente accommette hum só olho, o ordinario he padecerem ambos. A causa proxima he a falta de occurrencia do succo nerveo em o nervo optico. Rarissimas vezes apparece esta enfermidade sem toda a disposição antecedente para ella.

Sinaes. A amaurosis de ordinario forma-se por grãos vagarosamente, e muito raras vezes accommette de repente. Os sinaes em principio desta enfermidade são a debilidade de vista augmentada em cada dia, representações nebulosas, como de pernas de aranhas, de redes de diversas cores luzidias, &c. Finalmente principio de cegueira, e por ultimo se completa huma cegueira perfeita, posto que a pupilla apparece negra.

As especies de amaurosis a respeito das causas podem ser reduzidas ao número de vinte.

Primeira, por congestão sanguinea nos vasos do cerebro, nervo optico, retina, e choroide. A causa destas congestões são por se forcejar ao tempo de levar qualquer pezo, principalmente levando o corpo muito curvado para diante, pelo excessso de forças para parir, por plethora commovida por muito calor do ar, ou de recepção de muito sol sobre a cabeça, por supressão de fluencia menstrual, lochios, evacuação hemorroidal, não se sangrar, estando acostumado, ou por demasiado uso de bebidas espirituosas. Por vomito, tosse, riso, gritar, soprar, e tudo o que faz reter o sangue na cabeça, o abuso de remedios mercuriaes, ou marciaes. Finalmente tambem podem ser causa da amaurosis a ophthalmia da membrana choroide, a apoplexia sanguinea, a febre ardente, e a prenhez.



Conhece-se a amaurosis sanguinea pelos sinaes de sangue congesto dentro da cabeça, e olhos, o doente perde as forças, haverá vomitos, vertigens, sono, grandes delirios, &c. os homens moços, e sanguineos são sujeitos a estes insultos. A cura desta molestia pede remedios derivativos, e evacuatorios. Em primeiro lugar sangrando largamente no pé, e braço algumas vezes, ou na jugular, e arteria temporal, tomando ao mesmo tempo fortes purgantes, e mézinhas irritantes repetidas vezes; semicupios, ou banhos de agua tepida, aos olhos, testa, e temporas se applicaráõ banhos de agua bem fria, cada quarto de hora. Feitos estes remedios no caso de turgencia de vasos sanguineos, logo apparece o final de frouxidão, ou atonia delles. Com estes remedios lembrados, externos, e internos, deve o Professor especialmente curar esta especie de amaurosis. São uteis no uso interno o extracto de cicuta na quantidade de dous, ou tres grãos per si, ou acompanhados com outra tanta quantidade de mercurio doce, com algum simples purgante, ou as pirulas N.º VII. VIII. IX., X. a infusão de flor de Arenica, o extracto de aconito tomado juntamente com mercurio doce, applicando á cabeça hum vesicatorio, o uso de balsamo da vida, humas gotas deste balsamo bebidas com o necessario assucar, como tambem o enxofre dourado de antimonio da terceira precipitação são remedios lembrados por Hoffmann no systema Medico Racional, o uso de almiscar, o do cozimento de páo santo pelos grandes effeitos, que produz na paralyfia dos olhos, o uso de mercurio doce, ou Calamelanos tem curado muitos felizmente, cozimento saturado de quina, e raiz de valeriana com sal volatil de ponta de viado tambem he aconselhado, o uso de vomitar, tanto no principio,



como depois, he de muita necessidade, o uso de remedios marciaes, ou de ferro são prejudiciaes á amaurosis, porque augmentão na cabeça, e olhos a congestão do sangue. Os remedios, que pertencem, e são lembrados para a applicação externa, são, esfregar a cabeça (depois de rapada) com hum panno de lã perfumado com alambre, esfregando juntamente as vertebrae cervicaes, e dorfaes com espirito de vinho alcanforado, os remedios, que promovão espirrar, facodem dos nervos a causa, que os opprime, o uso do vapor quente de forte infusão de café torrado, ou plantas cefalicas, a applicação do halito do espirito de sal ammoniaco volátil, e em fim a electricidade.

A segunda especie de amaurosis, he por congestão forosa de humores feita no cerebro, nos seus ventriculos, na baze do craneo, ou junto dos nervos opticos, enfermidade, que póde ter por causa o catharro mal curado, retrocesso de transpiração de toda a molestia de pelle, como a da sarna, herpes miliares de posição de humor pituitoso, apoplexia, hydrocefalo, dor de cabeça. São muito sujeitos a esta enfermidade os defluxionarios, os velhos, e as crianças. A cura pede remedios diaphoreticos, como cozimento de lenhos com antimonio, e arroze de sabugo, vinho antimonial de Huxham, purgantes diureticos, vomitivos, vesicatorios, fontes, sedenhos, ainda que estes ultimos não são favorecidos da prática. Se isto de nada aproveitar, se usem os remedios antiamauroticos internos, e externos, que ficão notados acima, como tambem as pirulas. N.º I. e II.

A terceira especie de amaurosis, he por debilidade, ou fraqueza da choroide, a qual póde provir por commoção do cerebro, muito estudo feito á luz, de-

ma-



mafiado ufo de venus , ou polluições voluntarias , o ufo contínuo de microscopios , luz muito viva repentinamente introduzida nos olhos , o ver continuamente coufas luftrofas , ou brancas como neve , finalmente tambem póde provir por causa de narcoticos , e vapores máos recebidos nos olhos por muito tempo . A cura pede roborantes . No ufo externo banho frio ao olho , vinho aromatico , ou agoa de lyrios com espirito de alfazema . No interno deve tomar primeiro o remedio N.º XV. e depois quina com valeriana .

A quarta especie de amaurosis , he a que succede ás grandes evacuações , de que resulta a debilidade de todo o corpo , como nas fortes diarrhêas , molestos vomitos , excessiva falivação , muitas , e largas sangrias , principalmente nas pejadas . A cura pede remedios cardiacos , e roborantes , dieta de leite com quina , e extracto de cascarrilha .

A quinta , se diz amaurosis por enfermidade do cerebro pelo que a hydropezia do cerebro , a estagnação de sangue na cornea , a dureza do mesmo cerebro , ou outro vicio junto ás origens dos nervos opticos causão amaurosis incuravel .

A sexta , especie se diz amaurosis por propria enfermidade do nervo optico . A materia serosa junta á origem dos nervos , ou nelles mesmos ; na choroide , ou na retina , pela successão do tempo degenera em humas como cascas mucosas , terreas , ou empollas de agua , e tumores hygromaticos . Algumas vezes os nervos opticos se seccão . Todas estas causas constituem incuravel a amaurosis , e não se viráõ a conhecer senão depois da operação dos cadaveres anatomicamente .

A Setima , se diz amaurosis periodica , a qual apparece repetidas vezes , e sempre com o mesmo interval-



vallo. A causa desta enfermidade (de ordinario) está nas primeiras vias, pelo que se cura á maneira das febres intermittentes, usando de purgantes, saes digestivos, quina, e arnica, tendo tambem lugar a opiata N.º XIII. e nos dias de intervallo foro salgado.

A oitava, se diz amaurosis febrisecca, que apparece depois de febres agudas, ou intermittentes. Cura-se com os remedios internos lembrados, e abrindo sedenho na nuca, como querem alguns, do que eu já mais tirei consequencia.

A nona, se diz amaurosis por causa de golpe nas sobrancelhas, que apparece no principio da cura da ferida. Parece ter origem na crespatura do nervo superciliar. A cura pede frequentes fricções ao lugar offendido com licor anodyno mineral, ou espirito de formigas.

A decima, se diz amaurosis por enfermidade do sino frontal. Conhece-se pela dor, que existe no mesmo sino frontal, ou outra enfermidade, que bem o possa ter atacado. Cura-se destruindo a causa, como ensina a Cirurgia geral.

A decima primeira, se diz amaurosis por participação de hum para outro olho, a qual provém da passagem, que faz o virus morbozo, pois havendo amaurosis em hum olho, na successão do tempo se observa o outro accommettido da mesma enfermidade, e cegar o doente. Para a sua cura se deve attender á causa morbosa.

A decima segunda, se diz amaurosis de nascimento, pois que algumas vezes nascem as crianças amauroticas. Como nestas a pupilla fica immovel, mas não dilatada, a amaurosis só se vem a conhecer no adiantamento da idade. A cura pede uso de agua ophthalmica composta de vitriolo, sabão de Veneza, e espirito de vinho, o qual tem a propriedade de tirar o torpor da  
cho-



choroide, sua composição se acha em N.º XXXVII. e o seu uso.

A decima terceira, se diz amaurosis hereditaria, por haverem muitos da mesma familia com esta enfermidade. Esta especie pela maior parte he incuravel.

A decima quarta, se diz amaurosis sefítica, ou venerea, originada por deposição de acrimonia venerea, ou por topho, ou callo na orbita, ou no craneo, que comprima o nervo optico. A cura pede o uso de remedios antivenereos, mixtos com antiamauroticos, escolhendo alguma das composições, que em fórmula de pirulas vão receitadas nesta obra, e a que se ajustar com as presentes condições, assim como as fricções mercuriaes, que podem ser de melhor utilidade.

A decima quinta, se diz amaurosis escrofulosa. As crianças, que são atacadas deste virus, sempre padecem, e pelo decurso de tempo se vem a fazer a deposição do succo escrofuloso no nervo optico. A cura pede o uso de remedios antiescrofulosos, maritados com antiamauroticos.

A decima sexta, se diz amaurosis exanthematica, ou por causa de bexigas, ou sarampo, que procede por supressão desta, e de alguma enfermidade cutanea, como sarna, erupções miliares (supprimidas, ou transportadas) nos quaes casos sempre se observou apparecer amaurosis, e tambem na repentina dessecção de chaga, ou fistula. A cura pede expulsão da materia recolhida, usando de vesicatorios, sedenhos, fontes, escarificações, ou sarjas, remedios sudorificos, diureticos, purgantes, vomitivos, inoculação, ou enxertia. Depois deve usar de remedios antiamauroticos. Na amaurosis por repentina dessecção de ulcera, deve-se fazer que a mesma ulcera se renove.



A decima setima, se diz amaurosis abdominal, a qual se produz por causa existente no abdomen, como saburra acida, biliosa, pituitosa, verminosa, &c. Esta especie de enfermidade he frequente nas mulheres accommettidas de cruezas acidas, hypochondriacas, e as que são accommettidas de colera, ou raiva repentina, e as crianças, que padecem lombrigas. A cura pede evacuação da saburra, e pelos sinaes da mobilidade da mesma saburra, do lugar da materia na região superior, ou inferior, se tirará a indicação da qualidade do remedio, que se deve applicar.

A saburra immovel pituitosa se faz movel, usando de sal vegetal, *vulgo* tartaro foluvel, e raiz de jarro, e hum pequena porção de tartaro hemetico. A saburra deposta na região superior pede remedio vomitivo; a deposta na inferior deve expellir-se com remedio purgante, ou catartico.

A saburra acida cura-se com remedios absorventes, e alcalinos, a biliosa com cremor de tartaro, e polpa de tamarindos, a verminosa com remedios contra vermes, principalmente com valeriana.

A decima oitava, se diz amaurosis espasmodica. Esta he aquella, que produz espasmo, ou dor idiopathica, ou que hum olho padece por participação de outro, a qual tem origem em hum grande medo, ou vehemente dor de cabeça, dos rins, ou de outra qualquer parte, por ferimento de sobrelleira, ou musculo temporal, finalmente por enfermidade convulsiva, como epilepsia, tetano, ou paralyfia, paixão hysterica. Conhece-se pelas causas, que houverem precedido. A amaurosis hysterica dura muito pouco tempo. A cura pede remedios opiados, nervinos, roborantes, principalmente almifcar, e valeriana.



A decima nona, se diz amaurosis parcial, a qual he quando sómente meia choroide está amaurotica, que faz ver só por metade; cura-se como a amaurosis total.

A vigesima, se diz amaurosis complicada, esta he aquella, a que se ajunta Cataracta, myosis, synize-sis, synchysis, ou quaesquer outras enfermidades oculares, conhece-se pela impossibilidade de distinguir a luz das trévas. Estas enfermidades são incuraveis. Se a amaurosis se não tiver curado antecedentemente.

### O X Y O P I A.

He huma faculdade mais forte de ver do que o usual costume. Tem-se encontrado homens, que podião ver de dia as estrellas no Ceo. A causa proxima deste acontecimento, he a sensibilidade da choroide, que excede a natural. As especies são tres.

Primeira, a que se diz Oxyopia de encarcerados, que por haverem estado muitos tempos mettidos em escuros carceres se costumárão a ler, e escrever sem luz.

A segunda especie he, por principio de amaurosis, que algumas vezes he presagio della. A cura pede remedios antiamauroticos. *Veja Amaurosis.*

A terceira especie, se diz Oxyopia de muitos objectos, a qual he hum vicio de ver, em que ao doente clarissimamente se lhe representão juntos, dous, ou tres objectos differentes. A razão deste phenomeno, he a multiplicação do polo visorio, por extraordinaria sensibilidade de muitos lugares da choroide, pelo que cada hum delles se torna n'hum polo visorio. Differe esta especie de Oxyopia da Diplopia, porque nesta o doente vê o mesmo objecto reproduzido duas, ou tres vezes. *Veja Diplopia.* A cura radical não se conhece, a palia-



tiva pede o ufo de hum canudo , que impeça os objectos lateraes. A visão de muitos objectos faz confusa a vista.

### A M B L Y O P I A.

He huma debilidade de ver sem vicio muito visivel no olho. Tambem se lhe chama vista fusca , ou escura. Os Myopes , e os Presbytes , só em certa distancia vem os objectos confusamente. Os Nyctalopes , e Hemeralopes só vem mal em certo tempo do dia , porém os Amblyopes em toda a distancia , e em qualquer tempo do dia sempre distinguem debilmente os objectos. A causa proxima da amblyopia idiopathica he a menos sensibilidade da choroide , da amblyopia Symptomatica , póde ter sua origem , ou assento na cornea , no humor aquoso , na pupilla , na lente crystallina , no humor vitreo. Podem daqui seguir-se diferentes especies de amblyopia , das quaes se apontão treze.

A primeira se diz Amblyopia , por nuvem da cornea , a qual obscurece toda a cornea , ou alguma parte della : a nuvem pela parte , que cobre a cornea , impede a entrada de muitos raios de luz , pelo que só chegão á choroide muito poucos , que lhe dem claridade. A cura pede tirar a tal nevoa , ou nuvem. *Veja Macula , ou obscuração da cornea.*

A segunda se diz , por humidade da cornea , como acontece na Epiphora. A agoa pegada á cornea , ou que a humedece , quebra os raios de luz confusamente. A cura pede extinguir a humidade. *Veja Epiphora.*

A terceira se diz Amblyopia , por secura da cornea : a sequidão da cornea he causa de se observar turva , e como empoeirada. A cura desta especie pede se humedeça a cornea. *Veja Scheroma.*



A quarta se diz Amblyopia, por turvação do humor aquoso. Esta enfermidade assim como a turbidez da cornea, muito poucos raios de luz deixa passar. A cura pede se restitua ao humor aquoso a sua natural diafanidade. *Veja turbidez do humor aquoso.*

A quinta especie, he por menos quantidade do humor aquoso. A falta da necessaria porção deste humor he causa de alguma cousa se contrahir a cornea, e perder a diafanidade. Pede a cura se restitua a porção do humor aquoso, que faltar para chegar ao estado natural. *Veja Atrophia do olho, e Rhytidosis da cornea.*

A sexta, he por abundancia do humor aquoso, como se observa no principio da hydrophthalmia. Nesta enfermidade o foco dos raios de luz se fórma antes da choroide. A cura he a mesma da hydrophthalmia, que se póde ver em seu lugar.

A setima, se diz Amblyopia por myosis da pupilla. Esta enfermidade he hum demasiado aperto da pupilla, pelo que passam para a choroide muito poucos raios de luz. Para a sua cura, *Veja Myosis* no seu lugar.

A oitava especie, se diz por principio de Cataracta. Principiando a offuscar-se a lente, ou a sua capsula, não passam por esse motivo os necessarios raios de luz. *Veja Cataracta.*

A nona, se diz Amblyopia por principio de glaucoma, que produz a mesma molestia, que a Cataracta. *Veja Glaucoma.*

A decima, se diz por causa de principio de amaurosis. Nesta enfermidade principia a choroide a fazer-se insensivel. A cura he como a que se tem lembrado na amaurosis.

A decima primeira, se diz Amblyopia por topica atonia, ou debilidade da choroide. As causas, que produ-



duzem esta debilidade são, morbo hereditario, olhar para o Sol, para a Lua, como succede aos Astronomos, e ver muitas vezes, e por muito tempo objectos miudissimos, escrever muito de noite, uso de ler á luz, abuso de venus, que a primeira cousa, que debilita he os olhos, e o estomago. Esta especie de amblyopia não poucas vezes se converte em amaurosis. Pede a cura primeiramente evitar as causas da enfermidade, em segundo lugar não ver grandes clarões, e usar de remedios, que corroborem os olhos interna, e externamente: corrobora-se a choroide, primeiro abstando-se de ver luz grande, e muito mais aquelles, que por muitos tempos estiverão em carcerees escuros, e se costumarão a ler, e escrever sem luz. Segundo usar de canudos pretos, que absorvem a luz superflua. Terceiro usar de oculos chatos de côr verde, porque estes moderão a luz. Quarto morar, ou assistir em casa, que tenha só huma janella, e as paredes vestidas de côr verde, porque esta côr corrobora a vista. Quinto usar de bandeira de côr verde no candieiro, ou luz de véla, evitando receber nos olhos luz reflectida de corpos excessivamente polidos. Sexto para a acção de trabalhar, e de ler use de hum grande vidro verde, evitando o mais que poder o ler muito, tendo cuidado de olhar para objectos verdes. Ensina a experiencia, que a côr verde he de mais proveito á vista, que a negra; a verde observa-se diminuir vagarosamente a tenção da choroide, a côr negra relaxa total, e repentinamente a mesma membrana. Setimo applicação externa de vinho ophthalmico feito com falva, ortelã, funcho, marcella, e flor de alecrim com alguma porção de espirito de vinho canforado, (esta composição se acha em o N.º XXXVII) applicando tambem á parte algumas vezes banhos frios.



Oitavo receber no uso interno quina com raiz de valeriana silvestre. A cura paliativa pede o uso de oculos convexos segundo o sentimento de Plenck, porque por este meio os raios de luz ferirão a choroide mais fortemente: o que he falso, pois neste caso o foco se fará antes della.

A decima segunda especie de Amblyopia, he por debilidade de todo o systema nervoso, que se observa depois de grandes, e largas evacuações, e repetidas convalescenças de enfermidades agudas. Pede a cura o uso de remedios cardiacos, nutrientes, e roborantes.

A decima terceira, se diz Amblyopia de velhos, ou que acontece na velhice. Muitas são as causas desta enfermidade: pouco sentimento da choroide, a lente amarella, e a cornea turvada pela materia lymphatica. A cura radical desta enfermidade he impossivel; a paliativa pede o uso de agoa de lyrios com espirito de alecrim.

### *NICTALOPIA, OU CEGUEIRA DIURNA.*

He huma enfermidade, com a qual, os doentes de dia vem pouco, ou quasi nada, no fim da tarde, e de noite vem excellentemente. A causa proxima recebe variedade. As especies são sete.

Primeira por amaurosis periodica. Se o paroxysmo principia pela manhã, e termina no fim da tarde, pede a cura se use do vomitorio, purgante, vesicatorio, e por ultimo quina com valeriana.

A segunda, se diz por demasiada sensibilidade da choroide. Os enfermos de tal molestia não podem soffrer a luz do meio dia. *Veja Photophobia.* Não repugna que estes enfermos vejam a luz de huma véla, ou da Lua.



A terceira especie se diz, Nyctalopia por mancha, ou macula opaca no meio da lente crySTALLINA. Quando a luz do meio dia aparta, ou estreita a pupilla, não vê nada o doente; quando porém junto ao Sol posto, ou em lugar obscuro a pupilla se abre, ou dilata, neste tempo passam os raios de luz pela circumferencia trasparente do crySTALLINO. Pede a cura extracção da lente.

A quarta especie acontece, quando não ha uso de luz. Aquellês, que sahem de carcereS escuros de repente á luz do Sol do meio dia, nada vem, porém com o tempo se acoSTUMÃO á luz para poderem ver.

A quinta especie, se diz Nyctalopia por mydriasis immovel, de que se segue admittir a pupilla grande quantidade de luz, que não modera por causa da sua immobilidade, pelo que aos doentes, que tanta luz recebem, a mesma muita luz os não deixa ver. A cura paliativa pede o uso de oculos verdes. Para a cura radical. *Veja Mydriasis.*

A sexta se diz, Nyctalopia por demasiado aperto da pupilla, neste estado não admite os sufficientes raios de luz, e por isso ao doente lhe falta a vista. Ao Sol posto porém, que este aperto da pupilla cede, os doentes alguma coisa melhor vem. Este aperto da pupilla humas vezes he inflammatorio, outras espasmodico. A cura pede uso de remedios antiflogisticos, ou antispasmodicos. *Veja Myosis.* Tambem he util o banho externo do cozimento de raiz de malvaisco, ou o de flores de malvas, e de meimendro.

A setima se diz, Nyctalopia endemica, ou propria do Paiz. He tradiçãO, que estados inteiros sãO Nyctalopes, como os Leucethiopes, Albinos, *vulgo*, Pretos-Brancos, Africanos, Americanos, Asiaticos, cujos olhos



todo o dia chorão, e á noite he que melhor vem. Para estes o uso da cicuta he remedio.

A oitava especie se diz, Nyctalopia por causa de perturbação do olho, depois do que o doente póde ver de noite todos os objectos distinctamente. Quando esta molestia apparece, per si se extingue sem applicação de remedio especifico.

### *HEMERALOPIA, OU CEGUEIRA CREPUSCULAR.*

He esta enfermidade hum vicio da vista, o qual permite que os doentes de dia vejam bem, e ao sahir, e pôr do Sol pouco, ou nada. As especies desta enfermidade são quatro.

Primeira he, por causa de principio de amaurosis, em a qual o doente não vê a luz crepuscular do nascer, e pôr do Sol, mas só a do meio dia, como nem a luz de huma véla. Toda a amblyopia, se he forte, juntamente causa Hemeralopia. Cura-se como amaurosis.

A segunda especie, se diz Hemeralopia por amaurosis periodica. Esta enfermidade tem seu principio pela tarde, e ao crescer do dia seguinte se extingue. A cura pede purgantes, e depois o uso de quina com valeriana.

A terceira especie he por prizão, ou embaraço de transpiração do olho. A choroide necessariamente, embaraçado o humor transpiravel, ha de abundar nelle mais nas horas da tarde, do que no crescer do dia, porque nas tardes está o ar mais frio. Pede a cura remedios evacuatorios, principalmente diaforeticos antimoniales.

A quarta especie se diz, Hemeralopia endemica, ou natural do Paiz. Esta enfermidade he frequente na China, Moçambique, no Brasil, Polonia, e mais partes destes sitios, como dizem alguns Escriitores.



## MYOPIA.

He esta enfermidade a difficuldade de ver os objectos distinctamente, estando hum pouco distantes. São reputados Myopes, os que em passando o objecto de vinte pollegadas já o não vem distinctamente, e dá-se Myopia, que não deixa ver mais do que a tres, seis e nove pollegadas de distancia. A causa proxima desta enfermidade he o ajuntamento dos raios de luz em hum foco antes da choroide. As especies desta enfermidade são cinco.

Primeira he, a que se diz Myopia por demasiada convexidade da cornea. A causa desta excessiva convexidade he, ou por natureza, ou por mais abundante secreção do humor aquoso, razão porque esta enfermidade póde fer em hum dia maior, que em outro, pelo que a hydrophthalmia incipiente he, ou póde fer origem da Myopia. A cura desta enfermidade espera-se no crescer da idade, applicando remedios evacuentes.

A segunda especie de Myopia he por demasiada longitude do globo. Esta longitude póde fer natural, ou por causa de congestão de humores nos olhos, pelo que os artifices occupados em obras miudissimas, como os abridores, e homens, que lem muito, se fazem Myopes passado o tempo da mocidade. Curão-se estes, abstando-se de trabalhar, e tratar objectos miudissimos.

A terceira especie, se diz Myopia por demasiada convexidade da superficie anterior da lente crystallina. Neste caso os raios da luz, que cahem sobre a lente convergem; e como tanto mais convergem, e se juntão, tanto mais perto, quanto a lente he mais convexa, farão o foco antes da choroide, pois que só o farião



rião nella, se a convexidade da lente fosse proporcionada á distancia, que vai da lente á choroide.

A quarta especie se diz Myopia por maior densidade da cornea, e dos humores dos olhos. Os experimentos da optica ensinão, que tanto mais depressa os raios de luz se ajuntão no foco, quanto o corpo diaphano he mais denso por via de regra.

A quinta especie se diz Myopia infantil, ou de crianças, estas são Myopes por causa da convexidade da cornea, mas pouco a pouco vão vendo as cousas mais remotas, hindo crescendo na idade. A cura radical da Myopia nas crianças espera-se no adiantamento da idade. A cura paliativa nos adultos se consegue vendo por canudos negros sem algum vidro, ou por estreito buraco de hum papel, ou papelão, e por oculos concavos.

### *P R E S B Y O P I A.*

He esta huma enfermidade com a qual os doentes vem confusamente os objectos proximos, e os distantes mais distinctamente. Assim como a Myopia he usual enfermidade nos moços, he a Presbyopia nos velhos.

Procede isto de os raios da luz se não juntarem senão além da choroide.

### *A S E S P E C I E S S ã O N O V E.*

Primeira, he a que se diz Presbyopia por causa de planicie da cornea, pois quanto mais plana for esta, tanto menos, e mais tarde quebrão os raios de luz no foco.

Esta enfermidade nasce primeiro por causa de pe-



nuria de humor aquoso, e vitreo, de que a velhice, ou outra alguma enfermidade seja motivo. Segundo, por cicatriz, que diminue a convexidade da cornea. Terceiro, por má conformação da cornea, e por natureza.

A segunda especie, se diz Presbyopia, por ser muito plana a lente crystallina, tambem provém esta enfermidade por causa de velhice, por má conformação da lente por natureza, ou corrupção da lente crystallina.

A terceira, he quando a distancia da lente á choroide he tão pequena, que o foco se faz além desta.

A quarta, se diz por pouca densidade da cornea, ou dos humores do olho, pois quanto mais rarefactas são estas partes, menos quebrão os raios da luz. Os que por esta causa são Presbytos, melhorão com o tempo, por se lhes tornarem a cornea, e a lente mais densas com a idade.

A quinta especie, se diz Presbyopia por costume de ver continuamente objectos remotos, pelo que os Artifices, que se occupão em ver os ditos objectos remotos, cahem nesta enfermidade.

A sexta especie, se diz Presbyopia de velhos. Por muitas causas os velhos se fazem Presbytos, e principalmente por falta de humor, e por este motivo a cornea, e a lente crystallina se aplanão, e o globo se faz mais pequeno. Quando pois por causa de velhice o globo do olho se faz mais pequeno, e a cornea mais chata, os que antes erão Myopes vem bem, e os oculos concavos, de que ufavão, não lhes são mais necessarios.

A setima especie, se diz Presbyopia por muita proximidade dos objectos. O foco dos objectos distantes he mais proximo, e o dos objectos proximos he mais distante.

A oitava, se diz Presbyopia por aperto da pupilla,



la, quanto mais apertada he a abertura da divisão no tubo optico, tanto mais remoto he o foco. A cura radical desta enfermidade he impossivel, se a idade não a obrar. A cura paliativa se consegue com o uso de oculos convexos, porque estes quebrão os raios da luz de tal maneira, como se viessem de ponto remoto.

A nona especie, se diz Presbyopia mercurial, a qual provém por causa de muito uso de mercurio, o doente sente no olho aperto com dor, que se augmenta tocando-lhe, o globo endurece, e com difficuldade se move para os lados. Os objectos proximos não os vê totalmente, e os remotos confusamente. Muitos capitulão esta enfermidade por huma amaurosis imperfeita. A cura pede uso de banhos de cozimento de folhas de malvas, e vapores de agua, sangria no pé, e uso de polpa de canafistula com foro de leite. Quando cessar a dor do olho, se deve applicar nas fontes emplastro de tacamaca. Tornando a vista a alcançar-se, se corrobore o olho com o uso de agua fria.

### *HEMIOPSIA, OU MEIA VISTA.*

He esta huma enfermidade, com a qual o doente só vê meios objectos, e não inteiramente como elles são.

### *AS ESPECIES DESTA MOLESTIA SÃO TRES.*

Primeira, ha a que se diz Hemiopsia por offensa da metade da cornea, ou da lente, pois nesta meia parte enferma se suffocão os raios da luz. Pede a cura, que se tire a opacidade da cornea, ou se extraha a lente opaca. *Vêja Maculas da cornea.*



A segunda especie, he por amaurosis de meia choroide, onde vão differentes feixes de raios, que partem de diversos pontos do objecto fazer o foco. Pede a cura, que se extingua a causa, que produzio a amaurosis. *Veja Amaurosis.*

A terceira especie, se diz Hemioplia nervea, que parece ter sua origem no nervo optico. A cura pede o uso de remedios nervinos, e interpolados purgantes, mais, ou menos complicados segundo as causas.

### *MYODESOPSIA, OU VISÃO DE MOSCAS.*

He esta enfermidade tal, que ao doente della se representa ver diante dos olhos hum ponto negro, que parece semelhante á mosca, ou têa negra de aranha.

Quando o olho se move, move-se juntamente o ponto negro, ou têa de aranha, e fica fixo, quando o olho está quieto. Os homens, que tem a vista aguda, e se detém em luz serena, costumão ser accommettidos destas representações de moscas, ou flocos negros. A causa proxima desta enfermidade he hum ponto opaco em algum lugar da retina, ou humor espesso pegado em algum vaso della, ou espalhado sobre a superficie da retina, ou permanente em vaso varicoso da mesma retina, ou da choroide, que está sujeita a todos estes accidentes.

### *AS ESPECIES DESTA MOLESTIA SÃO QUATRO.*

Primeira, he a que se diz Myodesopsia por ponto opaco na choroide, a qual he especie de parcial amaurosis, e não poucas vezes se confirma em total gota serena. Cura-se como amaurosis, ou gota serena.



A segunda especie , he a que se diz sanguinea , que tem origem na congestão de sangue em algum pequeno vaso da retina , ou da choroide. Enfermidade , que se encontra ordinariamente nos freneticos , nos pletoricos , nos abrazados do calor do Sol , nas pessoas , a quem se supprimirão os menstrosos , ou as evacuações hemorroidaes , e nos que tiverão por muito tempo a cabeça inclinada para diante. A cura pede sangria , tizana de lenhos , purgantes mais , ou menos repetidos , externamente remedios revellentes , e repellentes , como banhar os olhos com agua fria. A Myodesopsia dos freneticos extingue-se , tendo pelo nariz larga Hemorrhagia de sangue.

A terceira especie , he por atonia da choroide , que aparece por causa de muito ler , demasiado velar , frequente uso de ver por telescopios , ou microscopios , ou por causa de vehemente toque de raios de luz na choroide. A cura pede abstracção da causa , usando externamente banhos ao olho de agua fria , internamente remedios roborantes , como quina com raiz de valeriana , esfregar as sobancelhas com licor anodyno mineral de Hoffmano.

A quarta especie , he por contusão no olho , a qual he causa de se espalhar sobre a retina alguma pequena porção de humores , ou tambem sobre a choroide. Cura-se sangrando , diluindo , e dando externamente á parte banhos descucientes , como o collyrio. N.º IX.

### VISTA RETICULAR.

He esta huma enfermidade , com a qual ao doente se representa ver hum delicado tecido de sombras ramosas , ou cousas semelhantes a têas de aranhas. A causa



fa proxima he a dilatação dos vasos espalhados pela retina, que assim dilatados a comprimem a ella, e á choroide, ou tambem pela dos vasos da mesma choroide.

*AS ESPECIES DESTA ENFERMIDADE SÃO DUAS.*

A primeira, he a que se diz vista reticular por congestão de sangue na retina, ou choroide. A inspiração reprimida, ou a cabeça inclinada para diante por muito tempo, póde fazer apparecer a vista reticular. Esta especie de enfermidade com brevidade desapparece, tirada a causa.

A segunda especie, se diz visão reticular permanente, ou que sempre existe: nesta especie se observão os vasos do fundo do olho constantemente turgentes, o que póde ser por frouxidão, ou atonia dos mesmos vasos. Pede o curativo fomentações roborantes, ou de agua fria applicadas externamente ao olho, ou o collyrio. N.º XII., e no uso interno quina com valeriana.

*VISTA NEBULOSA.*

He esta huma enfermidade, com a qual ao doente lhe parece ver os objectos como por entre nevoa, ou por hum panno de peneira, ou quasi ás escuras. A causa proxima póde ser, ou o impedimento de passarem os sufficientes raios de luz para a choroide, ou a insensibilidade da mesma choroide.

*AS ESPECIES SÃO OITO.*

A primeira, he a que se diz vista nebulosa por principio de Cataracta, a qual he causa de passarem muito poucos



cos raios de luz para a choroide. A cura pede o uso dos remedios fundentes mercuriaes; e não se vencendo o progresso, e completando-se a Cataracta, se extrahia.

A segunda especie, se diz vista nebulosa por principio de amaurosis. Quando a choroide já se acha quasi insensivel, não podem os raios de luz fazer nella a necessaria, e natural impressão. Pede a cura desta molestia, que se extingua a amaurosis.

A terceira, se diz vista nebulosa por leucoma da cornea, a qual impede a passagem dos necessarios raios de luz, para formar a visão clara, sendo disso causa os lugares opacos, que ella constitue. Cura-se esta enfermidade, como se disse das máculas, e obscurações da cornea, servindo tambem as applicações dos collyrios seccos N.º XXIV. N.º XXV., e N.º XXVI., ou as composições do N.º XX.

A quarta especie, se diz vista nebulosa por causa de turvação de humor aquoso, a qual impede a passagem dos necessarios raios de luz. Pede o curativo, que o humor aquoso se purifique, e faça diafano. *Veja Turvação do humor aquoso.*

A quinta, se diz vista nebulosa por principio de glaucoma; o mesmo que no humor aquoso succede, se verifica no humor vitreo, quando se principia a fazer opaco. A cura com difficuldade se consegue. *Veja Glaucoma.*

A Sexta, se diz vista nebulosa por principio de fraqueza de animo, pois nos desmaios não só se torna a vista turva, mas totalmente escura, por causa de cessar na choroide a circulação do succo nerveo. Cura-se extinguindo o desmaio.

A septima, se diz vista nebulosa, por debilidade da choroide, que a torna algum tanto insensivel. Da causa,

Ee

fa,



sa, e cura desta especie de enfermidade. *Veja Amblyopia por debilidade da choroide.*

A oitava, se diz vista nebulosa por causa de haver recebido veneno internamente, o qual por consenso opéra no estomago, e choroide. Pede a cura o uso de remedios emeticos.

### *METAMORPHOSE, OU VISTA DESFIGURADA.*

He esta huma enfermidade, com a qual o doente vê mudadas as figuras dos objectos. As especies desta enfermidade são sete.

A primeira, he a que se diz Metamorphose augmentada, que se verifica, quando aos doentes se representam os objectos maiores, do que na verdade são. Póde esta enfermidade ter origem por causa da myopia, por saburra das primeiras vias, ou por enfermidade nervosa, que será attendida segundo as causas.

A segunda especie, se diz Metamorphose diminuta, em a qual os doentes observão os objectos de menor volume, do que na verdade são. Tambem se tem observado proceder esta especie por saburra das primeiras vias. A cura pede vomitorio, e purgante.

A terceira especie, se diz Metamorphose tremula, com a qual enfermidade os vertiginosos, os bebados, e os que padecem queixas nervosas, se vem accommettidos. Algumas vezes tem origem esta molestia na saburra das primeiras vias, ou supressão da transpiração, pelo que a cura será segundo as causas, de que proceder esta enfermidade, vomitando, ou transpirando.

A quarta, se diz Metamorphose tortuosa, ou flexuosa. Esta molestia faz, que aos doentes della pareçam todas as cousas curvadas, ou tortas. A causa desta en-  
fer-



fermidade está ou nos nervos , ou nas primeiras vias , motivo porque os remedios devem ser , ou evacuantes , ou antispasmodicos.

A quinta especie , se diz Metamorphose inversa , a qual succede , quando ao doente parecem voltados todos os objectos. Esta extravagante molestia dura mais , ou menos tempo , deixando (quando desapparece de todo) a vista dos doentes mais escura. Pede uso da Opiata N.º XIII.

A sexta especie , se diz imaginaria , que he a representação de objectos , que não estão presentes , como acontece ás vezes aos dilirantes , freneticos , e visionarios , ou que sonhão. Pede a cura extinção da materia , que he origem da visão imaginaria , tendo lugar a mesma Opiata , citada na quinta especie.

A septima , se diz Matamorphose por impressão actual , enfermidade , que accommette aos que attentamente vem qualquer objecto na presença de muita luz , os quaes por muito tempo ficão vendo depois esse mesmo objecto como presente.

### *CHRUPSIA, OU VISTA CO'RADA.*

He esta huma enfermidade , com a qual o doente vê os objectos com diversa côr da natural , ou lhe parecem semelhantes ao arco iris , ou á cauda do pavão. A causa proxima he a côr alhea na choroide , ou aberto da mesma , que he semelhante á irritação , que excita na choroide o foco da tal côr. As especies são oito.

A primeira , he a que se diz Chrupsia de ictericos , aos quaes enfermos todos os objectos parecem amarellos. Pede a cura extinção da ictericia , vomitando , e fazendo uso da Opiata N.º XIII.



A segunda especie , he por effusão de sangue , pois este espalhado , ou extravasado nas camaras do olho , e junto da retina , tinge os objectos de côr vermelha. A cura pede sangria , purgante antiflogistico , e fomentação discuciente , e poderá ter lugar o Collyrio N.º IX.

A terceira especie , succede por esfregação forte no olho , principalmente em lugar escuro , pois se observa , que depois da esfregação , apparecem nos olhos humas como cores de cauda de pavão , que se extinguem pouco a pouco.

A quarta especie , se diz febril ; doentes que padecião febres pestilenciaes , se lhe representavão na vista cores como do arco iris.

A quinta especie , se diz Chrupsia por causa de olhar para o Sol. Os que para elle olhão , logo a primeira imagem , que se lhes representa , he muito resplandecente , e depois degenera em vermelha , amarella , cerulea , e negra ; e ultimamente de todo se desvanece.

A sexta especie , acontece por causa de impressão permanente ; por isso aquelles , que por muito tempo olhão para hum panno muito vermelho , tirando-o de repente diante dos olhos , por muito tempo se lhe representa na vista a mesma côr vermelha.

A setima especie , se diz nervosa , a qual apparece , quando o sujeito padece grande medo , pois que nestes objectos se lhe representam humas vezes de côr verde , outras de amarello. A causa segunda desta enfermidade póde ser humas vezes o delirio , outras a saburra do estomago. Pede a cura a extinção destas causas.

A oitava , se diz Chrupsia por mistura de raios de luz de diversas cores , formada fóra dos olhos , pelo que se alguém pozer sobre o nariz huns oculos com hum vidro azul , e outro vermelho , e olhar para a luz ,  
es-



esta lhe parecerá roxa. Tambem accendendo enxofre em lugar escuro, todos os circumstantes parecerão de côr amarella esverdenhada.

### *PHOTOPSIA, OU VISTA LUZIDA.*

He esta huma enfermidade, em a qual ao doente se representa ver huns como raios, linhas, ou faiscas de fogo, ou visão de relampago. A causa proxima destas visões resplandecentes parece ser (attendendo ás causas, que as produzem) huma pressão feita sobre a choroide, como a que produz o foco luminoso. As especies desta enfermidade são seis.

Primeira, he a que se diz Photopsia por pancada no olho, molestia que vulgarmente se está experimentando, pois dizem os que recebem alguma pancada, que observão saltar-lhes do olho humas como faiscas de luz.

A segunda especie, se diz Photopsia por enfermidade dos nervos. Os resplendores apparecidos antes do tetano, da epilepsia, ou de outras enfermidades espasmodicas, pertencem a esta classe. A cura pede extinção do morbo espasmodico.

A terceira especie, se diz Photopsia por congestão de sangue na retina, nervo optico, ou choroide, enfermidade que se tem observado apparecer por causa de tosse, vomito, espirro, vertigem, antes da amaurosis, e apoplexia. Tem tambem origem na supressão dos menstrosos, ou das evacuações hemorrhoidaes. Pede a cura sangria, purgantes, e remedios revellentes no uso interno, e no externo banhos de agua fria.

A quarta especie, se diz Photopsia por causa de trabalhar em corpos miudissimos, pelo que a muita appli-



plicação de cozer , e bordar á luz , póde ser origem desta enfermidade , causando congestão de sangue , pois semelhantes traba'ho irritão os olhos , e a irritação attrahe , e causa a dita mo'estia. A cura he a mesma que se disse na terceira especie , evitando a causa , que a faz produzir.

A quinta , se diz Photopsia por causa de passar a noite em vigia.

Referem alguns Escriptores , que talvez aconteceo serem tão vivas estas faiscas , que bastavão para se verem os objectos ; do qual facto com razão duvida o celebre Haller.

A sexta especie , se diz Photopsia por copia de lagrimas , que humedecendo os olhos , os raios da luz antes de passarem pela Cornea , primeiro quebrão nas lagrimas. Esta especie de enfermidade se desvanece , ao passo que as lagrimas se enxugão.

### ESTRABYSMO.

He esta huma enfermidade , com a qual o doente vê os objectos , trocando os eixos visuaes de hum , ou de ambos os olhos. Esta torcedura , que por effeito de contracção fazem os musculos dos olhos , para a parte superior , inferior , e lateraes , se observa em hum , ou em ambos os olhos , ou tambem se vê desigual , como torcendo hum olho para o Ceo , e outro para a terra. Os effeitos do Estrabyfmo são , não só a deformidade dos olhos , mas tambem huma maior fraqueza de vista para decernir corpos distantes , e divididos , principalmente em principio de enfermidade. As especies do Estrabyfmo são dez.

A primeira , he a que aparece nos recentemente nas-



nascidos. Todas as crianças recém-nascidas trocáo os olhos, mas pelo decurso do tempo observáo, e vem os objectos mais distinctamente, olhando para elles directamente com ambos os olhos, a qual direcção a poucos tempos se faz nellés natural; e durando esta enfermidade até a idade de seis annos, se póde usar de oculos compactos, e concavos, que eu tenho aconselhado algumas vezes para semelhante molestia, que consistáo de duas laminas de latão pintadas, com hum pequeno orificio no meio, guarnecidas de hum bocado de pelica; tem quatro fitas para se atar na parte posterior da cabeça, cuja figura se representa na (*Est. 3. fig. 4.*)

A segunda especie, se diz Estrabyfmo por causa de verem as crianças juntamente, ou ao mesmo tempo dois objectos, pois deitada a criança no berço, ficando-lhe de cada parte hum objecto, que ella muito ama, como por exemplo, de huma parte ter hum espelho, ou luz de janella, e da outra a mãe, ou ama, que a cria, para quem ella continuamente attende, facil he cahir no Estrabyfmo. Pede a cura desta especie, que o olho são se tápe com ligadura por alguns mezes (se o Estrabyfmo for só em hum dos olhos) porque se for em ambos, se tape por alguns dias o olho direito, e depois por outro igual tempo só o esquerdo, pois assim o olho destapado por este simplicissimo remedio, pouco a pouco se irá costumando a ver os objectos directamente; isto he conselho de alguns, porém os oculos concavos, de que fallo, dão melhor satisfação a este curativo.

A terceira especie, se diz Estrabyfmo por tortura, ou contracção de hum dos musculos do globo. As crianças, a que nasce sobre o nariz alguma verruga, ou outra qualquer prominencia, se costumáo a entortar a vista



para observar essa tal excrescencia, motivo, e causa porque pela contínua applicação de ver a molestia sobre o nariz, paulatinamente cahem em Estrabyfmo. Pede a cura remedios roborantes externos, assim como banhos de vinho com algumas gotas do seu espirito canforado, ou o do N.º XII.

A quarta especie, se diz Estrabyfmo por causa de Amblyopia, ou Myopia de hum olho. Pelo que se o olho esquerdo não vê mais longe, do que meio pé, e o direito mais longe de hum pé, então nós costumamos a ver o objecto sómente com o olho direito, sem usar do olho mais fraco, ou de vista mais curta. O mesmo se observa nos cegos de hum olho, pois o olho cego na verdade se aparta do são. Os que são cegos de ambos os olhos são tambem vefgos de ambos.

A quinta especie, se diz Estrabyfmo por espasmo de hum musculo do globo. Neste caso o globo fica immovel para a parte do musculo, que cahio no espasmo. A causa desta enfermidade póde ser a saburra das primeiras vias, a molestia hysterica, ou hypocondriaca, por causa de fusto, ou picada no olho. Pede a cura que se desterre a causa.

A sexta, se diz Estrabyfmo rheumático, que procede por causa de rheumatismo de hum musculo do globo. Conhece-se pela existencia da dor rheumatica, ao mover-se o globo. A cura pede purgantes, remedios appetitivos, e anti-rheumaticos, fazendo muito uso de cofimento de falsa parrilha, com igual parte de foro.

A setima especie, he por paralyfia de hum musculo do globo. Nesta enfermidade o musculo contrario ao que está paralytico se contrahe mais fortemente, e obriga o globo a ficar inclinado para a sua parte; se porém ambos os musculos se acharem paralyticos, então



o globo ficará immovel , e o seu movimento não se verá correspondente ao globo do olho são. As causas desta enfermidade podem ser contusão da cabeça , ou do mesmo olho , presagio de apoplexia , insulto epileptico , que algumas vezes faz os musculos paralyticos , e ferida de nervo ocular. A cura pede remedios antiparalyticos , como a arnica , remedios nervinos internos , e externos , fogo electrico.

A oitava especie , he por immobibilidade de hum globo ; manifesta-se esta enfermidade , quando se vê , que o globo immovel não corresponde nos movimentos ao globo são. As causas , que fazem o globo immovel , são a concreção do dito globo com a sua orbita , por causa de se haver extincto o filtrado muco orbital , ou por motivo de tumor exostotico , que comprime o globo para esse lado. Tambem póde ser causa o muito descanso dos musculos , como se se tiver tapado , e atado o olho por muito tempo , pois o descanso causa contracção nos musculos. A cura pede , que se tire a causa ; se esta se não póde vencer , incuravel será o Estrabyfmo.

A nona especie , se diz Estrabyfmo endemico , ou proprio do Paiz. Quasi todos os habitantes da Asia Equinocial são Estrabões , e Nyctalopes , assim o confirmão os observadores do dito Paiz. Os doentes desta molestia , de dia tanto manifestão o branco do olho , que escondem a pupilla debaixo das palpebras , para que os raios do Sol , que reflectem da arêa , lhes não offendão a vista.

A decima especie , se diz Estrabyfmo Symptomatico , como o que he symptoma do hydrocephalo interno , de epilepsia , tetano , e da morte. Todos estes Estrabyfmos são mortaes.



## VISTA OBLIQUA.

He esta huma enfermidade , em a qual o doente não póde ver os objectos direita , mas sim obliquamente. As especies desta molestia são cinco.

Primeira, he a que se diz vista obliqua , por causa de leucoma no meio da Cornea. Quando o doente recebendo os raios dos objectos , estes não podem passar direitos , por causa de leucoma , que se acha no meio da Cornea , então para os ver he obrigado a buscar direcção obliqua. Pede o curativo , que se extinga , e cure o leucoma , que he a causa desta segunda enfermidade , para o que veja em seu lugar. *Maculas da Cornea.*

A segunda especie , se dá por causa a situação obliqua da lente crystallina. Nesta enfermidade quebrão os raios da luz obliquamente na lente chrystallina , por causa da situação da mesma lente , e não cahem no meio da choroide , mas sim a hum lado , e por isso o doente vê como obliquamente. As causas , porque mudão as lentes de sua natural situação , são ou podem ser a má conformação por natureza , ferida da Capsula chrystallina , ou das sobranceiras , commoção , ou pancada na cabeça , ou olho. O final diagnostico desta enfermidade he quando a figurinha , ou imagem representada no olho , não apparece no meio do olho do doente , senão obliquamente para hum lado. A cura desta molestia he impossivel: o doente ficará com seu incommodo ao ver os objectos , ainda que se extraha a lente.

A terceira especie , se diz luz obliqua , por situação lateral da pupilla. Neste caso , devemos virar a cara , e olhos obliquamente , para que os raios de luz  
pos-



possão entrar pela pupilla lateralmente. A cura he impossivel conseguir-se.

A quarta especie , se diz obliqua , por causa de insensibilidade do ponto visorio na choroide ; quando a parte media da choroide não sente bem , fazendo os objectos escuros , ou totalmente imperceptiveis , então procurando receber os raios de luz com direcção obliqua , se distinguem , e vem os objectos externos. A cura desta enfermidade só póde ser a paliativa , lembrada no capitulo da amaurosis , porque a radical he impossivel fazer-se.

A quinta especie , se diz obliqua por obliquidade da Cornea. Esta enfermidade faz que os raios de luz sejam dirigidos ao foco obliquamente. Sobre este ponto ha diversos sentimentos , o que se poderá ver nos melhores Authores , que tratarão desta materia.

### *DIPLOPIA, OU VISTA DUPLICADA.*

He esta huma enfermidade , na qual o doente vê o mesmo objecto duas , ou mais vezes ao mesmo tempo. A causa proxima desta molestia he a dilocação dos eixos da vista ; ou dobrada , e multiplicada imagem , representada na choroide de hum olho. As especies desta enfermidade são onze.

A primeira , he a que se diz Diplopia , por causa de Estrabismo. Se a imagem de hum objecto se representar ao mesmo tempo em o mesmo lugar , em huma , e outra choroide , então se vê esse objecto huma só vez , ou singelamente , porque esse mesmo objecto move ambas as choroides igual , e conjunctamente. Se porém , por causa de Estrabismo , hum olho se move fóra do seu eixo natural , então a representação da imagem do ob-



jecto no olho são, se faz no meio da choroide, e no olho enfermo se faz para hum lado da mesma choroide, que lhe compete; e neste caso, como se fazem as sensações em dois differentes lugares, se excitão duas imagens, e apparece hum objecto representado duas vezes. Quando porém os Estrabões sentem, ou padecem debilidade em hum, ou outro olho, neste caso só vem com o olho são, pois o relaxado, ou debil, pouco uso póde ter, porque no olho são se representa a imagem do objecto clara, e distinctamente, e no olho torcido, ou debil, se representa o objecto escuro, de sorte que os Estrabões pela successão do tempo deixão de padecer a Diplopia. A cura desta enfermidade pede seja curado o Estrabismo, o que se verá no seu lugar.

A segunda especie, se diz Diplopia, por compressão do olho. He bem sabido pela experiencia, que vemos os objectos duplicados, quando com o dedo comprimimos o olho para hum lado. O mesmo se observa, se por causa de exostosis, ou outro algum tumor, que nasça dentro da orbita, o olho se comprime para hum lado. A razão he, porque compresso o olho para qualquer lado, se faz a sensação do objecto na choroide d'elle em differente lugar, da que faz o mesmo objecto na choroide do olho são; e então o mesmo objecto produz duas imagens ao mesmo tempo. Pede a cura desta enfermidade extinguir o tumor, que faz, ou he causa da compressão. *Vêja Exophthalmia* em o seu proprio lugar.

A terceira especie, se diz Diplopia por Anchyoblepharo. Se se furar huma carta de jogar em duas partes, com hum pequeno alfinete, de tal modo, que os buracinhos não distem entre si mais que o diametro da pupilla, isto he, que não occupem maior espaço, que



que ella, e se a esta carta assim furada se applicar hum só olho, tendo o outro tapado, e puzer defronte a luz de huma véla em certa distancia, então se verá pelos dois buraquinhos da carta, que se representa a luz da véla duplicada; e se os buraquinhos forem tres, tres serão os objectos de luz, que se representarão ao mesmo tempo. Se pois finalmente a divisão dos cabellos das pestanas for de tal modo, que deixem entrar a luz, como por muitos buraquinhos, não será cousa maravilhosa experimentarem estes doentes a visão dos objectos, tres, quatro, ou mais vezes representados ao mesmo tempo. A cura desta enfermidade pede divisão das palpebras. *Veja no seu lugar proprio Anchyloblepharo.*

A quarta especie, se diz Diplopia, por causa de lagrimas occurrentes. Se as pestanas se humedecem, nellas se fórmão tantas lentes, quantos são os pingos de agua; e por essa causa se tantas forem as lentes, tantos serão os objectos multiplicados no mesmo tempo. Pede a cura enxugar as pestanas das lagrimas, que as fazem humidas.

A quinta especie, se diz Diplopia por causa de ser Polyedra, ou de muitas faces a lente chrystallina. Nesta enfermidade se fórmão dois focos, que causão na choroide a representação de dois objectos, sendo aliás hum só, como se manifesta pelos vidros oitavados. A cura pede, que se extraha a lente chrystallina.

A sexta especie, se diz Diplopia por duplicada pupilla em hum só olho: motivo porque na choroide se fórmão dois focos, que representam dois objectos, sendo só hum. Esta enfermidade he incuravel. Dão-se tambem casos, em os quaes com duas pupillas se não observa a enfermidade dita Diplopia.

A setima especie, se diz Diplopia por abertura de  
pu-



pupilla não natural. Neste caso os raios da luz pintão as imagens dos objectos em diversos lugares da choroide, razão porque padecem os doentes a enfermidade Diplopia. He mal incuravel.

A oitava especie, se diz Diplopia por causa de mudança de lugar proprio da lente. Tambem neste caso outro he o foco no olho doente. Pede a cura extracção da lente, pois de outro modo tratada, brevemente caher na enfermidade, chamada Cataracta.

A nona especie, se diz Diplopia por Cataracta parcial, observando-se a lente opaca sómente em huma parte della, o foco dividido por causa da opacidade intermedia. Pede a cura extracção da lente.

A decima especie, se diz Diplopia por Myopia, ou vista curta. A causa desta enfermidade, geralmente fallando, ignora-se, mas póde algumas vezes proceder de a lente do Myope ser Polyedra.

A undecima especie, se diz Diplopia nervosa, a qual apparece por particular enfermidade do nervo optico, por sympathia, ou mal pegado, ou tambem por causa de medo, saburra do estomago, recepção de veneno, bebedeira, pancada na cabeça, sobrançellas, ou nos mesmos olhos, por causa de apoplexia, por enfermidade hysterica, ou hypochondriaca. Pede a cura, que se extingão as causas, applicando externamente ao nervo frontal fomentação de licor anodyno mineral, ou outro qualquer remedio nervino, fazendo a esfregação ao dito nervo frontal desde o nascimento das sobrançellas até as temporas.

Estas as enfermidades dos olhos, e seus curativos, que tenho exposto com a brevidade, e precisão, que me parecerão proprias de hum Tratado Elementar, deixando as explanações, ou para a viva voz dos Profess-



fessores , ou para se verem nos diversos escriptos , que tem apparecido sobre esta materia , que por delicada , nobre , e interessante a nenhuma céde de quantas são objecto da Cirurgia.

*INGENTIBUS vere & variis casibus oculi nostri patient; qui, quum magnam partem ad vitae simul & usum & dulcedinem conferunt, summa cura tuendi sunt.*

Celf.



segues, ou para fornecer nos divertos eclipsos, que  
tem apparencia sobre esta mataria, que por delibada  
nobre, se intertencas a natureza do de quinas são  
objecto da Cirurgia.

... e ...

INGENTIBUS care ...

... Cell

... Diploia ...

... Diploia ...

... Diploia ...

... Diploia ...

... Diploia ...



# COLLECÇÃO

*De diferentes remedios, para a cura das molestias dos olhos, no uso Interno, e Externo.*

*Do uso Interno são os seguintes.*

N.º I.

*Pirolas Hydragogas.*

**S** Ene limpo . . . . . onça meia.  
Cremor tartaro . . . . . Escropulos quatro.

Forme tintura S. A. que fique bem saturada, resultando depois da expressão forte, onças huma e meia, depois ajunte pouco a pouco as drogas seguintes, em poz subtis.

Mechoação . . . . .	}	an. onça meia.
Agarico . . . . .		
Rabarbaro . . . . .		
Scammonia . . . . .		
Raiz de norça . . . . .		
Hermo da tidos . . . . .		

Turbit gomoso . . . . .	}	an. escropulos quatro.
Goma guta . . . . .		
Trociscos allandal . . . . .		
Mercurio doce . . . . .		
Tartaro emetico . . . . .		

Gg

Aça-



Açafrão de marte apperitivo	}	an. escropulos dezefeis.
Nitro. . . . .		
Jalapa . . . . .	}	an. onça huma.
Azebar fucotrino . . . . .		
Ethiope mineral sem fogo . . . . .		escropulos oito.

Agite sem cessar esta mistura, com huma espatula de ferro, tendo o cuidado que senão queime em o fundo, diminuindo o fogo á medida que a mistura dos simples tomão mais consistencia, e logo que a massa se fizer suficientemente firme, forme pirolas, de grãos seis cada huma.

*Virtudes.*

Este purgante he singular nas molestias dos olhos, e muito particularmente, tendo por causa o Virus scrophuloso. He tambem especifico nas hydropeſias, como tem mostrado a experiencia. A sua dose he de seis pirolas para os adultos, e de tres para os infantes, que tiverem para cima de doze annos, e de mais, ou de menos, segundo a constituição, idade, e forças dos doentes, e a causa o pedir. Se parecer grande a composição destas pirolas, devem advertir no bem, que ellas produzem, que he maior.

N.º II:

Goma galbano . . . . .	}	an. oitava huma.
Sagapeno . . . . .		
Sabão de Veneza . . . . .		
Rhabarbaro ellecto em pó . . . . .	}	an. oitava huma.
Summo de Alcaçus . . . . .		
Tartar. emetico . . . . .		grãos dezefeis.

Mis-



Misture, e forme pirolas, de grãos seis cada huma. A dose são tres de manhã, e outras tantas de tarde: são próprias para desfazer o principio das catharras, mas com attenção sempre á propria natureza, e complicações.

## N.º III.

Calamelanos bem doces . . .	escropulos hum.
Diagridio . . . . .	escropulos dois.
Jalapa, e Nitro an. . . . .	oitava meia.

Misture com charope de chicoria composto, formando massa, e depois pirolas, de grãos seis cada huma, para tomar tres por cada dose. São uteis nas molestias oculares, para que são lembradas.

## N.º IV.

Azougue puro . . . . .	oitava huma.
Goma arabia . . . . .	oitavas tres.
Miolo de pão em pó . . . . .	onça meia.

Charope de chicoria composto, quanto baste, para formar massa, e depois pirolas, de grãos tres cada huma. A primeira dose he de duas pirulas, a segunda de quatro.

## N.º V.

Calamclanos bem doces	} an. Escropulo hum.
Azouge vivo . . . . .	
Diagridio . . . . .	} an. Escropulos dois.
Jalapa . . . . .	
Assucar cande . . . . .	oitava meia.



Forme massa com charope de chicoria composto, e pirolas de grãos seis cada huma, para terem uso tres em cada dose, ou mais, se a necessidade o pedir, e a pratica ensinar.

## N.º VI.

Azougue	. . . . .	} an. onça meia.
Diagridio	. . . . .	
Jalapa	. . . . .	
Nitro, e Açucar cande	an. oitava huma.	

Forme massa com charope de avenca, e depois pirolas de grãos quatro cada huma, para se tomarem duas de manhã, e duas de tarde, augmentando o número, ou deminuindo as repetições das doses, ou mettendo de intervallo alguns dias, como ensinar a experiencia.

## N.º VII.

Extracto de cicuta	. . . . .	} an. escropulo hum.
Calemclanos bem doces	. . . . .	
Diagridio	. . . . .	Escropulos dois.
Jalapa	. . . . .	oitava huma.
Açucar cande	. . . . .	Escropulo hum.

Misture com charope de Sene, e forme vinte e quatro pirolas, para tomar em cada dose tres. Attendem ao curativo da gota serena, e mais molestias oculares.

## N.º VIII.

Rais de enula Campan em pó	} an. oitavas duas.
Milepedis . . . . .	



Extracto panchimagogo . . . oitava huma e meia.  
 Kermes mineral . . . grãos quatro.  
 Ethiope mineral sem fogo . . oitava meia.

Forme massa com o que b. de charope de nove infusões, e pirolas de grãos seis cada huma. A dose he de seis pirolas. São proprias na amaurosis ferosa.

## N.º IX.

Milepedes em pó . . .	} an. oitava huma.
Diagridio . . .	
Extracto panchimagogo . .	
Calamelanos . . .	} an. oitava meia.
Ethiope mineral sem fogo .	
Kermes mineral . . .	grãos três.

Forme pirolas com qualquer charope purgante de grãos seis cada huma, tomando seis em cada dose tem o mesmo uso, que as antecedentes.

## N.º X.

Goma rezina de páo Santo . . .	} an. oitava meia.
Amoniaca . . .	
Sal marte . . .	} an. oitava meia.
Tartaro Vitriolado . . .	
Scamonea . . .	grãos vinte.
Quermes mineral . . .	grãos seis.
Rabarbaro . . .	Escropulos dois.

Tudo bem subtil forme pirolas de grãos seis cada huma, com o que b. de charope de duas raizes. A dose he de quatro pirolas.

## N.º XI.



## N.º XI.

Goma resina de páo Santo . . .	} an. oitava huma.
Amomiaca . . .	
Ethiope mineral sem fogo . . .	oitavas tres.
Scamonea . . .	oitava meia.
Quermes mineral . . .	grãos defeceis.

Tudo bem subtil, forme pirolas de grãos seis cada huma, com o que b. de charope Aureo. Dasse o mesmo número em cada dose, que se diz das antecedentes.

## N.º XII.

Mercurio purificado . . .	oitavas huma e meia.
Enxofar dourado de antimonio . . .	} an. oitava huma.
Rezina de páo Santo . . .	
Sabão de Veneza . . .	

Misture o mercurio com a rezina, e sabão em hum gral de vidro, até de todo desapparecerem os globos mercuriaes: depois ajunte o enxofar com o charope, que b. de chicoria composto, para formar massa, e pirolas de grãos seis, cada huma, que servirão tres em cada dose.

*Opiata ocular solutiva.*

## N.º XIII.

Polpa de Tamarindos . . .	} an. onças duas.
Charope aureo . . .	
De chicoria composto . . .	

Ma-



Maná de lagrimas . . . . .	onça huma.
Cremor tartaro . . . . .	oitavas seis.
Ethiope mineral sem fogo . . . . .	oitava huma e meia.
Rabarbaro em pó, e . . . . .	} an. oitava huma.
Jalapa . . . . .	
Milipedes . . . . .	oitava huma e meia.
Escamonea . . . . .	} an. grãos de soito.
Rezina de Jalapa . . . . .	
Sal martis . . . . .	} an. Escropulos dois.
Sal Volatil de ponta de Viado . . . . .	
Conferva de cascas de laranja. . . . .	onças duas.

Misture para formar opiata S. A. A dose para os adultos são duas colheres, para os infantes huma. He singular nas molestias de olhos, seja qual for a causa dos humores.

*Opiata anti-scrophulosa.*

#### N.º XIV.

Quina, da melhor . . . . .	onça huma.
Ethiope mineral sem fogo . . . . .	oitavas duas.
Mercurio doce sublimado . . . . .	oitava huma.

Reduza tudo a pó subtil, e com sufficiente quantidade de charope de chicoria composto, forme opiata, ajuntando tres oitavas de extracto de azebar. Este remedio he poderoso contra as molestias de olhos, que tem por causa o virus scrophuloso. A dose he de trinta grãos para os adultos, e de doze para os infantes, e de mais, ou de menos, conforme o caso pedir.



## N.º XV.

Rabarbaro contuso	}	an. oitava meia.
Sene limpo		
Semente de herva doce.		Escropulo meio.

Faça infusão em agua commua , e a coadura de  
onças duas.

Defate maná escolhido onça huma e meia.

Sal de glauber	}	an. oitava huma.
Polycresto		

Charope aureo . . . onça huma.

Este Laxante se dá todo em huma dose, nas molestias de olhos, que atacarem as pessoas de constituição, e nervos fracos.

## N.º XVI.

Diagridio . . . oitavas duas.

Calamelanos lavados . . . oitava huma.

Sabão de veneza . . . oitavas tres.

Forme massa com qualquer charope purgante , e devida em pirolas, num. 96.

Deitas pirolas se devem tomar quatro em cada dose, com hum copo da tizana ocular, num. 17.

Estas pirolas obrão com muita suavidade, são muito desobstruentes, e proprias nas molestias oculares, segundo o que pedir a indicação.

## N.º XVII.



## N.º XVII.

*Tizana ocular.*

Salsa parrilha da melhor . . . . .	onças duas.
Bardana . . . . .	onça huma.
Gramma . . . . .	onça meia.

Faça cozimento em agua commua, que fique em libras quatro. Esta tizana se usa de manhã, e tarde, com as pirolas, ou sem ellas.

## N.º XVIII.

*Frango medicinal.*

Huma porção de frango, ou vitella, com	
Raiz de escorçioneira . . . . .	} q. b. para cosimen- to. lib. duas.
Valeriana . . . . .	
Sevada . . . . .	
Pevides, e cascas de Cidra . . . . .	
Raspas de Viado . . . . .	
Flores cordiaes . . . . .	
Nitro Perlado . . . . .	escropulos dois.
Tinctura de Castoreo . . . . .	got. dazeseis m.

O uso interno deste remedio, convem aos que padecem acções carbunculôfas, e cancrofas, tomando de manhã e tarde, lib. meia.



## N.º XIX.

*Infusão amarga.*

Páo amargo de Surinam raspado . . oitav. meia.  
 Faça infusão em vinho, ou agua . lib. huma.

Para tomar em duas, ou tres doses, quando se quer mais forte, se dobra a raspa do páo.

Este remedio em muitos casos, he melhor corroborante que a quina.

Como nesta obra vai citada em varios lugares a planta chamada Arnica, especialmente na gota serena, para que he mais lembrada a sua virtude, e se não declara a quantidade, e modo de se tomar, me foi preciso, depois do mais receituário interno pôr também este, que segundo a pratica mais seguida, não pôde haver dúvida na sua applicação, pois que por números se vai graduando, e os doentes por este modo experimentão beneficio, como eu tenho observado.





## MODOS DE APPLICAR A ARNICA

na gota serena.

### N.º I.

**F**lor de Arnica . . . . . huma oitava.

Meta em vaso competente bem tapado com a quantidade de agua commua correspondente, faça cozer por tempo de meia hora, de modo que se extraia na coadura . . . . . libra huma.

A que junte charope de Camomila . . onça huma.

Esta infusão se tomará em 24 horas, em 4 ou 5 doses.

### N.º II.

Consiste em dobrar a quantidade da flor da Arnica, e tem o mesmo uso.

### N.º III.

São tres oitavas de flor de Arnica, preparada do mesmo modo que a antecedente, com a differença, que o charope muda para o de coentros, e tem o mesmo uso.

### N.º IV.

Flor de Arnica . . . . . meia onça.

Prepara-se do mesmo modo em libra huma de agua.

com charope de Camomila . . . huma onça e meia.

O seu uso he o mesmo.



## N.º V.

He a mesma meia onça da flor , com a differença de ferver só meio quarto de hora , e ha de levar hum a onça , e meia de charope de coentros , o uso he o mesmo.

## N.º VI.

De flor de Arnica . . . . . hum a onça.

Que ferva o mesmo tempo da antecedente , porém ha de ficar na quantidade de libras duas , e leva charope de coentros . . . . . onças duas.

Tomando cada duas horas hum a chavena.

## N. VII.

De pós subtis de flor de Arnica . . . oitavas duas.

Na quantidade que baste de mel , para fazer electuario suave , que se tomará em 24 horas nas doses , que parecer.

## N. VIII.

A mesma composição , porém com tres oitavas dos pós da flor de Arnica , o uso he o mesmo.

O chá de Arnica com valeriana silvestre , tambem he util nas molestias oculares , como são , immobillidade da Pupilla , Amblyopia , Nyctalopia , gota serena , moderna , e todas para que he lembrada a mesma Arnica.

E para ajudar a evacuação nos dias interpolados , se usaráõ os pós seguintes , dados em cada dose , em caldo , ou agua de falça de fundura , ou parrilha.



Jalapa bem subtil . . . . .	oitava huma.
Diagridio . . . . .	grãos feis.
Calamelanos lavados . . . . .	grãos quatro.
Açucar cande . . . . .	oitava meia.

Misture, e devida para 2 doses.

Estes póz podem ser pedidos com o nome de antemauroticos, ou capitaes, os quaes tambem podem ter uso nas mais molestias oculares, segundo o que pedir a indicação.

\*\*\*\*\*

## REMEDIOS TOPICOS, OU DO USO EXTERNO.

### N.º I.

#### *Collyrio aromatico canforado.*

Flor de Mililoto	} partes iguaes, faça cozimento brando	
De Marcela, e		
De Sabugo.		em agua commua, lib. duas.
Espirito de vinho . . . . .		onças duas.
Canfora . . . . .		oitava huma.

Dissolva a Canfora com o espirito, e misture. Este remedio he hum poderoso resolutivo nas ophthalmias, e contusões das palpebras; quando se quer mais vigoroso, se lhe ajunta mais huma oitava de canfora; use-se d'elle, pondo apposito molhado morno em cima das palpebras.



## N.º II.

*Collyrio Gomofo.*

Agua rosada . . . . .	onças duas.
Caparrosa branca . . . . .	} an. grãos quatro.
Goma arabia . . . . .	
Açucar cande o mais puro . . .	Escropulos meio. m.

Este Collyrio he muito bom resolutivo nas ophthalmias, deitando huns pingos dentro dos olhos, o que se faz por meio de hum pequeno pincel, feito de fios finos, atados em a ponta de hum palito. O modo de se usar he deitado o doente, abertas as palpebras, e molhado o pincel no remedio, se aperta entre os dedos, deitando as pingas que bastem até encher o vão, que ha entre as palpebras, e globo, quando se apartão, movendo a palpebra superior, em ação de fechar, e abrir, o que faz a pessoa que a segura, e mandando ao doente que mova o globo do olho, nesta diligencia se demora pouco tempo, fazendo fahir o remedio por inclinação, pelo angulo externo. Tambem se póde deitar o dito remedio dentro do olho, tomando huma pequena porção em huma colher de chá, e lançando-o do mesmo modo, que se faz com o pincel, (tepidio, ou frio, segundo a estação, e que melhor se der com o doente) ou com o canudo de huma penna, o qual mettendo-se no liquido por huma parte, se põem (depois de cheio) o dedo na outra, e levantando-se deste modo, medida a distancia perpendicular ao olho, se afroxa o dedo, para que pela entrada do ar vá cahindo o liquido, que se faz preciso.



## N.º III.

*Collyrio cicatrizante simples.*

Agua verde de Hartammano . . . . .	onça meia.
Rosada . . . . .	onças seis.
Açafrão . . . . .	grãos tres.

Misture , e filtre por papel pardo , duas vezes.

## N.º IV.

*Collyrio cicatrizante composto.*

Agua verde de Hartammano . . . . .	onça meia.
Rosada . . . . .	onças seis.
Açucar cande do mais puro . . . . .	
Dissolvido no succo da cana . . . . .	oitavas duas.
Açafrão . . . . .	grãos dois.

Misture , e filtre como o antecedente.

Estes dois Collyrios são os mais benignos cicatrizantes das ulceras da cornea , o modo de se uiar delles he o mesmo , que fica exposto no N.º II.

## N.º V.

*Collyrio , ou agua divina.*

Agua rosada . . . . .	onça huma.
Pedra divina , e açucar cande , an. . . . .	grãos seis.

Mis-



Misture, e filtre do mesmo modo que os antecedentes.

Este Collyrio tambem tem o mesmo uso nas ulceras da cornea, e fístula lacrimal.

### N.º VI.

#### *Collyrio Anodyno.*

Agua rosada . . . . .	onças seis.
Massa de Cynaglossa . . . . .	oitava meia.

Dissolva bem. No estio se renova todos os dias, e no inverno de tres em tres.

Este Collyrio he bom para applacar as dores dos olhos, pondo compressas molhadas em cima dos globos, amornando primeiro o dito Collyrio.

### N.º VII.

#### *Collyrio Calmante.*

Vinho tinto bom . . . . .	onças quatro.
Massa de Cynaglossa . . . . .	oitava huma.

Dissolva, e use como o antecedente, que tem uso quando as dores, que atacão os olhos, tem por causa a materia gottosa, conservando as compressas sempre humidas, e nunca frias.

### N.º VIII.



## N.º VIII.

*Collyrio azul , ou Agua celeste.*

Agua de cal novamente feita , e depois destillada para  
 que fique bem clara . . . . . libra huma.  
 Sal ammoniaco bem pulverisado . . . . . oitava huma.

Misture os dois simples , lançando-os em hum va-  
 so de cobre , em o qual ficará o tempo de huma noi-  
 te , depois se filtre o licor , e se guarde para o uso.

*Virtude.*

He bom para limpar os olhos das fordices muco-  
 sas , restabelecer as glandulas de Meibomios , de seccar  
 as pequenas ulceras , que vem ás palpebras , dar mais  
 pureza á vista , desfazer os albugos , e rebater optery-  
 gio , mais as varices da conjuntiva.

## N.º IX.

*Collyrio aromatico espirituoso.*

Folhas de Salva , mão huma , tire tinctura em fór-  
 ma de chá , em agua commua . . . . . Libra huma  
 Cõe , e junte de boa agua de Rainha de Un-  
 gria . . . . . onça huma.  
 Agite esta mistura , e renove de tres em tres dias.

Este Collyrio convem na tumefacção das palpebras ,  
 li for-



fortifica a vista, e a conserva. O modo de se usar he pondo compressas molhadas em cima da parte, com o calor, que ella poder soffrer.

## N.º X.

*Collyrio emoliente, refrigerante, e resolutivo.*

Flor de malva . . . . . mão huma.

Faça ferver em libra huma de agua commua por tempo de cinco, ou seis minutos, coe, e junte seis gotas de espirito de vinho camphorado, renovando todos os dias, sendo preciso.

Este Collyrio he hum bom resolutivo dos hypopyos, convem no espasmo das fibras do iris, e he proprio para extrahir os corpos estranhos, que entrão nos olhos, banhando, e pondo compressas molhadas, e sempre mornas, o que se faz repetidas vezes.

## N.º XI.

*Collyrio deterfivo vulnerario.*

Agua de Sevada . . . . .	onças oito.
Vulneraria espirituosa . . . . .	oitavas duas.
Mel rosado . . . . .	onça meia.

Misture, e renove de quatro em quatro dias, em o verão, e de oito no inverno.

He proprio para injectar o sacco lacrymal, pondo-  
lhe



lhe appositos molhados , que cubrão o grande angulo do olho.

## N.º XII.

*Collyrio fortificante.*

Agua rosada , e de Tanchagem . an. onças duas.

Espirito de vinho canforado . . . oitava huma.

Misture.

He proprio no principio das Ophthalmias , no Estrabyfmo , vista reticular , lavando com elle as palpebras , e deixando entrar algumas gottas dentro do olho.

## N.º XIII.

*Collyrio resolutivo repercussivo.*

Folhas de Salva . . . . .	}	an. onça huma.
De Alecrim . . . . .		
E de Tabaco . . . . .		
Azebar fucotrino em pó . . . . .		oitava huma.
Vinho branco . . . . .		lib. duas e meia.

Faça infusão em cinzas quentes , por tempo de vinte e quatro horas , filtre depois o licor por papel pardo , para o ufo.

He fingular , e muito poderoso para resolver os tumores Schirrhosos das palpebras , hordeolos , ou terções das mefmas , e na Hypogala.

Ufa-fe delle banhando a parte a miudo , e pondo-lhe panno molhado , e fempre quente.



## N. XIV.

*Collyrio resolutivo.*

Folhas de enfaião contuzas . . . . m. huma.

Faça cosimento em agua rozada, para libra huma, e coado junte espirito de Vinho canforado, escropulos dois. Serve na Ophthalmia, e edema das palpebras, banhando-as, e pondo apposito molhado morno.

## N.º XV.

*Collyrio tonico resolutivo.*

Agua rosada . . . . .	}	an. onças tres.
De Tanchagem . . . . .		
Extracto de Saturno . . . . .		onça meia.
Sal ammoniaco . . . . .		oitava meia.
Espirito de vinho retificado . . . . .		oitavas duas.
		Misture.

Tem o mesmo uso, que o antecedente.

## N.º XVI.

*Collyrio branco, ou balsamo de Fioravente.*

Goma arabia . . . . .	}	onças quatro.
Goma hedera . . . . .		
De páo de aguila . . . . .	}	an. onças tres.
Myrrha . . . . .		
Galbano, e Incenço . . . . .		



Galanga menor . . . . .	}	an. onça huma.
Cravos da India . . . . .		
Consolida menor . . . . .		
Canella . . . . .		
Nós moscada . . . . .		
Zedoaria . . . . .		
Gengibre . . . . .		
Dictamo branco . . . . .	}	an. oitav. duas.
Almifcar . . . . .		
Ambar gris . . . . .		

Todos estes simples pizados , e misturados , serão mettidos em hum vaso competente de sufficiente grandeza , deitando-lhe por cima Termentina branca . . . libra huma.  
 Oleo de louro . . . . . onças quatro.  
 Espirito de vinho rectificado . . . libras seis.

Tendo o vaso bem tapado , ponha em digestão em lugar quente , por espaço de nove dias , depois filtre , separando a primeira porção , que he branca , da segunda , que he escura. A pratica ensinará , qual destas porções deve ter mais uso.

He singular para fortificar a vista , fazella clara , e conservalla , e desmanchar os concretos de qualquer humor.

O modo de se servir d'elle he deitando duas , ou tres gotas em a palma da mão , e fazendo receber o vapor aos olhos com a cabeça baixa ; repetindo esta diligencia tres vezes cada dia , ou mais se necessario for , continuando até se conseguir perfeita cura. Quando se quizer sómente conservar a vista , em seu estado perfeito-



to, se poderão ajuntar partes iguaes de espirito de vinho canforado com este balsamo, usando-o do mesmo modo.

## N.º XVII.

*Agua Sulfúria.*

Agua rosada . . . . . onças quatro.  
 Flor de Enxofre . . . . . oitavas duas.

Ponha em digestão em vaso bem tapado, por tempo de doze horas, agitando de tempo em tempo, depois filtre, e guarde para o uso, que será sempre mais efficaz, quando for mais fresca.

Este remedio he bom para dissipar os Orgeletes, ou Tersões das palpebras, impigens, assim como tambem os botões cutanios, que nascem na cara, e mais partes do corpo, lavando a parte repetidas vezes, e pon-do-lhe algum apposito molhado, morno, ou frio, segundo a estação, tratando antes, e depois da causa interna.

## N.º XVIII.

*Collyrio resolutivo espirituoso.*

Folhas frescas de funcho . . . . .	}	an. libra meia.
Alecrim . . . . .		
Arruda . . . . .		
Betonica . . . . .		
Cilidonia . . . . .		
Eufrazia . . . . .		
Tanxagem . . . . .		
Salva . . . . .		
Erva cidreira . . . . .		



Pize tudo em gral de pedra, meta depois no lambique, e lance-lhe de bom vinho branco lib. viii. agitando tudo com colher de páo; e posto o capitel, se faça a destilação; seccando depois o *caput mortuum*, ou fezes ao Sol, e queimando-as, se farão ferver as cinzas, em o que baste de agua commua; filtrado o licor se faz evaporar até á chrystallização, o sal que fica se dissolve em o licor destilado, ao qual se ajuntará de

Agua rosada . . . . .	libras duas.
Agua celeste . . . . .	libras huma e meia.
Tutia preparada . . . . .	} an. oitavas cinco.
Raiz de valeriana . . . . .	

Açafrão . . . . .	} an. escropulos quatro.
Pedra hume de roxa . . . . .	
Canela . . . . .	
Flor de nos noscada . . . . .	
Cravos da India . . . . .	

Myrrha . . . . .	} an. onça huma.
Azebar . . . . .	
Quintilio . . . . .	
Canfora . . . . .	
Sarcocola . . . . .	

Laudanum opiado . . . . .	} an. oitavas duas e meia.
Lirio florentino . . . . .	

Sal de Saturno . . . . .	} an. escropulos quatro.
Vitriolo branco . . . . .	



Tudo em pó subtil se fechará exactamente em vaso competente, pondo ao Sol do estio por tempo de quarenta dias, agitando o contido de tempo em tempo.

As virtudes que se apontão neste remedio são para dissipar as maculas, ou pontos brancos da cornea, ulceras da mesma, e dos bordos das palpebras, para as inflammações do globo do olho, e das mesmas palpebras, restabelecer as glandulas de Meibomios ao seu estado natural; serve na epiphora, e fortifica a vista, o uso he o mesmo que o do Num. II.

### N.º XIX.

#### *Collyrio adoçante.*

Agua rosada . . . . .	}	an. onças duas.
Tanxagem . . . . .		
Flor de Sabugo . . . . .		
Trociscos brancos de rhazis sem opio.		grãos oito.
Lixo de lagarto . . . . .		escropulo meio.
Açucar candi o mais puro . . . . .		oitava meia.
Canfora . . . . .		grãos tres.

Misture, e cõe.

Adoça as dores, e ardores dos olhos, tira as inflammações, e he util em todas as Ophthalmias, que não tiverem por causa algum virus particular, porque sem este ser tirado, não utilizão os remedios topicos.



## N.º XX.

*Collyrio marino.*

Cal de cascas de Ostras . . . . . oitavas duas.

Summo de Limão . . . . . onças duas.

Misture, e cõe.

He proprio nas cicatrizes, e albugos grossos, porque os desfaz deixando melhor figura a parte offendida. O mesmo Collyrio se faz com hum pequeno caramujo (semelhante aos busios de engomar) deitando-o com o summo de limão em hum copo por 24 horas, e até se desfazer, o que acontece quando he dos mais pequenos, tem a mesma applicação. A consistencia, e côr destes dois Collyrios, he semelhante á do leite.

O uso se faz destes dois Collyrios do mesmo modo, que em o Num. II.

## N.º XXI.

*Collyrio, ou agua camphorada.*

Agua commua . . . . . libra huma.

Oleo destillado de Canfora . . . . . oitava huma.

Tendo a agua quente se lhe misture o oleo, agitando tudo com huma espatula de páo, até que a canfora seja inteiramente dissolvida, depois se filtra o licor, e se guarda em garrafa bem tapada.

Produz bons effeitos na hidropesia do sacco lacrymal, injectando-o, ou lançando em o olho algumas gotas, o que se faz com a cabeça voltada para traz, enchendo o angulo interno, e esfregando-o com o dedo



alternativamente, o que se repete varias vezes: tambem he util este remedio no infarte das palpebras, e para reduzir os vasos varicosos da conjunctiva, e da Cornea, ao seu estado natural.

## N.º XXII.

*Agua deterfiva, e desecativa.*

Pedra infernal . . . . . escropulo hum.

Agua commua . . . . . onças duas.

Diffolva, e guarde para o uso.

He bom remedio para destruir as carnes fungosas do sacco lacrymal, e do conducto nazal. Lançando neste remedio oito onças de agua commua, se obtem hum excellente tonico dos pontos lacrymaes, e mais partes do globo, que precifarem ser animadas.

## N.º XXIII.

*Novo extracto de Saturno.*

Fezes de Ouro . . . . . libra huma.

Vinagre branco bom . . . . . libras tres.

Ferva até ficar em materia secca como polme, agitando com espatula de páo, logo ajunte pouco a pouco, fóra do fogo, agua commua libras xxiv. agite continuamente por hum quarto de hora, feita a reposição por tempo de 24 horas se decante, e guarde em garrafa bem tapada.

Este extracto de Saturno he infinitamente melhor, que o de Mr. Goulard: os seus effeitos são mais promptos, e seguros, sendo tambem mais commodo, he hum



hum excellento tonico contra as inflammaciones dos olhos, e de cutras partes do corpo.

O modo de se usar he deitar quatro gotas em huma onça de agua commua, ajuntando tres gotas de espirito de vinho canforado agitando bem esta mistura, quando se fizer uso, banhando os olhos, e pondo nos entrevallos appositos molhados, e sempre mornos.

## N.º XXIV.

*Poz Ophthalmicos; ou Collyrio secco simples.*

Açucar cande do mais puro . . . . .	oitava huma.
Licho de lagarto . . . . .	grãos seis.
Osso de Ciba . . . . .	grãos tres.
Misture.	

## N.º XXV.

*Collyrio secco composto.*

Açucar cande do mais puro . . . . .	oitava huma.
Licho de lagarto . . . . .	grãos oito.
Osso de Ciba . . . . .	grãos quatro.
Cal de cascas de ostras . . . . .	grãos seis.
Misture.	

Depois de reduzir os simples destes dois Collyrios a pós impalpaveis, se usará delles do modo seguinte. Situado o doente com a cabeça para traz, seguras as palpebras se toma na pá de hum palito, huma modica porção, e levando defronte do globo do olho, voltará o palito, deixando cahir os pós em cima da molestia; e fechando depois as palpebras, se mandarão remover os globos até se desfazerem os pós, a limpando depois



os angulos, e frizos das palpebras com hum pincel de fios, molhado em agua fria.

Este modo de deitar os pós he melhor, que o de ferem soprados por canudo de papel, ou penna, pois a força do ar, que os impelle, os espalha de tal forte, que poucos ficão em fima da molestia, para a sua utilidade, como a experiencia me tem feito ver.

### N.º XXVI.

#### *Collyrio secco Ophthalmico.*

Açucar cande do mais puro	onça meia.
Lyrio florentino	} an. oitava meia.
Tutia preparada	
Azebre facutrino	} an. escropulo meio.
Licho de lagarto	
Chrystal montano	} an. grãos dezoito.
Quitilio	
Verdete	grãos dois.

Reduza bem a pós subtis; misture, e guarde, para se usar do mesmo modo, e para o mesmo fim que os dois antecedentes.

### N.º XXVII.

#### *Linimento ocular anodyno.*

Ciba	} an. escropulo hum.
Licho de lagarto	
Sarcocola	grãos seis.
Antimonio crú	grãos oito.

An-



Antimoni diaforetico . . . . .	grãos doze.
Farinha de páo . . . . .	oitavas tres.
Mel . . . . .	oitavas duas.

Reduza a pós subtis, e com o mel, e agua rosa-da, a precisa, fórme linimento de boa consistencia, em gral de chumbo.

He muito bom remedio nas Ophthalmias humidas, na froxidão das palpebras, untando-as com hum pincel de fios, o que se faz algumas vezes no dia, e isto pela razão de se seccar, e fazer mais algum aperto nos olhos, com que muitas vezes não podem, então se lavão com qualquer agua ophthalmica, ou commua, quebrada do maior frio, ou tambem por ser preciso usar nos intervallos de algum apposito molhado, em qualquer remedio, que se julgar proprio, e dos apontados nesta obra.

### N.º XXVIII.

#### *Linimento ocular dissolvente.*

Azouge vivo . . . . .	escropulo hum.
Goma arabia . . . . .	oitava huma.
Tutia . . . . .	Escropulo meio.
Ciba . . . . .	} an. Escropulo hum.
Licho de lagarto . . . . .	
Antimoni crú . . . . .	grãos seis.
Mel . . . . .	oitavas duas.
Farinha de páo . . . . .	escropulos quatro.

Faça-se, e use-se do mesmo modo que o antecedente.



Este remedio produz bons effeitos nas tumefacções das palpebras , que tiverem por causa a materia fria , e tambem nas ophthalmias humidas.

### N.º XXIX.

#### *Linimento ocular Viperino.*

Pedra hematites	escropulos dois.
Tutia	onça huma.
Azebre do melhor , e bem subtil	grãos doze.
Aljofar	grãos quatro.

Misture tudo com sufficiente quantidade de enchundia de Vibora , em almofariz de marmore , para formar linimento de boa consistencia.

Este remedio he muito singular nos albugos , ou nevoas da Cornea , a nas cicatrizes , que ficão das inflamações , ou dos abscessos da mesma Cornea , nas dores vivas dos olhos , como a experiencia tem feito ver.

O modo de se applicar , he tocando a circunferencia das palpebras ( estando os olhos meios abertos ) com hum pequeno pincil de fios , que chegue tambem á offença da Cornea , e serão mais bem succedidos os doentes destas molestias com este topico , não sendo a causa o virus sephitico ; para lavar depois os olhos a agua tepida he sufficiente remedio.



## N.º XXX.

*Pommada ocular.*

Manteiga de porco	. . . .	onça meia.
Bolo armenio, e	. . . .	} an. oitavas duas.
Tutia	. . . .	
Precipitado branco	. . . .	oitava huma.

Reduza a pós subtilíffimos, e misture com a manteiga, em gral de vidro, depois de a ter lavado repetidas vezes em agua rolada.

Este topico produz bons effeitos nas inflammções dos olhos, que por cronicas tenham deixado os vasos varicosos, pois lhe desfaz as suas grossuras, assim como as que causa a linpha na superficie da Cornea, e mais partes do globo.

O modo de se usar, he tomando na ponta de huma tenta huma porção igual ao tamanho da cabeça da mesma tenta, e introduzindo-a no angulo externo do olho, o que se faz abrindo as palpebras, e mettendo a tenta com a porção dita, na palpebra inferior junto ao angulo, e fexando as palpebras se retira a tenta, deixando ficar na sua parte interna o remedio, o qual com o calor, e movimento do globo, se communica a molestia para que he applicado.



## N.º XXXI.

*Pomada Ophthalmica.*

Cinabrio commun, ou vermilhão	}	an. grãos xxviii.
Tutia . . . . .		
Caput mortuum, que resulta do extracto de Saturno . . . . .		
De Goulard feito em pó subtil		
Precepitado vermelho . . . . .		grãos xii.
Unguento rosado . . . . .		escropulos oito.

Misture bem em gral de bronze, e até se fazer escura.

Esta pomada tem o mesmo uso, e modo de se applicar, que a antecedente, ainda que mais efficaz, como a experiencia me tem mostrado, e por isso precisa de maior observação o seu uso, porque muitas vezes a sensibilidade do órgão não sofre a miuda repetição, e será preciso em lugar de duas cada dia, fazer só huma, ou metter hum, ou dois dias de intervallo, atacando sempre a causa do centro, com os remedios proprios.

Tambem he util no Ectropio, untando-o todos os dias com alguma porção, na ponta do dedo minimo.



## N.º XXXII.

*Collyrio, ou cozimento Cephalico.*

Betonica . . . . .	}	an. partes iguaes para cozi- mento feito em vinho, li- bras duas.
Magerecão . . . . .		
Ouregãos . . . . .		
Rosmaninho . . . . .		
Magerona . . . . .		
Salva . . . . .		
Herva Cidreira . . . . .		
Valeriana . . . . .		

Este remedio he bom na inflamação das palpebras, que tiver por causa picada de insecto, usa-se del-  
le banhando a parte, e pondo appositos molhados, e  
sempre tepidos. Tambem serve na Ecchymosis das pal-  
pebras, e membrana conjunctiva.

## N.º XXXIII.

*Linimento ocular Saponaceo.*

Sabão de Veneza . . . . . onça meia.

Espirito de Sal ammoniaco, o que baste para li-  
nimento de boa consistencia, a que junte pomada mer-  
curial segunda de Goulard. . . . . oitava meia.

Usa-se nos atheromas das palpebras, esfregando-  
os com o dedo, que levar este remedio, as vezes pre-  
cisas.



Póde-se tambem ufar sem a pomada , sendo pequenos , e muito no feu principio.

## N.º XXXIV.

*Agua Mercurial.*

Mercurio doce . . . . .	} an. oitava huma.
Espirito de nitro fumante . . . . .	

Meta tudo em vaso proprio , e sobre cinzas quentes se deixará ficar , até que o mercurio se chrystallize , e o espirito de nitro seja de todo evaporado ; depois se deitará pouco a pouco , sobre este sal mineral , doze ouças de agua , agitando tudo até a perfeita dissolução , e se guarde para o uso , e quando se quer mais branda se lhe deita mais agua.

He muito bom deterfivo nas ulferas , e carias dos ossos , e nas verrugas , das palpebras.

## N.º XXXV.

*Cataplasma anticarbunculosa.*

Mel branco do melhor . . . . .	onças seis.
Gemas de ovos . . . . .	n. quatro.
Pedra hume queimada . . . . .	oitavas duas.

Farinha de Senteio limpa de farelo , quanta baste para cataplasma de branda consistencia.

Para evitar o ferro nos carbunculos , como quasi todos aconselhão , se usará desta cataplasma , que he favorecida da experiencia , pelos bons effeitos que produz , como a pratica me tem encinado.

*Bal-*



## N.º XXXVI.

*Balsamo mercurial.*

Balsamo arceu , de aparicio . . . } an. onça huma.  
 E da agua mercurial N.º xxxiv. }

Misture bem.

He muito bom remedio para as chagas venerias , tocando-as as vezes precisas , ou só com a agua mercurial.

## N.º XXXVII.

*Collyrio antiparalytico.*

Espirito de vinho . . . . . Libra meia.  
 Sabão de Veneza . . . . . oitava huma.  
 Vitriolo . . . . . grãos doze.

Dissolva muito bem.

Serve para tirar o tumor da retina , e da mais composição ocular , fomentando a sobancelha , e palpebra superior.

## N.º XXXVIII.

*Collyrio , ou vinho Ophthalmico.*

Salva	:	:	:	} Partes iguaes , faça cozimento leve , em vinho , libras duas.
Ortelam	:	:	:	
Funxo	:	:	:	
Marcella	:	:	:	
Flor de Alecrim	:	:	:	

A que junte espirito de vinho canforado , onças duas.  
 Tem o mesmo uso , que o do Num. I.



## N.º XXXIX.

*Agua Cicatrizante, e vulneraria.*

Pedra hume queimada . . . . .	} an. grãos xxx.
Affucar cande . . . . .	
Caparofa queimada, que fique bem vermelha.	
Ourina de rapaz até seis annos	} an. onça meia.
Agua rosada . . . . .	
De Tanchagem . . . . .	
	onças duas.

Diffolva tudo em almofariz de marmore, e depois da mistão fazer assento, se filtrará, e guardará para o uso.

He singular nas feridas, e ulceras da Cornea opaca, e trasparente, deitando hum, ou dois pingos, duas ou tres vezes no dia, e mais ou menos quantidade, e repetições, segundo os sentimentos da parte, e o caso pedir.

## N.º XL.

*Digirente abstrecivo.*

Mel . . . . .	onças duas.
Gemas de ovos . . . . .	n. duas.
Vinho tinto do melhor . . . . .	libra meia.

Misture bem, levando ao lume até formar a consistencia de grosso charope. He proprio nas podridões, e cancaros dos olhos.

## N.º XLI.



## N.º XLI.

*Vinho antisetico.*

Raiz de Aristoloquia redonda.

De Angelica.

De Genciana.

De Serpentaria Virginiana.

Salva.

Escordio.

Gomos de Lofna.

De Arruda.

Casca Peruviana da melhor.

De tudo partes iguaes, as quaes bem contuzas se ferverão em bom vinho tinto, libras tres; e gastando libra huma se deixará ficar no vaso em cinzas quentes, por tempo de 24 horas, depois com forte expressão se cõe, juntando de Termentina, Mirrha, Azebre, e Verdete an. oitava huma, ficando tudo bem dissolvido; aqui tambem se póde juntar de Mel onças duas. Este vinho serve nos casos gangranofos dos olhos, e nos que accommetterem as mais partes do corpo humano, o que a experiencia me tem feito ver, e por isso o declaro para utilidade do público.





## REFLEXÕES

*Sobre os principaes Instrumentos, que se tem inventado  
para a segurança do Globo, na Operação  
da Catharacta.*

**S**endo certamente mui difficultosa em todo o sentido a operação da Catharacta, a sua maior difficuldade consiste em que o globo do olho pela sua muita volubildade céde á acção do bistori, e não lhe faz a necessaria resistencia para que elle o atravesse, como se pertende em direitura ao centro da camara anterior, e fugindo assim vai o instrumento ferir o iris. Por tanto foi este hum dos primeiros cuidados dos que pertenderão fazer esta operação, reter o globo na conveniente situação. O primeiro expediente, que para isto occorreo foi (como he facil de o conceber) segurar o globo com o dedo da parte opposta aquella por onde devia entrar o bistori, acabando a operação com huma tizoura, o que fô em extrema necessidade se deve fazer, pela imperfeição, que deste modo ha de haver necessariamente no córte. Mas não tardou muito, que se não viesse no conhecimento da incapacidade deste meio, para se conseguir o proposto fim, em razão do humor que continuamente lubrifica a superfice exterior do olho. Ao que accresce, que o humor aquoso consequentemente á compressão, que no globo se faz, se vasa, sahe o chistalino, e apoz elle o vitreo vem a occupar o seu lugar, donde se segue inevitavelmente o mesmo, e piores males, que se tinha intento de evitar.

Isto



Isto obrigou a Petit. inventar o que elle chamou *Speculum oculi*, instrumento que depois aprefeioou Lecat. O globo era retido na devida posição, por meio de hum corpo pontudo, que se introduzia na esclerotica. Porém a dôr que acompanhava a introduccão do instrumento, em parte tão sensível, e a inflammação que se lhe seguia, fazem quasi inutil este instrumento.

Poyet. attendendo a estes inconvenientes, se lembrou de hum muito engenhosa traça, que consistia n'hum agulha de dois gumes, junto de cuja ponta tinha hum buraco, pelo qual se enfiava hum fio, e chegando a romper á outra parte, com hum gancho se desenhava o fio, deixádo na primeira abertura hum das pontas, e fazendo sahir a outra da outra parte, juntando-as depois se conservava seguro o olho. Qual fosse porém a utilidade deste instrumento, seu mesmo Athor o declarou, reconhecendo ser o seu uso impraticavel.

Mais incómoda porém he a invenção de Pamard, e por isso de ninguem recebida, e vem a ser hum corpo pontiagudo, que se introduz na Cornea transparente, tendo o ponto de apoio no nariz, a cuja figura ahi se accomoda.

Mas como a mão, que o ha de dirigir, e segurar, só o póde fazer além do nariz, a muita distancia entre as duas potencias, impede governar o instrumento, e o globo, como convém. Além de que tendo o Professor ambas as mãos occupadas, precisa de hum ajudante, que abaixe a palpebra inferior.

Deixando agora alguns inventos manifestamente incommodos, e impraticaveis, só fallarei do de Guerin, cujo instrumento se fixa no nariz, e depois por meio de hum móla effectua a operação. Não se póde negar,



gar , que he este hum digno fruto da habilidade , e talentos de Guerin , mas não he menos certo , que humma tão delicada operação , senão deve commetter á acção inanimada de humma mola.

Considerando tudo isto o Celebre Demours , trabalhou em remediar esta tão attendivel necessidade. A figura III. da Estampa III. mostra o resultado das suas investigações. He este instrumento de aço , e de humma só peça , mas nós o consideraremos composto de duas diversas para melhor nos explicarmos. A primeira he humma Lamella dobrada em *A*. onde tem a largura de dois terços de linha ; e começando a alargar para as pontas *BB.* , nellas tem a largura de dezoito linhas. A curvatura de que fallamos , deve ser accommodada á da ponta do dedo index , e dotada da elasticidade para apertar o dedo , de que occupa a primeira , e metade da segunda falange. Bem no meio se levanta a segunda peça , cujo total comprimento he de cinco linhas. No meio da obra em angulo recto , e hum terço de linha antes da ponta começa a virar para o olho , elevando-se alguma cousa para cima. Já se vê por tanto , que para cada olho he preciso hum instrumento. A ponta se mette na Cornea transparente , como aquella que he insensível , humma linha antes da esclerotica. Nem se póde recear o segundo inconveniente , que no Especulo de Lecat deixámos notado , porque a experiencia tem mostrado não resultar desta ferida alguma inflammação , como era de esperar de sua pouca profundez , que não chega á grossura de humma carta de jogar , e da natureza da parte. Demours chama a este instrumento *Ophthalmostat*.

Bem que engenhoso este instrumento , descobrem-se nelle alguns inconvenientes. Embaraçar os distinctos movimentos , que o globo successiva , mas rapidamente



toma, e segurar juntamente o mesmo dedo a palpebra, se não he impossivel, he muito difficultoso. O angulo, que ha na segunda peça, não deixa ver o lugar, onde deve fahir o bistori, o encontro do bistori com a ponta do Ophthalmostat he muito facil, porque não podem guardar-se exactamente na pratica as dimensões da theorica. Se a entrada do bistori he opposta á do Ophthalmostat, vir-se-hão elles a encontrar com damno da parte; se o não he, haverá no olho hum máo movimento de contorsão. Como este instrumento só serve de susten-ter o globo contra o bistori, não impede qualquer outro movimento, que se o houver, seguir-se-ha rotura, ou outro inconveniente; e se a catharacta não sahe, elle não poderá retello para se praticar o que deixo prescripto em seu proprio lugar, e se deve fazer em semelhante caso.

Estas reflexões me conduzirão á formação do seguinte instrumento, a que hei dado o nome de Echmomo, derivado do seu uso, que he reter o globo do olho, e palpebras. He elle a porção inferior, que resta da secção parallelá á base de hum cone, cujo diametro he de hum pouco menos de meia pollegada; feita a secção pouco mais de huma linha affim da base. N'humá parte da circumferencia, onde he algum tanto oblongado, péga na parte superior huma haste delgada de aço como o instrumento, e tem de comprimento tres pollegadas, tem hum cabo de marfim da figura da primeira phalange do dedo pollegar, em pouca distancia do circulo, volta o que he preciso para se accommodar ao alto do nariz. Do circulo inferior na parte correspondente ao lugar, em que esta haste implanta, nasce huma pequena lingueta redonda, e polida, que serve de apoio ao olho, e dos extremos do diametro,

Mm



tro, que faz angulo recto com o que por esta lingua se deitar, nascem do circulo menor duas azas de cinco linhas de comprimento de quatro linhas de largura, que acabão em redondo, e são hum pouco convexas para fóra; servem para segurar as palpebras, cujos frizos se metem entre ellas, e o circulo maior, que ahi faz huma pequena volta. Neste instrumento não tenho já mais encontrado, nem vejo como possa haver os defeitos, que nos outros tenho notado, ou equivalentes. Aqui não há que recear no caso de a cataracta não sahir depois da incisão; pois que o globo está seguro, e se póde sem difficuldade praticar o que para taes acontecimentos deixo apontado na operação. Nem tão pouco he de temer a compressão, pois que sendo a experiencia quem só póde decidir as dúvidas neste ponto, ella me tem mostrado, que daqui nenhum inconveniente resulta, antes sim toda a segurança, para se executar a operação, como tenho mostrado tantas vezes. A figura V. da Estampa II. he huma pinça de anneis muito delicada, que a pratica me obrigou a idear, para com ella melhor extrahir a cataracta no caso de não sahir, feitas as diligencias apontadas na operação assima, como para tirar algumas porções, que muitas vezes acompanhão a mesma cataracta. As suas hastes, ou pernas tem em cada huma de suas pontas a figura d'hum pequeno botão partido, são convexas cada huma por sua parte externa, e concavas pela interna para melhor se accommodarem as partes, que se devem tirar, não se encosta a pupilla como a colher, e por isso he melhor para esta diligencia, e a pratica assim me tem mostrado.

--- *Si quid novisti rectius istis.*

*Candidus imperti; si non, his utere mecum.*

Horat.

IN-



## I N D I C E

DAS MATERIAS , QUE CONTÉM ESTA OBRA.

<b>C</b> APITULO I. <i>Tratado da Anatomia , e Fisica dos olhos , e primeiro dos ossos, que entrão na composição das cavidades , que chamamos Orbitas . . . . .</i>	Pag. 1.
CAP. II. <i>Das partes exteriores do olho , e primeiro de suas palpebras . . . . .</i>	5.
CAP. III. <i>Da Conjunctiva , e musculos do olho . . . . .</i>	12.
CAP. IV. <i>Do globo do olho , e suas partes . . . . .</i>	16.
CAP. V. <i>Dos nervos , que se distribuem a todas as partes do globo do olho . . . . .</i>	21.
CAP. VI. <i>Das arterias , e veias do globo do olho . . . . .</i>	25.
CAP. VII. <i>Dos diversos sentimentos , que ha sobre a subsistencia , e producção do humor aquoso , nutrição do Crys- tallino , e vitreo . . . . .</i>	28.
CAP. VIII. <i>Dos usos das partes dos olhos , e das que os cercão . . . . .</i>	30.
CAP. IX. <i>Da visão , ou da vista . . . . .</i>	33.
CAP. X. <i>Das direcções , e refrações da luz . . . . .</i>	37.
CAP. XI. <i>Dos raios divergentes , e convergentes , e de como se pintão os objectos . . . . .</i>	41.
CAP. XII. <i>Do orgão immediato da vista . . . . .</i>	49.
CAP. XIII. <i>Da natureza das cores . . . . .</i>	53.
CAP. XIV. <i>Como se vê hum objecto simples , sendo que sua imagem faz impressão nos dois olhos , e porque se vê algumas vezes dobrado . . . . .</i>	55.
CAP. XV. <i>Como se vêm os objectos distinctamente. . . . .</i>	60.



## TRATADO DAS MOLESTIAS DOS OLHOS.

## A

<b>A</b> Nchyloblepharo.	70.
Atheroma das palpebras.	74.
Amora das palpebras.	77.
Anchylops . . . . .	99.
Albugo da Cornea. . . . .	133.
Atrofia do globo . . . . .	145.
Applicação do olho artifi- cial . . . . .	168.
Amaurosis . . . . .	195.
Ambliopia . . . . .	204.

## B

Blepharophthalmia. . . . .	72.
Blepharoptosis . . . . .	79.

## C

Cancro das palpebras.	75.
Carbunculo das palpebras.	75.
Chalazion . . . . .	76.
Coloboma . . . . .	90.
Caruncula . . . . .	127.
Carbunculo dos olhos . . . . .	128.
Chaga da conjuntiva.	128.
Carunculas da Cornea.	144.
Carcinoma do globo . . . . .	148.
Contra indicação . . . . .	167.

Condição do olho artifi- cial . . . . .	167.
Cataracta . . . . .	171.
Cura . . . . .	177.
Chrupsia . . . . .	219.
Collecção de diferentes reme- dios para a cura dos o- lhos . . . . .	233.

## D

Districhiasis . . . . .	70.
Doença de olhos por introdu- ção de corpo estranho.	129.
Deformidade da Pupila.	161.
Diplopia . . . . .	227.

## E

Edema das palpebras.	72.
Emphysema das palpebras	73.
Ecchymoma das palpebras	73.
Epiphora . . . . .	94.
Ectropio . . . . .	84.
Entropio . . . . .	86.
Egylops . . . . .	101.
Encanthis . . . . .	110.
Ecchymosis da conjuntiva	125.
Exophthalmia . . . . .	146.
Extirpação do olho cancro- so . . . . .	149.
Ef-	



*Efflúvio do humor aquoso* 170.  
*Estrabismo* . . . . 222.  
*Extravação, ou saída do*  
*humor vitreo* . . . 193.

## F

*Feridas das sobrancelhas* 68.  
*Ferida das palpebras.* 89.  
*Fistula das palpebras.* 90.  
*Fistula lacrimal* . . 102.  
*Fistula da Cornea* . . 141.  
*Ferida da Cornea* . . 142.  
*Ferida da Sclerotica* . 152.  
*Falta de olho* . . . 153.  
*Ferida do Iris* . . . 161.

## G

*Glaucoma* . . . . 192.

## H

*Hordeolum* . . . . 76.  
*Hydatis das palpebras.* 77.  
*Hydropesia lacrimal* . 98.  
*Helcoma* . . . . 139.  
*Hyppus* . . . . 162.  
*Hydrophthalmia* . . 163.  
*Hypopio* . . . . 165.  
*Hypoema* . . . . 168.  
*Hypogala* . . . . 169.  
*Hemeralopia* . . . 209.

*Hemiopsia* . . . . 213.

## I

*Immobilidade da Pupila.* 163.  
*Indicação* . . . . 167.

## L

*Lagophthalmos* . . . 81.  
*Lippitude* . . . . 96.  
*Lemositas* . . . . 111.  
*Lagrima sanguinea* . 112.

## M

*Milho das palpebras* . 77.  
*Midriasis* . . . . 153.  
*Miosis* . . . . 155.  
*Miopia* . . . . 210.  
*Myodesopsia* . . . 214.  
*Metamorphose* . . . 218.

## N

*Nictitação* . . . . 90.  
*Nistagmo* . . . . 151.  
*Nictalopia* . . . . 207.

## O

*Ophthalmia* . . . . 112.  
*Ophthalmodynia* . . 123.  
*Obs-*



*Obscuração da cornea.* 130.  
*Onix, ou unha.* . . . 138.  
*Ophthalmoptosis.* . . . 147.  
*Olhos supranumerarios.* 153.  
*Olho artificial.* . . . 166.  
*Operações especiaes da cataracta.* . . . 187.  
*Os infortunios, que podem sobrevir na occasião da extracção da cataracta.* 188.  
*Oxyopia.* . . . . 203.

## P

*Pethiriasis.* . . . . 68.  
*Psorophthalmia.* . . . 87.  
*Prurido, ou comichão das palpebras.* . . . . 92.  
*Peribrosis.* . . . . 111.  
*Pustula da conjunctiva.* 126.  
*Pblyctenas.* . . . . 126.  
*Papula.* . . . . 127.  
*Pterygio.* . . . . 134.  
*Pustulas da Cornea.* . 143.  
*Pblyctenas da Cornea.* 144.  
*Ptoxis do Iris.* . . . 160.  
*Pupila preter-natural.* 162.  
*Prolapso da lente chrySTALLINA.* . . . . 191.  
*Photophobia.* . . . . 194.  
*Presbiopia.* . . . . 211.

*Photopsia.* . . . . 221.  
*Preparação que o doente deve ter, e modo de se executar a operação da cataracta.* 179.

## R

*Rubor das margens das palpebras.* . . . . 88.  
*Rhyas.* . . . . 110.  
*Rutidosis.* . . . . 142.  
*Reflexões sobre os principaes instrumentos, que se tem inventado para a segurança do globo na operação da cataracta.* . . . 270.

## S

*Simblepharo.* . . . . 71.  
*Sarcoma das palpebras.* 74.  
*Scirrho das palpebras.* 75.  
*Spasmo das palpebras.* 91.  
*Scheroma.* . . . . 93.  
*Sinizesis.* . . . . 156.  
*Synechia.* . . . . 158.  
*Staphyloma.* . . . . 136.  
*Simptomas, que algumas vezes apparecem depois da operação da cataracta.* 184.  
*Synchysis.* . . . . 193.



## T

<i>Trichiasis</i>	. . . . .	69.
<i>Trachoma</i>	. . . . .	78.
<i>Tylosis</i>	. . . . .	88.
<i>Tetano do olho</i>	. . . . .	151.
<i>Tempo para a operação.</i>		179.

## V

<i>Verrugas das palpebras.</i>		78.
<i>Varices da Conjuntiva.</i>		125.
<i>Vista reticular</i>	. . . . .	215.
<i>Vista nebulosa</i>	. . . . .	216.
<i>Vista obliqua</i>	. . . . .	226.

*In literarum ire plausum desidero.  
 Quod si labori faverit Latium meo ,  
 Plures habebit , quos opponat Græciæ.  
 Si livor obtreſtare curam voluerit ,  
 Non tamen eripiet laudis conſcientiam :  
 Ergo hinc abeſto , livor , ne fruſtra gemas.*

Phædr.

F I M.



V

T

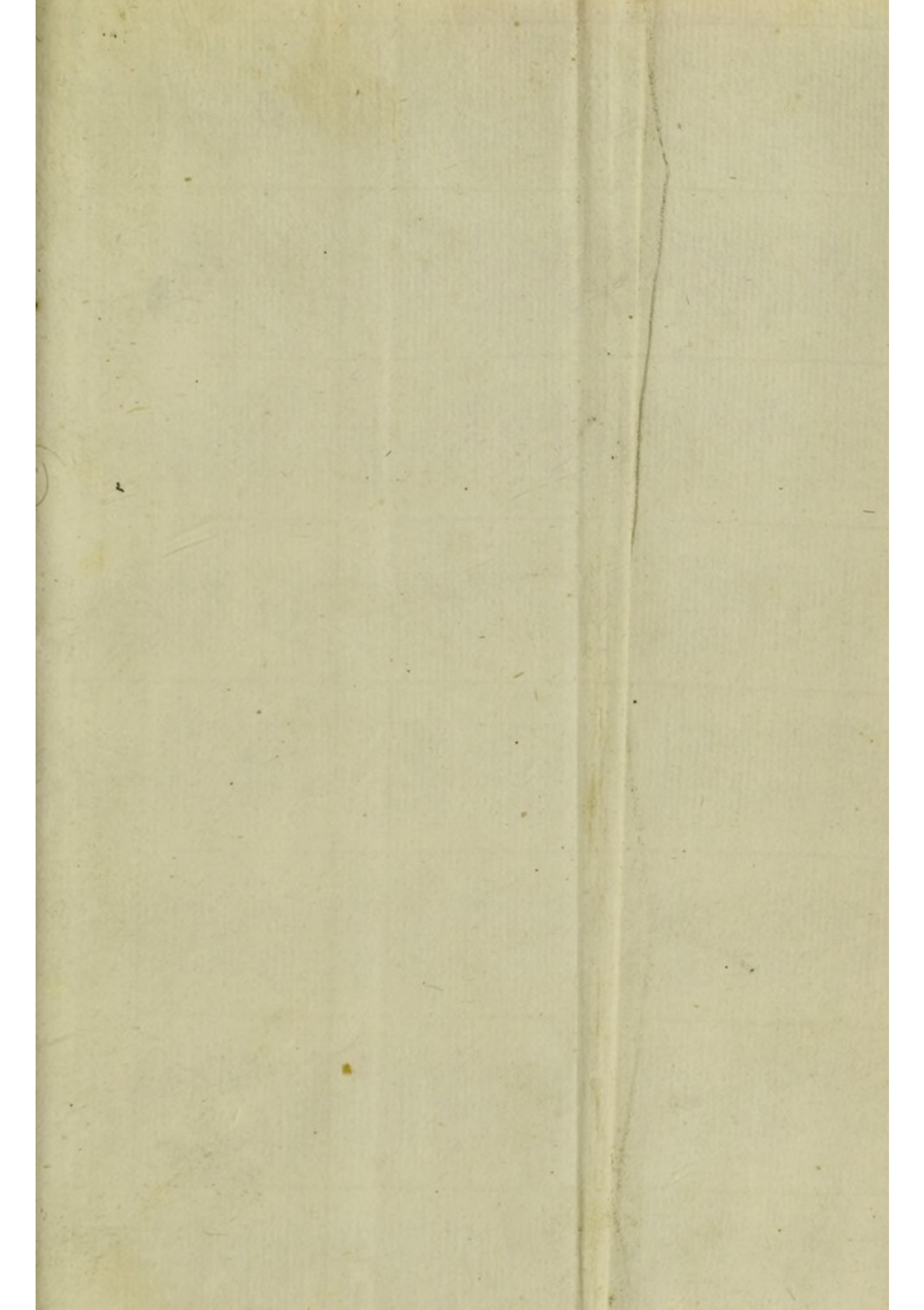
Trübheit . . . . .	60.	Nurgen des Lebens . . . . .	76.
Trübheit . . . . .	78.	Nurgen des Lebens . . . . .	127.
Trübheit . . . . .	88.	Nurgen des Lebens . . . . .	217.
Trübheit . . . . .	151.	Nurgen des Lebens . . . . .	218.
Trübheit . . . . .	179.	Nurgen des Lebens . . . . .	226.

In diesem die Pläne des Lebens.  
 Und die Pläne des Lebens.  
 In dem Leben, das Leben.  
 In dem Leben, das Leben.  
 In dem Leben, das Leben.  
 In dem Leben, das Leben.

Prüfung

H. I. M.

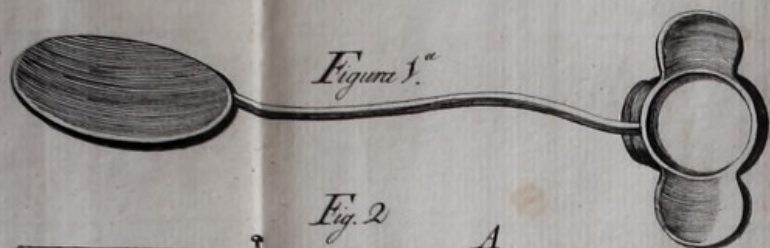








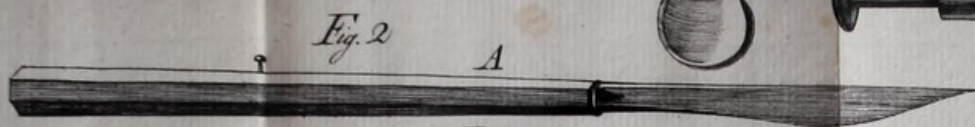




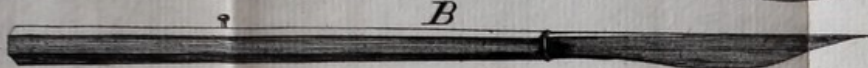
*Fig. 4*



*Fig. 2*

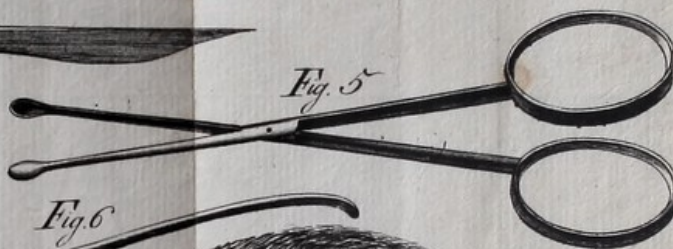


*B*

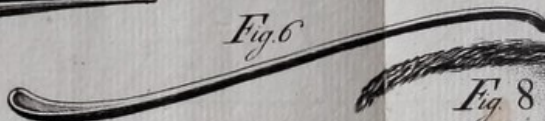


*Fig. 3*

*Fig. 5*



*Fig. 6*

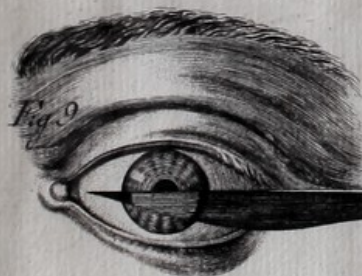


*Fig. 8*



*Poligada dividida em 12 linhas*

*Fig. 7*



*Fig. 9*

*Fig. 10*

